

Piário de Bordo

de uma impostora



G. B. Baldassari



Diário de Bordo

de uma impostora

Diário de Bordo **de uma impostora**

G. B. Baldassari

Copyright © 2021 G.B. Baldassari

Todos os direitos reservados

Diário de Bordo de uma Impostora é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação das autoras ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos reais, ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Beatriz Montenegro

Instagram: [@gbbaldassari](https://www.instagram.com/gbbaldassari)

Pinterest: [/gbbaldassari](https://www.pinterest.com/gbbaldassari/)

“Todas as coisas que eu nunca disse, por tanto tempo, estão aqui, em meus olhos. Todos têm oceanos para sobrevoar, desde que você tenha coragem para fazer isso. É inconstância? Talvez..., mas o que os sonhos sabem sobre limites?”

– Amelia Earhart

1.

Espaço aéreo norte americano, 20 de maio de 1952

– Atenção senhores passageiros, aqui é o comandante Ryan Mackenzie, agora são oito horas e vinte e sete minutos e a temperatura externa é de dezenove graus. Acabamos de receber permissão para pouso e dentro de alguns minutos iremos aterrissar no Aeroporto Internacional Idlewild. A Northern Star Airlines agradece sua escolha de voar conosco. Bem-vindos à Nova York.

Era um dia como outro qualquer e Charlotte caminhava pelo corredor do avião verificando se todos os passageiros estavam com os cintos afivelados e com a poltrona em posição de aterrissagem.

– Senhor Gallagher, eu preciso que o senhor afivele o cinto de segurança. Já estamos nos preparando para o procedimento de pouso – disse ela, com seu sotaque britânico, ao senhor que estava na poltrona 7B.

– Posso pedir mais um whisky, docinho? – perguntou o passageiro, dando uma piscada sedutora enquanto afivelava o cinto.

Embora tivesse vontade de revirar os olhos, Charlotte apenas concordou com a cabeça e manteve um sorriso cordial nos lábios.

Pode-se dizer que ela representava bem o estereótipo da mulher inglesa: pele clara, olhos azuis, nariz e lábios finos meio aristocráticos e cabelo castanho claro. O corpo esguio era ainda mais valorizado por sua postura elegante. Seu rosto altivo era pintado por uma constelação de sardas que, aliadas ao sotaque, lhe conferiam um charme quase irresistível. Ela era uma mulher muito bonita, afinal, esse era o requisito mais importante para integrar a seleta equipe de comissárias da Northern Star Airlines. Mas não era

a sua beleza que cativava as pessoas, e sim, a delicadeza de seus gestos e a suavidade de sua fala.

– Você pode levar o whisky do 7B? Eu acho que eu vou vomitar se tiver que aguentar mais uma piscada ou convite para desembarcar com ele em Nova York – Charlotte pediu à Daisy, uma das outras duas comissárias de bordo de sua equipe.

Daisy era loira, de pele muito clara e olhos tão azuis que às vezes Charlotte se perguntava se eram reais. Tinha bochechas rosadas e lábios bem desenhados, mas, apesar da aparência angelical, Daisy era conhecida por sua personalidade forte e obstinação. Charlotte gostava disso e sabia que ela poderia lidar com um passageiro bêbado sem problemas.

Ela concordou com um sorriso compreensivo. Enquanto preparava a bebida do passageiro da 7B conversava com Charlotte.

– É sexta-feira que a substituta da Penny vai se apresentar?

– Sim. E ao que parece ela é bem competente e tem muita experiência em voos domésticos. – Apesar do discurso otimista, em seu íntimo Charlotte não estava nem um pouco animada com a perspectiva de uma nova parceira de trabalho (e de quarto). Ela era uma pessoa reservada e achava excruciante conhecer pessoas novas, que dirá ter que dividir sua intimidade com uma.

Elas tinham feito os últimos três voos com equipe temporária. Geralmente uma equipe tinha quatro comissárias de bordo fixas, mas desde o voo de despedida de Penny, parceira e melhor amiga de Charlotte, há uma semana e meia, elas estavam voando com uma comissária substituta. A nova atendente iria se apresentar para a posição dali há três dias no voo noturno que partiria de Nova York com destino a Londres.

Penny era a atendente mais antiga da equipe e, até então, a comissária chefe. Posição que agora era ocupada por Charlotte. Penny havia completado 32 anos e já estava há algum tempo

pensando em aposentar-se, afinal, as empresas aéreas preferiam comissárias jovens e ela já se sentia pressionada.

Durante um voo de Tóquio para Nova York, Penny conheceu Thomas Montgomery, um engenheiro canadense que havia ido ao Japão a trabalho. Eles logo se apaixonaram e depois de um ano de relacionamento Tom a pediu em casamento. Penny sabia que se aceitasse o pedido teria que abrir mão do emprego, já que era proibido para uma mulher casada trabalhar como comissária de bordo.

Embora Penny fosse apenas alguns anos mais velha que Charlotte, que tinha 28, ela havia sido uma mentora quando a inglesa começou na companhia. Charlotte achava difícil acreditar que alguém pudesse substituí-la à altura.

Não apenas no âmbito profissional, mas principalmente no quesito amizade. Ela sabia que era quase impossível que tivesse a sorte de cruzar com alguém com quem tivesse um mínimo de afinidade. Afinal, as pessoas sempre a acharam esquisita e de difícil acesso, Penny havia sido uma exceção.

– Eu sei que você vai sentir falta dela, Charlie, nós também vamos – Daisy disse apoiando uma mão no ombro de Charlotte de maneira compreensiva. – Espero que essa nova garota seja boa – completou, saindo para levar a bebida do 7B e deixando a colega sozinha com seus pensamentos.

Essa nova garota teria que ser muito boa mesmo para atender as expectativas deixadas por Penny.

São Francisco, 20 de maio de 1952

– O que? Você está completamente louca! Isso nunca vai dar certo, eu nunca nem entrei em um avião antes!

– Não seja por isso, você já esteve em um trem e é praticamente a mesma coisa.

– Como pode ser a mesma coisa? Até onde eu sei não existem trilhos no céu. Você sabe que eu tenho medo de altura. Eu não gosto nem de ir à varanda do apartamento para regar as plantas... E nós moramos no segundo andar.

– Jane, pelo amor de Deus, é uma oportunidade de ouro, milhares de garotas dariam a vida para ser comissária de bordo.

– Você mais do que ninguém deveria saber que isso é loucura, esqueceu que você fez um treinamento para isso?

– Para servir comida, bebida e sorrir enquanto aguenta cantada de bêbados, você é tão qualificada quanto eu, afinal você é garçonete. A única diferença é que eu ganho cinco vezes mais do que você para isso.

– Claire, você fez treinamento de sobrevivência na selva.

– E você bem sabe que eu nunca precisei usá-lo.

– Nós podemos ser presas por isso!

– Não se preocupe com isso, Jimmy é muito influente, tenho certeza de que ele saberia como nos livrar da cadeia – disse, com um sorriso divertido nos lábios. – Além do mais, ninguém vai descobrir.

Jane Smith e Claire Davis eram vizinhas e amigas de infância. Agora dividiam um apartamento em Mission Bay, São Francisco. Na verdade, o apartamento era de Claire. Jane havia chegado para morar com ela há três anos, desde que seus pais resolveram largar a vida urbana de São Francisco para viver uma vida pacata de aposentados na pequena propriedade da família em Santa Helena no Condado de Napa Valley.

Assim que soube que Jane estava procurando um apartamento, Claire prontamente ofereceu o seu. Era suficientemente grande para as duas e ela raramente estava em casa. Seu trabalho como comissária de bordo deixava poucos dias do mês para que estivesse no conforto do lar, o que ela achava excelente, afinal nunca gostou de rotina. Era movida pela inquietude de conhecer novos lugares e pessoas. Gostava da sensação de liberdade que seu emprego proporcionava, mas, acima de tudo, amava a atmosfera de glamour que envolvia o mundo da aviação.

Foi em um voo que conheceu James Fitzgerald. Um advogado milionário que lambia o chão em que ela pisava. Ela causava esse efeito nos homens e sabia usar isso como ninguém, sempre conseguia tudo o que queria deles. Era muito bonita, tinha um rosto perfeitamente esculpido, com traços clássicos e algo de selvagem no olhar, uma beleza hipnótica que lhe concedeu o título de miss São Francisco 1948.

Já Jane era o oposto de Claire, pelo menos no quesito autoconfiança. Ela também era linda, mas não de maneira sedutora como a amiga. Jane tinha uma beleza doce. Os cabelos loiros queimados do sol e a pele bronzeada denunciavam a procedência californiana. Aos 23 anos Jane emanava a energia vibrante da juventude, com seus olhos cor de esmeralda muito vivos e seus lábios rosados. Sua aparência tinha uma delicadeza e ingenuidade que despertava certo instinto de proteção nas pessoas.

Gostava das coisas simples e, ao contrário da amiga, não sonhava com luxo ou glamour. Não se importava com o emprego de garçonete, até gostava, porque lhe dava boa parte do dia livre para pintar, sua grande paixão desde que tinha treze anos e ganhou sua primeira aquarela. Ela não tinha a pretensão de ser uma grande artista, mas queria muito poder estudar arte e talvez poder viver disso. Jane era dessas pessoas fáceis de gostar, estava sempre de bom humor e sempre tinha algo de bom a dizer.

Apesar de serem como a água e o vinho, Jane e Claire eram quase como irmãs. E como uma autêntica irmã mais velha, dois

anos mais velha, Claire implicava com o que ela chamava de: “A falta de atitude de Jane”. Desde o emprego como garçom até o fato de ela quase nunca usar maquiagem. Enfim, a seu modo, ela queria o melhor para a amiga e por esse motivo, teve certeza de que era uma ideia genial Jane assumir seu lugar na Northern Star Airlines.

Claire tinha acabado de ser promovida para os voos internacionais, mas também havia acabado de receber outra proposta *muito mais tentadora*: James a havia pedido em casamento.

– Está bem, Claire, mesmo que eu concordasse com essa loucura, você tem certeza de que é isso mesmo que você quer? Largar a sua carreira, um trabalho que você ama, para se casar? – Jane questionava enquanto se movia impientemente de um lado para o outro na sala do apartamento de dois quartos.

O apartamento tinha a arquitetura clássica de São Francisco. A sala era ampla e havia um sofá de couro vermelho em que Claire estava sentada de maneira confortável com as pernas dobradas enquanto acompanhava com os olhos a aflita Jane.

– Jane, é claro que eu tenho certeza. Eu não vou ser jovem para sempre. Quantos homens milionários você acha que ainda vão me pedir em casamento na vida? Não me entenda mal, eu amo o James e realmente quero me casar com ele, mas o fato dele ser rico também pesa. E, não sei você, mas eu prefiro voar pelo mundo como passageira. Não quero passar a vida servindo bebida, mesmo que seja em um avião de luxo.

– Não sei, Claire, parece arriscado... – disse de maneira reticente, sentando-se na poltrona em frente a amiga.

– Eu já pensei em todos os detalhes, ninguém vai descobrir. Além disso, você precisa pensar no seu futuro. Com esse dinheiro você poderia finalmente ir para aquela escola de arte que você sempre fala, como é mesmo o nome...?

– Como vai ser possível que ninguém perceba? – Jane ignorou a pergunta da amiga. Sua inquietação se refletia na forma como se remexia na poltrona.

– Bom, o centro de operações da minha tripulação fica aqui no aeroporto de São Francisco, então a maioria dos funcionários que me conhecem por nome e sobrenome trabalham fixos aqui. E a central de voos internacionais, para qual eu serei transferida fica no aeroporto Idlewild em Nova York. Ou seja, responsáveis dos recursos humanos, diretores da central, secretárias, e até mesmo a megera mal-amada que nos pesa todos os dias serão pessoas diferentes que nunca me viram na vida. Ninguém sabe qual é a minha cara. Minha ficha será transferida e arquivada no RH de lá, mas ninguém vai abrir e conferir a foto, eles têm coisas mais importantes para fazer. – Ela falava com a confiança do jogador que sabe que tem a carta mais alta. Jane se perguntava de onde vinha tanta certeza.

– As únicas pessoas que você terá que se preocupar são os membros da minha antiga tripulação que, às vezes, fazem voos para o Idlewild – disse, levantando-se do sofá e caminhando até a estante para pegar uma foto. – Olha, contanto que você evite conversar ou se apresentar a essas oito pessoas você ficará bem – completou, entregando a foto da tripulação em frente a uma aeronave Douglas DC-3 escrito Northern Star Airlines na fuselagem.

Jane analisava a foto em preto e branco com cuidado tentando gravar em sua memória o rosto dos ex-colegas de equipe de Claire.

– E quanto aos meus documentos? Se pedirem para ver? Eu nem ao menos tenho passaporte.

– Jimmy já está cuidando disso. Ele tem excelentes contatos, será impossível perceber que não são reais.

– Claire, você está louca? Pediu a James para falsificar documentos? – Jane levantou-se da poltrona e começou a andar

novamente de maneira inquieta pela sala. Ela não podia crer que Claire estivesse falando sério.

– Jane, se acalme, pelo amor de Deus! Você não pode se passar por Claire Davis e ter documentos que dizem Jane Smith – Claire disse como se fosse algo óbvio. – Jimmy já fez isso antes, não se preocupe, ele sabe o que está fazendo. – Tentou acalmar a amiga. – O negócio é o seguinte: você vai ter que decidir se quer passar seus dias servindo *milk shake* ou se quer aproveitar a vida e ver o mundo.

Jane se sentou novamente na poltrona e apoiou a cabeça com as mãos. Claire se aproximou da amiga e se ajoelhou em frente a ela. Com delicadeza tirou as mãos de Jane do rosto e as segurou sobre os joelhos dela.

– Jane confia em mim, eu quero o melhor pra você. Não quero ver você mofando nesse emprego medíocre. Você é uma artista e merece ver o mundo. Eu e o Jimmy já planejamos tudo, nada vai dar errado – disse em tom quase maternal.

Jane ficou em silêncio por alguns minutos. Talvez Claire tivesse razão. Talvez ela estivesse sendo covarde. Certamente não tinha intenção de passar a vida sendo garçonete, além disso, ela sempre sonhou em conhecer e pintar o mundo. E uma chance como aquela não cairia no seu colo duas vezes.

– Eu preciso aprender pelo menos o básico sobre aviação... E talvez um pouco sobre sobrevivência na selva.

– AHHH! – exclamou Claire, pulando sobre Jane para abraçá-la.

2.

São Francisco, 20 de maio de 1952

Uma hora depois, Jane estava ligando para o seu chefe para avisar que teria que se ausentar da cidade por problemas familiares e por esse motivo precisava pedir demissão.

Nos dois dias seguintes, Claire explicou tudo que pode sobre aviação e procedimentos que Jane teria que fazer durante os voos: desde a demonstração das saídas de emergência e checagem dos itens de segurança, até o processo de *briefing* e a maneira correta de servir um copo de whisky. Jane prestava máxima atenção e anotava cada detalhe em seu caderno de bolso. 'Claire' deveria se apresentar à sua nova equipe no dia 23 de maio às 17:30 no aeroporto Idlewild e seu primeiro voo como comissária de bordo partiria no mesmo dia às 22:00 com destino à Londres.

Sendo assim, no dia 23, Claire e Jane embarcariam juntas para Nova York, onde se encontrariam com Jimmy para pegar os novos documentos. Elas chegariam no aeroporto por volta das 15:45, o que lhes daria menos de duas horas até o momento que Jane teria que se juntar à tripulação. Durante o voo de São Francisco à Nova York, Claire aproveitaria para explicar à Jane os últimos detalhes na prática, afinal seria a primeira vez de Jane dentro de um avião.

Nova York, 23 de maio de 1952

Quando chegaram a Nova York, Jane olhou pela janela do avião e ficou deslumbrada com o tamanho da cidade. Aqueles prédios que se estendiam até onde os olhos podiam alcançar começaram a provocar nela uma sensação estranha no fundo do estômago. Ela se sentia ansiosa como nunca havia se sentido antes e não sabia nem ao menos dizer se era uma sensação boa ou ruim. A única coisa que sabia é que sua vida nunca mais seria igual.

Saindo do avião as duas apressaram-se para encontrar James e pegar os novos documentos. Assim que Claire viu o noivo, saiu correndo e pulou nos braços dele que, por sua vez, a levantou e a girou no ar enquanto a beijava. Para quem estava de fora parecia que os dois não se viam há meses. Jane, que já estava acostumada com o jeito expansivo de Claire e com as demonstrações públicas de amor dos dois, apenas revirou os olhos com a cena. Estava ansiosa para pegar os documentos e se apresentar para a equipe e não tinha tempo para aquilo. Quando os dois se soltaram, James a cumprimentou com um beijo no rosto.

– Não se preocupe, Jane, vai dar tudo certo, eu e a Claire planejamos todos os detalhes – disse James, com um sorriso confiante enquanto entregava os documentos falsificados a ela. – Inclusive estamos providenciando um apartamento para você aqui em Nova York. Quando você voltar de Londres já estará tudo pronto.

– Obrigada, Jimmy. Só espero que esse seu contato tenha feito um bom trabalho – disse Jane, enquanto analisava os documentos. Naquele momento ela estava mais preocupada com a possibilidade de ser presa do que de ficar sem teto.

Claire e Jane foram ao toalete para que Jane pudesse vestir o uniforme azul claro de comissária de bordo. Era um uniforme luxuoso, assim como tudo mais no mundo da aviação, feito com os melhores tecidos e pelas melhores casas de costura. O corte e os acabamentos impecáveis valorizavam as curvas perfeitas das jovens atendentes. Tudo minuciosamente projetado para encantar e seduzir. Aquele era um mundo de sonho e de glamour, e era essa imagem que as comissárias deveriam transmitir.

Todos paravam para olhar quando um grupo de aeromoças da Northern Star cruzava um saguão de aeroporto em seus uniformes azuis com detalhes brancos, impecavelmente penteadas e maquiadas, caminhando com a altivez de quem sabe que as mulheres as invejam e os homens as desejam... E, às vezes, o contrário também.

Às 17:30 Jane já estava vestida e pronta para se apresentar à central de operações da Northern Star. Enquanto se arrumava, ela quis desistir por duas vezes, mas Claire conseguiu persuadi-la a seguir em frente. As duas se despediram com um abraço forte e Claire prometeu a Jane que ela e Jimmy a buscariam no aeroporto na volta.

Jane se encaminhou para a área de funcionários. Lá passou pelos procedimentos de rotina que Claire havia mencionado, se apresentou e depois passou pela balança. Todas as comissárias de bordo eram diariamente pesadas para garantir o 'padrão' da companhia. Jane, assim como a maioria das mulheres, achava aquilo um absurdo, mas a última coisa que ela faria era criar caso com a companhia, muito menos no seu primeiro dia, ainda mais sendo ela uma impostora! Depois do 'ritual' completo, Jane perguntou a uma funcionária onde poderia encontrar Charlotte Thompson, sua comissária chefe, e seguindo as instruções da moça, Jane caminhou em direção a sua nova vida.

3.

Aeroporto Internacional Idlewild, 23 de maio de 1952

Charlotte estava checando alguns detalhes finais para o voo daquela noite quando viu uma jovem em um uniforme azul caminhando em sua direção. A moça parecia perdida e assustada e, de alguma forma, a insegurança dela causou simpatia em Charlotte, que tratou de recepcionar a novata da melhor forma.

– Você deve ser Claire, a nova atendente, certo? Eu sou Charlotte, mas pode me chamar de Charlie – disse, estendendo a mão para cumprimentá-la. Jane fez o mesmo e a cumprimentou com um sorriso tímido. – Sou a comissária chefe, vou te apresentar à equipe e lhe mostrar tudo que precisa saber. – Jane apenas concordou com a cabeça. – Você não faz ideia do quanto estávamos ansiosos pela sua chegada. Foi horrível voar tendo uma substituta diferente em cada voo. Fique à vontade para me perguntar qualquer coisa, eu vou te ajudar no que precisar – concluiu com um sorriso acolhedor.

– Ah, obrigada! Você é muito mais gentil do que eu esperava. – Jane enrubesceu instantaneamente. – Quer dizer... Não que eu tivesse imaginado que você seria uma megera ou algo assim. Bom, também não fiquei imaginando tanto assim como você seria, quer dizer, imaginei um pouco, é claro, afinal você é minha chefe, mas é que... Hmm, deixa para lá.

“Cala a boca, cala a boca, cala a boca”

– Oh, *darling*. – Charlie abriu um sorriso. – Eu entendo. É natural estar nervosa, lembro bem do meu primeiro voo internacional, eu estava prestes a ter um ataque cardíaco. – Não era verdade, mas Charlie falou para tranquilizar a garota. Ela se divertia com a

espontaneidade da nova comissária. – Mas vamos, vou te explicar tudo – disse, fazendo um gesto para Jane acompanhá-la.

Jane ficou muito aliviada por perceber que sua chefe não era uma tirana como Claire a havia alertado. Charlotte parecia o oposto disso, simpatizou com ela imediatamente. Ela também percebeu de cara o sotaque.

– Claire, essa é Daisy Müller, na minha ausência, é ela a responsável.

– Mas não se preocupe com isso, Charlie nunca se ausenta. Se o prêmio de funcionário do ano não fosse tão descaradamente roubado todos os anos, Charlie certamente já teria ganhado – disse Daisy, estendendo a mão. – Seja bem-vinda, Claire.

– Isso não é verdade. – Charlie sentia-se ligeiramente constrangida, as maçãs do rosto coravam levemente, o que sempre acontecia quando ela se sentia assim.

Jane percebeu o rubor de Charlotte e achou engraçado. Ela era definitivamente muito britânica. As bochechas rosadas, as sardas, o sotaque, a postura elegante, os gestos delicados, aliás, tudo nela era muito sofisticado. Ela era o protótipo da comissária de bordo que Jane sempre imaginou e viu em revistas. Jane era o oposto e sabia que mesmo que se esforçasse muito nunca seria daquele jeito. Ela nunca tinha tido a intenção de ser, mas agora, como aeromoça, precisaria manter uma postura formal, pensava consigo mesma enquanto fazia uma nota mental de tentar ser elegante como a inglesa.

Jane já estava mais tranquila e sentia-se até confiante, quando notou mais uma mulher com uniforme igual ao seu aproximando-se do grupo, Charlotte às apresentou:

– E essa é a Jane Adams, a outra comissária, agora o time está completo.

– Ah, Jane também? – Jane percebeu que havia verbalizado seu pensamento apenas quando já era tarde demais.

– Por quê? Quem mais é Jane? – perguntou Charlie intrigada.

– Hmm, não, ninguém – Jane desconversou. – Eu tinha uma colega na minha antiga tripulação que se chamava Jane. – Tentou consertar da melhor maneira que pôde. – Muito prazer Jane, eu sou Claire.

Jane Adams tinha cabelos muito negros que realçavam ainda mais os olhos verdes meio felinos, usava um batom vermelho que destacava os lábios bastante cheios e fazia sua boca parecer ainda maior, era uma mulher sensual e esbanjava autoconfiança. Ela parecia uma *pinup*, saía diretamente de um desses calendários de mecânica.

Aquele universo pertencia a Claire e não a Jane. E ali paralisada e muda ao lado daquelas três mulheres ela se sentia deslocada e intimidada. Vasculhou seu cérebro, em vão, em busca de algo para dizer, qualquer coisa que servisse para tirar aqueles olhares escrutinadores de cima dela.

Finalmente, Charlotte quebrou o constrangedor silêncio momentâneo, se desculpando e dizendo que precisava trocar uma palavra com um funcionário do aeroporto deixando as três sozinhas. Para o alívio de Jane, assim que ela se afastou, dois homens vestindo uniformes de piloto se aproximaram. Jane Adams os recepcionou com um sorriso provocador.

– Estão atrasados, queridos.

– Jane, meu bem, eu tentei chegar o mais rápido que pude, afinal não consigo ficar muito tempo longe da minha comissária preferida, mas meu Deus, essa cidade está impossível hoje. Agora seja educada e nos apresente a sua nova colega.

– Rapazes, essa é Claire Davis, a mais nova sortuda recém-promovida à voos internacionais. Claire, esses são Ryan Mackenzie e Edward Nolan, nossos piloto e copiloto, respectivamente.

– Apesar da cara de bom moço, nenhum dos dois é confiável, não se engane – Daisy acrescentou.

– Muito bem observado. – Jane Adams concordou depois de uma sonora risada.

– Claire, essas duas vivem para nos torturar. É a diversão delas, não dê ouvidos – defendeu-se Ryan, o mais velho dos dois enquanto estendia a mão para cumprimentá-la.

Jane notou que ele era um cara bonito. Devia estar na faixa dos quarenta anos, era alto e esguio e os cabelos brancos se mesclando aos escuros aumentavam seu charme. Ela também percebeu a enorme aliança na mão esquerda e avaliou corretamente que ser casado não o impedia de flertar com as companheiras de trabalho.

– Seja bem-vinda, Claire – disse Edward, com um sorriso. Ele parecia mais jovem, talvez uns 35 ou 36 anos e um pouco menos expansivo que seu colega. Ele era loiro e atlético. – É sempre um prazer ter mais uma mulher linda na equipe – completou, piscando para ela.

– Eles não estão incomodando você, estão? – Charlie perguntou, voltando à roda e revirando os olhos ao perceber que os dois homens já estavam rodeando a nova atendente.

– Não, claro que não – respondeu a impostora um pouco constrangida com a situação.

– Melhor assim – retrucou Charlie com um olhar desaprovador para os dois, sabendo que a garota estava apenas sendo educada. – De qualquer forma nós temos que ir até a aeronave fazer a inspeção para o voo, você pode me acompanhar?

– Claro.

Claire havia explicado para Jane todos os procedimentos que as comissárias deveriam fazer antes da decolagem como a checagem do catering, que envolvia toda a comida, bebida e tabacaria, e a checagem dos itens de segurança como extintores de incêndio e kits de primeiros-socorros.

Claro que saber a teoria não impediu Jane de estar apavorada com a iminência de ser uma aeromoça em um voo internacional sem ter nenhuma experiência prática.

– Então, Claire, você vai ficar aqui na primeira classe comigo, que era justamente a posição que a comissária anterior ocupava. Achamos melhor não realocar Daisy ou Jane porque elas já têm uma ótima dinâmica juntas. – Apesar da ideia ter passado pela sua cabeça, Charlotte jamais iria se aproveitar das companheiras, obrigando-as a trocar de parceira quando na verdade era ela quem tinha perdido a dupla. Ela agora era a líder e precisava ser ainda mais ética. – Assim você também pode falar direto comigo, sobre qualquer dúvida ou problema que tiver – explicava enquanto revisava o armário das bebidas, garantindo que estava tudo em ordem.

Jane prestava atenção em tudo que ela fazia para que pudesse aprender o mais rápido possível.

– Nos três últimos voos Daisy ficou aqui na primeira classe comigo e as substitutas acompanharam Jane na econômica – Charlie continuou. – Estava um caos, porque mandaram umas substitutas muito inexperientes que não faziam ideia o que estavam fazendo. – Ela fez uma careta com a lembrança. – Enfim, estou feliz que tenham conseguido transferir você assim tão em cima da hora.

Jane apenas engoliu em seco.

4.

Aeroporto Internacional Idlewild, 23 de maio de 1952

O resto dos procedimentos foram finalizados e os outros membros da tripulação se apresentaram, incluindo mais dois copilotos que foram apresentados como Henry, John e o comandante de navegação, um francês que se chamava Jean-Pierre. Além disso havia mais três homens que trabalhavam na parte de serviço: Michael, o chef de cozinha; Ralph, um sous-chef que também ajudava as comissárias no serviço do jantar; e Christopher, o bartender que ficava no bar da primeira classe, pronto para atender os passageiros a qualquer momento.

Antes da decolagem Charlie e Daisy fizeram a demonstração dos procedimentos de emergência. Jane não desgrudava os olhos de tudo que Charlie fazia, pois sabia que em algum momento teria que fazer igual.

Depois da demonstração das atendedoras, a nave estava pronta para decolagem. Jane, que já havia se impressionado com o avião que havia pegado em São Francisco, estava deslumbrada dentro de um Boeing 377 Stratocruiser. A aeronave era o sinônimo do luxo.

Na primeira classe havia grandes poltronas que reclinavam completamente para os passageiros que quisessem dormir e mesas de jantar onde eram servidas as refeições em porcelana chinesa e copos de cristal. Uma escada circular levava ao bar onde Christopher preparava drinks – com as bebidas mais finas – durante todo o voo. Além disso, as comissárias também serviam bebidas nas poltronas para os passageiros que não quisessem se deslocar até o bar. Por fim, havia também no segundo andar, uma cozinha luxuosamente equipada onde Michael e Ralph preparavam refeições dignas de grandes restaurantes. Tudo naquele avião gritava luxo. Estar dentro dele por si só já era excitante. Não à toa que os

passageiros escreviam cartões postais contando sua experiência de voar.

A decolagem foi tranquila e as coisas decorriam relativamente bem. O jantar já tinha sido servido e Jane achou que tinha se saído muito bem. Apesar de não ter dormido horas suficientes nas últimas noites e do cansaço da viagem que já havia feito naquele dia, a adrenalina alta mantinha Jane bem desperta.

Jane e Charlie estavam no *galley* (a cabine das comissárias) que ficava em frente à primeira classe. Havia duas portas, uma pela direita, que era o lado ao qual Jane era responsável, e outra pela esquerda, lado de Charlie. As portas eram cobertas por cortinas, impedindo que os passageiros vissem as comissárias fazendo seu trabalho. Quando precisavam de uma delas, eles tocavam uma sineta.

Naquele momento a maioria dos passageiros já estava dormindo e tudo estava calmo e tranquilo, até que começaram as turbulências. A princípio leves e não muito preocupantes, mas à medida que os solavancos foram ficando fortes a cor de Jane foi sumindo. Ela ficou apavorada quando viu os clarões e percebeu que estavam no meio de uma tempestade.

Charlie, que estava sentada na poltrona ao lado de Jane, notou que a moça parecia um pouco nervosa. Ela não parava de torcer as mãos e se mexer na poltrona. Percebeu também que estava muito pálida e tinha um semblante assustado, perguntou se ela estava passando mal.

– Acho que estou, não sei. Acho que comi algo que me fez mal – mentiu. – Ou talvez seja cansaço, não estou acostumada a trabalhar a noite e dormi muito pouco na noite passada. Estava ansiosa, é a primeira vez que saio do país. – Tentou disfarçar. – Acho que preciso ir ao toalete!

– Você quer um remédio? O que está sentindo? Eu vou pegar alguma coisa para você. – Charlie estava genuinamente preocupada.

– Acho que seria bom alguma coisa para o estômago – disse, levantando-se para ir ao banheiro.

No banheiro Jane tentava se recompor. Lavou o rosto com água fria enquanto tentava reafirmar para si mesma que aquilo era normal, afinal Charlie não parecia estar com medo. – Se controla, Jane, pelo amor de Deus. É só uma turbulência – falou para si mesma no espelho.

Quando saiu do banheiro já estava um pouco mais calma. As turbulências também já tinham diminuído de intensidade e Charlie a esperava do lado de fora com um comprimido e um copo de água. Jane sentia-se estúpida por ter deixado a nova colega preocupada, logo ela que estava sendo tão gentil. Ela fez uma nota mental de tentar controlar seus nervos dali para frente.

Jane aceitou o remédio para o estômago – embora não estivesse enjoada – e o copo de água com certo embaraço. Charlie colocou uma mão sobre seu ombro e esperou que ela tomasse o comprimido antes de perguntar se ela se sentia melhor, Jane concordou com a cabeça.

– Muito obrigada. Me sinto meio estúpida passando mal logo no meu primeiro voo com esta equipe. – Jane não conseguia olhar Charlotte nos olhos, sentia-se muito culpada por aquela situação.

– Não seja boba, isso poderia acontecer com qualquer um de nós. Não se culpe por isso – disse com um sorriso amável. – Vem, vamos nos sentar, você ainda está um pouco pálida.

Apesar de sentir-se culpada, Jane estava feliz por Charlie estar ali com ela. Sua presença a deixava mais calma.

– Talvez seja melhor você tentar dormir um pouco. A maioria dos passageiros está dormindo e acho que não vão precisar de nós tão cedo.

Enquanto Jane dormia, Charlie refletia sobre o estranho comportamento da garota, que desde a chegada estava mais nervosa do que o normal e cometia gafes que pareciam improváveis para uma aeromoça experiente. Se ela não tivesse sido altamente recomendada, Charlie juraria que ela estava tendo um ataque de pânico por conta da turbulência momentos antes.

Olhou para a garota – que tinha uma expressão serena enquanto dormia – e percebeu o quanto era bonita. Notou a pele bronzeada e lembrou que lera no relatório que havia recebido que a garota era da Califórnia. Ela era bastante jovem e parecia meio ingênua, Charlie sentiu um repentino impulso de protegê-la.

Ela tentou ler um pouco, estava lendo a última publicação de sua autora preferida, Agatha Christie, *A Morte da Sra. McGuinty*. Uma história sobre o assassinato de uma empregada doméstica em um vilarejo na Inglaterra em que Hercule Poirot e Miss Ariadne Oliver tentam provar a inocência de um homem já condenado por um crime que está a ponto de ser enforcado.

Charlie adorava romances policiais, havia lido quase tudo que a autora havia publicado, gostava especialmente dos livros com a Miss Ariadne Oliver e a Miss Jane Marple. Adorava o fato das duas serem mulheres comuns sem nenhum treinamento policial, mas que, de alguma forma, sempre estavam à frente dos detetives encarregados.

Às vezes Charlie se perguntava se as pessoas se envolviam nesse tipo de confusões na vida real. Nos livros da Agatha Christie sempre parecia muito fácil você fingir a própria morte, matar alguém e sair impune ou até mesmo assumir a vida de outra pessoa – a

menos, é claro, que Hercule Poirot ou Miss Marple estivessem no seu encalço.

Mas naquele momento, nem sua escritora favorita conseguia prender sua atenção. Estava muito intrigada com a garota sentada a seu lado. Tinha algo nela que Charlie não sabia descrever. Apesar de ter cometido inúmeros erros e parecer assustada com a turbulência, ela tinha um bom pressentimento sobre a moça. O que contrariava completamente as suas expectativas, já que ela havia se preparado psicologicamente para o provável fato de não gostar da nova parceira.

A garota mais nova despertou um pouco assustada com uma turbulência forte e Charlie disse que ela poderia voltar a dormir se quisesse, mas Jane se recusou dizendo que queria estar a postos caso precisassem dela. Como a maioria dos passageiros estavam dormindo, as duas passaram a maior parte do voo conversando.

Charlie aconselhou Jane a dormir assim que chegassem no hotel, para se recuperar desse primeiro voo, antes de sair para conhecer a cidade.

Geralmente as comissárias dividiam um quarto nos hotéis, mas como estavam indo para Londres, Charlie ficaria na casa dos pais e Jane teria um quarto só para ela. Por fim, Charlie a convidou para um piquenique que ela, Daisy e Jane Adams iriam fazer no domingo.

5.

Londres, 24 de maio de 1952

Ao chegarem no hotel Jane só pensava em tomar um banho e cair na cama. E foi exatamente o que ela fez. Sentia-se meio tonta, como se sua mente ainda estivesse tentando se habituar ao novo ambiente. Ela acordou horas mais tarde com uma batida na porta, era Daisy a convidando para sair para jantar com os demais.

Toda a tripulação estava hospedada no Strand Palace Hotel no West End, um hotel muito bonito com vista para o rio Tamisa.

Charlotte era a única integrante que não estava lá. Dos que estavam no hotel Daisy, Ryan, Henry, Edward e as duas ‘Janes’ resolveram sair para jantar fora. Eles foram a pé a um restaurante na Bedford Street.

Ao final do jantar, Edward falou efusivamente sobre um baile que aconteceria naquela noite em um clube em Chelsea, recomendação de Charlie. Todos resolveram ir, com exceção de Jane, que alegou ainda se sentir cansada e querer estar disposta no dia seguinte para conhecer a cidade.

Ela se despediu de todos e confirmou com Daisy e Jane Adams o horário para o piquenique no dia seguinte.

– Sim, às dez horas, e não se atrase, Charlie é muito britânica nesse ponto, as dez horas pontualmente ela estará na frente do hotel – disse Jane Adams rindo.

Enquanto caminhava pelas ruas de Londres e apreciava a arquitetura da cidade, Jane pensava em como era surreal estar ali. Tinha aquela sensação estranha de que poderia estar dentro de um sonho e que iria acordar a qualquer momento. Ela repassava em sua mente os acontecimentos desde o dia em que Claire apareceu

com a ideia de Jane assumir o seu lugar. A princípio a ideia parecia uma loucura completa, mas agora caminhando pela Strand no centro de Londres ela achava que o plano não era mais tão descabido. Jane estava encantada com a experiência e, tirando o ataque de pânico que teve durante a turbulência, ela até havia gostado de voar.

Desviou um pouco a rota para ver o Tamisa. Era só descer uma rua. Ela sabia disso porque da janela do seu quarto tinha uma vista panorâmica daquele trecho. Se debruçou sobre a mureta que marcava o limite entre a rua e a água e ficou ali por alguns minutos contemplando aquele rio tão importante.

Pela primeira vez em dias sentiu seus ombros relaxando e se permitiu desfrutar de estar naquele lugar sem se sentir culpada ou apreensiva. Apenas sentindo a vida acontecendo ao seu redor e o ar fresco da noite enchendo seus pulmões, ainda que o cheiro do Tamisa não fosse lá muito agradável. Mas essa era só mais uma parte da experiência, algo que ela não saberia se não estivesse ali.

Londres, 25 de maio de 1952

Na manhã seguinte, quando saíram do saguão, Charlie já as aguardava na frente do hotel, conforme Jane Adams havia predito. Era um dia de sol magnífico, com temperatura agradável. Estavam no auge da primavera inglesa e a cidade estava exuberante. Não lembrava nem de longe a cidade cinza e chuvosa que a maioria dos livros descrevia.

Charlie estava encostada no carro, um Morris Oxford 1948 cor creme. Usava calça cigarette azul royal, sapatilhas brancas, uma blusa delicada com estampa estilo *liberty* em tons claros, óculos Ray-Ban Erika com armação tartaruga e os cabelos soltos.

— Minha nossa Charlie, você parece uma dessas garotas de revista.

Charlie riu, sentindo-se ligeiramente tímida.

– Você também não está tão mal. Fica muito diferente de cabelos soltos. – Notou isso assim que pôs os olhos em Jane. O visual descontraído combinava muito mais com ela.

Jane usava uma saia verde em linha A que terminava na altura dos joelhos com uma blusa branca, que deixava parte dos ombros à mostra, e irreverentes óculos de sol com armação vermelha. Charlie teve dificuldades de desviar os olhos daquela imagem.

Já Jane Adams parecia recém-saída de um filme de terror: pálida e com profundas olheiras.

– Pelo jeito a noite foi boa – provocou Charlie, vendo o estado da colega.

– Ah, se foi ou não, eu não me lembro, sinto como se tivesse sido atropelada por um trem – resmungou Jane Adams, colocando os óculos para bloquear o sol. – Daisy pode contar melhor do que eu.

– Posso garantir que você se divertiu muito ontem, Jane, mas eu acho que você vai preferir que eu não te conte os detalhes.

– Não acho que Ryan e Eddie terão a mesma delicadeza. É melhor eu saber logo por você mesmo.

– Foram ao clube que eu recomendei? – Charlie perguntou a Jane Adams que respondeu apenas balançando a cabeça enquanto entrava no carro. Daisy fez o mesmo e Charlie desconfiou que, apesar de não estar aparentando fisicamente, ela estava quase pior que Jane. Seu silêncio incomum era um forte indício disso. Charlie riu das duas.

Estacionaram na entrada do parque e Charlie tirou uma grande cesta do porta-malas. Ela havia acordado cedo para se encarregar de tudo. Na cesta ela levava uma torta de maçã, sanduíches de ovos e maionese, muffins de banana, uma garrafa com chá gelado e xerez. Escolheram um lugar perto do lago e Charlie tirou da cesta uma enorme manta de piquenique que estendeu sobre o gramado.

– Espero que vocês duas, apesar da ressaca, estejam com fome porque eu acordei cedo para preparar tudo isso.

– Fica tranquila, Charlie – disse Daisy. – Eu estou mesmo precisando comer algo para ver se melhora. Aquilo ali é chá? – Ela nem esperou a resposta e já ‘atacou’ o líquido. Precisava se hidratar com urgência.

– Sim, e eu trouxe xerez também se vocês quiserem – Charlie provocou mais uma vez.

– Argh, pare ou eu vou vomitar. Nunca mais vou beber na minha vida – disse Daisy, resoluta.

– Já ouvi essa história várias vezes. Acho que vou começar a anotar e pegar sua assinatura como prova – declarou a inglesa. – E você, Jane, também quer chá?

Jane, que estava distraída com a paisagem onde se via ao fundo o palácio de Buckingham, respondeu instintivamente.

– Ah, sim, por favor.

As três mulheres olharam para ela com estranheza e ela se deu conta do erro com um segundo de atraso.

– Não se preocupe, Claire, tem para você também. – Charlie riu, dando um copo para Jane Adams e enchendo outro para ‘Claire’.

– Ah, me desculpe. Eu estava distraída com o palácio. É estranho pensar que aqui ainda tem um rei, quer dizer, agora uma

rainha – comentou, tentando mudar de assunto.

– Eu nunca achei graça nenhuma na família real, eles parecem ser as pessoas mais enfadonhas de toda a Inglaterra. Margaret é a única minimamente interessante – opinou Jane Adams.

– Entendo o porquê da sua simpatia por ela. – Riu Charlie. – Se vocês quiserem saber mais sobre a monarquia podemos ir a um museu – ofereceu animada. – Ou tem algum outro lugar que vocês queiram ver?

– Tem sim, Charlie, eu quero muito ver a minha cama hoje à tarde – disse Jane Adams.

– Desculpe, Charlie, mas eu tô fora também – completou Daisy.

– Eu gostaria de ir em algum museu de arte, você conhece algum para me indicar? – perguntou Jane.

– Tem o *National Gallery* que fica aqui pertinho, dá até pra ir a pé. Se quiser eu levo você – Charlotte ofereceu com um sorriso.

– Ah, não precisa se incomodar, eu posso ir sozinha. Eu geralmente perco muito tempo em museus de arte, não quero atrapalhar seu dia.

– Não será incomodo nenhum. Eu adoro arte, e esse museu é maravilhoso, tem muitas obras renomadas.

– Acredite em mim, Claire, ela adora mesmo. Ela vai em museus em quase todas as cidades que a gente viaja – disse Daisy.

– Nesse caso, podemos ir quando sairmos daqui. – Jane estava empolgada, museus de arte e galerias eram seu programa preferido.

– Perfeito! – exclamou Charlie. – Agora vamos direto ao ponto, Daisy, nos conte logo o que Jane fez ontem, já que ela mesma não se lembra.

– Argh... – grunhiu Jane Adams.

– Bem, para ir direto ao ponto: após ter tirado alguns cavalheiros para dançar, Jane resolveu escandalizar e tentou dançar também com uma dama que ficou muito contrariada ao ver ela dançando com seu marido...

– Ora, agora você está inventando, eu não faria isso – esbravejou Jane.

– Acredite, você fez. Os rapazes podem confirmar.

– E ela aceitou? Eu dancei com ela?

– Claro que não. A mulher estava prestes a torcer o seu pescoço! Mas até aí tudo bem, o auge mesmo foi quando você apareceu no palco para cantar com a banda.

– Ai não – murmurou Jane Adams.

– Oh meu Deus, Jane. – Charlie ria.

– E o que foi que ela cantou? – Jane Smith perguntou.

– *Rum & Coca-Cola* das Andrew Sisters! – Daisy ria descontroladamente.

– Não acredito que eu perdi isso – disse Jane rindo da xará.

Já era início da tarde quando Daisy e Jane Adams decidiram dividir um táxi de volta ao hotel e Jane Smith e Charlie seguiram a pé até a galeria.

– Confesso que tinha uma imagem meio sombria de Londres, mas esse lugar é lindo. Gostaria de ter minhas telas e tintas aqui.

– Você pinta? – perguntou a inglesa surpresa.

– Hmm, não passa de um hobby, na verdade – respondeu encabulada. – Mas eu realmente amo pintar.

– Eu adoraria ver alguma obra sua, algum dia.

– Não, não. Não! – Jane disse de maneira enfática. – É só um hobby, não gosto de mostrar nem para minha melhor amiga, Cla... Clarice.

– Eu não entendo nada de arte, Claire, não é como se eu fosse julgar. E, às vezes, é mais fácil mostrar pra um estranho do que para o melhor amigo. Além do mais, eu não deveria estar com algum crédito por estar te levando a um museu?

– Bom, você não é uma estranha, é minha chefe. – Jane tentou argumentar. – Mas sim, você está com crédito, vou considerar a possibilidade.

A galeria era maior do que Jane havia imaginado, com elegantes colunas romanas e uma enorme cúpula. Por dentro, ela se sentiu um pouco tonta com tantas artes para ver, mas não perdeu tempo e começou a vagar pelas exposições. Charlie ficou surpresa ao perceber que Jane conhecia a maioria dos pintores expostos ali e, à medida que avançavam pelos corredores, ela explicava os diferentes períodos e curiosidades. Um guia não faria melhor.

Então Jane parou repentinamente em frente a uma das obras. O Retrato de “Mademoiselle de Coislin”, do pintor francês Louis Tocqué.

A obra, um óleo sobre tela com data estimada entre 1750 e 1759, era o retrato de uma moça francesa que trajava um elegante vestido de seda coberto de flores e rendas. Ela tinha feições delicadas, a pele muito branca e bochechas ligeiramente coradas, característicos do período neoclássico francês. Jane sentia-se

atingida por aqueles olhos, que pareciam quebrar as barreiras da física e olhavam diretamente para ela. Sentiu uma emoção estranha, como se a moça do retrato, de alguma forma, conversasse com ela. Charlie apenas observou o momento e a reação da colega, depois de mais alguns segundos Jane finalmente quebrou o silêncio:

– É a primeira vez que vejo esse retrato. É magnífico. Você não fica se perguntando quem era ela? Como foi sua vida, se foi feliz, se foi trágica? Se ela tinha alguma ideia de que, ao ser retratada, sua imagem ficaria imortalizada? – disse sem desviar os olhos da obra. Absorvia cada detalhe, cada pincelada.

Charlie a observou por um segundo antes de acrescentar:

– Acho que o que nos fascina na pintura é o fato de que podemos, nem que seja por um breve instante, viajar no tempo.

Os olhos delas se encontraram e por alguns segundos nenhuma das duas pôde dizer nada. Existia algo reconfortante naquele olhar, uma sensação de compartilhamento e mútua compreensão. A descoberta de que existe alguém com quem você pode dividir algo seu e ser compreendido.

– Como você aprendeu a dirigir? – Jane perguntou no trajeto de volta para o hotel.

– Fiz uma aposta com meu irmão e ele perdeu. Meu prêmio era que ele teria que me ensinar a dirigir. Isso foi há mais de dez anos.

– E qual era a aposta?

– Apostei que ganharia dele no Pôquer – disse com um sorriso confiante.

– Você é mesmo cheia de surpresas. Sabe dirigir e jogar Pôquer!

– Dirigir é fácil, a única dificuldade é quando eu volto para Nova York após dirigir em Londres e tenho que me habituar novamente com a mão inversa... E antes que você fale algo, é o resto do mundo que dirige do lado errado – disse com um sorriso divertido. – O resto é fácil, se você quiser posso te ensinar qualquer dia desses.

– Eu adoraria. Pelo jeito você e seu irmão se dão bem, não? Ele é mais velho?

– Somos gêmeos na verdade. Eu diria que nós fomos cúmplices no crime desde o útero. Minha mãe não gostava muito de quando eu ia para a rua brincar com meu irmão e seus amigos, mas ela nunca conseguia me impedir e como eu era uma excelente rebatedora no críquete, meu irmão sempre me recrutava para os jogos na vizinhança. Eu adorava.

Charlie tinha certa nostalgia no olhar. Um sorriso surgiu nos lábios de Jane ao imaginar uma mini Charlie jogando críquete com os meninos.

– Chegava em casa em um estado deplorável – continuou Charlie, – no final minha mãe só balançava a cabeça, porque tinha se cansado de repetir que aquilo não era coisa para meninas e toda aquela ladainha. Acho que até hoje ela não me perdoa por ter me tornado comissária de bordo e não ter casado.

– Você não precisa estar casada e ter filhos para ser uma pessoa com propósito na vida. Eu tenho certeza de que ela deve enxergar isso também.

– Acho que sim – disse com um sorriso gentil. – Apesar da pressão para eu me casar, eu e meus pais nos damos muito bem. Não foi nenhuma tortura completa passar o fim de semana com eles. E tem meu irmão, que é a pessoa que eu mais amo no mundo. E você, tem irmãos?

– Eu tenho uma irmã mais velha, mas nós não nos damos muito bem. Ela se casou com um médico metido a besta e agora mora com ele e sua família perfeita em Denver. Não falo com ela há um tempo. Minha irmã de coração é a Cla...rice, nós nos conhecemos desde criança e acho que dá pra dizer que éramos parceiras no crime também. Mas tenho que confessar que ela era o cérebro das operações e eu sempre acabava topando as loucuras dela e levando a culpa depois – disse, rindo e pensando que essa era mais uma delas.

– Deve ser essa sua cara de menina levada. – Charlie riu. – Aposto que essa Clarice sabe fazer cara de inocente melhor que você.

– Ô se sabe!

– E seus pais?

– Ah, eles moram em uma fazenda em Napa.

Jane começou a pensar na família e na conversa que teria que ter com sua mãe sobre seu ‘novo emprego’, sentia-se culpada por estar fora do país e não ter contado nada para eles. Mas ela sabia exatamente o que sua mãe ia dizer: “você vai ficar falada”, “nenhum homem decente vai querer se casar com você”, “porque você não pode ser como a sua irmã?”, e todo aquele discurso que ela já estava acostumada. Apesar disso, ela sabia que mais cedo ou mais tarde teria que encarar a fera...

“Que seja mais tarde!”

Charlie percebeu pela resposta curta e pela expressão da loira que ela não queria falar deles e resolveu não pressionar.

6.

Espaço aéreo internacional, 26 de maio de 1952

Charlie estava ajudando Christopher no bar, que estava cheio, enquanto Jane estava atendendo os passageiros na parte de baixo. Esse era um daqueles voos que as comissárias não teriam um minuto de paz. A lista de passageiros estava quase que completamente composta por homens e elas sabiam que nesses voos tudo que eles queriam era beber, fumar e flertar com as atendentes.

Antes da decolagem Charlie havia pedido para Jane fazer a demonstração dos procedimentos de voo enquanto ela falava com Ryan. Quando voltou, Jane estava no meio da demonstração e parecia extremamente perdida. Apontou todas as saídas para os lados errados e parecia não conhecer nenhum procedimento de segurança. Na verdade, ela parecia uma marionete de circo sendo controlada por um macaco, que se mexia para todos os lados e não fazia sentido nenhum.

Agora, enquanto servia um dos cavalheiros que estavam sentados em uma espécie de lounge à esquerda do bar, Charlie pensava intrigada sobre este acontecimento. Sem contar o tropeço em que a garota quase caiu sentada no colo de um passageiro quando foi levar um cigarro a ele. E como que se lesse seus pensamentos Christopher perguntou, assim que ela voltou ao balcão do bar:

– Como está se saindo a novata?

– Hm? Ah, bem! Até aqui tudo bem – mentiu.

– Que bom, porque as substitutas pareciam não estar dando conta do trabalho – disse, enquanto preparava um Dry Martini. –

Não conversei muito com ela, mas me pareceu uma ótima pessoa, que bom que é uma boa funcionária também.

– É... Que bom.

Nova York, 26 de maio de 1952

A aterrissagem foi tranquila e, para o alívio de Charlie, Jane não cometeu mais nenhuma gafe. Mesmo assim achou prudente conversar com ela.

– Claire, está tudo bem com você? Fiquei preocupada depois do seu mal-estar no voo de ida, você sentiu mais alguma coisa? Como está se sentindo?

– Eu estou ótima, Charlie, não precisa se preocupar comigo.

“Assim espero.”

– Que bom, então. Você precisa de carona, vai para qual direção?

Aquela era uma pergunta que Jane realmente não fazia a menor ideia da resposta.

– Ah... Não, não preciso obrigada, minha amiga ficou de vir me buscar.

Charlie se despediu e pegou um táxi para casa. Jane esperou por algum tempo, já estava com medo de ter sido esquecida quando finalmente avistou Jimmy e Claire chegando em um grande Cadillac azul.

– Ansiosa para conhecer sua casa?

Uns vinte minutos depois de sair do aeroporto, eles pararam em frente a um prédio de construção industrial onde Jimmy deixou Jane

e Claire e depois seguiu.

O apartamento ficava em South Jamaica no distrito do Queens. Era um apartamento pequeno, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Já estava mobiliado e tinha um toque moderno que lembrava um pouco seu antigo apartamento em São Francisco. Jane percebeu que Claire havia colocado alguns objetos pessoais dela nas estantes.

– Os três primeiros meses já estão pagos, depois disso você assume. É um preço bem justo e com seu salário de comissária você conseguirá pagar sem problema nenhum. O que você achou?
– Claire perguntou, seguindo Jane pelo apartamento enquanto ela olhava os detalhes.

– Você pagou três meses de aluguel?

– Não se preocupe com isso. Eu que a convenci de fazer isso, é o mínimo que posso fazer até você se estabelecer de verdade.

– Obrigada – Jane disse, abraçando a amiga.

– Qualquer coisa pra você, bebê – disse, retribuindo o abraço. – Ah, falando nisso, quando estava em São Francisco arrumando as coisas da mudança a Louise ligou atrás de você. – Claire esperou a reação de Jane antes de continuar. Ela sabia que Jane e a irmã não se falavam há certo tempo. Jane fez um sinal com a cabeça para que Claire continuasse a história. – Eu disse que você estava trabalhando. Aparentemente o entojado do Richard vai receber um prêmio, ou sei lá o que...

– E o que eu tenho a ver com os prêmios desse sujeito? Argh. – Jane se sentou, bufando, em uma poltrona de couro vermelho que ficava perto da lareira. Odiava a necessidade que Louise tinha de sempre se vangloriar de tudo. Claire deu de ombros.

– Mas enfim, não foi por isso que ela ligou. Ela ligou porque seus pais não conseguiram falar com você e, como você sabe, dia dez é

o aniversário de casamento deles e no dia catorze eles darão uma festa para renovar os votos ou coisa assim. E você, é claro, deve estar presente.

– Hm... – Jane se deteve a um gemido e uma careta. Achava estranho Louise ter ligado, fazia meses que não se falavam.

Apesar de nunca terem sido muito próximas, a relação de Jane com a irmã piorou muito depois que ela se casou com Richard. Ele era o tipo de pessoa que se achava o dono da razão. E no casamento ele sempre dizia como Louise deveria se vestir, com quem deveria se relacionar e o que deveria fazer. Jane odiava a maneira como a irmã se deixava ser mandada e odiava ainda mais que ela a tivesse trocado por amigas que eram igualmente submissas.

Mas naquele momento não era o que mais a preocupava. Ela sabia lidar com o nariz empinado do Richard e com sua irmã. O que a preocupava era que teria que encarar seus pais e teria que contar sobre seu novo trabalho. Ela não sabia ao certo como explicar que estava trabalhando no *lugar* de Claire.

– Será que tenho mesmo que ir?

– Não acho que você tenha escolha, bebê – Claire disse com expressão compadecida. – E além do mais, cedo ou tarde você vai ter que contar pra eles que agora é uma comissária de bordo.

– Por que você não conta? Afinal foi você que me meteu nessa situação, você mesma acabou de falar – Jane retrucou, contrariada. Naquele momento estava irritada com a amiga, mesmo sabendo que a escolha foi dela.

– Jane, se quiser eu vou com você. – Claire tinha um tom culpado. Jane apenas balançou a cabeça de forma afirmativa.

Claire sorriu e deu a mão para puxar a amiga da cadeira e mostrar o resto do apartamento. Jane sabia que teria que ligar para

os seus pais e confirmar sua presença na festa. Também teria que inventar uma desculpa por estar sem telefone nas próximas semanas. Mas ela decidiu que pensaria nisso mais tarde.

– Tá, mas agora me conta como foi a viagem – Claire disse, depois que Jane viu o apartamento inteiro.

Então, Jane contou em detalhes tudo que aconteceu desde o dia da decolagem com destino a Londres até aquela manhã.

– Essa tal de Charlie parece bem tranquila.

– Ela é um amor. Muito diferente da tirana que você disse para eu estar preparada.

– Que sorte a sua. Não posso dizer o mesmo das chefes que eu tive.

Por fim, Jane contou para Claire que teve dificuldades com a demonstração do procedimento de emergência no voo e Claire prometeu repassar tudo com ela no dia seguinte.

Charlie estava exausta, odiava esses voos cheios de homens, em que os passageiros estão bêbados e agitados. Ela largou a mala no chão da sala assim que entrou no seu apartamento. Tinha apenas duas coisas em mente: tomar um banho e dormir. Mas aparentemente alguém tinha outros planos e assim que ela colocou as chaves em cima da mesa de centro, o telefone tocou. Charlie pensou em ignorar e seguir com o seu plano inicial, mas a curiosidade falou mais alto.

Ela não teve tempo nem de dizer “alô” antes que a voz do outro lado da linha disparasse a falar.

– Você já espantou a novata?

Charlie sorriu com a pergunta. Ela havia prometido a Penny que não iria dar moleza para a comissária que fosse substituí-la.

– Penny! Como você está?

Apesar de cansada, ficou feliz por atender o telefone, estava sendo estranho voar sem a melhor amiga depois de tantos anos trabalhando juntas.

– Eu estou ótima. Tom e eu decidimos o sabor do bolo, finalmente.

– Isso é ótimo.

– Tá, mas você não quer saber dessa conversa fiada e nem eu. Como é a nova comissária?

Charlie parou para pensar naquela pergunta. Não tinha certeza do que falar, quanto mais pensava na garota, mais confusa ela ficava.

– Na verdade, ela é ótima, é divertida, inteligente--

– Traidora! Você disse que nenhuma outra comissária poderia me substituir – interrompeu Penny, rindo.

– Mas aí que tá, Penny, como comissária ela péssima, quase pior que as substitutas. E eu tenho quase certeza de que ela teve uma crise de pânico durante uma turbulência. Nem parece que tem experiência. Não falei nada para as meninas porque não quero que elas tenham má vontade com Claire, mas achei estranho.

– Bom, Charlie, nós duas sabemos que tem muitas garotas sem qualificação nenhuma para o trabalho que são promovidas por conta de, hmm, digamos ‘outros talentos’. Se é que você me entende.

– Não! Não acho que ela seja desse tipo. Ela me parece uma moça muito inocente e com princípios. Não, não, acho que não. Ela

é uma pessoa sensível, é uma artista... Eu a levei ao *National Gallery* em Londres, e- e, enfim, não acho que ela seja esse tipo.

Charlie não sabia o que queria dizer, mas não acreditava que Jane pudesse ser esse tipo de pessoa.

– Parece que alguém tem uma quedinha pela novata – provocou a amiga. Charlie sabia que Penny tinha um sorriso malicioso nos lábios mesmo sem conseguir vê-lo.

– Quê? Claro que não, eu nem a conheço.

– Se você está dizendo... – Penny não estava convencida. – Mas voltando ao desempenho da moça, talvez ela só esteja nervosa. Primeiro voo internacional, equipe nova, sei lá. Dê mais uma chance pra ela, talvez tenha sido só impressão sua.

– É, espero que sim. Porque todos da equipe gostaram muito dela.

– Não tanto como você.

– Acho que Edward gostou mais do que eu – disse, torcendo o nariz.

– É melhor você se apressar então, porque aquele lá não perde tempo.

– Oh, Penelope, não fale asneiras!

– Ok, *Charlotte*.

– Mas agora me conta como estão os preparativos para o casamento?

As duas conversaram por mais uns quarenta minutos. Penny contou da casa que iriam morar depois de casados, dos detalhes da mudança para Toronto, dos preparativos para a festa e também dos planos de lua de mel. Charlie ouvia tudo com interesse, por fim se

despediram e ela finalmente pôde cumprir seus objetivos do dia que eram um bom banho e cama.

Quando Charlie acordou já era noite. Ela desfez sua mala, separou a roupa que levaria para a lavanderia pela manhã e se vestiu para ir ao seu restaurante italiano preferido – que ficava logo na esquina da sua rua.

Enquanto caminhava até o restaurante, Charlie refletia sobre a mudança na equipe. Talvez Penny tivesse razão, talvez fosse o nervosismo que tivesse atrapalhado a novata. É verdade que Penny era uma comissária impecável, que nunca havia cometido um erro sequer, e talvez Charlie estivesse com expectativas muito altas para a posição. Mas, de qualquer forma, ela esperava que Penny tivesse razão e que o próximo voo fosse melhor, até porque ela tinha gostado muito da moça e não queria que tivessem que a substituir.

Claro que ela não tinha gostado da maneira que Penny sugeriu, afinal ela nem a conhecia ainda. A conhecia há *literalmente* dois dias.

“É um absurdo que Penny insinue uma coisa dessas!”

Além de Penny, apenas Ryan conhecia a vida privada de Charlie (graças ao incidente com Sandra). Dessa forma Penny sempre tentava, contra a vontade de Charlie, arrumar alguém para ela, desde que ela e Maggie haviam terminado há três anos.

De repente, Charlie se viu pensando em Maggie. Fazia tempo que não pensava na ex-namorada. Ela havia gostado muito da garota. Na verdade, por muito tempo achou que ficaria com ela para sempre, mas quando Maggie pediu para que ela encontrasse outro emprego para que as duas pudessem se ver com mais frequência, Charlie percebeu que, apesar de gostar muito dela, não a amava o suficiente para desistir de seus sonhos. Elas terminaram de forma amigável, mas Charlie sabia que a havia magoado.

Quando se deu conta, seus pensamentos já estavam mais uma vez na nova comissária. Lembrou de quando se encontraram na frente do hotel no domingo de manhã e Jane disse que ela parecia ter saído de uma revista, Charlie riu com a lembrança. Jane parecia não ter consciência da própria imagem, na verdade era ela quem estava radiante e a atitude despretensiosa a deixava ainda mais bonita. Charlie se lembrou de como a conversa entre elas tinha fluído fácil e ficou feliz por ser ela sua nova parceira de trabalho.

Então lembrou novamente da performance dela nos voos e seu entusiasmo diminuiu. Mas decidiu seguir o conselho de Penny e esperar para ver como ela se sairia no voo seguinte, se fosse da mesma forma que os dois primeiros, por mais que tivesse gostado da garota, teria que reportar o desempenho dela à companhia.

7.

Espaço Aéreo Internacional, 29 de maio de 1952

Jane havia passado praticamente todos os minutos em que esteve acordada em Nova York, com Claire, praticando os procedimentos de segurança. Ela estava feliz por perceber que havia dado resultado. Charlie pediu novamente que fizesse as demonstrações de segurança e emergência antes da decolagem e, desta vez, ela estava confiante de ter feito tudo corretamente. Achava que estava melhor nas outras funções também. Já estava até se acostumando a ser chamada de Claire e conseguindo evitar olhar a maioria das vezes que alguém chamava Jane Adams.

Neste voo tudo parecia mais tranquilo, menos a ansiedade de Jane em chegar logo. Ela estava em estado de êxtase, sempre sonhou em ir à Itália.

Tudo que queria era chegar logo em Roma e explorar cada pedacinho da cidade, ou pelo menos o máximo que fosse possível em dois dias. Dessa vez ela havia lembrado de levar um caderno de desenho, já que, infelizmente, não havia espaço para seu material de pintura na minúscula mala da Northern Star que as comissárias eram obrigadas a usar.

– Claire, está tudo bem?

Charlie notou a agitação da colega depois de servirem o jantar. Para sua tranquilidade, Penny parecia ter razão sobre ela. A moça estava bem mais focada e não havia cometido grandes erros neste voo, pensou que talvez tinha sido mesmo o nervosismo que a havia atrapalhado nos dois primeiros. Entretanto, embora não parecesse perdida como nos anteriores ela ainda estava agitada.

– Bem? Não poderia estar melhor. Nem acredito que estamos indo para Roma. Não vejo a hora de botar os pés lá e começar a pintar... Ou desenhar, como todos os grandes artistas que viveram lá! Não que eu esteja me comparando aos grandes pintores italianos, claro que não. É que, não sei... Me encanta a ideia de pintar no mesmo lugar que eles. – Jane gesticulava animadamente. – Ah! Podemos ir ao Vaticano? – perguntou, animada como uma criança que pergunta à mãe se pode ir à roda gigante. – Eu adoraria ir à capela Sistina e à basílica de São Pedro. Quer dizer, não estou insinuando que você deva ir comigo, só pergunto por que não sei como se faz para entrar no Vaticano, mas você pode ir comigo se quiser, é claro... Na verdade eu até gostaria. Isso se você quis--

– Eu adoraria – Charlie a interrompeu, rindo. Jane parecia ter ligado o disparo automático de palavras, algo que Charlie percebeu ser comum quando ela estava nervosa ou animada. – Se você está empolgada assim agora, mal posso esperar para ver quando estiver lá dentro. Já estive lá, mas não perderia por nada a chance de ver sua reação ao olhar para o teto da capela Sistina pela primeira vez. Além do mais eu adorei ir ao museu com você, é quase como ir com um guia particular.

Roma, 30 de maio de 1952

Poucas horas depois de aterrissarem, o grupo habitual: Charlie, Daisy, Henry, Edward, Ryan e, agora também, Jane Smith, estavam em uma mesa ao ar livre em um restaurante na *Via di San Giovanni in Laterano* com vista para o Coliseu. Todos já haviam pedido e tomavam uma taça de vinho enquanto esperavam a refeição.

– Vocês já têm algum plano para essa noite, rapazes? – Daisy perguntou aos homens da mesa.

– Talvez o Ryan tenha algum – comentou Edward. – Você se lembra da última festa que estivemos aqui?

– Confesso que não foi meu melhor momento.

– O que aconteceu? – perguntou Jane, a única ali a não conhecer a história ainda.

– Fomos a uma festa na mansão de um rico excêntrico que estava no voo e nos convidou para uma ‘reunião simples’ na casa dele. Imagina a nossa surpresa quando chegamos lá e nos deparamos com a Anna Magnani e outras celebridades. Ryan tinha lido nos jornais que ela e o Roberto Rossellini haviam recém terminado e achou que aquela era a chance da vida dele. – Edward ria. – Ela, é claro, não gostou nada dos avanços dele. Só Deus sabe o que ele disse pra ela em italiano.

– Quem imaginaria que uma mulher tão elegante teria uma mão tão pesada – disse, passando a mão no rosto com a memória.

– E quem diria que existiam mulheres imunes ao seu charme – Henry comentou, debochando de Ryan.

– Casos raros, meu amigo. Casos raros.

– É um mistério para mim como cabe todos vocês, mais o ego do Ryan naquela cabine tão pequena. – Charlie se referia a cabine dos pilotos na aeronave. Todos riram dele.

– Nossa cabine é igual coração de mãe – retrucou Ryan. – Inclusive tem lugar para você, Charlie. Quando quiser, pode ir me visitar – concluiu com seu sorriso mais sedutor. A inglesa corou com o comentário.

Ryan havia desistido de tentar jogar seu charme para cima dela quando descobriu que ela era lésbica. Eles já se conheciam há muito tempo e quando Sandra entrou em seu quarto de hotel acusando Charlie de ter tentado seduzi-la, ele ligou os pontos sozinhos. Embora acreditasse que a parte da sedução fosse invenção de Sandra, achou que talvez a parte de Charlie gostar de mulheres pudesse ser verdade. Ele foi conversar com ela, que confirmou. Ela também confirmou que nunca havia tentado seduzir

Sandra. Para a surpresa de Charlie, Ryan ficou do seu lado e, uma semana depois, Sandra foi transferida de tripulação. Desde então os dois se tornaram amigos.

Mas isso não o impedia de provocá-la na frente da equipe sempre que possível. Charlie limitou-se a balançar a cabeça, mas o rubor em suas bochechas não passou despercebido por Jane.

– E você, Claire? Tem algum plano para sua primeira vez em Roma? – perguntou Ed.

– Ah! Sim, na verdade quero conhecer tudo que puder. Mas estou ansiosa para ir à capela Sistina.

– Interessante. E pra hoje à noite, você tem algum plano?

Charlie o observava apoiar o braço sobre o encosto da cadeira de Jane.

– Hm, a princípio não. – Jane se remexeu um pouco na cadeira.

– Bom, se você quiser, nós podemos fazer alguma coisa juntos.

– Ah, na verdade, eu pretendia dormir cedo para estar disposta pra amanhã. – Jane sorriu um pouco sem graça.

– Você está em Roma, *amore*. Vai desperdiçar seu tempo dormindo?

Jane apenas deu de ombros. Não pretendia desperdiçar o tempo dormindo, mas também não pretendia desperdiçá-lo com Ed.

– Bom, se mudar de ideia me avise – Edward concluiu com uma piscada.

Depois do almoço, Daisy e Henry despediram-se dos outros e saíram de mãos dadas, confirmando a suspeita de Jane de que eles

eram um casal. Ela ficou feliz com a constatação, gostava dos dois e achava que faziam um par bonito.

Nós quatro poderíamos fazer alguma coisa nesta tarde de primavera, o que vocês acham? – perguntou Ryan, seguido por Edward, que insistiu que se Jane não queria sair à noite, poderia ao menos fazer companhia a tarde.

– Obrigada, mas eu gostaria de ir para o hotel resolver umas coisas – mentiu. Agora se sentia menos culpada com a mentira do que se sentia irritada com a insistência do colega.

– Eu também – respondeu Charlie, aproveitando a desculpa da loira.

Elas deixaram os dois fumando e caminharam em direção ao hotel. Jane não tinha nenhuma intenção de ir ao hotel. Na verdade, estava louca para explorar a cidade e não queria desperdiçar a tarde se esquivando das investidas do colega.

– Olha Charlie, eu inventei uma desculpa para recusar o convite deles, mas eu não quero que você se prenda por minha causa. Quer dizer, caso você queira sair com o Ryan. Não se preocupe comigo, eu me viro sozinha.

Jane já havia notado como os dois eram próximos. Tinha visto eles conversando sozinhos e rindo juntos no aeroporto antes da última viagem a deixando com a impressão de que eles tinham alguma relação mais íntima do que apenas colegas de trabalho.

– Sair com o Ryan?! Eu? Como assim? – A mulher mais velha parou de repente em choque com o comentário. Jane virou-se para ela.

– No almoço ele parecia bem, hmm, íntimo com você, e vocês parecem bem próximos, sei lá, pensei que talvez-

– Oh meu Deus, claro que não! – Charlie riu da confusão. – Nós somos amigos há muitos anos e ele adora me provocar, só isso.

– Oh! – exclamou Jane enquanto voltava a caminhar. – Você é mesmo bonita demais pra ele.

Charlie sentiu suas bochechas corarem mais uma vez, mas não conteve o sorriso que o comentário inesperado trouxe.

As duas caminharam em silêncio por alguns minutos até Jane sugerir uma pausa para um *gelato*, ao avistar uma charmosa sorveteria com mesas externas que davam para uma praça com chafariz.

Enquanto tomavam o sorvete e aproveitavam a tarde ensolarada, Charlie reparou no tom dourado que tinham os cabelos de Jane, assim, iluminados pelo sol. Eles estavam presos apenas por um lenço de seda amarrado com um nó no topo da cabeça. Ela usava um vestido amarelo claro que realçava sua pele bronzeada. Aquela era mesmo uma visão de tirar o fôlego, não era de se surpreender o arrebatamento de Edward pela moça, pensou Charlie.

O resto da tarde passou como um borrão, fizeram compras, deram mais algumas voltas e visitaram a *Fontana di Trevi*.

8.

Roma, 30 de maio de 1952

Mais tarde, no hotel, quando Charlie saiu do banho, Jane estava de roupão, deitada de bruços em sua cama, com boa parte das pernas à mostra em uma atitude despreocupada. Olhava embevecida para as obras de arte nas paredes do quarto que dividiam e Charlie, por sua vez, não conseguiu desviar os olhos da pele exposta da garota.

– Charlie, você não acha magnífico? Até as obras desse quarto são lindas, eu poderia ficar o dia todo aqui contemplando.

Jane admirava uma tela renascentista de uma mulher de cabelos castanhos, deitada em uma manta sobre a grama, que a encarava com olhos doces e enigmáticos ao mesmo tempo.

– Eu também! – Charlie respondeu sem saber ao certo com o que estava concordando.

– A arquitetura deste hotel é tão... – pensou um pouco – Romana! – concluiu com um sorriso. – Não dá para esquecer nem por um só minuto que estamos na Itália. Estou tão feliz de ter aceitado essa loucura – disse, pensando nas palavras de Claire, de que um dia ela iria agradecê-la por tê-la convencido.

– Loucura?

– Hm... Esse trabalho. E- eu tinha outros planos antes de aceitar e tive que mudar tudo de última hora – mentiu. – Mas eu estou morrendo de fome, vamos pedir alguma coisa?

– Claro. – Charlie parecia convencida com a explicação de Jane.

Elas pediram o jantar e uma garrafa de vinho para acompanhar e sentaram-se na sacada do quarto para apreciar a vista noturna de Roma. Estavam sentadas em cadeiras de ferro fundido cor de bronze, separadas por uma mesa redonda com pés elegantemente torneados, onde suas taças descansavam. O parapeito da sacada também era de bronze, ricamente adornado e completava o tom romântico característico das fachadas antigas daquela parte da Itália. Era uma noite estrelada e o clima não podia ser mais agradável para estar ao ar livre.

O quarto delas ficava no quinto andar e a vista dava para uma ruela pouco movimentada e bastante charmosa. A arquitetura da cidade era esplendorosa. Jane mal podia acreditar que estava mesmo ali. Se tivessem lhe falado duas semanas antes que ela estaria em Roma naquele dia, ela teria rido.

Odiava ter que admitir, mas Claire estava certa, ela estava amando aquela nova vida.

– É uma vista e tanto – disse Charlie, enquanto degustava o vinho. Um *Brunello di Montalcino* safra 1947. – Acho que moraria nesta cidade. E você, Claire?

– Bem, eu acho que preciso conhecer um pouco mais do mundo para poder responder com mais propriedade. Mas acho que eu diria que sim mesmo antes de ver o resto. Sempre fui fascinada pela Itália – disse com brilho nos olhos. – E você, dos lugares que já esteve, qual o seu preferido?

– Pergunta difícil. – A morena ponderou um pouco. – Cada lugar tem seu encanto, é difícil escolher um único. Fico feliz que meu trabalho me permita aproveitar a melhor parte de cada um deles.

– Ah, qual é Charlie, que resposta diplomática. Escolha um!

– Está bem. – Riu. – Roma, então. E não é por estarmos aqui. Eu sei que pode não parecer, mas no fundo eu sou uma romântica.

– Tenho que concordar, não parece muito mesmo – disse rindo.
– Mas o que você quer dizer com isso? Você sonha com um pedido de casamento em Veneza e se casar com um vestido de cauda enorme? – Jane franziu o cenho. Por alguma razão ela não conseguia visualizar Charlie dessa forma.

– Não, isso jamais vai acontecer. – Imitou a expressão da outra mulher. – Não me referia a esse tipo de romantismo. Quis dizer que no fundo sou sentimental e me comovo com facilidade, apesar da fachada um pouco fria.

– E por que não?

– Por que não o quê?

– Por que acha que jamais vai se casar?

Charlie ficou em silêncio alguns segundos formulando uma resposta em sua cabeça.

– Não que eu não tenha intenção de compartilhar minha vida com alguém, pelo contrário, eu quero muito. É só que eu não sonho com esse casamento pomposo na igreja.

– Ah, entendi. Então você não é religiosa?

– O vinho te deixou bem tagarela, não? – Charlie riu da curiosidade de Jane. – É pode-se dizer que sim. Nunca fui muito religiosa.

– Oh, me desculpe, Charlie, eu fui fazendo uma pergunta atrás da outra... Não quis te interrogar ou ser invasiva.

– Relaxa, Claire. – Charlie sorriu. – Mas e você? Sonha com um casamento desses?

– Para ser bem franca, eu não ligo muito, não. Desde a época da escola, a maioria das minhas colegas sonhavam com um príncipe encantado em um cavalo branco e eu nunca gostei dessa imagem.

Sempre pensei que, se algum dia eu me casar, vai ser com um homem que não pense que é superior a mim só porque é homem. E que me respeite, mas que, acima de tudo, me ame pela pessoa que eu sou e pelas minhas ideias. Não suportaria estar em um casamento como o da minha irmã, onde ela orbita ao redor do marido como se ele fosse um grande sol e o único capaz de brilhar.

– Acho que ninguém é capaz de ofuscar seu brilho – disse com um sorriso. Jane sorriu também.

– Talvez eu me case com um europeu, dizem que os homens europeus são mais sensíveis que os americanos.

– Só espero que você não tenha virado comissária por isso, porque eu não quero te decepcionar, mas--

– Claro que não! – Jane a interrompeu com uma careta. Sentiu-se ofendida. – Eu virei comissária porque eu queria ver o mundo para saber como pintá-lo.

Charlie ficou em silêncio por alguns segundos.

– Eu gostaria de ver suas telas – disse com sinceridade, encarando a americana.

– Ai não! – Reclamou Jane. – Eu achei que você já tinha esquecido essa ideia.

– Claro que não!

Charlie riu, achando bonitinha a timidez da novata em relação a sua arte. Desconfiava que Jane tinha mais talento do que deixava transparecer.

– O.k., um dia. Não faço promessas de quando – disse em um tom um pouco rabugento, arrancando uma risada de Charlie.

– Trato feito. – Charlie disse, estendendo a mão para Jane.

As duas apertaram as mãos e a loira deixou escapar um bocejo. Charlie sugeriu que deveriam dormir.

– Sim, vamos. Eu estou morta de cansada e amanhã temos muita coisa para fazer. Quer dizer, se você preferir descansar, eu entendo, posso ir sozinha.

– Claro que não. Estou louca para ir à capela Sistina com você.

As duas trocaram olhares e perceberam que ainda seguravam a mão uma da outra. Charlie tirou a mão, ligeiramente constrangida e, em seguida, levantou-se para ir dormir. Jane fez o mesmo.

9.

Roma, 31 de maio de 1952

Quando Charlie acordou na manhã seguinte o sol ainda estava baixo. Olhou no relógio, viu que eram 6:40 da manhã e que a cama ao lado estava vazia.

Levantou-se preguiçosamente e viu Jane na sacada. Ao se aproximar, notou que ela já havia pedido o café da manhã: dois brioques *vuoto*, um bule com café, mel e dois tipos de geleia que Charlie julgou ser de frutas vermelhas e damasco, talvez? Bom, ela já ia descobrir. Também notou que Jane estava com um caderno de desenho nas mãos e um kit de giz pastel sobre a mesma mesa em que estava servido o café da manhã. Ela desenhava, alheia à presença da inglesa, que a observava em silêncio.

Jane estava com os cabelos soltos e vestia um roupão por cima do pijama. Estava iluminada pela luz fraca da manhã. Tinha uma xícara de café fumegante do seu lado, os pés descalços estavam apoiados no gradeado da sacada e apoiava o caderno sobre os joelhos. Charlie duvidava que o que quer que ela estivesse desenhando pudesse ser mais bonito que essa cena.

Mesmo assim, Charlie esticou o pescoço para ver o desenho. Jane desenhava a paisagem urbana que se estendia até a linha do horizonte.

– Uau! Está lindo – disse, ainda encostada no vão da porta da varanda. Jane fechou o caderno imediatamente.

– Bom dia, Charlie – disse, com um sorriso. – Eu já pedi o café da manhã. Espero que você não se importe. Não consegui dormir muito. O café ainda está quente, senta aí – disse, apontando para a cadeira na outra ponta da mesa.

Charlie sentou-se e começou a servir o café. Olhava com um sorriso desconfiado para Jane, que estava com as duas mãos sobre o caderno de desenho e encarava o horizonte.

– Não precisa parar por minha causa – disse Charlie, apontando com os olhos para o caderno de desenho. – Estava ficando incrível. Posso ver de perto?

Jane torceu o nariz. Sentia-se um pouco insegura em relação a suas obras, principalmente os rascunhos, mas Charlie a olhava com um olhar suplicante. Jane riu e lhe entregou o caderno. Por alguma razão, sentia-se mais nervosa do que o normal, queria que Charlie gostasse dos seus desenhos. Tinha essa vontade estranha de impressioná-la.

– Esses são só rascunhos. – Ela sentia suas mãos suando. – Quero dizer, a maioria não está nem terminada ainda. Eu também nunca estudei desenho, nem nada... – disse, enquanto enrolava a corda do roupão de maneira ansiosa nos próprios dedos. – Como eu disse é só um hobby...

– Claire, esses desenhos são lindos! – Charlie a interrompeu. – Você tem muito talento – disse, sem tirar os olhos do caderno. – Você nunca estudou mesmo em nenhuma escola de arte? – Desviou o olhar para a americana. Ela estava impressionada com a garota.

– Não, nunca. Na verdade, eu gostaria muito de ir para a Academia de Belas-Artes da Pensilvânia, mas ainda não tive oportunidade. – Olhou para a própria mão, que ainda brincava com o pedaço de tecido. – Por isso aceitei esse emprego. Porque assim talvez possa pagar meus estudos algum dia. Gostaria muito de poder viver de arte.

– Tenho certeza de que você vai conseguir – Charlie disse, com convicção. – Tenho certeza de que vai conseguir entrar nessa escola e que vai conseguir viver de arte.

Depois de perderem um pouco a noção do tempo durante o café da manhã, as duas se apressaram em se vestir para a ida ao Vaticano. Charlie ficou pronta antes de Jane e disse que precisava descer para resolver um assunto, mas prometeu que encontraria com ela em frente ao hotel em vinte minutos.

Na hora combinada Jane desceu para esperar por Charlie e enquanto aguardava ela notou a forma como a luz da manhã iluminava a pequena fonte em frente ao hotel. Era como se a luz acariciasse o mármore e pudesse dar vida à água que corria nela, tentou gravar na memória aquela imagem para que pudesse colocar em uma de suas telas. Uma leve buzinação a tirou de seus devaneios.

– Preparada para conhecer Roma como um local? – Charlie perguntou.

Ela estava em uma moto Vespa verde água, tinha um lenço floral na cabeça e óculos escuros.

– Você quer que eu suba nisso? – perguntou desconfiada, nunca havia subido em uma moto antes.

– Mas é claro, de que outra maneira vamos chegar ao Vaticano? – Charlie tinha um sorriso confiante. – Eu garanto para você que essa não é a primeira vez que eu piloto uma moto com um passageiro. Confia em mim.

Jane ponderou um pouco, mas acabou cedendo. Apesar da desconfiança inicial estava louca para dar uma volta por Roma em uma Vespa, nada poderia ser mais italiano que isso.

– Está bem, vou confiar em você – disse, montando na garupa da moto. – Mas depois eu vou querer que você me ensine a pilotar essa coisa.

– Sim, senhora – Charlie concordou enquanto dava a partida. – Agora segura firme que temos uma capela para conhecer. – Jane não pensou duas vezes, segurou firme na cintura da inglesa.

Charlie normalmente dirigia com destreza e prudência, mas a proximidade de Jane, que a abraçava forte pela cintura, estava deixando ela um pouco distraída. E ela estava tendo que se esforçar para prestar atenção na estrada e *não* nas mãos da garota no seu abdômen.

Mesmo Charlie pegando a rua errada duas vezes (ela culpou Jane por isso), ainda assim chegaram ao destino cinco minutos antes do horário de visitação pública.

Quando finalmente abriram os portões, Jane saiu praticamente correndo em direção a capela Sistina e Charlie não teve outra escolha senão segui-la. Quando Charlie a alcançou, Jane estava imóvel na porta, sem reação.

– Claire? – Charlie a chamou. – Você pretende entrar hoje ainda?

Aquela pergunta tirou Jane de um transe. Sim, ela queria entrar. Queria ver cada detalhe, queria poder tocar em cada afresco de cada parede e, mais do que tudo, queria ver cada pincelada de cada uma das obras que estavam pintadas naquele teto magnífico.

É isso! Ela decidiu que a primeira coisa que queria ver era mesmo o teto.

– Sim, vamos.

Sem aviso prévio, pegou Charlie pela mão e a puxou até que estivessem embaixo da obra que sabia chamar-se *A criação de Adão*. Sem pensar muito ela deitou-se no chão e puxou Charlie consigo para que fizesse o mesmo.

– Hm, Claire?! Eu acho que isso não é permitido – disse Charlie de maneira receosa, olhando para os lados.

– Não tem ninguém aqui – respondeu a outra, sem desviar o olhar do teto.

Charlie hesitou um pouco antes de ceder e deitar-se ao lado de Jane. Elas estavam embaixo da junção de duas obras: *A criação de Adão* e *A criação de Eva*.

– Meu Deus, é fabuloso – murmurou Charlie.

Jane olhava para cada detalhe. Desejava poder se aproximar mais, mas estava encantada mesmo daquela distância.

– E pensar que ele não queria pintar o teto porque se considerava mais um escultor – disse Jane. – Ele chegou a achar que era um complô dos seus concorrentes para desviar a sua atenção das esculturas. Mas é magnífico, é... Não sei. Simplesmente, magnífico

Charlie que, até então, também estava olhando para o teto, virou-se para Jane. Ela parecia hipnotizada pelas obras.

A moça sentiu que estava sendo observada e se virou para Charlie também.

– Obrigada por ter vindo comigo.

– Obrigada a você, por ter me convencido a deitar aqui. Eu nunca tinha visto por esse ângulo. – As duas sorriam enquanto se olhavam e Charlie percebeu como elas estavam perto...

– *Non puoi sdraiarsi qui!* – Um homem com uniforme da guarda Suíça gritou para elas.

– Ele disse que não podemos nos deitar aqui – Charlie disse, levantando-se rapidamente e estendendo a mão para que Jane fizesse o mesmo. – *Io sono spiacente, Signore* – desculpou-se com

o segurança. Assim que o homem virou de costas elas caíram na gargalhada.

Ficaram mais uma hora ainda dentro da capela olhando as obras e os detalhes arquitetônicos. Quando finalmente decidiram ir embora, a capela já estava bastante cheia de turistas. Continuaram a ‘excursão’ pelo Vaticano pelo resto da manhã e seguiram pela praça de São Pedro até chegarem à basílica. Quando se deram conta já era quase meio-dia e tudo que Jane queria era se sentar em uma praça e comer alguma coisa.

Depois do almoço, Charlie decidiu cumprir sua promessa de ensinar Jane a pilotar a Vespa. Logo Jane se deu conta de que era muito mais difícil do que imaginou e Charlie, por sua vez, de que superestimou a capacidade da garota de guiar em linha reta. Ela não conseguia acreditar que a mesma pessoa que tinha tanta firmeza no pulso para fazer desenhos tão perfeitos era incapaz de manter o guidão da moto parado.

– Claire, você vai acabar nos matando desse jeito – disse Charlie, sentada na garupa, enquanto Jane ainda tentava manter o equilíbrio e acelerar ao mesmo tempo.

No início Jane parecia mesmo uma causa perdida, mas aos poucos ela estava melhorando. Pelo menos já conseguia manter a moto equilibrada e desviar dos obstáculos.

– Você disse para eu desviar dos buracos.

– Eu disse para desviar, não fazer uma curva acentuada ao redor deles.

Jane virou a cabeça para trás e mostrou a língua para Charlie.

– CLAIRE, OLHA PARA FRENTE! – Charlie gritou enquanto jogou seus braços rapidamente ao redor da cintura de Jane,

abraçando-a com força, com medo de baterem em um Fiat 500 que freou na frente delas. Elas não estavam tão próximas assim do carro e Jane conseguiu desviar em tempo com tranquilidade, porém sem muita suavidade.

– Charlie, agora você está sendo dramática. – Jane ria do desespero da amiga. É verdade que ela não era uma excelente pilota, mas ela estava melhorando. Não estava?

– Me desculpe por me preocupar com a minha vida – disse, sarcástica.

Charlie ainda estava abraçada à Jane e pretendia continuar, afinal de contas ela não queria cair da moto em uma das manobras radicais que a garota estava fazendo. Ou pelo menos era o que dizia para si mesma.

Mesmo com a adrenalina nas alturas, era impossível para Charlie não perceber o aroma cítrico e o toque suave dos cabelos de Jane ondulando ao vento.

Elas deram mais algumas voltas com Jane na direção e pararam para tomar um último sorvete em frente ao Panteão. Quando se deram conta já estava na hora de voltar ao hotel para arrumar as coisas, teriam que estar no aeroporto em duas horas. Jane deixou que Charlie guiasse dessa vez, para o alívio da mesma.

10.

Nova York, 01 de junho de 1952

Quando chegaram à Nova York, Jane estava preocupada com a festa de aniversário da Northern Star que aconteceria na noite seguinte. Todos os funcionários haviam sido convidados. Contudo apenas os que não estivessem trabalhando poderiam ir.

– Charlie, será que posso ir com você na festa de amanhã à noite? Odeio chegar sozinha a lugares onde não conheço ninguém
– Jane perguntou, meio sem jeito enquanto as duas caminhavam até a porta de saída do aeroporto.

– Claro, *darling!* Você pode ir até a minha casa e depois dividimos um táxi. Sei que vou beber, então prefiro não dirigir. É a primeira vez que você vai? – Charlie perguntou.

Jane sabia que Claire nunca havia ido a essa festa, porque em nenhum dos quatro anos em que trabalhou para a empresa coincidiu de a equipe dela estar em Nova York no dia do evento.

– Sim, sempre estive trabalhando nos anos anteriores!

– Mas não se preocupe, nessa festa estarão todos os funcionários que não tiverem escala, provavelmente você vai encontrar conhecidos.

– Será?! – Jane sentia-se apreensiva. – Bem, e que horas nos encontramos?

– Às 19:00 está ótimo. Dá tempo para tomarmos um drink antes de irmos.

Jane então se despediu com pressa e entrou no táxi, tinha que chegar em casa e ligar para Claire. Precisava de um vestido de

festa emprestado e, principalmente, ver a foto dos colegas de Claire novamente.

Naquela mesma tarde Claire apareceu na casa de Jane com a foto, uma lista completa de nomes e meia dúzia de vestidos e sapatos.

– Claire, que exagero, você trouxe seu guarda-roupas inteiro.

– Pode surgir alguma outra ocasião. É melhor que você fique com pelo menos uns dois. Não quero que haja boatos de que Claire Davis se veste mal – Claire disse, sentando-se no sofá e jogando um vestido para que Jane o provasse.

– Você está dizendo que eu me visto mal? – perguntou, torcendo o nariz enquanto tentava entender onde era a frente e onde era o verso do vestido.

– Claro que não, bebê – disse, tentando ser convincente. – É só que agora você é uma comissária de bordo de voos internacionais. Tá, mas enquanto você prova vai me contando como foi na Itália.

– Olha, Claire, eu nunca pensei que um dia diria uma coisa dessas, mas você tinha razão. – Jane provocou a amiga. – Está sendo maravilhoso conhecer esses lugares.

– É claro que eu tinha razão. Eu sempre tenho razão, tolinha.

Enquanto provava (contra vontade) a pilha de vestidos, contou em detalhes tudo que tinha feito na Itália.

– Você e essa tal de Charlie parecem ter ficado bem amigas já – Claire disse, enquanto se levantava do sofá e dirigia-se à cozinha para pegar uma caixa de cereal.

– Charlie é incrível. Ela é muito gentil, além de ser uma pessoa muito interessante e culta. Eu já falei que ela é inglesa? Ah! Ela é tão elegante!

– Sim, umas cinco vezes! Nunca vi você tão fascinada – disse, colocando o cereal em um pote e voltando para o sofá.

– Não fique com ciúmes, você sempre vai ser minha amiga número um.

– E quem disse que eu estou com ciúmes? – disse de boca cheia. – Esse! – falou, apontando a colher para o vestido que Jane vestia. – Definitivamente esse verde fica deslumbrante em você.

– Ótimo, não aguento mais provar roupa – disse, aliviada. – Vamos descer e tomar um café? Cereal não é comida.

– Tá bom, mãe.

Nova York, 02 de junho de 1952

Quando Charlie abriu a porta se surpreendeu com a visão de Jane em um vestido longo verde esmeralda. Ela tinha os cabelos presos em um coque alto meio frouxo. Charlie não pôde evitar um olhar apreciativo para as costas nuas no decote em um “V” que ia dos ombros até a cintura, quando Jane passou por ela ao entrar no apartamento. Ela estava de tirar o fôlego e deixou Charlie desconcertada.

– Você está linda, Charlie – Jane disse primeiro. – Quero dizer, mais linda, porque você já é linda naturalmente! – Jane elogiou enquanto dava mais uma olhada de cima abaixo na inglesa, que corava completamente sem jeito.

Ela usava um vestido preto de renda e decote alto, que tinha um tecido de tela fina e transparente na altura do peito, uma escolha bastante elegante e sóbria.

– Eu? – Charlie pareceu surpresa.

– Ué, tem mais alguém aqui? – Jane riu.

– Você também está linda. – Charlie devolveu o elogio. – Por que você não escolhe alguma coisa para a gente beber enquanto eu termino de me maquiar? – Sugeriu indicando o balcão cheio de garrafas.

– Está bem, alguma preferência?

– Para mim pode ser xerez. Eu não demoro.

Jane serviu um cálice de Xerez para Charlie e um de licor para si mesma. Enquanto degustava a bebida apreciava a decoração do apartamento, era mesmo a cara de Charlie, pensou.

A sala tinha mobiliário clássico e remetia um pouco ao estilo vitoriano. Sobre o assoalho de madeira escura havia um tapete persa em tons creme e posicionado sobre uma das laterais do tapete havia um sofá cor caramelo com muitas almofadas perfeitamente alinhadas. Perto da lareira se via uma cadeira em estilo rococó forrada com uma estampa floral em tons terra, um pufe com a mesma estampa e um abajur de cobre de um metro e meio com a cúpula em vitrais góticos.

Ao lado da lareira havia uma estante repleta de livros, e por fim, havia a parede que fazia divisão com o quarto de Charlie, que era revestida com um bonito papel de parede com fundo azul e estampa de flor de cerejeiras, onde ficava um piano vertical que parecia bem antigo.

Jane passou os olhos pela mesa de centro cheia de souvenirs e se deteve na estante abarrotada de livros. Já tinha desconfiado pelas duas viagens que fizeram juntas que Charlie era uma leitora voraz, mas estava impressionada com a quantidade e variedade de títulos. Havia algumas obras em francês, outras em italiano, mas a grande maioria, claro, estava escrita em inglês. Pegou um grande exemplar cujo título era *A História Grega* e começou a folheá-lo, interessada.

– Você achou alguma coisa interessante, aí? – perguntou ao entrar na sala e pegar seu copo.

Jane levantou o livro, mostrando a capa para Charlie.

– Hm, Grécia? Você gosta de mitologia? – perguntou interessada, tomando um gole de Xerez.

– Sim, adoro. Quando eu era criança meu pai costumava ler histórias da mitologia grega para eu dormir. Atena era minha Deusa preferida, adorava todas as histórias que envolviam ela. Sempre achei muito plausível a Deusa da sabedoria e das artes ser uma mulher. – Deu uma risada. – Enfim, sou louca para ir para a Grécia. Eu sei que falo isso sobre todos os lugares, mas, bem, o que posso fazer se quero conhecer o mundo todo? E você? já esteve na Grécia?

– Só uma vez, mas para o meu azar não pude ver nada. Fiquei doente na ocasião e não consegui nem sair do hotel.

– Quem sabe não possamos ir juntas na próxima vez – disparou Jane, fechando o livro e colocando-o de volta na estante. – Você toca? – perguntou, apontando para o piano.

– Um pouco... – Charlie respondeu de maneira tímida.

– E o que você gosta de tocar?

– Vários gêneros, mas meu preferido é Jazz.

O rosto de Jane se acendeu.

– Você sabe alguma do Nat King Cole?

– Sei algumas, gosto muito dele.

– Ah, eu também! Tenho quase todos os discos. Toca alguma para mim? – Pediu com um olhar suplicante.

– Com prazer. Mas só depois que você me mostrar as suas telas
– disse, triunfante. – Agora é melhor irmos, se não quisermos chegar tarde.

– Claro! Não quero impedir você de cumprir com a pontualidade britânica.

11.

Nova York, 02 de junho de 1952

Quando chegaram à festa, Jane, que estava relativamente tranquila até então, começou a ficar mais tensa. Olhava com desconfiança para todos e tentava se esquivar de apresentações.

Apesar disso, a noite transcorria de forma calma e as únicas pessoas conhecidas até o momento eram sua própria tripulação e os funcionários do aeroporto de Nova York. Procurou em vão, entre os muitos rostos na festa, algum que estivesse na fotografia que Claire lhe deu (e que ela, por precaução, havia trazido em sua bolsa).

A festa acontecia em um salão no topo de um dos arranha-céus de Manhattan. O salão tinha pé direito duplo, com lustres de cristal por todo o espaço. No lado oposto a porta de entrada ficava um grande palco onde uma banda de Jazz tocava animadamente. O bar era enorme, tinha um balcão de mogno de quinze metros que se estendia por boa parte da extensão lateral do espaço, com várias banquetas com o assento de couro. Atrás do balcão estavam os bartenders, que atendiam de forma frenética as pessoas que se aglomeravam ali, com uma infinidade de opções de bebidas.

Os banheiros ficavam ao lado direito do bar e próximo ao palco. Em frente aos banheiros, atravessando todo o salão ficava uma das portas de acesso ao ambiente externo: um grande terraço que cobria toda a lateral do prédio.

No terraço havia vários bancos e mesas, de lá se via boa parte de Manhattan, que, à noite, toda iluminada, ficava ainda mais bonita.

Jane já estava até se divertindo e sentia-se bem descontraída no terceiro drink da noite. Conversava com Charlie, Daisy e Henry,

quando Jane Adams chegou na roda e falou entusiasmada para sua xará:

– Claire, você não vai acreditar com quem eu estava falando agora há pouco. – Jane fez uma pausa aumentando o suspense. – Anthony! – Ela esperou alguma reação da impostora, quando não teve nenhuma completou: – Anthony Carter.

– Quem?

– Anthony. Ele me disse que trabalhava com você em São Francisco. Ele falou que está louco para conversar com você, aparentemente tem muita coisa para contar sobre a moça que te substituiu.

– Ah! Claro. Tony! Sim, sim. – Tentou disfarçar. – E... É... Onde ele está? – perguntou, olhando para todos os lados atrás de algum rosto que combinasse com os da foto que tinha.

– Ali no bar perto da saída, você quer que eu leve você até lá?

– Não! – disse de forma enfática. – Hmm, n- não precisa se incomodar. Eu o encontro sozinha. Obrigada. – Saiu em direção ao bar, mas no meio do caminho se desviou e foi para o banheiro.

Trancou-se na cabine e pegou a foto para certificar-se do que já sabia: o tal Anthony era mesmo o loiro alto e narigudo da foto que guardava em sua bolsa.

“O que eu vou fazer? O que eu vou fazer?”

Jane começou a sentir a adrenalina tomar conta do seu corpo. Sua cabeça trabalhava para tentar encontrar uma maneira de se livrar dessa situação. Teria que evitar encontrar esse cidadão de qualquer forma... Pensando bem, teria que evitar cruzar com Jane Adams. Afinal o tal cara nem a conhecia. É isso! Fugir de Jane Adams era seu novo *Modus Operandi*. Jane ponderou por mais

alguns minutos sobre o que fazer e finalmente abriu a porta da cabine.

– Charlie? – Jane levou um susto ao ver Charlie no outro lado da porta. A inglesa também pareceu se assustar.

– Está tudo bem, Claire? Você parece meio assustada.

– Ah, na verdade, me sinto um pouco tonta, acho que bebi demais. Vou lá fora tomar um ar.

– Quer que eu vá com você? – perguntou, preocupada.

– Hmm? Ah, está bem.

O comportamento estranho de Jane não passou despercebido por Charlie, mas a inglesa achou melhor não pressionar.

Elas estavam sentadas no terraço, observando as luzes da cidade. Pelo menos Charlie estava, Jane continuava distraída.

– O que você está achando de morar em Nova York?

– Bom, não tive muito tempo para conhecer a cidade ainda. Na verdade, acho que a maior parte do tempo que passei aqui foi dormindo. Nem acredito que moro em Nova York e nunca nem fui ao Central Park. – Jane riu da constatação.

Charlie franziu o rosto com a afirmação e Jane, imediatamente, lembrou-se que Claire fazia muitas escalas para a cidade nos voos domésticos.

– É, eu sempre fiz, hmm, escalas muito curtas aqui. Nunca tive muito tempo para conhecer bem a cidade – acrescentou, rapidamente.

– Se você quiser podemos corrigir isso amanhã. – Charlie convidou por impulso e em seguida sentiu-se estranha por estar mais uma vez querendo estar na companhia de Jane.

– Eu vou adorar. – Jane aceitou o convite com um sorriso.

Ficaram em silêncio por alguns segundos. Jane continuava inquieta e Charlie não tinha certeza de como agir. Sentia-se estranhamente distante da garota. Apesar de se conhecerem há menos de um mês, Charlie sempre se sentiu muito à vontade perto dela. Hoje, no entanto, não se sentia assim.

Jane também se sentia estranha perto de Charlie. A verdade é que a maior parte do tempo ela esquecia que estava vivendo uma mentira. Era fácil não se sentir culpada enquanto tomava um *gelato* em Roma, mas esta festa estava sendo um choque de realidade. Um momento de total consciência. E Jane sentia-se culpada pelo crime, pela farsa, e, principalmente, por mentir para Charlie.

“Principalmente em mentir para Charlie???”

Esse pensamento veio como uma surpresa para ela. Mas era verdade. De tudo, o que mais temia no momento, era ver a decepção no rosto da inglesa ao descobrir que ela era uma impostora.

Seus devaneios ficaram em segundo plano quando Jane notou sua xará mais uma vez conversando com o loiro narigudo.

“Mas será possível que essa mulher não pode ver um homem?”

– Charlie, me desculpa, mas eu preciso, hmm... Pegar um drink – disse, chacoalhando a taça vazia.

– Mas você não estava enjoada?

– Já passou – disse, já caminhando na direção oposta à que Jane Adams e Anthony estavam e deixando uma Charlie confusa

para trás.

Quando Jane chegou até o bar pediu uma taça de *Dry Martini* ao bartender. Ele voltou com a taça e ela tomou tudo em um só gole. Aquela aflição toda a estava matando, ela não tinha estrutura para lidar com aquela situação de cara limpa. Pediu outro drink, o bartender olhou um pouco assustado, mas a serviu mesmo assim. Dessa vez ela deu apenas um gole pequeno e caminhou até a multidão, bem longe de Jane Adams e Anthony.

Tudo que Jane queria era ir embora, mas sabia que não poderia ir antes do discurso do diretor executivo da Northern Star, um homem com cara de fuinha chamado Nicholas Butterini, e da premiação do funcionário do ano. Que as más línguas diziam, iria para a amante dele.

Jane observava cada passo que Tony e sua xará davam, estava tão concentrada que nem percebeu quando um homem puxou assunto com ela.

– O que você está fazendo aqui desacompanhada? – Edward perguntou, aproximando-se de Jane. Ela deu um pulo.

– É..., eu estava procurando um amigo, mas o perdi de vista.

– Azar o dele. Você quer dançar, Claire? – perguntou estendendo a mão para ela.

– Hm... – Jane não tinha intenção nenhuma de dançar com ele, mas achou que seria mais prudente tentar agir naturalmente para não levantar suspeitas. – Claro – respondeu, pegando a mão de Ed. Colocou sua taça na bandeja de um garçom que estava passando e se deixou ser conduzida até a pista.

Assim que começaram a dançar, Jane notou que Ed era um péssimo dançarino. Pisou no seu pé umas duas vezes e não tinha

coordenação nenhuma. Pelo menos ela ainda conseguia observar Jane e Tony.

– O que você está achando dos voos internacionais? – Ed perguntou, enquanto rodopiava com Jane pelo salão.

– Estou adorando. É fantástico conhecer esses lugares. Há tanta beleza no mundo, estou muito feliz por ter um trabalho que me permite ver isso.

– Sim, é um trabalho muito excitante, de fato.

– O que você mais gosta nele?

– Acho que a vida noturna. Essas cidades são tão vibrantes e tem tanta gente interessante. Adoro conhecer pessoas de lugares diferentes – disse ele, com um sorriso. – Talvez possamos aproveitar juntos em nossa próxima viagem?

– Sim... Talvez.

Mesmo que Jane concordasse que era uma boa resposta, de alguma forma a ideia de passar a noite sozinha com Edward era muito menos ‘vibrante’.

Ela já havia percebido que Ed gostava de festas, afinal não foi a primeira vez que ele a convidou para uma. Ela nunca gostou muito desse tipo de evento, quer dizer, ela gostava de sair e se divertir tanto quanto qualquer outra garota. Mas ela preferia festas pequenas com amigos, ou sair para jantar. Na verdade, ela preferia eventos onde pudesse conversar com as pessoas e que não houvesse estranhos tentando flertar com ela.

– Mas confesso que não sou muito fã de festas assim – completou.

– Você é mesmo uma mulher para casar, Claire. Soube disso assim que te vi.

Jane torceu o nariz com comentário. O que exatamente caracteriza uma mulher ‘para casar’, afinal?

– Então talvez possamos fazer alguma outra coisa – continuou Edward, galanteador. Mas Jane não prestava mais atenção. Seu foco estava em Jane Adams, que não estava mais conversando com Tony e estava caminhando na direção do Bar.

“Com um pouco de sorte ela ficará por lá mesmo.”

Quando olhou de novo para Ed, notou que ele estava esperando alguma resposta dela.

– Me desculpe, o quê?

– Perguntei se você já esteve em um Jockey Club?

Jane apenas balançou a cabeça negativamente, sua atenção estava mais uma vez na sua xará que estava sendo servida pelo bartender naquele momento.

– Eu costumo assistir as corridas e gosto de apostar. Talvez pudéssemos assistir alguma corrida juntos, o que você acha?

– Hm, vamos ver.

Aquele parecia o convite mais enfadonho que Jane já recebeu. Não gostava desses eventos cheios de gente metida, mas não quis ser mal-educada. Ed era um cara gentil e educado e por certo gostava dela. Jane teve a impressão de que ele estava tentando impressioná-la com dinheiro, mas não era isso que ela queria.

Ela nunca havia se apaixonado, mas sabia exatamente as qualidades que procurava em um homem. Ela queria encontrar um cara que fosse interessante, que compartilhasse dos mesmos gostos que ela e que fosse gentil porque se importa e não porque estava tentando conquistá-la.

Enfim, ela não tinha tempo para devaneios. Tinha coisa mais importante para se preocupar naquele momento. Por exemplo, Jane Adams que estava saindo do bar e caminhando na direção dela.

– Me desculpe, Ed, eu tenho que ir até o toalete – Jane disse, interrompendo a dança e dirigindo-se até o banheiro em velocidade potencialmente suspeita.

“Eu vou matar a Claire por ter me metido nessa situação!” Pensava enquanto desviava dos casais que dançavam alegremente no salão. Tinha decidido que iria se trancar em uma cabine e ficar lá até a hora do tal discurso e depois iria se despedir de seus amigos e ir embora e ninguém iria desconfiar de nada.

Era o plano perfeito.

Antes que o plano perfeito pudesse ser executado, Jane sentiu esbarrar em alguém e quase caiu. O homem com quem ela se chocou a ajudou a se equilibrar no salto.

– Me desculpe – Jane começou a se retratar e, assim que olhou para o rosto do homem, o reconheceu na mesma hora. Era o piloto da antiga tripulação de Claire. Ela se lembrava perfeitamente de seu rosto, porque Claire disse que havia tido um breve caso com ele logo que começou a trabalhar com aquela equipe. Ela congelou.

– Me desculpe também, eu deveria ser mais cuidadoso – o homem se justificou mesmo sabendo não ter culpa. – Você está bem? – Jane apenas concordou com a cabeça. Ele estendeu a mão para cumprimentá-la: – muito prazer, Frank Sinclair.

– Jane Smith – disse, rapidamente, apertando a mão dele. Ela entrou em pânico. Sabia que não podia se apresentar com o nome de uma antiga namorada e colega de tripulação dele.

– Muito prazer, Jane.

Frank ainda apertava a sua mão, quando Jane constatou que aquele não era mesmo o seu dia de sorte: Daisy estava caminhando para perto deles.

“Mas será possível que não vou ter um minuto para respirar?”

Ela não podia arriscar que Daisy a visse e a chamasse de Claire na frente de Frank ou que Frank a chamasse de Jane na frente de Daisy. A cabeça de Jane já estava dando um nó, não sabia mais quem a conhecia por qual nome.

– O prazer é meu, Frank, mas eu preciso ir até o toalete. Com licença – disse, saindo rapidamente.

Jane mudou de ideia sobre o plano perfeito. O banheiro parecia muito claustrofóbico naquele momento. Ela precisava de ar, aquela situação estava acabando com os nervos dela. Pegou uma taça de Champagne da bandeja de um garçom e caminhou até o terraço mais uma vez. Quando chegou lá soltou o ar que nem tinha percebido que estava segurando.

– Jane?

Ela ouviu quase como um sussurro quando alguém a chamou e colocou a mão em suas costas. Jane deu um pulo e seu coração quase saiu pela boca. Virou-se rapidamente para ver quem era.

– CLAIRE! GRAÇAS A DEUS! – Jane abraçou a amiga com força quase derrubando todo o Champagne da taça.

12.

Nova York, 02 de junho de 1952

Claire retribuiu o abraço de Jane e notou que a garota estava a um segundo de ter um ataque de nervos.

– Sua equipe inteira está aqui. Estive fugindo a noite toda. Espera... Por que você está aqui? – perguntou Jane, soltando a amiga do abraço.

– Justamente por esse motivo. Encontrei com Peggy hoje mais cedo, você lembra? Aquela que é fofoqueira e meio galinha – explicou Claire. Jane sabia quem era, afinal ouvia muitas histórias da antiga tripulação de Claire quando as duas moravam juntas e Claire nunca poupou adjetivos sobre os colegas. – E ela me disse que como estavam fazendo escala aqui em Nova York todos eles estariam na festa. Decidi que era melhor vir ao seu resgate, bebê. É claro, queria vir a essa festa, afinal nunca tinha tido oportunidade antes.

– E como você conseguiu entrar? É uma festa para convidados e eu já entrei como Claire Davis.

Não poderia ter duas Claire Davis na festa.

– Jimmy conseguiu convites para sr. e sra. Fitzgerald. – Claire tinha um sorriso meio soberbo, mostrando uma enorme aliança de ouro com uma pedra azul na mão esquerda. – Ninguém precisa saber que não estamos oficialmente casados ainda – disse, com uma piscada.

– Uau! – Jane disse, pegando a mão da amiga e analisando a aliança que deveria custar mais que as despesas anuais dela. – E onde está o Jimmy, falando nisso?

– Ele está lá dentro falando com uns conhecidos. – Claire apontou com a cabeça para a direção do salão. – Sabe como ele é, né? Usa qualquer evento social para fazer negócios. Mas isso não é importante, vamos focar no nosso problema. Me conta o que aconteceu – disse, puxando Jane pela mão para as duas se sentarem.

Jane contou tudo que havia acontecido até ali. Que Jane Adams tinha feito amizade com Anthony e ele estava procurando Claire; que ele queria contar sobre a moça que a havia substituído; e que Jane havia dado de cara com Frank e havia se apresentado como Jane. Claire ouvia tudo com atenção.

– Tony é um futriqueiro mesmo, aposto que só quer falar mal da pobre moça e aproveitar para dar em cima de mim. – Claire revirou os olhos com o pensamento. – Ele sempre teve uma quedinha por mim. E essa tal de Jane Adams, quem é?

Jane virou para a direção em que a havia visto pela última vez e a encontrou conversando com um homem que ela não conhecia, (bom, ela não conhecia quase ninguém).

– Aquela. – Apontou. – A morena de vestido vermelho, conversando com aquele cara ruivo no bar.

Claire analisou a dupla. Ele estava claramente flertando com ela e ela estava claramente dando corda. Conhecia o tipo de Jane Adams, o tipo de mulher que adorava a atenção masculina. Flertava com facilidade e gostava de ser o centro das atenções em eventos como aquele. Não à toa usava um vestido vermelho colado que deixava suas curvas bem à mostra. Mas, ao mesmo tempo, não permitia ser controlada por eles, pelo contrário, sabia bem como manipulá-los. Claire respeitava isso.

O problema era que essa sociabilidade da moça as tinha colocado em uma situação complicada com Tony.

– Acho que a única solução é eu ir falar com Tony – disse Claire, pegando a taça da mão de Jane e dando um gole na bebida. – Falar para ele que a tal Jane havia dito que ele estava me procurando e fingir que estou trabalhando com ela. Enquanto isso, você se certifica que ela fique longe de nós. Depois se os dois voltarem a conversar, ele vai dizer que já falou comigo e seu disfarce continuará seguro.

– Está bem – Jane disse de maneira pouco segura. Tinha ressalvas sobre o plano. Duas ‘Claire’s’ na mesma festa era potencialmente catastrófico, mas ela não tinha nenhuma ideia melhor. Então, não tinha outra escolha senão confiar na amiga.

– E quanto ao Frank? Você acha que ele pode vir falar comigo quando eu estiver com a minha equipe e me chamar de Jane?

– Frank é inofensivo. Acho que ele não vai puxar papo com você. Não é do tipo muito ‘flertador’. Deus sabe que custou para ele me chamar para sair a primeira vez. De qualquer forma evite ele enquanto estiver com algum dos seus colegas.

Com isso, as duas decidiram que Claire iria falar com Tony e Jane iria observar sua xará, mas ficaria dentro do campo de visão de Claire. Em caso de perigo, Jane iria coçar o nariz, para que Claire soubesse que teria que sair imediatamente de perto de Tony.

Elas avistaram Tony perto do palco e, por sorte, ele estava bem longe de Jane Adams, que estava no bar.

Estava na hora de pôr o plano em ação.

Tudo estava ocorrendo como o esperado. Claire e Tony conversavam há uns vinte minutos e Jane Adams não havia feito nem menção de se mover do bar. A conversa com o homem ruivo parecia estar interessante. Já a noite de Jane Smith estava sendo o

oposto total. Nesta altura ela já havia passado do estágio de extrema ansiedade para o de tédio absoluto. Não aguentava mais ver gente se divertindo, enquanto ela estava ali de sentinela. Até a Claire, que havia falado mal de Tony, agora estava lá rindo com ele.

Já que tudo parecia estar sob controle, Jane decidiu ir até o bar pegar outro drink. Se não podia se divertir, iria ao menos beber para passar o tempo.

Bebericou o whisky calmamente antes de voltar para seu posto. Assim que se virou novamente para sua xará e o homem ruivo, percebeu que ele estava sozinho.

Uma onda de pânico correu pelo seu corpo, procurou desesperada pela colega e a avistou caminhando na direção de Tony e Claire que ainda estavam conversando. Por sorte, Jane estava mais próxima dos dois. Virou-se para Claire para fazer o sinal que haviam combinado, mas Claire parecia estar verdadeiramente entretida com a conversa e não notou os gestos desesperados.

Ela não pensou duas vezes e saiu disparada na direção dos dois. Teria que chegar lá antes que o pior acontecesse.

– Boa noite. – Jane se intrometeu na conversa com um sorriso. – Você se importa se eu a roubar por mim minuto? – Pegou a amiga pela cintura para tirá-la de lá o mais rápido possível.

– Tony, essa é Jane, minha melhor amiga. – Claire os apresentou.

Jane sorriu para ele. Com o canto do olho notou que sua xará já os havia visto e estava caminhando até eles.

– Me desculpe, eu preciso muito falar com Claire. Foi um prazer te conhecer Tony – disse, puxando Claire pela cintura para a direção oposta de Jane Adams.

– Aquela era a Claire conversando com você? – Jane Adams perguntou ao Tony assim que se aproximou.

– Era sim. Obrigada por dar o recado.

Jane e Claire foram mais uma vez para o terraço. Jane precisava tomar um ar (e possivelmente mais um drink).

Charlotte também estava no terraço. Estava com os cotovelos apoiados no parapeito e uma taça de champagne na mão. Conversava com um grupo de mulheres. Ela notou quando a colega caminhou para a área externa e sentiu um impulso de ir até ela perguntar se estava tudo bem, afinal ela estava bastante estranha mais cedo. Mas desistiu assim que viu que havia outra pessoa com ela. Uma mulher, muito bonita, diga-se de passagem. Alta e loira, usava um vestido lilás muito elegante de *chiffon* com uma saia longa fluida que lhe dava um ar de princesa de conto de fadas.

Jane não viu Charlotte. Estava muito ocupada tentando fugir e manter a calma para notar qualquer coisa que não fosse uma ameaça iminente.

– Essa foi por pouco. – Claire ria da situação. Estava se sentindo em um filme de espionagem.

– Para de rir, Claire. Eu quase fui descoberta – Jane disse, batendo com a parte de fora da mão no braço da amiga.

– Desculpa, eu estava entretida com as fofocas da companhia. Me distrai. – Encolheu os ombros se retratando.

– Claire, eu juro que você ainda vai acabar me matando com uma dessas suas ideias.

Ela também ria da situação, muito possivelmente de nervoso, mas não podia negar que tinha sido emocionante.

– Eu nunca faria nada para prejudicar você, bebê – disse rindo, colocando o braço sobre o ombro da amiga e dando um beijo na cabeça dela da forma que uma irmã mais velha faria. – Agora vê se você se acalma, senão vamos levantar suspeitas – disse, entregando a própria taça de champagne para Jane, que estava mais uma vez, com o copo vazio.

Jane bebeu de maneira voraz.

– Vai com calma, Jane.

Claire tirou a taça da mão da amiga antes que ela pudesse virar tudo.

Jane sabia que em um dia normal já estaria caindo de bêbada, mas a adrenalina não a deixava perder os sentidos.

– Desculpe, é que eu ainda estou muito nervosa – disse, enxugando o canto da boca.

– Estou percebendo. Vem, senta aqui um pouco. – Sentou-se no banco e puxou Jane pela mão para fazer o mesmo.

Charlotte assistia tudo à distância. As duas pareciam muito próximas. A maneira como a outra mulher abraçou Jane e a forma como ela parecia à vontade perto da estranha, causaram uma sensação desconfortável em Charlie. Outra coisa que a incomodava era como a garota parecia preocupada. A forma como Jane chegou no terraço e a maneira como virou a taça de espumante, deixaram Charlie com uma mistura de preocupação e curiosidade. O que poderia estar deixando-a tão perturbada? Charlie continuou observando as duas por mais alguns minutos e sentiu novamente uma sensação incômoda no estômago quando as duas começaram a rir juntas.

Ela foi tirada de seu transe quando uma das mulheres da roda a fez uma pergunta.

Ela sabia que não deveria estar pensando tanto na colega e que não tinha motivos para sentir aquele desconforto, afinal a conhecia há apenas duas semanas. Resolveu voltar sua atenção para a conversa e tentar não pensar nela.

Mas não conteve alguns olhares furtivos na direção das duas de vez em quando.

Jane e Claire ainda conversavam no terraço, quando Claire notou um homem conhecido e teve uma ideia.

– Jane – disse com entusiasmo, – está vendo aquele homem loiro com um copo de whisky sozinho perto do palco? – Apontou na direção dele. Jane balançou a cabeça de forma afirmativa. – O nome dele é Paul Evans. Ele era piloto de uma tripulação que fazia voos para São Francisco e no fim do ano passado foi transferido para Nova York.

Jane ouvia atenta sem entender aonde Claire queria chegar.

– A questão é que fomos apresentados em uma festa em São Francisco ano passado, mas ele estava bêbado como um gambá. Tão bêbado que foi levado para casa pelos amigos. Acho que a namorada tinha terminado com ele ou coisa assim – contou em um sussurro, como se fosse um segredo.

– Claire, aonde você quer chegar?

– Jane, ele estava tão bêbado que não vai se lembrar da minha cara!

– E?

– E se você for lá falar com ele e contar que o conheceu nessa festa ano passado e se apresentar como Claire Davis, ele vai acreditar em você.

Jane olhou desconfiada para Claire. Achava a ideia arriscada e desnecessária. Claire, por outro lado, parecia convencida de que não teria erro.

– Jane, não vai fazer mal ter mais um funcionário com base em Idlewild achando que você é mesmo Claire Davis e que já te conhecia antes da transferência. Além do mais, ele é um tipão.

– Claire, você tem certeza de que ele estava assim tão bêbado?

– Confia em mim, tenho certeza. Além disso, não existe nada mais fácil que enganar um homem.

Jane pensou um pouco sobre a ideia, certamente não faria mal ir falar com ele e ter pelo menos mais uma pessoa que a conhecesse como Claire.

– Está bem, preciso que você me conte alguns detalhes dessa festa.

Claire contou o que pode lembrar. Ela também não estava muito sóbria naquele dia, mas havia sido uma festa memorável e se lembrava dos pontos mais importantes. Quando se sentiu preparada, Jane foi até onde estava Paul. Claire foi procurar Jimmy, tentando evitar cruzar com conhecidos para não piorar a situação de Jane.

– Paul? – Jane aproximou-se fingindo tê-lo reconhecido. – Lembra de mim, Claire Davis? Nos conhecemos ano passado na festa do Phillip Kruczynski.

– Oi, C-Claire. – Ele a olhava como se tentasse se lembrar. – Me desculpe, mas naquela noite eu estava meio alterado. – Solto uma risada nervosa.

– Não se preocupe. Eu também havia bebido um pouco. – Jane sorria.

Ela contou sobre algumas coisas da festa, algumas ele lembrava e outras não fazia nem ideia. Os dois conversaram por alguns minutos e ele já dizia até se lembrar dela, porque, segundo ele, “seria impossível esquecer esses olhos”. Jane teve que concordar com Claire, é mesmo muito fácil enganar um homem.

Foram interrompidos quando o homem com cara de fuinha subiu ao palco para fazer seu discurso. Ela então se desculpou e saiu para ir atrás de Claire. Jane a encontrou com Jimmy, e os três assistiram ao tedioso discurso juntos. Como era esperado, a amante dele levou o prêmio de funcionária do ano.

Depois de se portar a noite toda como uma louca, Jane resolveu ir atrás dos seus colegas e agir como uma pessoa normal. Agora, com a adrenalina mais baixa, Jane começou a sentir-se tonta por conta de tudo que havia bebido.

– E aí, pessoal – disse Jane ao juntar-se aos colegas. – Vocês sumiram a noite toda.

– Nós? – Daisy deu uma risada. – Você saiu para ir falar com o tal colega e não apareceu mais. O papo devia estar muito bom. – Levantou as sobrancelhas de forma insinuante.

– Ah, sim, Tony adora falar, mas ele é só um amigo. – Jane franziu o cenho com a insinuação. Sentiu-se ofendida por ela e por Claire, afinal as duas conseguiriam coisa melhor. – É que depois encontrei uma amiga.

– E você está melhor? – Charlie perguntou com uma mistura de preocupação e desconfiança. – Você estava estranha quando eu te vi mais cedo.

O sentimento de culpa que sentia em mentir para Charlie voltou com força total. Além disso sentia-se envergonhada por tê-la

deixado plantada no terraço quando ela estava apenas tentando ajudar.

– Hm, estou sim, obrigada – Jane disse de maneira tímida. Queria desculpar-se pela maneira que a havia tratado mais cedo, mas achou melhor não tocar no assunto na frente dos outros colegas.

Jane Adams juntou-se a eles na roda.

– O que aconteceu com o seu encontro? – Jean-Pierre perguntou.

– Argh, estava tudo indo bem até ele começar a falar que estava à procura de uma mulher para ser a mãe dos filhos dele e que eu seria uma ótima mãe. – Jane bufou e o resto da roda soltou uma gargalhada. – Nós acabamos de nos conhecer, que tipo de gente tem essa conversa no primeiro encontro?

– Não se preocupe, Jane, tenho certeza de que está cheio de homens por aí que não veem você como uma boa mãe para os seus filhos – Henry disparou com um sorriso divertido.

– Eu não sei se devo levar isso como um elogio ou uma ofensa, mas obrigada mesmo assim – Jane Adams riu. – Falando em homens – disse, virando-se para Jane Smith, – Anthony está caidinho por você, Claire. O olho dele até brilhava depois de ter conversado com você.

– Ele é só um amigo – disse de forma tímida.

– Eu vou buscar um drink – disparou Charlie, sentindo certa necessidade de mudar de assunto.

– Eu vou com você – ofereceu Jane.

As duas foram em silêncio até o bar, chegando lá Jane pediu um Martini e Charlie pediu um licor.

– Hmm... Charlie? – Jane começou, meio sem jeito. – Me desculpe pelo jeito que te tratei antes. Eu estava um pouco perturbada, achei que tivesse visto uma pessoa que eu realmente não queria encontrar. – Jane tentou explicar da forma mais verdadeira possível sem estragar seu disfarce. – Eu entrei em pânico, não sabia muito bem como agir...

– Está tudo bem, Claire. É sério. – Charlie havia achado estranho o comportamento dela, mas sabia que todos tinham seus segredos e também direito à privacidade. – Você não me deve nenhuma explicação – concluiu, esboçando um sorriso. Jane sorriu de volta para ela.

– Claire! – Claire, a verdadeira, exclamou, aproximando-se de Jane e Charlie. – Estou indo. Jimmy já está lá fora. – Claire abraçou Jane com força. – Que estranho chamar você assim – sussurrou no ouvido dela, enquanto a abraçava. Jane riu e a abraçou também.

A sensação incômoda no fundo do estômago de Charlie apareceu de novo.

– Espera, deixa eu te apresentar – Jane disse, soltando o abraço. – Essa é Charlie, minha comissária chefe. Charlie, essa é Clarice. Eu já te falei dela.

– Ah sim, é um prazer, Clarice – Charlie disse, estendendo a mão com um sorriso pouco sincero.

– Charlie? – Claire olhou a inglesa de cima a baixo. Charlie sentiu-se constrangida com aquela olhada. – Também já ouvi falar muito de você. O prazer é meu – Claire disse, apertando a mão dela com um sorriso incógnito nos lábios.

– Bom... – Jane as interrompeu, – então, boa viagem amanhã. Me liga quando chegar em São Francisco. – Jane recomendou à Claire verdadeira.

– Pode deixar. Ah! Acho que agora a gente só vai se ver em Santa Helena nas bodas do seus pais semana que vem

– Você vai mesmo, não é? Por favor, não me deixe sozinha com Louise e Richard.

– Não se preocupe, bebê, eu prometi que ia. Mas agora eu preciso mesmo ir – Claire deu mais um abraço em Jane. – Tchau, Charlie, foi um prazer – acenou para ela.

– O prazer foi meu – Charlie respondeu por pura educação.

Jane já tinha secado mais um copo e os efeitos do álcool a essa altura começavam a ficar evidentes. Estava com a fala mais cadenciada e mostrando dificuldades de ficar em pé. Detalhes que não passaram despercebidos por Charlie.

– Vocês são mesmo bem próximas, não são? – Charlie perguntou referindo-se à 'Clarice'.

– Ela é mais que uma irmã para mim, nem sei onde eu estaria sem ela – Jane disse com a língua meio enrolada. – Fico feliz que vocês tenham se conhecido, porque eu gosto muito de você também. Hm... Eu sei que acabamos de nos conhecer, mas eu... Não sei, te acho especial, uma pessoa única e eu gosto muito de você. – Jane estava no estágio afetivo e *repetitivo* da bebedeira e, claro, Charlie notou. Nem por isso sentiu-se menos tímida com a declaração.

– Obrigada, Claire. Eu também gosto muito de você, mas eu acho melhor você parar de beber.

– Você acha que eu tô b-bêbada? Bem, eu estou! – disse em tom de constatação. – Mas eu não estou dizendo isso porque estou bêbada. É a mais pura verdade. Eu nunca conheci uma mulher como você, Charlie – disse com um sorriso tão doce que fez o

coração de Charlie pular uma batida. Jane ia dar mais um gole no seu Martini quando percebeu que estava vazio. – Vou tomar a última, eu juro, e depois vou para casa – disse, virando-se para o bartender e pedindo mais um Martini.

– Você quer beber mais? Desse jeito você não vai nem conseguir chegar ao táxi, que dirá em casa! – Charlie estava ficando verdadeiramente preocupada já.

– Só mais essa, eu tive uma noite miserável, preciso beber.

Charlie ficou se perguntando quem seria essa pessoa que Jane não queria encontrar de forma alguma e o que ela teria feito de tão terrível para deixá-la desse jeito. Concluiu que qualquer pessoa decente seria incapaz de magoar uma garota doce e sensível como ela e que por esse motivo esse cara devia ser um patife. Sua atenção se voltou para o copo na mão de Jane, quase vazio de novo.

– É isso, agora chega – disse, pegando a taça da mão dela. – É hora de ir.

13.

Nova York, 03 de junho de 1952

Charlie ajudou Jane até a saída e então pegaram um táxi juntas.

Cinco segundos depois Jane já estava dormindo com a cabeça no ombro de Charlie, que por sua vez ponderava se seria seguro deixar a garota ir desacompanhada até em casa. “Acho que vou levá-la até o Queens”, pensou. Mas então lembrou-se que não sabia onde a loira morava e do jeito que estava provavelmente nem ela. Quando chegaram no Brooklyn ela tomou uma decisão racional.

– Nós vamos descer as duas aqui mesmo – disse, entregando algumas notas para o motorista. – Pode ficar com o troco. Claire, acorde *darling*, nós chegamos.

– Obrigado. A senhorita quer ajuda com a sua amiga?

– Me deixa dormir mais um pouquinho – resmungou Jane.

– Não, acho que dou conta – Charlie respondeu ao taxista. – Obrigada por oferecer. Claire, nós temos que ir, o homem tem que trabalhar – disse, colocando o braço de Jane sobre os seus ombros. – Vem, eu te ajudo a levantar.

Quando finalmente entraram no apartamento, Charlie a levou em direção ao sofá e as duas caíram pesadamente sobre ele, uma cansada e a outra tremendamente bêbada. Charlie ficou ali sentada ao lado de Jane pensando sobre o que fazer, mas não teve muito tempo para pôr qualquer plano em prática. Logo a americana balbuciou algo.

– Você quer vomitar? É sério? – perguntou, mais para si do que para a outra. – Vamos lá então, aguenta aí que vou te levar até o banheiro – falou, na esperança de evitar o inevitável.

Não deu tempo para muita coisa, assim que Charlie a ajudou a levantar, ela ‘lavou’ o luxuoso tapete persa da sala, a barra do vestido, seus próprios pés e se Charlie não tivesse sido rápida o bastante também teria entrado para a lista.

– Parece que vou ter uma noite longa – Charlie suspirou, olhando o estrago.

– Oh meu Deus Cha-Charlie, me desculpe. E-eu... – Jane começou a desculpar-se.

– Não se preocupe com isso agora, *darling* – respondeu Charlie. – Vem, vamos tirar esse vestido, você precisa de um banho urgente.

Jane apenas concordou com a cabeça.

Apesar de saber que havia estragado o tapete de Charlie e perceber que não estava em casa (e ela tinha quase certeza que deveria estar em casa), Jane estava em um estágio de bebedeira que não tinha capacidade de questionar nada. Então apenas obedecia a tudo que Charlie a mandava fazer. E, apesar de bêbada, ela sabia que estava com sorte da morena estar cuidando dela. Charlie a ajudou a tirar o vestido e a tomar banho.

Aquela tarefa estava exigindo muita concentração e força de vontade da parte de Charlie. Era realmente muito difícil resistir à tentação de não olhar para uma mulher tão bonita, mas ela tentava concentrar-se na tarefa de lavar os cabelos de Jane. Ela já estava tendo dificuldades para não pensar na garota dessa forma, não precisava de mais combustível para suas fantasias.

Já os pensamentos de Jane eram bem menos complexos que os de Charlie. Na verdade, ela estava em um estado quase catatônico, em que a única coisa que fazia era sentir a água morna cair sobre sua pele e Charlie a ajudando a tirar a espuma do cabelo. Ela tinha a sensação de que estava em um sonho e que as coisas que aconteciam ao redor dela não eram reais.

Depois do banho, a consciência dela começou a voltar aos poucos. Sentou-se na cama de Charlie, enrolada em uma toalha e com os cabelos molhados, enquanto a morena pegava algo para ela vestir.

– Enquanto você se veste vou buscar um remédio, amanhã você vai se sentir nova em folha.

– Eu já tô melhor, não precisa se preocupar, eu só tenho que dormir.

Charlie não deu ouvidos e saiu para pegar o remédio. Quando retornou, encontrou a loira já vestida e deitada. Ela tomou o remédio contra vontade, mesmo assim agradeceu:

– Eu acabei com a sua noite e ainda assim você está sendo tão gentil. Se você fosse um homem eu acho que me apaixonaria por você – disse, já enrolada nas cobertas, quase dormindo.

Charlie ficou olhando para ela um tanto surpresa. “Eu acho que eu também”, pensou com certa melancolia.

Então, levantou-se e foi até a sala, tirou e enrolou o tapete e deixou num canto para levar para a lavanderia no dia seguinte, limpou a sujeira e finalmente pôde tomar um banho.

Enquanto a água quente caía sobre seus ombros refletia sobre como a relação dela e Jane havia se estabelecido de forma tão intensa e rápida. Charlie pensava que havia passado mais tempo com ela nas duas últimas cidades que viajaram do que com Jane e Daisy em todas as viagens daquele ano.

Ela sabia que estava trilhando um caminho perigoso (principalmente depois do incidente com Sandra) e lembrando do que Jane tinha acabado de lhe dizer, sentiu-se triste. Afinal sabia que a garota provavelmente nunca a enxergaria como a pessoa que

estava procurando. Sacudiu a cabeça como se pudesse se livrar dos pensamentos que insistiam em persegui-la.

Tentando ter um pouco de clareza e racionalidade, ponderou que elas se conheciam a pouquíssimo tempo e que eram amigas. Jane era uma pessoa interessante, ela gostava da sua companhia e era só isso. Ela estava num momento de carência e por esse motivo estava confundindo um pouco as coisas. Só podia ser isso... Tinha que ser isso.

Charlie acordou sentindo uma sensação de conforto que ela não sentia há algum tempo. Era uma sensação de calor e proteção e ela se aconchegou ainda mais a fonte do calor. Seu cobertor estava tão aconchegante e... pesado? De repente, ela abriu os olhos, percebendo que não era seu cobertor. Era Jane! Ela a estava abraçando por trás. Seu corpo se encaixava no de Charlie e suas pernas estavam meio entrelaçadas. Charlie podia sentir a respiração lenta da garota em sua nuca.

O calor agora parecia ter triplicado de intensidade. Ela estava totalmente ciente de cada centímetro de pele nua contra a sua e aquela sensação era terrivelmente deliciosa. Jane era tão quente e macia. Charlie desejou que ela pudesse ficar assim para sempre.

Mas ela sabia que não podia, ela sabia que precisava achar um jeito de sair daquela posição sem acordar Jane. Lentamente tentou tirar o braço da garota de sua cintura, segurou o pulso de Jane e o levantou para que pudesse 'escapar', mas em protesto a garota a abraçou ainda mais forte e se acomodou ainda mais contra ela.

Charlie ficou imóvel por alguns segundos, mal respirava com medo de acordá-la. Aquilo parecia uma doce tortura, ela precisava sair daquela situação o mais rápido possível. Resolveu fazer mais uma tentativa, desta vez conseguiu tirar o braço e sentiu o movimento de Jane tirando a perna do meio das suas e virando-se. Charlie sentiu uma onda de ansiedade ao pensar que a garota

tivesse acordado. Virou-se para encará-la e percebeu que ela ainda dormia de forma plena.

O relógio ainda marcava oito horas e a chuva que batia na janela, deixava o quarto ainda mais escuro e a cama ainda mais aconchegante. Tudo que Charlie queria era abraçar Jane e continuar dormindo. Claro que essa não era uma opção válida, então resolveu se levantar para preparar o café da manhã.

Enquanto pegava em seu guarda-roupas um suéter *argyle*, ouviu Jane balbuciando alguma coisa. Virou-se para ela e topou com dois olhos esmeralda que a fitavam de uma forma intensa e ao mesmo tempo cheios de interrogação.

– Você bebeu demais ontem à noite e eu fiquei preocupada. Não quis te deixar por conta própria e acabei te trazendo para a minha casa – explicou Charlie, sentando-se na beirada da cama de frente para Jane.

A informação pareceu acender uma luz dentro de Jane. Ela começou a lembrar-se dos acontecimentos da festa. Mas são se lembrava de nada depois de ter conversado com o Paul Evans. Jane sentiu a vergonha tomar conta dela, não podia acreditar que havia ficado bêbada a ponto de ter que ser carregada. E por ninguém menos do que a sua própria chefe.

– Ai não, que vergonha, Charlie – disse, enfiando o rosto entre as mãos. – Me lembro vagamente... Me desculpa, eu não acredito que você teve que cuidar de mim. Eu não, é... Desculpa, não sei o que me deu.

– Está tudo bem, Claire. Você não precisa se envergonhar.

– Estou com medo de perguntar, mas hmm, aconteceu mais alguma coisa ontem à noite?

– Oh, não, é claro que não – Charlie começou a se justificar. – Eu jamais-- Espera, do que você está falando?

– Da festa, é claro! Houve alguma situação, assim... Estranha? Quer dizer, algo embaraçoso que eu tenha feito ou dito? – Jane sentia-se imensamente frustrada por toda aquela situação. Charlie corou.

– Ah não *darling*, fique tranquila. Assim que você começou a ficar visivelmente bêbada nós viemos para casa. O único a sofrer danos foi o tapete da sala, mas nada que não possa ser reparado. Não se preocupe com isso.

– Tapete? O que houve com o tape-- Ah não! Não me diga que... – Charlie apenas balançou a cabeça afirmativamente, confirmando o medo de Jane. – Que vergonha, que vergonha! Charlie, me desculpe, eu sou uma imbe--

– Ei, você não é a primeira a passar da conta. – Charlie tentou confortar a garota. – Todo mundo já fez isso pelo menos uma vez na vida.

Jane apenas sorriu para ela. Charlie era uma pessoa muito carinhosa. Ela não sabia como poderia retribuir o fato de ser tão paciente com uma quase estranha.

– Como está sua cabeça, tá sentindo alguma coisa?

– Só me sinto um pouquinho tonta.

– Ótimo, o remédio fez a sua mágica. Depois que você comer alguma coisa não vai sentir mais nada. Por falar nisso, estou faminta, vou preparar umas panquecas. Você gosta?

– Adoro. Você quer ajuda? – perguntou, ávida por retribuir todo o cuidado de Charlie com ela.

– Não precisa, fique aí e descanse mais um pouco. Se quiser pode escolher alguma roupa minha quando se levantar. E por falar

em roupa, o seu vestido teve o mesmo destino trágico que o tapete, vamos ter que deixar na lavanderia mais tarde.

Assim que Charlie saiu, Jane deu um gemido e rolou na cama enterrando a cabeça no travesseiro em frustração (percebeu que ele tinha o cheiro de Charlie, era um cheiro muito bom, pensou). Lembrou-se da noite louca que havia tido e nem acreditou na sua sorte. Faltou muito pouco para ser descoberta. E sabe lá Deus onde estaria agora se Charlie não tivesse cuidado dela.

Charlie estava sendo um anjo e em troca ela estava mentindo descaradamente para ela. De repente, a culpa que sentia a atingiu em cheio. Sabia que mais cedo ou mais tarde teria que contar a verdade e a reação dela não seria nada boa. Afinal, Jane não apenas mentiu sua identidade, ela também assumiu uma posição que não era qualificada, passando na frente de inúmeras mulheres mais capacitadas. E agora, conhecendo Charlie, ela tinha certeza de que a inglesa nunca compactuaria com uma coisa dessas e provavelmente nunca a perdoaria.

Quando Jane aceitou assumir o lugar de Claire, ela não pensou no fator 'envolvimento humano'. Não imaginou que conheceria pessoas tão legais, que um dia teria que simplesmente abandonar.

O cheiro de café e das panquecas a arrancou do pensamento incômodo. Ela decidiu aproveitar o momento e a hospitalidade de Charlie enquanto podia. Espreguiçou-se e decidiu se levantar. Estava frio naquela manhã e Jane sentiu os pelos de seu corpo arrepiarem ao sair da cama quentinha. Notou um cardigan de lã que estava sobre a poltrona e pegou emprestado. Assim como o travesseiro, ele também tinha o cheiro de Charlie.

Jane caminhou pelo quarto observando os detalhes. Era um quarto muito aconchegante. O papel de parede tinha tons terrosos, havia uma penteadeira perto da janela com um espelho em estilo barroco e vários produtos de beleza. E nas paredes se viam alguns

quadros pendurados. Jane perdeu alguns minutos olhando as pinturas.

Além das pinturas havia também vários porta-retratos. Em um deles havia uma menina e um menino de uns quinze anos que ela pensou que deveria ser Charlie e o irmão gêmeo. Os dois pareciam estar em um evento de Igreja ou em alguma feira, eles estavam rindo aparentemente sem perceber que estavam sendo fotografados. Charlie e o irmão eram realmente parecidos e ela parecia feliz naquela foto. Jane sorriu com a imagem.

Sentiu seu estômago roncar e surpreendeu-se ao perceber que estava com fome ao invés de enjoada, como normalmente acontecia quando bebia demais.

Abriu a porta e ouviu a música que vinha da sala. Charlie havia posto um disco do Nat King Cole na vitrola e Jane lembrou que ela havia dito que também era fã dele.

Charlie cantava junto com a música enquanto assava as panquecas. Jane estava adorando vê-la naquele momento tão doméstico. Ela parecia descontraída e relaxada, bem diferente da Charlie séria e compenetrada que Jane via quando estavam trabalhando. Se encostou no batente da porta e ficou ali observando. Quando Charlie se virou, deu de cara com Jane a observando com um sorriso no rosto.

– Oh, Claire, porque você não falou que estava aí – disse, envergonhada.

– E perder a melhor parte da música? Sem chance!

– Pare de se divertir às minhas custas ou vai ficar sem panquecas.

– Eu não estou fazendo nada – disse, levantando as mãos em rendição. – Você tava indo muito bem, eu estava adorando.

– Senta aí, já tá quase pronto – disse, apontando para a mesa.

A mesa estava muito bem arrumada, com algumas geleias, manteiga, iogurte e suco de laranja. Charlie colocou as panquecas e os ovos com bacon na mesa e também se sentou.

– Você fez tudo isso pra mim? – Jane parecia surpresa e encabulada ao mesmo tempo.

– Na verdade, você estar aqui é só um pretexto. Eu adoro cozinhar, mas é muito chato cozinhar apenas para mim – disse, servindo leite na sua xícara. – E não se preocupe, não foi trabalho nenhum. Você quer leite no seu café?

– Não, eu gosto preto, obrigada. E pelo que eu me lembro do piquenique em Londres, você cozinha muito bem – elogiou Jane com uma piscada.

Charlie, que não ficava muito à vontade com elogios, tratou de mudar o tema da conversa.

– Amanheceu chovendo. Acho que vamos ter que suspender nosso passeio – disse, ao lembrar-se que havia combinado de ir ao Central Park.

– Nem lembrava mais disso, mas para ser franca, até prefiro. Hoje não me sinto com disposição para nada.

– Somos duas então. Hoje só quero ficar em casa de pijamas lendo um livro. Ainda bem que nossa escala é só amanhã – Charlie suspirou em alívio.

– Nem me fale – disse Jane, colocando um pedaço de panqueca na boca. – Charlie, minha nossa, essas panquecas estão maravilhosas, você não tem compaixão? Como vou passar na pesagem depois de comer desse jeito?

– Acho que você não tem motivo nenhum para se preocupar com a pesagem – Charlie falou com propriedade, ela tinha bem viva na memória a imagem das medidas perfeitas de Jane. As duas se olharam por alguns segundos e Charlie notou o silêncio que tomou conta da casa.

– Vou virar o disco – disse ao se levantar para ir até a sala.

– Não pense que você vai me ludibriar colocando seus discos para tocar – Jane disparou para Charlie, enquanto ela virava o disco. – Eu não esqueci que você prometeu tocar piano.

– Eu também não esqueci – disse Charlie, retornando da sala. – Vou tocar e mais tarde, quando for levar você em casa, vou finalmente ver suas telas – concluiu, rindo.

– Você vai me levar em casa? Não precisa se dar ao trabalho, eu posso pegar um táxi.

– Isso é porque você não quer me mostrar suas telas?

– Não, é só que eu não quero abusar ainda mais de você, você já fez tanto por mim.

– Imagina, Claire, eu não fiz nada demais, também não espero retribuição nenhuma. Mas se for para você se sentir melhor, eu deixo que você lave a louça!

14.

Nova York, 03 de junho de 1952

Depois do café, as duas deitaram-se preguiçosamente na sala, Jane no sofá e Charlie na poltrona. Charlie não fez menção de levar Jane em casa e Jane, por sua vez, não demonstrou pressa.

Charlie estava contando o que havia acontecido no fim da festa já que Jane parecia não se lembrar de nada, nem mesmo de que Claire – a verdadeira – e Charlie haviam sido apresentadas.

– Fico feliz que vocês tenham se conhecido.

– Você falou a mesma coisa ontem – Charlie a informou com um sorriso. Sentia-se um pouco envergonhada por ter sentido ciúmes das duas.

– Mas é porque é verdade, Cla-Clarice é minha melhor amiga e você é a pessoa que eu fiquei mais próxima na equipe. Fico feliz por vocês terem se conhecido, afinal falo muito de uma para a outra.

– E o Ed? Eu vi vocês dançando ontem, vocês estão...

– Não! – disse de forma enfática, franzindo o cenho. – Ele apenas me convidou para dançar, nada mais. De qualquer forma, ele está muito longe de ser o tipo de cara que eu me interessaria – disse, sem explicar mais. – Eu sei que você e as meninas estão torcendo para que nós fiquemos juntos, mas não vai acontecer.

– Eu não! Daisy e Jane, talvez. Eu acho que vocês dois não têm nada a ver um com o outro.

– E você, Charlie?

– Eu o quê?

– Ora, não se faça de desentendida, você é uma mulher linda, inteligente, interessante. É impossível que não tenha ninguém na sua vida. – Jane mais uma vez elogiava e Charlie mais uma vez ruborizava.

– Você também é tudo isso e também está sozinha. Meu caso não é diferente.

– Mas se você que é bem mais bonita, bem mais interessante e bem mais velha – Jane pausou ao notar o que tinha falado. Ela fez uma careta, franzindo o nariz, coisa que Charlie já havia notado que ela fazia sempre que dava uma bola fora e que era a coisa mais amável que Charlie já havia visto. – N-não quis dizer *bem* mais velha. Hmm, quis dizer que... Bom, você é mais velha! E se você que é uma mulher incrível ainda não achou alguém a essa altura da vida... Argh! Não quis dizer isso! Eu não acho você velha. Só que: se alguém como você está sozinha, que esperança tenho eu?

A essa altura Charlie já estava gargalhando.

– Claire, também não é assim. – Ainda ria da espontaneidade da garota. – Eu estou sozinha hoje, mas já fui noiva, já estive apaixonada e achei que iria ficar com aquela pessoa para o resto da vida. Achei que iríamos nos casar – “bom, morar juntas”. – Mas então eu percebi que seria um erro.

– Por quê? Você não o amava?

– Eu costumava achar que sim, mas descobri que não o suficiente para largar minha carreira quando ele me pediu.

– Entendo. Tem que ter muita certeza mesmo pra largar um trabalho como esse. Eu acho que eu nunca teria coragem de pedir uma coisa dessas para alguém.

– Nem todo mundo pensa assim. Em sua cabeça, se eu o amasse o suficiente eu largaria tudo para ficar com ele. Eu o questionei várias vezes sobre o seu emprego que também exigia

muitas horas de dedicação. Ele é jornalista. E ele dizia que era diferente, afinal ele não viajava o mundo todo sem mim. Então tentei falar que esse era um emprego que eu sabia que não poderia ficar para sempre, que eu sabia que tinha uma data de validade. Que assim que a Northern Star não me achasse mais jovem ou bonita o suficiente eu iria ter que largar. Disse que ele poderia esperar! Ele ficou ofendido com a minha insinuação, disse que eu só iria ficar com ele quando a NS não me quisesse mais e que ele era minha segunda opção. Na época eu fiquei brava com a acusação e por insinuar que eu não o amava o suficiente, mas hoje eu vejo que, na verdade, ele tinha razão. Ele era mesmo minha segunda opção. E no fundo eu não pude perdoá-lo por achar que o seu emprego era mais importante que o meu.

– Bom, a verdade é que os homens sempre pensam que a carreira deles é mais importante e muitos não admitem nem que a esposa tenha uma – disse Jane, ela pensou que o cara deveria ser um bundão.

“De fato. Eu esperaria isso de um homem, não dela.”

– O.k., mas essa conversa tá meio deprimente – disse, levantando-se da poltrona e caminhando até o piano. – Acho que já tá na hora de cumprir minha promessa. Qual sua música preferida do Nat? – Charlie resolveu usar o piano como subterfúgio para fugir de mais perguntas de Jane.

– Ah! – exclamou, batendo as mãos animadamente. – *For Sentimental Reasons*.

– Hum – “só a música mais romântica da história”, pensou Charlie, sentando-se no piano. – É uma música linda mesmo. Eu não sou nenhum Nat King Cole, então não espere muito.

O piano ficava na parede que fazia divisória com o quarto e o sofá ficava na mesma posição no meio da sala. Dessa forma, quando Charlie sentou-se no piano ficou de costas para Jane e, pela

primeira vez, ficou feliz de o apartamento ser tão pequeno e pelo *layout* não favorecer o piano, impedindo que Jane visse seu rosto.

Fazia tempo que não tocava e sentia-se um pouco nervosa, queria agradar a garota e fazer jus a canção. Mas ao mesmo tempo ela não sabia se conseguiria cantar uma música tão romântica na presença da garota sem se meter em uma situação constrangedora.

Jane, que estava deitada no sofá, sentou-se de lado, apoiou os braços sobre o encosto e o queixo sobre as mãos.

Charlie tocou as primeiras notas e, para surpresa de Jane, que só esperava a música no piano, ela começou a cantar junto.

I love you for sentimental reasons

I hope you do believe me

I'll give you my heart

Jane estava totalmente encantada com a afinação e delicadeza com que Charlie cantava. Ela tinha uma voz suave e o timbre combinava perfeitamente com a melodia. Ela tocava com muita destreza, parecia muito à vontade, como se tocar fosse algo natural e fácil para ela.

Charlie, que se sentia um pouco mais confiante, virou a cabeça na direção de Jane e continuou...

I think of you every morning

Dream of you every night

Darling I'm never lonely

Whenever you're in sight

Quando terminou, Charlie sentiu-se levemente constrangida e desviou rapidamente os olhos de Jane.

– Fazia tempo que não tocava essa música, desculpe, desafinei em algumas partes.

Charlie sentia-se nervosa, mas não tinha nada a ver com o fato de ter desafinado.

– Charlie... Isso foi lindo!

– Eu fiz aulas de piano por muitos anos, deu pra aprender umas coisinhas – disse de forma tímida. Ainda se sentia embaraçada com aqueles olhos esmeralda a encarando. – Mas só o suficiente para impressionar os desavisados.

– Tenho certeza de que você está sendo modesta. Se importa de tocar mais uma?

– Claro que não, mas posso escolher dessa vez?

– Sinta-se em casa!

15.

Nova York, 03 de junho de 1952

Depois do almoço, Charlie emprestou uma muda de roupa para Jane e as duas desceram para a garagem com as coisas que iriam deixar na lavanderia.

Charlie tinha um Buick Super 1951 conversível, cor creme e com o interior vermelho, que ela tratava como um membro da família e mantinha-o sempre no mais perfeito estado. Seu carro brilhava mais que uma moeda nova e ela sentia orgulho disso.

– Uau, é seu? – Jane passou a mão pela lataria, impressionada.

– E de quem mais seria? – perguntou, rindo enquanto abria o porta-malas para colocar o tapete enrolado.

– Ele é uma beleza – disse, entrando no carro e reparando no painel e nos detalhes cromados. – Combina com você. Aquelas aulas de direção que você me ofereceu em Londres ainda estão de pé? – perguntou um pouco tímida, não queria abusar da gentileza de Charlie, mas ela que havia oferecido.

– Claro, por que a dúvida? – perguntou dando a partida.

A chuva já havia passado e o cheiro de asfalto molhado misturado com alguns raios tímidos de sol que iluminavam a tarde davam ao dia um aspecto bucólico.

– Porque depois da experiência com a Vespa em Roma eu achei que tivesse deixado você traumatizada. – Jane riu com a memória.

– Eu gosto de adrenalina.

– É, eu já desconfiava – Jane disse, colocando o braço para fora e sentindo o vento gelado entre seus dedos. – Você dirige carro e

moto e, claramente, gosta de voar, senão não seria comissária de bordo.

Charlie ficou em silêncio por alguns minutos, como se estivesse ponderando o que iria falar.

– Vou contar uma coisa para você que nunca contei pra ninguém – disse em tom sério, captando a atenção de Jane.

– Meu sonho de infância, na verdade, era ser pilota de avião. Me lembro tão bem de acompanhar pelo rádio cada passo que Amelia Earhart dava durante a sua volta ao mundo. Tudo que eu queria era ser que nem ela. Eu tinha treze anos na época, fiquei desolada quando o avião dela desapareceu no oceano. Eu não podia acreditar, logo no último voo. – Charlie fez uma pausa, lembrava-se perfeitamente do sentimento de perda ao ouvir a notícia. – Naquele dia senti como se meu sonho tivesse afundado junto com ela. Tive certeza de que era uma loucura e que ninguém nunca me apoiaria nessa decisão e, por isso, nunca segui em frente. Anos mais tarde, quando surgiu a oportunidade de virar comissária percebi que isso seria o mais próximo que chegaria de realizar meu sonho.

Charlie tinha certa melancolia na voz e Jane a encarava com seriedade.

– Provavelmente a maioria das pessoas teriam tentado desencorajar você... Bem, na verdade eles conseguiram, antes mesmo de você falar que esse era o seu sonho ele já foi arrancado de você. Tenho certeza de que você seria tão qualificada ou talvez até mais do que caras como o Ryan e o Edward. Eu não vejo nenhuma inteligência acima da média neles. A única diferença é que eles são homens e desde o momento que nasceram o mundo todo estava aos seus pés. Certamente cresceram ouvindo todas as coisas grandiosas que poderiam ser e fazer, enquanto você, como mulher, cresceu ouvindo que teria que encontrar um bom homem para casar e ser uma boa mãe – concluiu, irritada.

– Tudo bem, Claire, eu amo meu trabalho. – Charlie tentou amenizar, afinal sua vida não tinha sido assim tão frustrante, mas, ainda assim, ela sentiu uma sensação de conforto e compreensão com a reação de Jane. – Sabe, Simone de Beauvoir tem ideias muito interessantes sobre isso, você já leu algum livro dela?

– Na verdade, não, mas eu já ouvi falar dela.

– Tem um livro dela que eu tenho certeza de que você vai gostar. Amanhã eu levo para você ler na viagem – disse, sorrindo.

– E você nunca falou do seu sonho pra ninguém? – Jane não estava disposta a esquecer esse tema tão facilmente. – Achou que iriam rir de você?

– Não sei ao certo. Eu nunca contei nem para Ma--, para o meu noivo. Não sei, achei que ninguém iria compreender, então nunca contei.

– Mas você contou para mim.

– E você me compreendeu.

Quando entraram no apartamento de Jane, a primeira coisa que Charlie reparou foi a grande vitrola que ficava sobre um moderno console de mogno. No interior do móvel era possível ver dezenas de discos dos mais variados gêneros. Na parede do lado havia uma lareira com um aparador de madeira e, sobre o aparador, havia alguns livros e alguns souvenirs de cidades americanas (que Claire havia trazido para Jane). Ao redor da lareira ficavam duas cadeiras vermelhas cujo design moderno combinava com o console da vitrola e um sofá de couro marrom de dois lugares.

– Você ouviu tudo isso? – Charlie perguntou, enquanto passava os dedos pelos discos de Jane. – Que gosto musical mais eclético!

– Eu gosto de música. – Jane deu de ombros. – Eu ouço música em muitos momentos do meu dia. Em geral o repertório varia de acordo com o meu humor – disse, pegando um disco da Ella Fitzgerald. – Além disso, quando pinto sempre coloco música. Isso me inspira. – Fez uma pausa enquanto colocava o disco na vitrola. – Então o que eu escuto normalmente está, de alguma forma, associado ao que estou pintando e vice-versa.

– E atualmente você tem escutado o quê? – Charlie perguntou, sentando-se em uma das cadeiras vermelhas perto da lareira.

– Eu estava ouvindo essa coletânea aqui ontem. – Jane pegou um disco do móvel e entregou para Charlie, sentando-se na outra cadeira, em frente à inglesa. – *As melhores músicas italianas de todos os tempos*, mas acho que poderia se chamar as músicas mais românticas da história. Os italianos são mesmo um povo muito apaixonado – disse, dando uma risada. – Enfim, eu estou pintando a paisagem da sacada do nosso hotel em Roma e, não que eu precise de mais inspiração, mas virou um hábito, sabe.

– Ah sim, os italianos são mesmo, é o que mais gosto neles. São tão hedonistas. Antes de vir para cá, eu sonhava em morar na Itália.

– E por que você acabou aqui?

– Por causa da guerra. Eu e meu irmão viemos morar em Nova York quando tínhamos dezessete anos – explicou Charlie. – A situação estava bem complicada para continuar em Londres, estava tendo bombardeios o tempo todo e não era mais seguro ficar lá. Nossos pais acharam melhor nos mandar para cá para estudar e eles foram passar uns tempos no interior da Inglaterra. Nós ficamos morando com uma tia em segundo grau por parte da nossa mãe, uma senhora de quase setenta anos que era meio surda e muito esquecida. Tadinha, ela passou certo trabalho comigo e com Robert no auge da nossa rebeldia adolescente. – Lembrou rindo das aventuras que teve com o irmão. – Depois da guerra, Rob voltou para Londres e foi trabalhar com seguros. Eu até cogitei voltar junto

com ele na época, mas aí recebi uma proposta para trabalhar na Northern Star e não pensei duas vezes!

– Uma Charlie rebelde? Quem diria. – riu Jane. – E você ainda tem vontade de morar na Itália?

– Um pouco. Às vezes penso sobre morar lá depois que eu me aposentar.

– Eu também adoraria morar na Itália – disse Jane com ar sonhador. – Mas enfim, vamos ao que interessa – falou levantando-se rapidamente da poltrona. – Antes que eu mude de ideia.

Puxou Charlie pela mão e a levou até os quartos.

– Eu transformei esse quarto em ateliê, dessa forma posso deixar minha bagunça toda aí dentro... Hmm, eu ainda não tive tempo de organizar todas as coisas. Mal parei em casa desde que mudei para cá. – Tentava se justificar antes de abrir a porta. – Enfim, não repara na bagunça.

Charlie entrou e notou que havia várias telas espalhadas pelo quarto, a maioria no chão apoiadas umas nas outras. Algumas aparentemente completas e outras não. Tinha duas estantes cheias de tintas, pincéis e outros materiais de pintura, além de livros sobre história da arte e técnicas de pintura. Havia cavaletes fechados apoiados na parede e outros dois cavaletes montados com telas em cima, um pequeno e outro maior. No pequeno tinha uma tela com uma imagem da Golden Gate durante o pôr do sol e o céu tinha tonalidades vermelhas que refletiam no mar. Era uma pintura muito bonita.

O outro cavalete, maior, estava no centro do quarto e, embora estivesse incompleto, Charlie reconheceu a imagem imediatamente. Era a vista que tinham do quarto do hotel em Roma. Jane havia pintado os prédios antigos da cidade com todo o esplendor do nascer do sol. A forma como Jane havia criado aquela luz dava ao

quadro um aspecto de tranquilidade. Charlie queria entrar no quadro e voltar para aquele momento.

– Uau! – disse Charlie, impressionada. Ela já sabia que a garota era talentosa pelos esboços e rascunhos que tinha visto em Roma, mas eram só esboços. – Acho que se você trazer uma cadeira e um café eu consigo me transportar para Roma novamente.

– Ele não está acabado ainda – disse de forma tímida. – E acho que pelo horário seria mais indicado um chá. De qualquer forma, fico feliz que você tenha gostado. A sua opinião significa muito pra mim.

Charlie sorriu para ela, não fazia ideia do porquê sua opinião, completamente leiga, era importante para ela, mas sentiu-se lisonjeada mesmo assim.

– Não sou muito adepta do chá da tarde.

– Mas que tipo de inglesa de araque é você?

– Do tipo que mora há muito tempo na América.

Jane se encostou na estante enquanto Charlie olhava os detalhes da pintura de Roma.

– Você tem muito talento, Claire! Tudo isso sem nunca ter estudado arte. – Charlie agora olhava os outros quadros.

– Também não é assim. Eu nunca estudei formalmente, mas tenho muitos livros de técnicas de pintura e desenho – disse, apontando para os livros na estante em que estava apoiada.

– Ainda assim. É incrível que você tenha aprendido sozinha. – Charlie pegou uma tela na mão para olhar mais de perto. – Eu gostei desse!

– É no Parque Nacional de Yosemite. Pinte quando estive lá no ano passado – Jane explicou enquanto Charlie analisava a pintura.

Nela se via duas crianças correndo perto do lago e dois adultos, que pareciam os pais das crianças, sentados sobre um cobertor em um piquenique. – Eu não costumo pintar pessoas com muita frequência, mas eles tinham alguma coisa... Não sei.

– É muito agradável de olhar. – Charlie voltou sua atenção novamente para as pinturas, olhando outra fileira. – E por que nenhuma delas está assinada?

– Pelo mesmo motivo que nenhuma delas está pendurada na parede – disse Jane. Por dentro estava dando graças a Deus por nunca ter assinado nenhum quadro. – Porque é só um hobby!

– Não é porque é um hobby, que você não possa sentir orgulho deles.

16.

Santa Helena, 14 de junho de 1952

Jane sentiu um conflito de emoções assim que o táxi cruzou o limite da propriedade da família. Sentiu uma sensação boa de estar de volta ao lar, afinal foi naquele lugar que passou os melhores momentos de sua infância, e também a ansiedade de enfrentar sua mãe.

Passaram pelo pequeno lago em que ela e seu primo Ben costumavam pescar – nos dias de calor também dava para nadar ali – e ao se aproximarem da casa branca em estilo fazenda Jane viu o grande carvalho onde ainda existia os restos do que um dia foi a casa da árvore mais sensacional que ela já tinha visto. Ela e Louise, apesar de sempre terem sido muito diferentes, tiveram uma infância maravilhosa naquele lugar e contavam os minutos quando sabiam que iriam passar férias ou um fim de semana em Santa Helena.

– Como você demorou, querida, sua irmã veio de outro estado e chegou mais rápido do que você – disse a senhora de cabelos loiros, presos impecavelmente num coque, assim que viu Jane saindo do táxi. Rose Smith usava um vestido floral e um avental branco por cima. Era perceptível que havia algum grau de parentesco entre as duas mulheres.

“Bom, Louise não viajou duas vezes para a Europa nos últimos dez dias.”

Desde a festa da Northern Star, Jane já havia feito mais duas viagens como comissária de bordo. Uma para Dublin e outra para Bruxelas. Ela ainda não podia crer que aquela era mesmo sua rotina, era inacreditável. Ela nunca achou que pudesse gostar tanto de algum trabalho. Em menos de um mês ela já tinha visto e feito mais coisas do que em toda sua vida.

Além do mais, ela sabia que tinha tido sorte em ter alguém como Charlie que gostava das mesmas coisas que ela. A verdade é que nesta semana e meia que sucedeu a festa da Northern Star ela e Charlie ficaram ainda mais próximas. Nas duas últimas viagens elas quase não viram os outros colegas, estavam muito ocupadas explorando as cidades à sua própria maneira, e se Jane fosse sincera consigo mesma, ela admitiria que ela preferia dessa forma.

Mas naquele momento, tudo o que Jane queria era que sua mãe entendesse que ela estava feliz e o quanto ela amava o novo ofício.

– Eu também tava com saudade, mamãe – ironizou Jane. Ela conhecia a mãe suficientemente bem para saber que nem sempre ela expressava de uma forma carinhosa seus sentimentos. Largou a mala e a abraçou forte. Apesar das implicâncias, Jane sabia que sua mãe a amava e que todos os sermões e repreensões existiam porque ela se preocupava verdadeiramente com o futuro da filha.

– Eu fiz seu bolo preferido, acabei de tirar do forno. Vamos, eu vou fazer um café para nós – disse, pegando a mala de mão para ajudar Jane a levar para dentro. – Você está tão magrinha, não está comendo direito? Seu pai foi até a cidade buscar umas coisas de última hora para a festa e as crianças quiseram ir com ele. Sua irmã e Richard saíram agora mesmo para dar uma volta a pé pela propriedade, então somos só nós duas. Que horas Claire vai chegar? – Rose falava sem parar nem mesmo para respirar.

– No final da tarde, ela me disse – Jane respondeu, colocando a mala no meio da sala.

A decoração da sala não tinha mudado nada. Fazia um ano que ela não voltava para a casa que, apesar de não ser mais só de veraneio, parecia exatamente como era quando Jane era criança, tinha até o mesmo cheiro de... *bolo de laranja!*

– E por que o noivo dela não vem?

– Ele é um homem muito ocupado, já tinha um jogo de golfe marcado para esse sábado com um cliente importante de Chicago – Jane falou, enquanto acompanhava sua mãe até a cozinha. O cheiro do bolo de laranja recém saído do forno estava realmente maravilhoso.

– Ah, que sorte ela teve de achar um homem decente que queira se casar com ela. Aliás, sorte é uma coisa que ela sempre teve, porque juízo que é bom, nenhum. – Rose balançou a cabeça negativamente, servindo uma fatia de bolo à sua filha. – Mas não precisa defender sua amiga, eu sei que apesar disso ela é uma moça muito boa.

– Mamãe, apesar de você achar que sim, ser comissária de bordo não é o mesmo que ser pu--

– JANE! – Rose a repreendeu. – Olha a linguagem! E não foi isso que eu disse.

– Mas é o que você pensa – disse Jane enquanto comia o bolo. – É um trabalho como qualquer outro. Por que os homens podem viajar a trabalho, passar semanas fora de casa e as mulheres não?

– Porque são homens! Não entendo por que você tem tanta dificuldade de aceitar uma coisa tão simples. Quer mais um pedaço de bolo?

– Não obrigada, estou satisfeita. – Na verdade, estava irritada, sua mãe tinha o dom de fazer isso com ela. Por um momento tinha ponderado se deveria contar logo e se livrar da angústia, mas mudou de ideia ao ver que aquela era uma conversa fadada ao desastre.

– E as crianças? Devem estar enormes.

– Estão mesmo. E estão impossíveis, querem ver e fazer tudo ao mesmo tempo. Estão eufóricos. Seu pai já os levou para pescar e tudo, acho que ele está mais animado que os dois juntos.

– Tenho certeza que sim. – Jane sorriu ao pensar no seu pai.

Ele sempre foi daquele jeito, sempre gostou de crianças, sempre fazia todas as vontades delas e sempre pareceu se divertir mais que todo mundo. Graças a ele, Jane e sua irmã tiveram uma infância incrível cheia de diversão e aventuras.

Ela estava feliz que os sobrinhos podiam ter um pouco disso também e, certamente, não seria o boçal do seu cunhado que iria proporcionar esses momentos a eles. O sujeito era todo cheio de não me toques e detestava a vida rural.

– Olha, é a caminhonete do papai.

Jane correu para a varanda para esperar por eles e, assim que seu pai estacionou, Lily e Josh desceram correndo e gritando “tia Jane”, “tia Jane”. Ela se abaixou para abraçar os dois ao mesmo tempo e, assim que eles esbarraram nela, ela se jogou para trás com os dois fingindo que eles a tinham derrubado. Os três caíram na gargalhada.

– Tia Jane, o vovô me deixou dirigir a caminhonete – contou entusiasmado o garoto de seis anos que tinha cabelos loiros e bochechas rosadas.

– Ele não deixou não, você só segurou o volante enquanto ele dirigia, seu boboca – retrucou a irmã mais velha, de sete anos, que era igualmente loira, mas diferente do irmão, tinha a pele mais bronzeada. Na verdade, Lily parecia-se muito com Jane na infância.

– Você tá com inveja porque fui *eu* que dirigi.

Jane, que sabia que a discussão iria longe, tratou de interromper:

– Quem quer brincar de esconde-esconde? Eu tenho um prêmio pra quem achar o melhor esconderijo – disse, entusiasmada. – E o

pior também! – adicionou rapidamente para evitar brigas.

As crianças saíram correndo pelo jardim feito loucas e Jane pode então abraçar seu pai e ajudá-lo a descarregar o carro.

– Eu ouvi dizer que tem alguém se divertindo muito por aqui – Jane falou para o pai, um senhor na casa dos cinquenta anos, mas com muita vitalidade.

– Pois é, mas agora acho que vou deixar a diversão pra você, porque tenho algumas coisas da festa para terminar e sua mãe já ameaçou de não renovar os votos se eu não parar de enrolar e fizer logo.

– Jane! Finalmente você chegou. As crianças não paravam de perguntar por você e vejo que vocês não perderam tempo. Já posso começar a me preocupar com a integridade física dos meus filhos? – perguntou Louise, sorrindo para a irmã.

– Cala a boca, Lou e vem aqui me dá um abraço – Jane disse, abraçando Louise, que não parecia muito feliz.

– Eca, você tá suja de terra – ela tentava se livrar do abraço enquanto a irmã a segurava mais forte de propósito. – Está bem, agora chega – disse, soltando-se da irmã e arrumando o vestido.

– Bom dia, Jane – Richard disse, estendendo a mão para a cunhada.

– Bom dia, Richard.

O resto da manhã passou com Jane e Louise ajudando seus pais com os preparativos para a festa. Os quatro, mais Richard e as crianças almoçaram juntos ao ar livre em uma das mesas que seria usada a noite para a festa. Fazia tempo que Jane não passava algum tempo com sua família e, tirando Richard que passou quase

quarenta minutos falando do tal prêmio que iria receber no próximo mês, ela até estava se divertindo. Ela já estava até começando a pensar que deveria visitar sua família com mais frequência.

À tarde todos eles teriam mais trabalho pela frente, tinham muitas coisas para fazer antes da festa e Jane sugeriu ajudar seu pai com a decoração. Jane arrependeu-se imediatamente, quando Louise começou a criticá-la: “por que você quer fazer só o trabalho dos homens?”, “é por isso que você não arruma um marido”, “nenhum homem quer uma mulher que mais parece um moleque”, “já está na hora de você se casar”. Jane revirou os olhos e teve que se conter para não responder que se fosse para casar com um patife feito o Richard, preferiria morrer solteira. No fim das contas limitou-se a dizer que alguém precisaria ajudar seu pai com esses trabalhos “de homem”, deixando implícito que Richard certamente não iria, já que, segundo ele, tinha que “trabalhar em um discurso”.

No fim todos concordaram que seria melhor que Louise e Jane ficassem encarregadas de coisas diferentes (e bem longe uma da outra). Como as irmãs quase não se viram a tarde toda, o resto do dia passou sem mais trocas de farpas.

Claire chegou por volta das 17:00 e Jane foi recepcioná-la na frente de casa.

– Sua mãe está sorrindo, então imagino que você ainda não tenha contado que a filha dela é uma libertina – Claire disse, sorrindo, vendo Rose pela janela da cozinha. Jane suspirou e foi ajudá-la com as malas.

– Ainda não consegui falar, acho que ela não vai reagir nada bem.

– Vamos contar durante a festa, ela não vai ter coragem de fazer uma cena na frente de todo mundo – Claire disse baixinho, notando que o pai de Jane se aproximava.

– Claire, quanto tempo! – Julian chegou abraçando a garota, diferente de Rose, Julian sempre gostou de Claire.

– Senhor Smith. – Claire retribuiu o abraço. – Parabéns pelas bodas, espero um dia ter um casamento assim como o de vocês.

– Obrigada, Claire e parabéns também, soube do seu noivado. Por falar nisso, cadê o sortudo? Não vem?

– Infelizmente, Jimmy tinha um compromisso com um cliente em Chicago.

Eles levaram as coisas de Claire para dentro. Ela iria ficar no mesmo quarto que Jane, onde havia duas camas de solteiro. Seria como nos velhos tempos quando elas iam dormir uma na casa da outra e passavam a noite conversando.

17.

Santa Helena, 14 de junho de 1952

Por volta das sete horas da noite os convidados começaram a chegar e Jane ficou chocada ao perceber que ela não via a maioria dos seus parentes há anos. Havia tios e primos que ela nem lembrava mais que existiam. Sentiu-se um pouco culpada, porque seus pais e Louise pareciam ter mantido contato com todos eles, que, por sua vez, pareciam conhecer sua irmã e seus pais melhor que Jane.

Ela perdeu as contas de quantas vezes ouviu “meu Deus, como você cresceu, Jane!”, “a última vez que te vi você era uma criança”, “como você ficou bonita”, “você deve estar arrasando corações”, entre outras inúmeras frases que a fizeram sentir-se uma estranha em sua própria família. Por um lado, sentia-se mal por ter se afastado tanto, por outro, ela sabia que havia se afastado porque já se sentia como uma estranha antes.

Mas ela não havia se afastado de todos, ela ainda mantinha contato com seu primo Ben e os filhos do antigo caseiro, Jack e Joane. Quando Jane e, em alguns verões, Claire iam passar as férias, os cinco se tornavam inseparáveis. Vivam juntos para cima e para baixo aprontando por toda a vizinhança.

Os cinco estavam na área externa perto do carvalho que ainda tinha os ‘escombros’ da casa da árvore, bebendo e relembrando os velhos tempos.

– Claire, não posso acreditar que você vai se casar, meu coração está partido!

– Não seja cínico, Benjamin. Você acha que eu não lembro que você namorou comigo e mais três ao mesmo tempo? – Claire ria, ela e Ben tiveram um romance de verão, mas a verdade é que

nenhum dos dois era do tipo que namorava sério, então não tinha como a relação ir para a frente. Os dois continuaram amigos depois, mas Ben sempre gostou de provocar Claire.

– Isso não é verdade – protestou o rapaz moreno. – Bom, talvez, Bethany, mas ela era apaixonada por mim e insistiu muito. Foi uma coisa rápida, eu só tinha olhos para você – concluiu com um sorriso sedutor.

Os cinco conversaram por mais uma hora mais ou menos, mas a cabeça de Jane não estava ali, ela estava tensa, queria contar logo para sua mãe. Aquela ansiedade toda a estava impedindo de se divertir. Claire notou a sua impaciência e as duas se desculparam e foram até a cozinha. Jane precisava de mais um drink para criar coragem.

No caminho, elas passaram pelos pais de Jane que pareciam estar já bem ‘alegres’, dançando e rindo com os amigos e parentes. Jane sentiu uma pontada de culpa por saber que, provavelmente, estragaria a festa para sua mãe, mas achou que era melhor contar de uma vez.

Ao chegarem na cozinha, Jane começou a abrir os armários atrás de alguma bebida mais forte do que o ponche de frutas que havia sobre a mesa.

Ela sabia que sua mãe escondia bebidas na cozinha.

– Jane, acho que está na hora, sua mãe parecia feliz quando passamos por ela – Claire disse, encostada na mesa da cozinha, enquanto acompanhava com os olhos Jane, que despejava whisky em um copo.

– Eu sei, mas estou nervosa – disse, virando o copo.

– Nervosa com o que? – Rose entrou na cozinha bem na hora. Jane e Claire se entreolharam.

– Jane tem algo para contar para a senhora.

Claire olhou para Jane que balançava a cabeça negativamente em desespero. Rose também se virou para Jane para escutá-la e ela engoliu em seco.

– É... – Jane apertava o copo de whisky nas mãos. – Eu larguei o emprego no *diner* que eu trabalhava. – Jane resolveu testar o terreno antes de lançar a bomba.

– É isso? – Rose disse com um sorriso. – Sempre falei para você não desperdiçar seu tempo em um emprego como aquele. – Ela parecia alcoolizada, tinha a fala lenta e os olhos brilhavam um pouco.

– É o que eu sempre falei também. – Claire resolveu ajudar Jane, já que ela parecia sem ação. – Jane tem capacidade para muito mais. Estava me doendo vê-la naquele emprego, por isso convenci ela a procurar outro. – Claire tentava dar a deixa para Jane continuar, mas ela ainda estava travada.

– Oh, Claire, você é uma boa amiga – disse Rose em tom amável. – Apesar de vocês terem aprontado muito na infância, você sempre esteve presente na vida de Jane – disse, colocando uma mão no braço de Claire de forma afetuosa. Ela estava definitivamente alcoolizada, nunca havia falado da garota desse jeito antes. Claire olhou para Jane com dúvida, atrás de alguma explicação para a súbita gentileza de Rose, Jane deu de ombros.

– Obrigada, Rose, fico feliz que você pense assim.

– Estou feliz que você vai se casar, espero que minha Jane seja a próxima! Só queria dizer que eu sempre fui dura, mas sempre gostei de você e até já me acostumei com a sua profissão. Agora me parece até empolgante. – Rose sorriu enquanto pegava o que havia ido buscar antes de encontrar as meninas: uma torta de maçã recém saída do forno.

Jane e Claire trocaram olhares mais uma vez, parecia um sinal divino. Rose nunca tinha falado dessa forma sobre a carreira de Claire. Jane decidiu que era agora ou nunca.

– Que bom, mamãe, porque eu também me tornei comissária de bordo. Faz um mês que estou trabalhando na Northern Star.

A torta de maçã se espatifou no chão.

Nova York, 14 de junho de 1952

Charlotte estava em um bar *alternativo* no Greenwich Village, em Manhattan, com Penny e mais duas amigas, Andrea e Lauren. Elas costumavam se encontrar ali de vez em quando e dessa vez o motivo era para celebrar o casamento de Penny e se despedir da amiga que estava na iminência de mudar-se para Toronto. Elas formavam um grupo improvável, ainda assim ficaram amigas instantaneamente à medida em que foram apresentadas.

Penny era a única que não era lésbica, mas ela e Charlie se tornaram melhores amigas assim que se conheceram na Northern Star. E foi natural para Charlie contar tudo da sua vida para Penny, que era uma pessoa compreensiva e que inspirava confiança.

Apesar de ser de uma cidade pequena da Louisiana, Penelope Benoit tinha pensamentos bem à frente de seu tempo e logo quis conhecer os amigos de Charlie e se ofereceu prontamente para ir com ela aos lugares alternativos da cidade. Ela dizia que lá as pessoas eram de verdade.

Andrea, Charlie conheceu na época da faculdade e logo elas perceberam o elo em comum, desde então sempre estiveram presentes nas vidas uma da outra.

Lauren havia sido namorada de Charlie, se é que dá para chamar de namoro, porque durou menos de dois meses. Depois disso elas concordaram que como casal elas eram um desastre,

mas era inegável que como amigas se davam muito bem e foi o que decidiram manter.

Elas já estavam na quarta rodada e todas já estavam para lá de animadas.

– E você, Charlie, quando pretende encerrar o celibato? – provocou Penny.

Charlie suspirou sabendo o que vinha pela frente, a ladainha que ela já conhecia de cor: “você não vai conhecer ninguém se não sair de casa”, “você não vai ser jovem para sempre”, “tem que aproveitar a vida”, “você só pensa em trabalho”, “eu tenho uma amiga para te apresentar”. *Não!* Ela não estava a fim daquela conversa, então falou a primeira coisa que passou pela sua cabeça.

– Na verdade, eu conheci alguém. Então não precisam mais se preocupar comigo.

– O quê?

– Como assim?!

– Quando? Eu falei com você semana passada e você não disse nada!

– Quem é ela? Onde vocês se conheceram?

– Ela frequenta as nossas rodas? – Andrea perguntou, completando o bombardeio de perguntas.

Charlie arrependeu-se instantaneamente, mas agora que havia começado tinha que ir até o final.

– Não, não, ela também trabalha na NS, acabamos de nos conhecer e--

– Oh meu Deus! – interrompeu Penny. – A nova comissária! Eu sabia! Eu sabia! Você a elogiou demais e de uma forma bem

incomum, eu logo desconfiei.

– Desconfiou de que, Penelope? Quando falei dela para você eu mal a conhecia.

– Mas você já estava interessada, Charlie, eu te conheço. E eu até peguei no seu pé, falei para você se apressar antes que o Ed tomasse a dianteira. Eu só não sabia que ela era gay.

– Não, ela não é! Quer dizer, não era...

– Então vocês estão namorando? – Andrea perguntou.

– Gente, eu acabei de a conhecer, parem de querer classificar as coisas. – Charlie sentia-se como um inseto preso em uma teia que, ao tentar sair, acabava se enrolando cada vez mais.

– Hm, e ela é comissária, então? Feia certamente ela não deve ser – disse Lauren.

– Não mesmo! Ela é linda e engraçada e inteligente. E interessante também, ela é pintora nas horas vagas – Charlie falava com um ar de encantamento que não passou despercebido por nenhuma das amigas. A bebida a tinha deixado um pouco eloquente e relaxada e fez com que ela expressasse em palavras as coisas que ela vinha tentando sufocar dentro dela há semanas. – A gente se deu incrivelmente bem desde o primeiro minuto e fazia anos que eu não me sentia tão bem na companhia de outra pessoa. – De repente Charlie se deu conta do que estava falando. Ela já não sabia mais o que era verdade e o que era mentira.

Resolveu que já era hora de parar de beber e, principalmente, *de falar*.

– Minha nossa, você tá de quatro por essa moça – disse Penny, agora com ar preocupado. – É melhor você ir devagar Charlie.

– Mais devagar que tô indo é impossível, acredite.

– Bem, eu acredito – falou Lauren, fazendo referência a falta de iniciativa de Charlie, lembrando da própria experiência. As quatro caíram na gargalhada.

– E com Maggie então? Se não fosse minha interferência ‘editando’ os recados que Charlie mandava, elas nunca teriam namorado – disse Penny, que era prima da ex-namorada de Charlie e as havia apresentado. – Está bem, esquece o que eu falei sobre ir devagar.

– Escutem bem, eu vou até o banheiro e quando eu voltar espero não ser mais o tópico da conversa.

– Eu vou com você – Penny falou, levantando-se. – Charlie, agora você me pegou de surpresa, você tem certeza do que está fazendo? Vocês trabalham juntas... – Penny disse de maneira reticente, mas Charlie sabia exatamente o que ela queria dizer: *“E se ela for igual a Sandra?”*

– Relaxa, Penny, se não der certo não deu. Vai ser igual com Lauren e Maggie, não precisa se preocupar – disse Charlie com um sorriso. Mas por dentro ela também tinha esse medo.

– Desculpa se tô invadindo a sua privacidade, é que nada disso é muito característico da Charlie que eu conheço, mas enfim, estou feliz por você – falou, puxando a amiga para um abraço. – Convide ela para o casamento, ela vai ser muito mais que bem-vinda.

Charlie engoliu em seco e se limitou a balançar a cabeça afirmativamente, depois teria que inventar uma história do porquê a garota não poderia ir.

Naquela mesma noite, quando já estava pronta para cair desmaiada em sua cama, depois de ter bebido mais do que aguentava e falado mais do que deveria, o telefone tocou. Ela a princípio pensou em ignorar, mas depois ficou preocupada, afinal já

passava da meia noite e ninguém ligaria àquela hora se não fosse importante.

– Alô?

– Hmm... Charlie?

Charlie reconheceu a voz suave de Jane imediatamente.

– Claire? Aconteceu alguma coisa? Onde você está?

– Eu tô em Santa Helena, tá tudo bem... Desculpa se te assustei, já deve estar tarde aí. É melhor eu te ligar amanhã.

– Não, não, tá tudo bem. Só fiquei preocupada, o que aconteceu? Quer conversar?

– O que eu queria mesmo era estar em algum voo para alguma parte bem remota do mundo, em vez de estar aqui com a minha família!

– Hoje não era o dia da festa? Não deveria estar todo mundo feliz?

– Deveria, se não existisse a filha puta para estragar tudo!

Depois de uma pausa Charlie perguntou com certo cuidado:

– Você tem uma irmã que, hum...?

– Oh não, não! A puta sou eu mesma. Para minha mãe ser comissária é o mesmo que ser puta. Eu contei para ela e ela surtou na frente de toda família! Toda mesmo, porque ela começou a gritar na cozinha e todo mundo veio ver o que estava acontecendo.

– Como assim, Claire? Ela não sabia? – Charlie perguntou em tom de surpresa e Jane bateu na própria testa, lembrando que além de puta era também mentirosa.

– Ah, sim. Sabia, claro – tentou corrigir. – É que eu contei que estava fazendo voos internacionais e ela teve uma recaída. Eu achei que ela tivesse superado e entendido, mas descobri da pior forma que não! Ela não me entende nem um pouco, para ela a única forma de eu ser feliz é me casando e tendo uma porção de filhos. Todo o resto não importa! É tão frustrante que eu não consiga nem conversar com ela. E hoje ela usou o fato de ser as bodas deles para fazer eu me sentir a pior filha do mundo. Falou com todas as letras que eu estava jogando o bom nome da família no lixo. Que era egoísta da minha parte não pensar nisso, que nenhum homem decente aceitaria se casar comigo, porque no fundo todo mundo pensa a mesma coisa sobre essas moças, ainda que de luxo, são todas putas! Tudo isso na frente da família toda, inclusive meus sobrinhos de seis e sete anos.

Jane estava furiosa. Soltou uma bufada e continuou:

– Bom, tenho certeza de que a mãe deles pensa o mesmo, mas eles não precisam ouvir essas coisas e ter esses preconceitos... ELES NEM SABEM O QUE PUTA SIGNIFICA!

Charlie nunca havia a visto assim, já havia até perdido as contas de quantas vezes ela já tinha falado ‘puta’. Jane continuou:

– Mas aí depois dessas palavras de efeito ela começou a dizer que estava passando mal e pedir ajuda, para que eu não pudesse nem ao menos me defender.

– Oh, Claire, isso foi horrível! Mas não entendo por que você puxou esse assunto justamente no meio da festa?

– Bom, nós achamos que seria uma boa ideia, que durante a festa ela não iria ter coragem de fazer um escândalo. – Revirou os olhos. – Parece que estávamos erradas.

– Nós?

– Claire... eu e eu, ela também veio para as bodas.

– Um plano meio arriscado, mas agora está feito. E seu pai, o que ele diz?

– É complicado, porque ao mesmo tempo que eu sei que ele não pensa como ela, ele não ousa contrariá-la. E ao mesmo tempo que ele me adora e sempre esteve do meu lado, ele também é um homem bastante conservador. Me sinto zangada por ele não ter me defendido, mas também tenho medo de estar o decepcionando.

– Eu acho que ele só estava em uma posição delicada.

– Amanhã vou arrumar minhas coisas e dar o fora daqui bem cedo!

– Talvez seja melhor você dormir um pouco primeiro, amanhã com mais calma você conversa com o seu pai. Você não fez nada de errado para sair fugida de madrugada.

– Claire disse a mesma coisa...

– Quem?

– Clarice!

– Ah! Que bom que ela está aí com você.

– Sim, eu pedi que ela viesse, mas agora me sinto mal de tê-la trazido, porque sobrou alfinetada até para ela... E nem foi da própria mãe! Mas eu sei que ela teria vindo de qualquer jeito, ela é uma amiga maravilhosa. – Depois de uma pausa Jane continuou. – E você também! Obrigada por me ouvir.

– Você pode ligar quando quiser, não precisa me agradecer.

– Eu queria que minha mãe conhecesse você, duvido que ela iria pensar que você é uma... Enfim, tenho certeza de que ela diria que você é uma ‘moça muito distinta’ mesmo sendo comissária de bordo. Minha mãe tem um fraco por mulheres elegantes.

“Bem que a filha dela poderia ter também!”

– Quer dizer que você me acha elegante? – disse em um tom de quase flerte.

– Claro que acho – Jane disse com um sorriso, embora Charlie não pudesse ver. – Eu já te falei isso muitas vezes.

Charlie sorriu, mas sentiu-se ficar um pouco mais sóbria com o tom inocente de Jane. Ela resolveu se conter antes que falasse algo que pudesse se arrepender.

– Bem, se você quiser eu posso tentar conversar com a sua mãe e tentar fazê-la ver que está equivocada--

– Não! Imagina! Eu jamais te pediria uma coisa dessas. – Jane se sobressaltou ao lembrar que essa era uma coisa que jamais poderia acontecer.

– Claire, *darling*, eu faria qualquer coisa por você, esteja certa disso.

Charlie ficou tímida ao se dar conta do significado daquelas palavras, mas para a sua sorte a garota não podia ver suas bochechas coradas pelo telefone.

– É por isso que eu sabia que precisava ligar para você, você sempre diz a coisa certa. Senti sua falta.

– Eu também – disse timidamente ainda mais corada.

– Foi ótimo falar com você, agora preciso desligar, Clarice quer ligar para o noivo dela. Boa noite, Charlie!

– Boa noite, Claire.

Claire havia entrado na sala justamente na hora em que Jane dizia que sentia falta de Charlie e achou aquela conversa toda muito

estranha. Na verdade, o fato de Jane estar ligando para Charlie naquela hora da noite já era estranho por si só. O jeito como ela falava da moça, as coisas que ela contou sobre as viagens, o fato das duas terem se tornado inseparáveis tão rapidamente, tudo era estranho. Jane agia como se estivesse... *apaixonada*?! Seria possível? Se fosse, Jane certamente nem suspeitava disso. Já Charlie, Claire acreditada que sabia muito bem o que estava acontecendo. O que Claire não fazia ideia, era o que pensar sobre aquilo.

Depois de falar com Jimmy, Claire voltou para o quarto delas. Jane ainda estava acordada e ela resolveu sondar a amiga sobre o telefonema estranho.

– Estava falando com Charlie?

– Estava. Ela pensa o mesmo que você, que eu deveria pelo menos conversar com papai antes de ir embora.

– E então?

– Então é o que eu vou fazer. Vou conversar com ele e depois partimos, tudo bem?

– Se a Miss Perfeição aconselhou...

– Oh meu Deus, Claire, essa implicância toda com ela é ciúmes?

– Ah, não é mesmo. Tenho certeza de que meu posto de melhor amiga não está ameaçado.

– Não sei o porquê da ironia, mas é bom mesmo que você tenha certeza. Minha amizade com a Charlie é completamente diferente da nossa.

– Ah é? Como assim? – Claire aproveitou a brecha para investigar.

– Não sei explicar. Mas é diferente, está mais associada a afinidades, as coisas em comum de que gostamos... É estranho porque, bom, eu nunca tinha conhecido ninguém assim antes.

– Entendo...

Naquela noite Charlie não pregou o olho. Ela sabia que estava encrencada. Havia perdido completamente o controle da situação e de seus sentimentos.

Tinha agido como uma idiota ao inventar uma mentira que não poderia sustentar para as amigas e nem sabia por que tinha feito aquilo. Bom, na verdade sabia: por que ela queria que fosse verdade.

Quando Charlie estava com Jane nada mais importava e quando estava longe, só pensava nela. Charlie sentia-se como se estivesse ficando louca. E esse sentimento, em um período tão curto de tempo, estava a deixando assustada. Afinal ela já tinha experienciado uma história parecida, que não tinha tido um final muito feliz.

Se perguntava se Jane teria o mesmo tipo de reação de Sandra se soubesse. Ou se ela já desconfiava de algo.

“Não, provavelmente não, senão não teria ligado de madrugada.”

“... Ou teria?”

Soltou um suspiro de frustração. Não sabia mais o que pensar, estava muito confusa. Mas uma coisa era certa, Charlie havia se envolvido demais e estava se enrolando cada vez mais nessa teia de sentimentos. Ela sabia que precisava se afastar um pouco de Jane, levar as coisas de maneira menos intensa antes que não pudesse mais esconder seus sentimentos. Ela decidiu, então, que

trataria Jane da mesma forma que tratava os outros colegas: de forma amigável, porém profissional.

Santa Helena, 15 de junho de 1952

No dia seguinte à festa, Jane acordou cedo e caminhou em direção ao celeiro vermelho.

– Jane! Que bom que você veio filha. Tive medo de que você fosse embora sem se despedir e eu nem a culparia por isso.

– Eu tive vontade, papai, mas fiquei pelo senhor – falou com os olhos já marejados. – Precisava saber, o senhor também está decepcionado comigo?

– É claro que não minha filha! Me desculpe se não a defendi ontem, mas sua mãe estava muito alterada, não adiantaria falar nada. Vou conversar com ela hoje.

– Você não acha que eu seja uma... Hum... – Jane não sabia como repetir a acusação de sua mãe.

– Claro que não, Janie – Julian a interrompeu rapidamente. Ao contrário de sua esposa, ele não acreditava que o único destino de uma mulher deveria ser o casamento e jamais insistiria que sua filha fizesse qualquer coisa que não fosse da vontade dela.

– Eu não pretendia magoar a mamãe e estragar a festa, só queria contar para ela sobre meu emprego e como eu estou feliz. – Jane estava com os olhos cheios de lágrimas, sentia-se como uma criança desamparada.

– Você não estragou nada, criança. – Julian caminhou até ela e a abraçou. – Se alguém estragou a festa foi ela própria. Mas acredite, no fundo ela só quer o melhor para você, ela só não consegue enxergar que o melhor para você não é o mesmo que é melhor para ela e para Louise. De um tempo para ela, tenho certeza de que ela

vai entender. – Ele beijou a testa de Jane, que o abraçava forte também.

– Obrigada, papai!

18.

Aeroporto Idlewild, 23 de junho de 1952

– Por Deus, que voo mais desagradável esse. Teve turbulência do começo ao fim, em uma delas o carrinho de serviço correu e me acertou bem no quadril – Jane Adams disse, passando a mão sobre o hematoma. – Esses voos para Zurique são sempre terríveis, só tem banqueiros velhos e entediados viajando.

– Confesso que esperava um pouco mais da Suíça, apesar de Zurique ser uma cidade muito bonita, também achei meio tediosa – Jane Smith concordou com a xará.

As duas Janes, Daisy e Charlie caminhavam juntas até a saída do Aeroporto Idlewild em Nova York. Apesar de tediosa a viagem para Zurique havia sido bem rápida, a tripulação ficou menos de quinze horas no país. A próxima viagem seria em três dias.

– Não fique com má vontade com a Suíça, o problema é apenas Zurique, eu também nunca gostei da cidade. – Foi a vez de Charlie comentar.

– Se nem você e nem a Claire gostaram é porque a cidade é muito chata mesmo – Daisy disse, provocando risos de Jane Adams.

– Ei, o que você quer dizer com isso? Nós não somos chatas – Charlie disse em tom defensivo.

– Claro que não, docinho – Jane Adams respondeu em tom chistoso. – Só gostam de coisas chatas, mas nós amamos vocês.

– Não gostamos de coisas chatas – tentou justificar Jane. – Museus não são chatos, são cheios de história e arte-- tá já entendi – concluiu ao ver a cara de Daisy e Jane de que aquilo era mesmo a

coisa mais chata do mundo. – Eu só espero que a próxima seja mais excitante, afinal é o meu aniversário.

– É o seu aniversário? Quando? Por que você não falou nada? – Charlie sabatinou Jane.

– Eu acabei de falar – disse, rindo. – No dia 27. Espero ir para um destino bem exótico – disse animada.

– Ora, ora, ora, temos que planejar uma celebração – Jane Adams interveio antes que Charlie pudesse falar qualquer coisa. – Pode deixar comigo, Claire, você vai ter um festão.

– Não, não precisa nada – disse timidamente.

– Não seja boba, é tradição. Sempre comemoramos os aniversários da tripulação em grande estilo!

– Não se preocupe Claire, Jane adora planejar essas ocasiões – disse Daisy.

– Está bem, então – disse sentindo-se contagiada pela empolgação das colegas. Elas chegaram à saída do Aeroporto. – Ah, eu estou com fome, alguém me acompanha no almoço?

– Oh, Claire, eu sei que é quase seu aniversário, mas eu vou ter que passar essa oferta, eu só quero ir para minha casa dormir e me recuperar do atentado que eu sofri com o carrinho de bebidas – Jane Adams respondeu. – Além disso, agora são onze horas, meio cedo para o almoço você não acha?

Jane deu de ombros, ela estava com fome, que importava o horário?

– Desculpa, Claire, prometi almoçar com o Henry – Daisy explicou em tom de desculpas.

– Charlie? – Jane perguntou com esperança no olhar.

– Claro – Charlie disse com um sorriso. Ela também não estava com fome ainda e ainda estava evitando passar muito tempo a sós com a garota, mas Jane tinha uma cara de súplica que parecia impossível para Charlie negar qualquer coisa a ela.

Elas foram a um restaurante em estilo *diner* especializado e escolheram uma mesa perto da janela. Jane pediu *waffles* com ovos, bacon, torradas e frutas vermelhas. E Charlie, que não estava com fome, pediu uma salada com ovos *pochê*.

– Fazia tempo que não fazíamos algo sozinhas, não é? – Jane tentou trazer o assunto de maneira despretensiosa, mas no fundo ela estava preocupada que Charlie pudesse estar brava com ela por algum motivo.

Charlie estava tentando levar a sério a promessa que havia feito para si mesma. Ela sabia que precisava de espaço para tentar tirar Jane da cabeça, para afastar esses sentimentos. Nas últimas viagens ela evitou passar tempo sozinha com a garota, sempre que possível saía com Jane Adams e Daisy e evitava passar tempo ocioso no hotel para não correr o risco de ficar sozinha com ela. Porém nada disso estava resolvendo. Esse tempo evitando Jane só deixou Charlie com mais vontade de ficar perto dela.

– Pois é, hmm--

– Você está brava comigo? É porque eu te liguei de madrugada? Charlie, me desculpe, não quis ser invasiva. Prometo que não vou mais cruzar nenhum limite! Você não precisa se preocupar... É só que eu... Eu sinto falta de passar tempo com você. Claro que eu adoro a Jane e a Daisy, elas são ótimas, m-mas eu sinto falta das coisas que nós fazíamos juntas – Jane tagarelava nervosamente.

– Ei, ei, ei, Claire, calma! Você acha que eu estou brava com você? – Charlie perguntou surpresa e um pouco envergonhada. Jane apenas concordou com a cabeça timidamente. – Oh, *darling*...

– Charlie botou sua mão sobre a de Jane na mesa. – E por que eu estaria brava com você?

– Porque eu liguei para você de madrugada para falar dos meus problemas...? – falou, encolhendo os ombros timidamente.

– Claire, você pode me ligar a hora que quiser e para falar sobre o que você quiser – disse com um meio sorriso. Um sentimento de remorso acertou seu peito em cheio. – Me desculpe se você pensou que a culpa era sua. Eu estava distante mesmo, mas não tem nada a ver com você – *“bom, tem, mas não é culpa sua”*. – Eu que estava com um problema e não estava sabendo direito como lidar e por isso estava meio distante, me desculpe se você pensou que eu estava brava.

Ela começou a acariciar a mão de Jane que ainda estava sob a sua. Sentia-se patética por ter feito Jane achar que ela estava brava, quando na verdade só estava sendo covarde.

– Tudo bem aqui com vocês, queridas? Gostariam de mais alguma coisa? – A garçonete veio checar a mesa e seus olhos caíram sobre as mãos das duas. Charlie rapidamente tirou sua mão, Jane pareceu não perceber o significado que aquela cena passava para quem olhava de fora.

– Tudo ótimo, muito obrigada.

– Charlie, por que você não falou que estava com problemas? Você pode confiar em mim!

– Oh... – Charlie não sabia o que falar. Não podia falar a verdade e também não queria deixar parecer que ela não confiava na garota. – É que eram problemas pessoais do meu irmão, eu, é... Eu achei que não seria adequado comentar sobre sem a permissão dele! – Charlie se estapeou por dentro, estava se enrolando em mais uma mentira. Odiava mentir para Jane, mas não tinha mais o que fazer.

– Ah, eu entendo – disse a americana, se sentindo constrangida por ter presumido que o problema era com ela mesma. – E espero realmente que seu irmão resolva a situação. E se você ou o seu irmão, precisarem de alguma coisa, podem contar comigo.

Charlie forçou um sorriso.

– Mas vamos falar de você, você falou com seus pais depois do casamento?

– Ah... – a expressão de Jane mudou novamente. – Eu liguei umas duas vezes para eles e falei com o meu pai, quando pedi pela minha mãe ele disse que ela não estava, mas eu tenho certeza de que eu a ouvi gritando com a Josefina, nossa gata, na última ligação.

– Talvez seja melhor você dar espaço a ela, tenho certeza de que ela vai superar, afinal ela aceitava quando você fazia os voos domésticos, não é mesmo?

– Hm, é. Mais ou menos. Mas eu não quero falar dela – disse com uma expressão tristonha.

Charlie não queria vê-la triste então tentou animá-la.

– Então vamos falar do seu aniversário! O que você quer fazer no dia?

As duas passaram mais uma hora conversando. Charlie tinha que admitir que a ideia de se afastar de Jane havia sido muito estúpida. Ela sentia falta de sua amizade, e ficou evidente que Jane também. Decidiu que ia guardar seus sentimentos para si e não mais descontá-los na garota.

19.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 1952

Três dias depois elas estavam se preparando para aterrissar no Rio de Janeiro e pela janela do avião Jane conseguia ver o Cristo Redentor abençoando a cidade. Era sem dúvida uma vista maravilhosa da cidade maravilhosa.

A tripulação se hospedou em Copacabana em um hotel que tinha uma vista espetacular do canto sul da praia, com o mar e a imensa faixa de areia branca à frente e o Forte de Copacabana ao lado. Da sacada do quarto Jane via algumas pessoas na praia, moças tomando sol, crianças brincando na água e alguns rapazes jogando futebol. Apesar de ser o começo do inverno no Brasil, fazia mais calor do que em Nova York e elas não perderam tempo em se juntar aos banhistas. Afinal, aquele era um dia perfeito para aproveitar a praia.

Passaram boa parte da tarde pegando sol, tomando água de coco direto da fruta e apreciando aquele imenso mar verde.

Assim que voltaram para o hotel, já no fim da tarde, Jane Adams e Daisy entraram eufóricas no quarto delas.

– Espero que vocês tenham descansado bastante porque essa noite promete ser a mais incrível de todos os tempos! Já arranjamos tudo com o pessoal do hotel, eles nos indicaram o melhor bar do Rio para quem quer conhecer a cultura local. Não é muito frequentado por turistas, mas eles disseram que se é diversão que a gente quer, então precisamos conhecer a noite da Lapa.

– Usem sapatos confortáveis porque vamos aprender a Sambar!

Jane e Charlie se entreolharam sem saber ao certo do que as duas estavam falando, mas ficaram imediatamente animadas com a

perspectiva, tudo soava muito divertido.

– Na verdade, não descansamos nada, fomos para a praia, mas não se preocupem, da minha parte estou com disposição de sobra. Não sei quanto à Charlie...

– Eu também! Além do mais, hoje é dia de celebrar.

– Ótimo! Vamos sair às 20:00, não se atrasem – Daisy disse animada enquanto puxava Jane Adams para a porta. – Preciso escolher um vestido, vamos Jane.

A noite carioca era bem diferente do que Jane imaginava, na verdade não se parecia com nada do que ela já tinha visto. O bar que eles estavam ficava de frente para um enorme aqueduto inativo que agora parecia servir de viaduto para a travessia de um bonde. Era uma construção gigantesca que de alguma forma combinava perfeitamente com a arquitetura da cidade.

Na avenida que cortava o aqueduto – popularmente conhecido como Arcos da Lapa – havia muitos bares e todos com mesas ao ar livre. Apesar de ser inverno, fazia calor na cidade e as pessoas aproveitavam a noite carioca sob as estrelas. Tanto os clientes, quanto os músicos ficavam na calçada em frente aos bares e dançavam ali mesmo.

O ritmo vibrante do samba preenchia a noite e a música parecia entrar dentro de Jane. Era impossível ficar parada, ainda mais com todas aquelas pessoas dançando ao redor. Ela teve certeza naquele momento, que não poderia ter um jeito melhor de celebrar um aniversário.

Jane usava um vestido verde claro que ia até a altura dos joelhos e deixava os ombros e parte das costas à mostra. Já Charlie usava um branco, mais fluido, mas que também deixava aparente

as muitas sardas nos ombros e colo. Elas estavam especialmente bonitas naquela noite, talvez fosse a atmosfera festiva do Rio.

Um dos rapazes do hotel havia se oferecido para acompanhar o grupo e servir de tradutor. Logo de cara ele sugeriu que todos provassem o drink preferido dos cariocas, a caipirinha. Depois de algumas rodadas a tripulação estava bem mais à vontade e Jane já se sentia contagiada pelo ritmo batucado do samba.

– Eu acho que essa caipirinha deve ser forte mesmo, porque eu já estou louca pra aprender a sambar – Jane comentou, pensando que deveria estar bêbada para querer fazer algo assim em público.

– Que bom, porque eu também já estou, você vem comigo? – Daisy perguntou já se levantando e puxando Jane pelo braço.

A loira se levantou para acompanhar a colega, mas antes virou-se para Charlie, para saber se ela também iria. A inglesa fez sinal que iria mais tarde.

– Esta bem, mas então pede um drink de coco igual esse seu para mim? Daisy espera por mim – falou, virando-se para a mulher que já estava no meio da roda de samba, mas não sem antes entornar o resto da caipirinha que estava em seu copo. Jane fechou os olhos com a sensação de ardência e correu para alcançar Daisy.

– Esse povo sabe mesmo como se divertir, você não acha?

Jane concordou com a cabeça sorrindo enquanto observava ao redor. Era mesmo muito diferente do que o grupo de estrangeiros estava habituado e eles estavam em êxtase com o ritmo melodioso e com a liberdade e a alegria das pessoas. Ali todos eram iguais e ninguém julgava ninguém, era uma grande celebração onde todos estavam genuinamente felizes. Parecia que aquela música tinha um poder mágico.

Jane estava muito à vontade, de um jeito que Charlie nunca havia visto antes, e a maneira como segurava a barra do vestido até a altura das coxas era desconcertante. Assim como os fios de cabelo que se soltaram do coque e agora estavam colados na nuca suada.

De repente o olhar das duas se encontrou, Jane sorriu para Charlie e fez um sinal com a cabeça para que Charlie se juntasse a ela. A inglesa sentiu-se levemente constrangida e apenas fez um sinal de que ainda não se sentia à vontade para tal.

Jane, que tinha um sorriso meio malicioso nos lábios, balançou a cabeça, desaprovando a resposta dela. Ela caminhou até a mesa e sem falar nada pegou a bebida que havia pedido com uma mão e com a outra puxou Charlie para dançar e a levou para o meio da massa. Charlie tinha que admitir que estava achando sexy essa postura dominante da garota.

– Não é difícil, Charlie, você só tem que soltar o quadril e deixar a música conduzir.

Como a música ali estava mais alta, Jane falou ao pé do ouvido da inglesa. O ato acendeu uma corrente elétrica por todo seu corpo e Charlie esforçou-se para focar nos movimentos.

Jane decidiu que aquele momento exigia uma abordagem mais direta, então posicionou-se em frente a ela e a deu o copo que segurava. Assim que ficou com as mãos livres, as colocou no quadril de Charlie para ditar o movimento. A música era agora um pouco mais cadenciada e os movimentos eram mais lentos e, sob a regência de Jane, a outra mulher começou a pegar o ritmo da dança.

– Nada mal para uma inglesa – disse Jane, elevando os olhos que estavam focados nos pés de Charlie para seus olhos. Eles tinham um brilho típico de quem já havia bebido bastante. Pelo menos foi o que Jane concluiu.

– Não há nada que um shot de cachaça não possa libertar – Charlie disse, fitando os olhos de Jane com um sorriso malicioso. Àquela altura com as mãos da garota nela e depois de muitos drinks, era impossível separar as coisas, ainda mais quando Jane agia de maneira tão provocante.

Jane apenas sorriu, estava adorando essa versão descontraída de Charlie. Ela continuou mostrando os passos que havia recém aprendido sem tirar as mãos da cintura da morena.

Jane deu a mão para que Charlie pudesse dar um rodopio e de repente as duas estavam absortas em seu próprio mundo e alheias a tudo que estava acontecendo. Era como se todas aquelas pessoas ao redor delas não fizessem parte daquele momento. Quando Charlie terminou de girar, Jane se posicionou atrás dela e continuou dançando ao ritmo da música. Charlie podia sentir a proximidade do corpo dela balançando de encontro ao seu no ritmo lento da batida e ela teve certeza de que aquela era a coisa mais sensual que ela já havia vivenciado.

– Existe algo que você não saiba fazer maravilhosamente bem?
– Jane perguntou ao pé do ouvido de Charlie, que fechou os olhos imediatamente, já não se importando mais se alguém pudesse vê-las e o que poderiam pensar sobre. – Eu achei que você tivesse dito que não sabia dançar.

– E eu não sei, você que está me ensinando – Charlie respondeu inocentemente.

– Não é o que parece – disse com certa malícia. – Ou você só queria uma desculpa?

Charlie ficou na dúvida sobre o que a garota se referia. Se ela estava insinuando que a inglesa queria uma desculpa para não precisar dançar ou uma desculpa para ser ‘ensinada’, e por um momento sentiu um pânico percorrer o seu corpo e resolveu virar para poder olhar Jane nos olhos. A garota, entretanto, tinha um sorriso indecifrável e antes que Charlie pudesse falar qualquer coisa

ela ouviu um homem falando atrás dela em inglês, mas com um forte sotaque brasileiro.

– Será que eu posso roubar a sua amiga para uma dança? – Quando ela se virou se deparou com um rapaz alto e atlético, moreno, de feições suaves e um sorriso encantador. Ele era bonito de doer e uma onda de ciúmes se apoderou dela.

– Claro, ela é toda sua – disse Charlie com resignação.

– Perdoe-me, mas eu me referia a senhorita mesmo – ele disse à Charlie.

Charlie foi pega de surpresa e não soube como recusar, quando se deu conta já estava dançando com o estranho. Olhou para a loira como quem tentava se desculpar e percebeu um certo desapontamento no olhar da garota.

20.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 1952

Charlie percebeu que o rapaz era um exímio dançarino e parecia muito empenhado em ensiná-la. Ele era também muito simpático.

– Então esse seu sotaque é britânico? – perguntou o brasileiro.

– É sim, como você sabe?

– Eu morei em Londres por dois anos, fui para estudar, mas então minha família entrou em dificuldades financeiras e tive que retornar.

– Minha família é de Londres, eu vivi minha vida toda lá antes de mudar para Nova York durante a guerra.

Apesar de estar interessada na conversa com o rapaz, Charlie não conseguia tirar os olhos da mesa. Ou melhor, de Jane, que agora ria com os rapazes que estavam apostando quem bebia mais shots de cachaça.

“Péssima ideia.”

– Eu acho que você não me disse seu nome – disse, voltando mais uma vez sua atenção ao desconhecido.

– Ah, desculpe, você é tão bonita que fiquei até desconcertado. Meu nome é José Eduardo, e o seu?

– Charlotte, mas pode me chamar de Charlie – respondeu, achando graça do galanteio. – E o que você estudava em Londres? – perguntou, mas antes de ouvir a resposta percebeu que Edward estava entregando algo para Jane.

Parecia uma caixinha de veludo. Jane a abriu com certo constrangimento de quem não esperava tal gesto. Todos na mesa estavam esperando para ver o que era, de longe Charlie teve a impressão de que era um bracelete. Parecia bem delicado, com cara de coisa fina. A americana agradeceu a Ed timidamente com um beijo no rosto. Aquele gesto foi o suficiente para o sangue de Charlie ferver.

“Esse cara não se manca mesmo, ela já deu vários foras e ele ainda insiste. Que patético!”

– ... Enfim, todos dizem que estou maluco. Você também acha que é loucura? – José aguardava a resposta de Charlie, mas ela não fazia a menor ideia do que ele havia falado.

– Hm, o que você disse mesmo? A música tá um pouco alta – disfarçou, voltando sua atenção para ele.

– Falava sobre largar o curso de direito e viver de música.

– De forma alguma, eu acho que você deve seguir seu coração – Charlie falou colocando a mão no peito do rapaz. Ela imediatamente se arrependeu quando ele pegou a mão dela e beijou.

– Doces palavras, levarei esse conselho para o resto da vida.

Charlie já estava ficando sem paciência para as maneiras arrebatadamente românticas do rapaz e pensou em dar uma desculpa e voltar para a mesa, mas então lembrou que teria que assistir as investidas de Edward para cima de Jane e resolveu continuar dançando.

Ela percebeu que havia bebido além da conta porque agora já estava abraçando o desconhecido pelo pescoço para não perder o equilíbrio enquanto girava com ela. Então, de repente, ele a jogou de costas para o lado para em seguida ampará-la e se inclinou sobre ela parecendo que iria beijá-la. Charlie ao perceber a intenção se esquivou rapidamente e se desvencilhou do rapaz.

– José, estou um pouco tonta, acho que vou me sentar um pouco – Charlie falou e disparou em direção a mesa.

Antes mesmo que ela pudesse se sentar na mesa, Jane Adams já estava a olhando com um sorriso travesso.

– Charlie, você escondeu o jogo direitinho de nós por todo esse tempo, mas hoje sua máscara caiu, *darling*. Desde quando você dança profissionalmente?

– Fique você sabendo que eu também estou surpresa – Charlie declarou, olhando timidamente para a aniversariante, que ao contrário do resto da mesa, não parecia estar achando aquilo engraçado.

Assim como Charlie, Jane também não conseguiu evitar lançar olhares para o par enquanto a inglesa dançava com o estranho.

– E para quando é o casamento? Porque foi a primeira vez que eu vi você aceitar as investidas de um homem por mais de cinco minutos! – Henry perguntou e a mesa toda concordou entre risadas. Jane ainda mantinha uma expressão enigmática.

Charlie finalmente sentou-se à mesa no lado em que as mulheres estavam, pegou o copo de caipirinha da mão de Daisy e tomou um gole generoso.

– E sobre o que vocês tanto conversaram afinal? – Quis saber Daisy.

Agora a conversa se concentrava apenas na roda feminina.

– Ele morou em Londres e foi basicamente sobre isso que falamos.

– Além de lindo e excelente dançarino, o moço também é viajado! Precisa mais alguma coisa? – Jane Adams opinou.

– Aparentemente ele também é músico – Charlie completou de forma meio despretensiosa.

– *Aparentemente* ele também é bem atirado – Jane alfinetou.

– Claire, você está com ciúme? – Foi Daisy quem perguntou, enquanto Jane corava e Charlie sentia o coração disparar – Por que o rapaz chamou Charlie para dançar em vez de você? – Charlie virou para a garota para observá-la e notou seu desconforto. Seria possível que ela estivesse com ciúmes? Charlie não quis pensar muito sobre isso. Esse, assim como muitos outros momentos, só a deixava ainda mais confusa.

– Que absurdo, Daisy – Charlie respondeu, achando prudente não deixar essa história ficar ainda mais constrangedora. – Ela acabou de ser presenteada por Edward e tem uma legião de admiradores aos pés dela.

– Claramente ela não está nem aí para o Edward – Daisy respondeu, baixando o tom para que os homens do outro lado da mesa não ouvissem.

– Respondendo a sua pergunta, Daisy. De forma alguma, eu entenderia perfeitamente se todos os homens desse lugar fizessem fila para cortejar Charlie e é por isso que eu acho que o sujeito poderia ter sido mais respeitoso. Ele quase a beijou sem consentimento – Jane respondeu com certa irritação.

– Eu acho que você tá exagerando, Claire. Além do mais, que graça teria se fossemos informadas antes de sermos beijadas? – perguntou Jane Adams, rindo. – O que você acha Charlie, ele foi desrespeitoso?

A discussão estava rendendo, mas Charlie estava concentrada nas palavras de Jane: “eu entenderia perfeitamente se todos os homens desse lugar fizessem fila para cortejar a Charlie”.

– Eu não o achei desrespeitoso, talvez um pouco ousado, mas mudemos de assunto, porque daqui a pouco é seu aniversário. Já é quase meia noite – Charlie disse com um sorriso amável se virando para Jane. Por dentro, porém, estava sentindo um turbilhão de emoções. Não sabia por quanto tempo mais conseguiria guardar seus sentimentos. – E é de bom tom que a aniversariante pague a próxima rodada! – completou, elevando o tom para que todos na mesa ouvissem.

Seus amigos concordaram imediatamente com assobios e batidas na mesa, fazendo um tremendo estardalhaço e em seguida sendo imitados pelo bar inteiro que nem sabia o motivo, mas não precisava.

Jane Adams então fez um sinal para os músicos e começou um “parabéns para você”, que foi cantado por todos no bar – exceto pelos estrangeiros – e um garçom trouxe um bolo com velinhas acesas e tudo. A aniversariante que não esperava nada daquilo estava admirada, principalmente porque todas as pessoas estavam participando da celebração como se a conhecessem a vida toda. Aquele aniversário com certeza nunca seria esquecido.

A noite foi passando de maneira divertida. Ryan não parava de ensinar jogos onde eles tinham que beber em todas as rodadas. Jane, que não conhecia nenhum, estava adorando, principalmente porque ela estava ganhando a maioria, embora ela tivesse uma leve desconfiança de que a estavam deixando ganhar porque era seu aniversário.

Ela gostou em especial de um em que eles tinham que jogar uma moeda na mesa e acertar dentro de um copo. Quando o jogador conseguia colocar a moeda dentro do copo, ele poderia escolher alguém para beber. Como era o aniversário de Jane, ela foi escolhida algumas vezes e já estava até se sentindo um pouco tonta. Infelizmente, Ed também tinha sido escolhido bastante, já que

era conhecido por ser fraco para bebida e os seus colegas queriam mexer com ele. Mas quanto mais ele bebia, mais carente ele ficava.

– Claire, por que você não me dá uma chance? – Edward perguntou em tom acusatório. – O que você quer, afinal?

Ele estava parado ao lado da cadeira de Jane.

– Ed, eu já falei que gosto muito de você, como meu amigo. – Jane sentia-se um pouco constrangida, não gostava desse tipo de situação.

– Eu comprei um presente para você. Você não acha que precisa descer desse pedestal? Você não é a última mulher do mundo, ninguém vai ficar correndo atrás de você por tanto tempo! – Ele estava começando a ficar agressivo e Jane estava ficando com medo.

– Ei, ei. O que é isso? Você está louco, Ed? – Charlie se levantou e se posicionou entre Ed e Jane. – Claire não te deve nada, você comprou o presente porque quis! Agora vê se baixa essa bola porque é aniversário dela e você vai estragar a festa.

– Vem amigão, vamos pegar uma água pra você.

Ryan levantou-se para ajudar Charlie e Jane e puxou o amigo pelo braço depois de lançar um olhar de desculpas para as mulheres.

– Eu não quero água – disse, mas apesar do protesto, foi com Ryan.

– Você está bem? – Charlie perguntou sentando-se ao lado de Jane e colocando gentilmente a mão nas suas costas. Jane apenas balançou a cabeça. Apesar de saber que Edward estava bêbado, ela sentiu o peso das palavras dele. Será que ela era muito exigente? Será que se iria morrer sozinha porque nunca iria dar uma

chance a alguém? Sentiu-se mal com a ideia de ser vista como soberba.

– Não dê atenção ao que ele falou, Claire. Ed é um mimado que acha que mulheres são mercadoria que ele pode comprar com uma joia. – Foi Jane Adams que a tirou de seu transe, ela novamente concordou com a cabeça.

21.

Rio de Janeiro, 27 de junho de 1952

Quando o táxi chegou ao hotel o dia já estava quase rompendo no horizonte e enquanto todos entravam, loucos para cair na cama, Jane ficou ali imóvel olhando para o céu que tinha um tom quase roxo naquele momento.

Charlie, que já estava na entrada, notou a ausência da garota e retornou ao encontro dela.

– Quer dar uma volta na praia antes de entrar? – Charlie perguntou.

– Você não se importa?

– De forma alguma.

– O sol está quase nascendo...

Ela sentiu a mão de Charlie pegando a sua e a puxando para a enorme faixa de areia branca. Elas arrancaram os sapatos, loucas para sentir a sensação da areia sob os pés cansados da longa noite. Depois caminharam em direção a água e Jane sentiu-se um pouco mais sóbria.

– Que delícia, Charlie, nem está tão fria – Jane falou enquanto ia entrando, já estava com água na altura da canela. – Vem até aqui.

– Tá fria sim – Charlie falou, recuando um pouco.

– Não seja boba, é só no início – disse Jane. Quando Charlie não fez menção nenhuma de cooperar com o pedido, ela voltou até onde a morena estava e puxou ela pelas mãos. – Daqui a pouco você se acostuma.

Jane já estava com a barra do vestido completamente encharcada.

– Esse foi o melhor aniversário que já tive! – falou de forma sincera. – Mas pode ficar ainda melhor... – Então, com um movimento rápido, agarrou Charlie pela cintura e se atirou com ela na água.

– Oh minha nossa, você é uma sádica – disse, se esforçando para se desvencilhar dos braços de Jane que continuavam a puxando para a água. – Está gelada!

– Eu sabia que se eu revelasse minhas reais intenções você nunca concordaria, então não tive escolha – Jane falou com um sorriso travesso enquanto puxava Charlie para a parte mais funda.

– O.k., o.k. – Charlie, disse levantando as mãos em rendição. – Eu já estou molhada mesmo, pode me soltar, eu não vou fugir.

– Não mesmo? – Jane perguntou de forma enigmática ainda segurando a inglesa pela cintura.

Seus olhos se fixaram nos de Charlie e tudo ficou muito quieto por um momento, os olhos de Jane desceram para a boca da inglesa e aquele instante pareceu durar uma eternidade. Jane parecia esperar um sinal ou qualquer coisa que servisse como um consentimento, enquanto Charlie travava uma batalha interna, uma parte dela resistindo bravamente e a outra implorando para que ela tomasse uma atitude.

A loira, que ainda fitava a boca de Charlie, mordeu os lábios rosados e todo o autocontrole de Charlie desapareceu. Ela se aproximou lentamente, testando o terreno e quando a garota não fez menção de se afastar Charlie decidiu que era naquele momento ou nunca mais.

Ela puxou Jane pela cintura para ainda mais perto. Conseguia sentir a respiração quente dela se misturando a sua e seu coração

parecia que ia saltar do peito.

Mas antes que ela pudesse sentir a textura daqueles lábios, o momento foi arruinado por uma onda que as atingiu em cheio e as arrastou pela rebentação. Enquanto recuperavam o fôlego e riam do susto que haviam tomado, tentavam entender o que tinha acontecido. Um milhão de pensamentos cruzava a mente de Charlie e nenhum fazia sentido.

O momento ficou para trás junto com a onda que as derrubou. Ficaram brincando na água por mais um tempo e depois resolveram sentar-se na areia e apreciar o nascer do sol. Os primeiros clarões do dia já despontavam timidamente.

Sentaram lado a lado, sem se importar com a areia grudando nas roupas encharcadas. Charlie estava encolhida de frio, ao contrário de Jane que estava com as pernas esticadas e os braços apoiados no chão fazendo suporte para suas costas. O céu que antes era azul escuro agora começava a ser tingido de laranja, em tons degradê que culminavam em uma linha dourada no horizonte. Era um espetáculo lindo e elas partilhavam o mesmo sentimento de privilégio por poder testemunhar aquele momento.

– Quando voltarmos para casa eu vou pintar esse amanhecer e te dar de presente, para compensar o mergulho contra vontade – Jane falou, esfregando as mãos para se livrar da areia e em seguida passando-as pelos braços de Charlie na tentativa de aquecê-la. – Oh meu Deus, você está toda arrepiada. Me perdoa, Charlie, vamos subir para você tomar um banho quente – disse, já fazendo menção de se levantar.

– Tá tudo bem, Claire, eu não estou com tanto frio, vamos aproveitar um pouco mais isso aqui. Esse lugar tem uma magia única, fazia tempo que não me sentia tão feliz!

Ela apoiou a cabeça no ombro de Jane, que imediatamente pegou a mão dela e colocou entre as suas. Jane entendia exatamente o que Charlie queria dizer.

Elas ficaram em silêncio por alguns minutos, Jane ainda segurava a mão de Charlie e ela ainda apoiava a cabeça nos ombros da loira.

– Você está tremendo – Jane falou, esfregando suas mãos na de Charlie para gerar calor – eu não quero que fique doente por minha causa.

– Vamos ficar aqui só mais um pouquinho e depois a gente sobe, pode ser? – Charlie queria que aquele momento durasse para sempre e preferiria morrer congelada a deixá-lo passar.

Jane assentiu com a cabeça e passou o braço sobre os ombros da inglesa em mais uma tentativa de esquentá-la.

Elas ficaram assim sentadas juntas por mais um tempo. Era inegável que Charlie queria muito mais que a amizade de Jane, mas naquele instante, aquele gesto, sob aquele céu, era suficiente. Ela sentia-se feliz apesar de todas as dúvidas e medos.

Quando chegaram ao saguão – molhadas e sujas de areia – elas se aproximaram do balcão para pegar as chaves do quarto que haviam deixado na recepção.

– Senhorita Thompson, chegou uma encomenda em seu nome.
– O homem entregou o pacote, tentando manter o ar profissional apesar do estado lastimável que as duas estavam.

– Ah, bem em tempo! – exclamou Charlie, pegando rapidamente o embrulho. – Eu estava com medo de que não fosse chegar.

– O que é isso, Charlie?

– A curiosidade matou um gato, *darling* – disse, escondendo o pacote atrás do corpo. – Mas eu tenho uma dica, você lembra que dia é hoje?

– É meu aniversário! – disse com excitação, – é para mim então? O que é? – Os olhos de Jane brilhavam e Charlie mais uma vez achou aquela cena a coisa mais adorável que já tinha visto.

– Você vai saber quando eu te der oficialmente – disse com um sorriso de satisfação. – Não se preocupe, será em breve. Primeiro eu preciso de um banho quente, você me deve isso.

– Devo mesmo, você pode ir primeiro – disse, empurrando Charlie para o elevador.

– Mas é claro que eu vou primeiro!

Quando Jane saiu do banho, Charlie estava vestindo um roupão e ainda tinha os cabelos molhados. Ela estava sentada preguiçosamente na sacada, observando o mar à frente, que agora exibía uma faixa prateada de luz refletida pelo sol que já ia alto no horizonte.

Ao lado dela, Jane imediatamente notou a graciosa mesa de café da manhã, cheia de flores e frutas coloridas. O pequeno embrulho também esperava por ela sobre a mesa. Jane sorriu com a imagem, não conseguia lembrar da última vez que havia sido tão mimada no seu aniversário – ou em qualquer outra data.

– Oh, Charlie! – exclamou ao se aproximar da mesa e pegar uma frutinha vermelha que ela nunca tinha visto. Não hesitou em colocar na boca. A fruta era doce e um pouco azeda ao mesmo tempo. – Acho que a última vez que alguém me fez café da manhã foi quando era criança e peguei sarampo.

– Devo concluir que isso é um agradecimento?

– É mais que um agradecimento, na verdade nem mesmo minha mãe nunca fez nada tão bonito – falou, passando a mão pelas flores

e reparando na quantidade de frutas exóticas e nos diversos pães servidos, sentou-se ao lado de Charlie e admirou a vista da orla de Copacabana.

A sacada do quarto era bem ampla e o piso em preto e branco, era muito parecido com o padrão do calçadão da praia logo abaixo. Os vãos da balaustrada branca permitiam que elas enxergassem a praia mesmo sentadas.

– Bem, eu não tenho tanto mérito assim, eu só pedi que arrumassem dessa forma aqui fora. O trabalho mesmo foi do pessoal do hotel.

– Tudo isso enquanto eu tomava banho?

– Na verdade, já estava tudo meio que arranjado desde ontem – disse, dando de ombros, tentando disfarçar o medo de que seu gesto parecesse exagerado. – Agora você já pode abrir seu presente se quiser.

Ela pegou o pacote de cima da mesa e entregou para a aniversariante.

Jane abriu o pacote com cuidado, estava tão bem embrulhado em um papel pardo com uma fita vermelha ao redor, que ela teve pena de rasgar. Quando finalmente chegou ao conteúdo viu um livro com capa azul: *North and South by Elizabeth Bishop*.

– A poetisa? – perguntou, enquanto passava os dedos pela capa. – Que presente lindo, Charlie – disse, se levantando e abrindo os braços para dar um abraço em Charlie.

A inglesa não era de uma família de pessoas que se abraçavam muito e não gostava muito desse tipo de contato, mas se levantou de pronto para receber o abraço da loira. Jane a abraçou forte dizendo que havia amado o presente e que adorava poesia. Charlie sentiu mais uma vez uma corrente elétrica atravessando seu corpo, resultado da combinação das palavras sussurradas de Jane e do

cheiro cítrico (e de mar) que exalava dos cabelos dela. Fechou os olhos e retribuiu com um abraço ainda mais forte. Quando Jane a soltou, ela imediatamente sentiu a falta do contato.

Jane sentou-se e voltou sua atenção ao presente, assim que abriu a primeira página ela se deparou com uma dedicatória:

Para Claire, espero sinceramente que aprecie, com carinho, Elizabeth. 27/06/1952

Jane levou a mão à boca em choque. Como Charlie conseguiu aquilo? Olhou para ela incrédula, à espera da explicação.

– Eu conheci a Elizabeth uns anos atrás em Nova York, nós temos alguns amigos em comum e quando eu soube que viríamos para o Rio lembrei dela. Ela veio ano passado para conhecer, mas acabou ficando por aqui, então consegui o contato com uma amiga e pedi uma cópia autografada.

– Meu deus, Charlie, não acredito que você se deu a esse trabalho todo por mim! – Jane falou enquanto analisava a dedicatória e folheava as páginas.

– Não foi trabalho nenhum, só pedi que ela assinasse uma cópia e enviasse para o hotel e ela gentilmente concordou. – Charlie deu de ombros, ainda se sentindo sem graça e com medo de parecer que estava tentando agradar demais.

– Não seja boba, esse é o presente mais bonito que alguém já me deu. Não só pelo presente em si, mas pela gentileza de pensar em algo assim – disse passando a mão sobre a dedicatória, que dizia “para Claire”.

Jane sentiu um nó no estômago ao pensar que Charlie havia feito algo tão lindo por ela e ela estava mentindo de maneira tão medonha em troca. Aquele pensamento associado com a bebedeira e a privação de sono estavam causando nela uma vontade incontrolável de contar toda a verdade.

– Charlie, quero que você saiba que, independente do que venha acontecer no futuro, a amizade que sinto por você é real. Mais que isso, nunca me senti tão ligada e compreendida por ninguém na vida

Charlie foi pega de surpresa pela repentina declaração, mas resolveu não pensar muito sobre.

– Você sabe que é mútuo. A sua amizade está acima de qualquer coisa, nunca duvide disso. – Charlie pegou a mão de Jane que estava sobre o livro e a apertou de maneira reconfortante.

Jane assentiu com a cabeça e num gesto afetoso tirou uma mecha de cabelo úmido do rosto de Charlie.

Ela teve que se controlar para não fechar os olhos ao toque gentil dos dedos de Jane no seu rosto. Quando fitou aqueles imensos olhos esmeraldas novamente percebeu que ainda tinham certa melancolia.

– Apesar de eu odiar voar de dia, estou muito feliz que nosso voo de volta seja só domingo de manhã, pelo menos teremos o dia de hoje inteiro para nos recuperarmos dessa noitada – disse Charlie, tentando mudar de assunto, enquanto escolhia uma broa de milho, que ainda estava quentinha, entre a variedade de pães.

– Vocês realmente não exageraram quando disseram que as comemorações de aniversário eram sempre em grande estilo.

22.

Espaço Aéreo Internacional, 28 de junho de 1952

Durante o voo de volta Charlie aproveitava para tentar tirar um cochilo enquanto Jane, que estava na poltrona a sua frente, rabiscava alguma coisa em sua agenda. O voo estava calmo e a maioria dos passageiros estava lendo ou dormindo. Mas apesar do cansaço, Charlie não conseguiu dormir, sua mente vagava pelas recordações do fim de semana.

Embora a aniversariante parecesse ter esquecido boa parte da noite, Charlie não teve a mesma sorte. Aquele quase beijo estava gravado em sua memória e ainda causava a mesma sensação em seu estômago que causou na hora. Ela se questionava se Jane havia mesmo esquecido daquele momento, mas como ela poderia perguntar, afinal?

“Ei, Claire, você se lembra que a gente quase se beijou em Copacabana, bons tempos, hein... Quer tentar de novo?”

Não, Charlie não tinha como perguntar. E se ela lembrasse?

O barulho de algo caindo perto de seus pés a tirou do transe. Era a agenda de Jane que havia caído quando ela se levantou para atender um passageiro. A inglesa se abaixou para apanhá-la e não pôde ignorar o fato de que estava aberta e, justamente naquela página, havia uma observação um tanto curiosa:

Imitar postura de Charlotte: forma de andar e se sentar.

Levantou os olhos do papel e olhou interrogativamente na direção de Jane que conversava com o passageiro, riu e pensou consigo mesma: “que garota maluca”.

Ponderou por alguns instantes se deveria olhar as outras páginas ou não, sabia que não deveria, mas a curiosidade falou mais alto. Era sua chance de descobrir o que Jane realmente achava dela. Então continuou folheando e para sua surpresa encontrou anotações como: *“checar se os passageiros afivelaram os cintos antes da aterrissagem”*. Aquilo era estranho, por que ela anotaria uma coisa tão básica?

Em outra página havia escrito em letras maiúsculas a palavra *“DÚVIDAS”* sublinhada várias vezes, abaixo havia uma lista de perguntas e anotações que Charlie achou ainda mais estranhas, entre elas se lia:

1. *O que fazer se alguém passar mal?*
4. *Repassar os procedimentos de emergência DE NOVO!!!*
7. *Como exatamente os pilotos enxergam para onde estão indo nos voos noturnos?*

A sétima pergunta provocou um riso involuntário em Charlie, porque além de descabida, era uma pergunta que se dirigia a quem exatamente?

Na página do lado havia uma ilustração — claramente desenhada por ela — com os sinais do procedimento de emergência e uma flecha para a pergunta quatro da lista.

“Não é possível! E mesmo assim eu vi você fazer errado mais de uma vez!”

Ela sabia que não deveria estar xeretando, mas não conseguia parar. Estava achando cada vez mais esquisito e virou mais uma página. Essa continha uma lista breve e bem básica de alguns termos aeronáuticos e seus respectivos significados. E na página seguinte uma foto presa por um clipe com membros de uma tripulação na frente de uma aeronave Douglas DC-3. Ela procurou por ‘Claire’ na foto, mas só reconheceu a amiga dela, ‘Clarice’.

Charlie viu a garota retornando e rapidamente largou o caderno no assento à frente. Jane apenas passou para a cabine de bebidas e retornou instantes depois com um whisky para o passageiro e, pela expressão de desespero dela, Charlie concluiu que o mala quis continuar a conversa fiada.

Ela não se conteve, pegou o caderno estranho outra vez, dessa vez viu algumas anotações sobre catering e rabiscos indicando instruções dela própria sobre o assunto: “*Charlie prefere checar todos os itens de uma só vez*”. Isso até era plausível, pensou.

Examinou mais algumas páginas que continham anotações similares e por fim se deparou com o esboço de um rosto.

Era o dela.

– Oh meu Deus!

No desenho ela estava retratada de perfil com a cabeça pendendo ligeiramente para baixo, dormindo. O desenho estava inacabado e ao fazer essa constatação Charlie se deu conta de que Jane estava fazendo o desenho instantes antes. Então fechou o caderno e o colocou mais uma vez sobre o assento com o coração disparado.

Sabia que iria passar o resto da viagem remoendo o conteúdo estranho do caderno e tentando desvendar o enigma sentado à sua frente. A imagem do desenho estava grudada em sua mente e ela sorriu porque teve certeza de que Jane a desenhara mais bonita do que realmente era.

– Olha só a bela adormecida despertou toda sorridente. Teve um sonho bom? – Jane perguntou, retornando ao seu posto e sentando-se na poltrona de frente para Charlie, não sem antes pegar o fiel caderno e guardá-lo com suas coisas em um dos armários atrás dela.

– Hm, é, acho que dá pra chamar de sonho bom. – Charlie sorriu, um sorriso envolvente e gracioso ao mesmo tempo, que Jane retribuiu de imediato. – Parece que você tem um admirador.

– Argh, que sujeito pretensioso, ele tem certeza de que estou muitíssimo interessada em escutar o inventário dos seus bens. Fica o tempo todo falando de si mesmo, que tédio. Mas não vamos falar dele. O que você vai fazer amanhã? Eu finalmente concluí o quadro de Roma, você quer ver?

– Claro!

Nova York, 29 de junho de 1952

– Como assim você já sabia, Penny?! – Charlie exclamou no telefone. Assim que chegou em casa ligou para Penny para esclarecer o ‘mal-entendido’ da noite do Pub, mas aparentemente não era necessário.

Charlie estava sentada na cadeira de frente para a penteadeira em seu quarto, o telefone ficava em uma mesinha ao lado.

– Charlie, eu te conheço, eu sabia que você estava mentindo para se livrar das perguntas de sempre. Mas eu também sei que você está caidinha por essa moça. Nem perca seu tempo tentando negar.

– Não, não vou negar. E caidinha não define nem de longe Penny, eu diria que eu já estou no chão – falou, batendo de leve com a testa na penteadeira. – Não sei o que fazer, perdi completamente o controle da situação, eu já tentei ficar longe, mas só piorei as coisas.

– Piorou como?

– Piorei! Ela percebeu que eu a estava evitando, ficou magoada e veio me perguntar o porquê de eu estar agindo daquela forma,

enfim... – Charlie agora apoiava os cotovelos na mesa e segurava a cabeça com uma das mãos. – Mas, Penny, como eu poderia evitar alguém que me faz sentir tão bem quanto ela? Ela tem sido a melhor parte dos meus dias. Me faz rir e me sentir mais viva do que nunca, e-eu não consigo mais ficar longe dela, é tão angustiante. – Soltou um suspiro de frustração.

– Mas Charlie, se ela ficou magoada quando você tentou se afastar – fez uma pausa – ela pode estar sentindo o mesmo que você?

Penny tentava medir as palavras para não despertar falsas esperanças na amiga, afinal ela nem conhecia a tal moça e ela se lembrava muito bem da reação escandalosa de Sandra. Afinal, ela e Ryan que tiveram que apaziguar a situação e convencer Sandra a mudar de tripulação.

– Pode até ser, Pen, eu não sei, mas acho que isso nem passa pela cabeça dela.

– Você está com medo da reação dela, de que ela entre em pânico também. – Penny ponderou um pouco antes de continuar. – Mas você já parou para pensar que ela pode estar pensando o mesmo que você? Que ela pode estar com medo da sua reação?

– Não, Pen, você não está entendendo. Claire é muito inteligente, mas ela é também a pessoa mais inocente que eu já conheci. Eu acho realmente que ela não sabe. E, sim, eu tô com medo da reação dela quando descobrir.

– Você acha que ela pode ter a mesma reação da Sandra?

Charlie ficou pensativa, ela não queria acreditar que Jane pudesse ser como Sandra, mas ao mesmo tempo ela não esperava que Sandra reagisse da maneira que reagiu.

– Não sei – disse frustrada. – Acho que não. Claire é uma pessoa muito mais compreensiva do que Sandra e muito mais

sensível também, mas não sei.

– Acho que o melhor agora é tentar conversar com ela, vai testando o terreno e vê como ela reage. Se livra logo dessa agonia, você não vai conseguir sustentar essa situação por muito mais tempo.

– Você tá certa, como sempre. Essa situação está me tirando a sanidade, vou conversar com ela. – Charlie encarava os próprios olhos azuis no espelho a sua frente. – E vai ser amanhã mesmo, antes que eu perca a coragem!

Nova York, 30 de junho de 1952

Jane preparava o café da manhã ao som de Andrew Sisters. Estava preparando ovos mexidos para comer com torradas, cantava a plenos pulmões junto com a música e quase não ouviu a batida na porta. Bem, pela intensidade da batida talvez essa não tivesse sido a primeira tentativa, pensou.

Ela correu até a sala para abaixar o volume da vitrola antes de atender a porta. Era Phil, o porteiro do prédio.

– Oh Phil, me desculpe, eu não ouvi você. Você estava batendo há muito tempo?

– Não, não muito Dona Claire. – Phil segurava um envelope em suas mãos. – Eu bati porque chegou essa carta para o endereço da senhora, mas está endereçado a uma tal de Jane Smith, achei que a senhora talvez pudesse conhecer ela.

O coração de Jane acelerou, porque além de Claire e Charlie, as únicas pessoas que tinham o novo endereço eram seus pais. Jane tinha deixado anotado para seu pai antes de partir no dia seguinte a fatídica festa de bodas. Será que sua mãe a havia perdoado? Ou havia pelo menos se preocupado com o seu aniversário?

– Conheço, sim. É uma amiga minha, ela é, hum... Talvez venham mais cartas para ela endereçadas para cá, pode sempre deixá-las junto com as minhas, Phil... Obrigada!

Logo que fechou a porta Jane sentou-se no sofá e começou a rasgar o envelope. Assim que abriu a carta reconheceu a letra de sua mãe. O coração dela pareceu pular uma batida.

Jane,

Estive pensando sobre o que aconteceu e ainda não consigo entender por que você faria tal coisa. Por que você escolheria esta vida promíscua em vez de ter uma família? Afinal, nós educamos você e sua irmã para terem uma vida normal. Sinceramente, não entendo por que você jogaria isso fora por uma vida instável e uma profissão na qual nenhum homem jamais irá respeitá-la.

No entanto, entendo que talvez você queira experimentar uma "aventura", quer saber como é viver dessa maneira. Talvez você esteja curiosa para conhecer outros lugares. Eu sei que você sempre foi um pouco rebelde, mas também sei que você é uma boa garota.

Acima de tudo, eu sei que você não é essa pessoa! E espero que seja apenas uma fase. Além disso, você é minha filha e eu te amo! E quero que saiba que as portas da nossa casa estarão abertas para você, assim que desistir dessa experiência absurda.

Sinceramente,

Rose

O coração de Jane estava partido. Ela não podia acreditar que sua mãe havia virado as costas para ela desse jeito, falar que ela seria novamente bem-vinda se largasse o emprego? Isso quer dizer

que não era bem-vinda naquele momento? Tudo isso por causa de um emprego que a fazia feliz?

Jane estava sem chão, achava que sua mãe estava brava, mas que logo iria passar, mas esta carta mostrou que não. Que não era passageiro.

Jane se perguntava se seu pai sabia da existência dessa carta, também. “Claro que sabe, era ele quem tinha o endereço!” Será que no fundo ele também pensava assim? Será que para ele, ela também não era mais bem-vinda?

Outra vez alguém bateu na porta, mas dessa vez Jane pareceu nem notar. Todos os barulhos ao redor pareciam distantes naquele momento. Depois de outra tentativa a porta se abriu (Jane provavelmente havia esquecido de trancar depois da saída de Phil, estava muito ansiosa para ler a carta, que agora desejava não ter lido). Era Claire.

– Jane, pelo amor de Deus, você está louca? Tem alguma coisa queimando aqui! – Claire saiu correndo para a cozinha para desligar o fogão e tirar os ovos, agora carbonizados, do fogo.

Essa cena tirou Jane do transe que estava e quando Claire voltou para sala Jane a olhava com os olhos marejados.

– Bebê, o que aconteceu? – Claire caminhou até a amiga e antes que ela pudesse se sentar, Jane entregou a carta para ela. Claire abriu a carta e sentou-se ao lado de Jane para ler.

– Jane... Eu sinto muito! – Claire não sabia muito o que falar, nunca imaginou que Rose teria uma reação nessas proporções. Sentia-se culpada de ter convencido Jane a iniciar neste trabalho.

– Não sinta. O problema é dela se ela não pode aceitar que eu esteja feliz trabalhando como comissária. – Jane estava com raiva de sua mãe, ela sempre encheu a boca para falar que só queria a

felicidade das filhas, mas não era verdade. – Eu vou comprar café – disse, levantando-se rapidamente.

– O quê?

– Café... Vou comprar! Não tem café e logo Charlie vem aqui, e você está aqui e não tem café para eu servir... Alguém precisa comprar. Eu vou! – Jane falava de maneira meio mecânica enquanto dava voltas em torno de si mesma procurando um casaco. Claire sabia que ela só queria uma desculpa para tentar espairecer e esfriar a cabeça, então apenas concordou. Assim que Jane saiu, Claire resolveu limpar a bagunça da cozinha.

Menos de quinze minutos depois, Charlie bateu na porta da casa de Jane e, para a sua surpresa, não foi quem ela esperava que abriu a porta.

– Clarice?

– Você é boa fisionomista – Claire, a verdadeira, analisava Charlie de cima a baixo, com um braço apoiado no batente da porta impedindo a passagem. Depois de alguns segundos tirou o braço e abriu espaço para a inglesa.

– Entre. Claire disse que você viria, ela desceu para comprar café, mas já deve estar voltando.

– Obrigada. – Charlie sentia-se estranhamente desconfortável na presença da verdadeira Claire, a tal ponto de não saber se deveria sentar-se ou não.

– Você pode se sentar, Charlie – Claire disse apontando para o sofá enquanto ela própria acomodava-se confortavelmente na poltrona vermelha próxima à lareira. Charlie, por sua vez, transparecendo o incômodo que sentia, sentou-se toda formal e empertigada. – Vocês realmente ficaram bem próximas não é

mesmo? Chegaram ontem à noite de viagem e hoje você já está aqui – Claire disse em um tom neutro, mas Charlie percebeu imediatamente qual era a intenção dela com aquele comentário e naquele momento teve certeza que a antipatia que ela sentia pela moça era recíproca. A única coisa que se perguntava era se seria pelo mesmo motivo.

– Sim, Claire é uma pessoa muito amável e muito fácil de conviver. – Charlie tentava ser o mais imparcial possível. – Mas não se preocupe, acho que ninguém pode substituir você na vida dela como melhor amiga, ela fala de você o tempo todo.

– Ah, não estou preocupada. Não acho que você tenha intenção de ocupar essa posição!

“Ela sabe!”

– De qualquer forma – Claire continuou com o mesmo tom passivo-agressivo que estava deixando Charlie perturbada – fico feliz que Claire tenha alguém dentro da companhia que a proteja, às vezes ela é um tanto ingênua e é bom saber que alguém vai defendê-la de pessoas mal-intencionadas.

– Acho que Claire sabe reconhecer muito bem o caráter das pessoas e não precisa que outros a defendam. Mas de qualquer forma, no que depender de mim ela estará a salvo de qualquer dano, eu prometo. – Charlie sentia-se como um pretendente fazendo promessas ao pai de sua futura noiva. Era uma sensação muito estranha na qual ela não estava se sentindo nem um pouco confortável.

– Fico feliz de ouvir isso de você. Claire é como uma irmã para mim e eu me importo muito com ela. – Pela primeira vez, Charlie viu a outra mulher baixar um pouco a guarda. – Especialmente hoje, que cheguei aqui para trazer seu presente de aniversário e a encontrei devastada. Ela recebeu uma carta da mãe. Basta dizer que o conteúdo não era nada bom. Talvez você consiga animá-la um pouco.

Antes que Charlie pudesse responder qualquer coisa, o telefone tocou. As duas se entreolharam, afinal nenhuma das duas era dona da casa. Mesmo assim Claire levantou-se do sofá e caminhou até o telefone.

– Alô?

– Claire? Esse não é o apartamento da Jane? – Claire reconheceu a voz no mesmo instante.

– O que você quer, Louise? – Claire revirou os olhos de maneira tão efusiva que Charlie achou que eles iriam dar uma volta completa.

– Ué, como o que eu quero? Eu quero falar com a minha irmã, cadê a Jane? – Louise tinha o mesmo tom que Claire.

– Ela não tá! Se quiser pode deixar recado que eu passo pra ela.

Charlie que estava apenas assistindo a cena pensou que talvez a garota não a desprezasse tanto assim e estivesse apenas tentando se certificar que Charlie não tinha intenção de magoar sua amiga.

Pelo menos ela não falou com Charlie com o mesmo tom rude com que falava com Louise.

Mas Charlie tinha que admitir que pelas histórias que Jane havia contado, ela tinha vontade de falar com essa tal de Louise da mesma forma. E sentiu-se vingada por ‘Clarice’ estar fazendo esse papel.

– Eu liguei para desejar um feliz aniversário, afinal essa semana foi o aniversário dela. Você pode por gentileza passar para ela? – Louise estava tentando manter a compostura, mas ela e Claire sempre se estranharam.

– Ah, Louise, me poupe! Na hora que ela precisou de você, você ficou do lado da Rose e agora resolve ligar para desejar um *feliz* aniversário como se nada tivesse acontecido?

– Claire, não me entenda mal. Ela é minha irmã e eu me importo com ela, mas mamãe está certa, ela já está ficando velha. Precisa arrumar um marido se não quiser morrer sozinha, e trabalhando nesse emprego não vai arrumar nenhum homem decente.

Claire sentiu seu sangue ferver. Estava sentindo um misto de sensações: estava ofendida por Louise falar de sua profissão como se fosse a coisa mais degradante que uma mulher pudesse fazer, estava com raiva pela forma com que ela falava de Jane e estava angustiada por Charlie estar ouvindo a conversa.

– Pelo amor de Deus, Lou, Ja-- sua irmã tem 24 anos, não 54! Ela tem muito tempo para arrumar um marido... *Se ela quiser!!!* – Claire olhou para Charlie, que sentiu suas bochechas corarem. Outro detalhe que chamou a atenção de Charlie foi a idade de Jane. Ela tinha certeza de que a garota havia completado 26, ela lembrava perfeitamente de ter lido no relatório de transferência que ela tinha 25.

– Eu já disse que ela não está – Claire disse soltando um suspiro alto de frustração e tirando Charlie de seus devaneios. – Se você quer saber, ela saiu porque recebeu uma carta horrível da sua mãe e precisava digerir o conteúdo. E se você se importa mesmo com ela, ligue para Rose e coloque algum juízo na cabeça dela ao invés de ligar para cá como se nada tivesse acontecido. Passar bem, Louise! – Claire desligou antes que Louise pudesse responder. Assim que desligou soltou mais um gemido de frustração.

– Fico feliz de Claire ter uma amiga como você, já que a irmã não ajuda muito – Charlie falou de maneira sincera.

– Lou não é uma má pessoa, ela só não tem pensamentos próprios e faz tudo que Rose e o insuportável do Richard falam para ela fazer. J- Claire sofre com isso, eu sei que ela gostaria de ter uma

relação mais próxima com a irmã – Claire voltou a sentar-se na poltrona de frente para Charlie que apenas concordou com a cabeça.

– Claire completou 24? Eu achei que era 26 – Charlie tentou parecer casual ao perguntar, mas ficou com uma pulga atrás da orelha. Sabia que não era comum comissárias tão novas serem promovidas a voos internacionais, ainda mais se levar em conta que ela não era das melhores.

– Ah, sim, ela tem 26, eu, é... Eu sempre acho que ela é mais nova do que realmente é. Até pouco tempo atrás eu achava que ela ainda tinha quinze anos. – Claire soltou uma risada falsa.

Ela não conseguia ler Charlie e não sabia se ela tinha engolido a desculpa. Claire sentiu um frio na espinha e teve um vislumbre de como era o cotidiano de Jane se policiando o tempo todo. E conhecendo Jane não devia estar sendo fácil para ela controlar o que podia ou não falar. Qualquer deslize poderia ser fatal, principalmente na frente da chefe... Que deveria, na realidade, ser chefe dela mesma.

Pela primeira vez Claire pensou que estava na frente da sua chefe e começou a pensar como teria sido trabalhar com Charlie. Afinal, se Jane não tivesse aceitado assumir seu lugar ela não teria renunciado à promoção para passar para outra pessoa e Claire estaria agora trabalhando com Charlie. Seu devaneio foi interrompido pelo som da porta se abrindo.

– Falando no diabo.

Jane entrou carregando uma sacola de papelão, ela ainda estava abatida, mas a caminhada havia ajudado e ela sentia-se um pouco melhor. Assim que entrou notou Charlie sentada no sofá.

– Charlie, você chegou. – Jane abriu um enorme sorriso ao ver a inglesa e logo largou o pacote em cima do primeiro móvel que viu para poder sentar-se ao lado de Charlie e abraçá-la.

Jane pensou que sua mãe poderia falar o que quisesse, mas ela não ia largar o emprego, as viagens, não ia largar as pessoas que conheceu e não ia largar Charlie.

A inglesa percebeu que o abraço da garota estava mais apertado e sabia que ela devia estar buscando algum tipo de amparo depois da tal carta e retribuiu o abraço com a mesma intensidade.

Claire, que observava a cena, percebeu que, apesar do abatimento, o rosto de Jane se acendeu inteiro assim que viu Charlie. Já a inglesa, por sua vez, parecia excessivamente preocupada com Jane.

– Desculpe, eu precisei sair, Clarice foi uma boa anfitriã?

– Que pergunta, Claire, você acha que eu não iria tratar sua amiga bem? – Claire verdadeira falou levantando-se para pegar o presente que havia trazido para a aniversariante.

– É que às vezes você é um pouco intimidadora, não me leve a mal – Jane respondeu rindo.

– Miss Thompson não parece ser do tipo que se deixa intimidar facilmente.

– Na verdade, Clarice foi muito atenciosa – Charlie esclareceu.

Claire aproximou-se do sofá com um pacote quadrado e entregou para Jane.

– Como eu não tive tempo de entregar antes – Claire falou enquanto caminhava até o sofá em que Jane estava. – Aqui! Feliz aniversário, bebê! – Entregou o pacote para Jane com o sorriso de quem queria tentar animá-la a qualquer custo.

Assim que rasgou o pacote Jane abriu um sorriso. Era um disco do Nat King Cole, justamente o álbum *Unforgettable*, que ela não tinha ainda.

– Ah, obrigada Cla-Clarice! – Jane se levantou, deixando o disco no sofá para abraçar a amiga.

– De nada, bebê – Claire falou, retribuindo o abraço. – Você está bem? – Ela aproveitou para perguntar no ouvido de Jane. A garota apenas concordou com a cabeça ainda abraçada na amiga, Claire não pareceu muito convencida. A soltou do abraço, mas segurou suas mãos em frente a ela. – Eu estou me sentindo meio culpada de ter convencido você a hum... – Claire olhou para Charlie antes de continuar. – Aceitar este trabalho.

– O que? Você está louca? – Jane a olhava incrédula. – Clarice, você só me convenceu a tomar a melhor decisão da minha vida, não é sua culpa que minha mãe vive na era medieval. – Jane sorriu de maneira consoladora, não queria que Claire se sentisse culpada. Jane não se arrependia nem por um minuto de ter aceitado toda essa loucura e estava mais do que agradecida de ter uma amiga louca como Claire para convencê-la a tal coisa.

– Tem outra coisa – Claire ponderou um pouco o que ia falar enquanto Jane sentava-se novamente no sofá e apreciava o presente. – Louise ligou!

Os olhos de Jane rapidamente voltaram-se para Claire que estava mais uma vez sentada na poltrona vermelha.

– O que ela queria? – Jane perguntou tentando parecer indiferente, mas Claire notou uma faísca de esperança no olhar da amiga.

– Na verdade, ela queria te dar feliz aniversário – Claire disse com um sorriso torto.

– Só isso? – Jane perguntou. Claire a encarou de maneira interrogativa e Jane explicou. – Meus pais vão estar em Denver este fim de semana. É a tal premiação do presunçoso do Richard e toda a família havia sido convidada... Isso, claro, antes de eu me tornar a

filha mais ingrata do mundo. E o pior é que bem nesse fim de semana nós estamos de folga.

Jane não tinha intenção nenhuma de ir ao tal evento, principalmente se fosse para premiar aquele imbecil, e sabia que não havia sido formalmente desconvidada, mas saber que seus pais estarão lá bajulando o genro enquanto ela é vista como uma desonra para a família a deixava ainda pior.

– Jimmy e eu vamos passar o fim de semana em uma cabana no norte do estado. Você pode vir conosco se você quiser? – Claire ofereceu sabendo que passar o fim de semana em uma cabana romântica com um casal prestes a se casar também não era o convite mais tentador de todos.

– Deus me livre! – Jane falou, soltando uma risada. – Eu vou ficar bem, não se preocupa comigo.

– Charlie, você quer um café? – Jane perguntou virando-se para a convidada. Nem deixou que ela respondesse e estendeu as mãos para Charlie levantar-se também e acompanhá-la.

– Vamos conversar lá na cozinha enquanto eu preparo.

Beberam o café, conversaram mais um pouco sobre coisas amenas e pouco depois Claire disse que precisava ir e se desculpou com Jane mais uma vez por não poder ficar na cidade com ela nos próximos dias. Pediu que ela ligasse a qualquer hora se precisasse conversar, Jane disse para ela viajar tranquila, que ela já estava habituada aos dramas da mãe e que aquele era só mais um.

Depois que Claire se foi, Jane deixou seu corpo afundar no sofá com um suspiro, enterrando o rosto em suas mãos por alguns segundos. Então se voltou para Charlie que estava na poltrona em frente.

– Você não deve ter entendido nada, mas nós falávamos sobre uma carta que recebi da minha mãe, o porteiro deixou aqui hoje de manhã, e, bom, não era exatamente o que eu gostaria de receber dela.

– Tá tudo bem, Claire, você não precisa explicar.

– Não é como se você já não conhecesse a história, na verdade é só mais um capítulo. O que me deixou realmente triste é que quando vi a carta dela eu achei que era para me desejar feliz aniversário e se desculpar pelo que aconteceu, ou pelo menos fazer de conta que nada aconteceu e seguir adiante. Mas não. Ela o tempo todo falou de como *ela* se sentia, do quanto eu estava agindo errado e encerrou me dizendo que eu ainda podia escolher entre esse emprego ou a minha família! Ela nem me desejou feliz aniversário. – Jane olhava para Charlie de maneira desamparada e os olhos lacrimejantes. – Que tipo de mãe faz uma coisa dessas, Charlie?

Charlie levantou-se da poltrona em que estava, sentou-se ao lado de Jane e puxou a garota para um abraço enquanto a confortava. Agora as lágrimas escorriam pela face de Jane que abraçava Charlie o mais forte que podia. Foi a primeira vez que Jane se permitiu chorar de verdade pela carta.

– Em algum momento ela vai perceber que não está agindo bem. Dê um tempo para ela, todos nós cometemos erros. – Charlie tentou amenizar, mas ver Jane tão desamparada partiu seu coração em milhares de pedacinhos.

Assim que soltou do abraço, Jane deitou-se com o corpo encolhido no sofá e apoiou sua cabeça no colo da inglesa. Charlie puxou a manta que estava decorando o encosto do sofá para cobrir a garota.

Ficaram assim por um tempo, Charlie fazia cafuné em Jane enquanto pensava sobre a garota ali sozinha durante o fim de semana, já que ela própria não estaria na cidade e aparentemente

nem Claire (verdadeira). Charlie sabia que a loira não conhecia muitas pessoas na cidade e então tomou uma decisão por impulso.

– Claire, o que acha de ir para Toronto comigo no fim de semana?

Jane levantou a cabeça, olhando para Charlie com os olhos vermelhos e a ponta do nariz brilhante.

– No casamento da outra comissária? – perguntou com a voz embargada. Charlie assentiu com a cabeça. – Mas eu nem conheço ela.

– Ué, mas eu tenho direito de levar quem eu quiser de acompanhante, não precisa ser alguém que ela conheça.

– E você não vai levar ninguém?

– Vou levar você... Se você quiser ir! – Charlie a olhava de modo carinhoso.

Jane se perdeu naquele olhar por um momento e por fim apenas concordou com a cabeça. Charlie enxugou delicadamente as lágrimas de Jane e, sem perceber seu próprio movimento, plantou um beijo na testa da garota.

23.

Toronto, 03 de julho de 1952

Toda a tripulação desembarcou no Malton Airport em Toronto. Foi uma experiência completamente nova para Jane voar com seus colegas na posição de passageiros. Jane Adams, por exemplo, apesar de sempre reclamar dos passageiros mais folgados, não tinha moral nenhuma para tal. Ela passou o voo inteiro pedindo bebida, comida, cigarro ou qualquer coisa que fizesse a comissária responsável revirar os olhos. Jane pensou que a sua xará estava mesmo querendo vingança e usufruir a posição de passageira para variar um pouco, afinal ela tinha certeza de que Jane não fumava e que pediu o cigarro só para infernizar a atendente.

Além de toda a tripulação, também estava junto com o grupo Jessica, a esposa de Ryan; o acompanhante de Jane Adams, que ninguém sabia ao certo quem era ou quando ela o havia conhecido, mas que se chamava Marcello; e as esposas de Jean-Pierre, John, Christopher, Michael e Ralph – que Jane frequentemente esquecia que faziam parte da equipe. As esposas pareciam tão sem graça quanto eles.

O único desacompanhado era Edward, já que Charlie, embora não tivesse acompanhada de um cavalheiro, estava levando Jane como sua acompanhante.

– Estou sozinho porque festas de casamento sempre tem madrinhas solteiras e desesperadas para arrumar um marido. Esse é meu momento de brilhar – Edward justificava enquanto toda a equipe caminhava pelo aeroporto.

– Boa sorte tentando. – Charlie riu com o comentário de Ed, pois sabia que mais da metade das madrinhas do casamento eram lésbicas.

– O que você quer dizer com isso?

– Nada, eu só não acho que você faça muito o tipo delas – completou.

– Ah, Charlie, eu faço o tipo de todas as mulheres – disse com um sorriso pretensioso.

– Não faz o de Claire – Jane Adams retrucou rapidamente, provocando riso entre todos, menos Ed e Jane que se sentiram envergonhados. O copiloto havia se desculpado mais de uma vez depois do incidente no Rio de Janeiro, mesmo assim a relação deles havia ficado abalada e nenhum dos dois sabia muito bem como agir.

Eles foram todos para o hotel em que aconteceria o casamento. Penny e Tom haviam reservado o hotel inteiro para que todos os convidados pudessem ficar hospedados já que a maioria não morava em Toronto. A cerimônia aconteceria no espaço ao ar livre atrás do prédio principal e a festa em um segundo jardim também a céu aberto. O hotel era muito elegante e luxuoso. Jane imaginou que essa cerimônia deveria estar custando uma pequena fortuna.

Ela e Charlie pegaram a chave na recepção e subiram para o quarto para deixar as malas antes de se encontrarem com Penny. Por alguma razão Jane estava apreensiva em conhecer Penny, queria que a melhor amiga de Charlie gostasse dela.

– Oh! – exclamou Charlie, tirando Jane de seus pensamentos. Ela se virou para olhar o que havia provocado a reação em Charlie e notou que o quarto tinha apenas uma cama de casal.

– Acho que Penny esqueceu de avisar a *staff* do hotel que eu iria trazer uma acompanhante – disse Charlie, meio sem graça. Ela desconfiava que talvez Penny tivesse ‘esquecido’ de propósito.

– Eu vou falar com o pessoal da recepção – disse, caminhando em direção ao telefone do quarto.

– Oh, Charlie, tá tudo bem. Eu não me importo em dividir a cama com você. São apenas algumas noites e eu sei que você não se mexe muito porque já dormimos na mesma cama antes – disse com um sorriso e uma piscada que Charlie sabia ser inocente, mas causou um calafrio mesmo assim. – Se você não se importa, por mim está tudo certo.

– Você tem certeza? – Charlie perguntou, receosa.

– Claro que sim, não seja boba – Jane disse, jogando a mala sobre uma larga poltrona, confirmando que iriam ficar mesmo naquele quarto. Charlie apenas engoliu em seco antes de largar sua mala também.

– Penny, você está ocupada? Só estou ligando para avisar que já chegamos e ver se você precisa de algo. – Charlie havia sido informada que a noiva estava na suíte presidencial e resolveu ligar para ela e ver se estava tudo bem.

– Charlie, graças a Deus você chegou, sobe aqui no meu quarto agora! – Penny parecia estar agitada e Charlie resolveu não perder tempo. – E traz sua *namorada* junto – concluiu e antes que Charlie pudesse responder qualquer coisa Penny desligou.

Charlie havia ligado para ela no dia que deveria ter conversado com Jane e contou sobre o seu fracasso e sobre como acabou convidando a garota para o casamento mesmo assim. Penny estava louca para conhecer a garota que estava deixando a sempre-segura-de-si Charlie agindo igual uma adolescente.

Charlie apenas olhou para Jane de canto de olho antes de colocar o telefone no gancho.

– Por que ela quer me conhecer? – Jane perguntou enquanto caminhava atrás de Charlie como um cachorrinho assustado pelo corredor do hotel.

– Ora, é o casamento dela e ela quer conhecer os convidados, eu imagino.

– Não devemos levar o Marcello também, então? – disse com certo sarcasmo, sabendo que teria provavelmente dezenas de pessoas que Penny nunca viu na vida nesse casamento e não fazia sentido nenhum ela conhecer apenas Jane.

– É diferente – Charlie falou, apertando o botão do elevador e virando-se para Jane. – Marcello não está me acompanhando, você está! E eu sou a melhor amiga dela. Acho que é natural que ela sinta curiosidade – Charlie concluiu abrindo a porta do elevador e dando passagem para a loira.

– Você acha que ela pode estar com ciúmes?

– Acho que ela não se preocupa com isso – Charlie respondeu, soltando uma risada, sabendo que o interesse de Penny na garota era muito diferente.

– Oh – Jane respondeu timidamente sentindo-se meio tola.

Assim que chegaram na porta do quarto de Penny, Charlie bateu delicadamente e em menos de três segundos a porta abriu como se um furacão a tivesse arrancado e Penny pulou em Charlie.

– Oh meu Deus, Charlie, graças a Deus você está aqui, preciso de alguém confiável do meu lado, vem, entra, entra – disse, soltando do abraço e empurrando-a para dentro com pressa.

– Você deve ser Claire, é um prazer conhecê-la – disse, abraçando a loira também. Jane que não sabia muito bem o que fazer retribuiu o abraço e olhou para Charlie de maneira interrogativa. Charlie deu de ombros, também não sabia ao certo o que estava acontecendo, nunca tinha visto Penny assim. Quando a soltou do abraço puxou Jane pelo braço e fechou a porta.

– Penny, você está bem?

– Não sei, já tomei cinco xícaras de café e não me sinto melhor.

Penny estava em um roupão branco com o cabelo cheio de bobs e caminhava de um lado para o outro.

– Hmm, Pen, eu não acho que cinco xícaras de café vão ajudar você a ficar mais calma. – Charlie caminhou até ela e colocou uma mão sobre o ombro da amiga. – O que está acontecendo?

– Você lembra como eu, você e as garotas sempre rimos dessas mulheres que vivem em função da casa e do marido e só sabem falar sobre os novos eletrodomésticos para cozinha? E se eu me tornar uma dessas mulheres? – Penny perguntou, sentando-se na cadeira em frente a penteadeira.

– Ah, Penelope, faça-me o favor! É mais fácil o Tom se tornar essa pessoa do que você. – Charlie se agachou em frente a amiga que soltou uma gargalhada com o comentário. – Não se preocupe Penny, você não vai deixar de ser você só porque vai se casar. Andie, Lauren e eu fazemos piada com isso porque no fundo sentimos um pouco de inveja dessa vida, ou pelo menos da possibilidade de tê-la.

Charlie nunca quis ter uma festa onde centenas de pessoas que você nem conhece fingem desejar felicidades, mas a verdade é que ela sentia inveja de quem podia celebrar seu amor livremente. Penny pendeu a cabeça para o lado em pesar.

– Oh, Charlie...

– Não falei isso para você ficar com pena de mim. – Charlie riu, tentando animar a amiga. – Falei para você deixar de besteira e ficar feliz que está chegando o seu grande dia!

Depois de alguns segundos, Penny concordou com a cabeça e abraçou Charlie.

Jane, que estava sentada na cama apenas observando, ficou intrigada com a conversa.

– Ainda bem que você chegou. Ninguém até agora tinha dito nada que pudesse me acalmar, Maggie mesmo falou três vezes que ainda dava tempo de desistir. Isso é conselho que se dê?

– Maggie já está aqui? – Charlie perguntou, sentando-se na cama ao lado de Jane. Ela sabia que a maioria dos convidados chegariam apenas no sábado, já que na sexta-feira seria a despedida de solteira apenas com as amigas mais próximas. – Como ela está? Faz mais de um ano que eu não a vejo.

– Tá bem, mas você conhece a Maggie, né? – Penny gesticulou com as mãos de maneira dramática fazendo referência ao jeito efusivo da prima. – Ela acha que eu não deveria largar o emprego para me casar.

– Ah! – Charlie exclamou em protesto – É uma hipócrita mesmo – balançou a cabeça negativamente com a lembrança de Maggie a cobrando para largar o emprego para ficar com ela. Penny deu de ombros.

– Gato escaldado tem medo de água fria, não é assim que dizem? – Penny respondeu de maneira enigmática enquanto passava máscara nos olhos, deixando uma Jane confusa e uma Charlie embaraçada. – Mas não estamos aqui para falar da minha prima. Claire, eu estava curiosa para te conhecer, ouvi falar muito de você.

– Coisas boas, espero. – Jane ficou igualmente tímida e envaidecida por saber que Charlie falava dela para a melhor amiga.

– Ah, quanto a isso não tenha dúvidas. Charlie é só elogios a você. – Penny ainda mantinha o sorriso enigmático de provocação e continuava a se maquiar. – Confesso que estava com um pouco de

medo pela comissária que iria me substituir. Charlie pode ser intimidadora às vezes.

– Oh, não consigo imaginar Charlie sendo rude com ninguém, ela é a pessoa mais gentil que eu já conheci! – Jane sorriu para Charlie, que retribuiu o sorriso de maneira amável. Penny apenas observava a interação das duas pelo espelho. A inglesa virou para a melhor amiga e notou que estava sendo atentamente observada e resolveu mudar de assunto.

– E você está se arrumando toda para quê? A despedida de solteira não é só amanhã? Eu deveria saber a data, afinal eu que estou organizando.

– Hoje é um jantar para família – Penny falou, revirando os olhos, – Tommy, eu e nossos pais!

– Agora eu entendo por que você tomou cinco xícaras de café. – Charlie riu, mas manteve um olhar de complacência.

– Mas eu não, qual o problema com o jantar? – Jane perguntou, genuinamente curiosa.

– Basta dizer que minha sogra não aprova muito minha idade.

– Ué, e é ela que vai se casar com você? Que moral uma velhota tem para falar desse assunto, afinal? – Jane respondeu em um tom quase hostil que despertou a risada das outras mulheres.

– O.k., Charlie, entendi o seu apego agora. Também gostei dela!

As três conversaram mais um pouco sobre amenidades e então Jane e Charlie ajudaram Penny a se arrumar para o famigerado jantar. Penny perguntou um pouco da vida de Jane e a convidou para ir à festa de despedida de solteira no dia seguinte. Finalmente, Penny saiu para o jantar e Jane e Charlie resolveram jantar no restaurante do hotel.

Na volta para o quarto Charlie estava apreensiva com a ideia de dividir a cama com Jane novamente. Ela tinha bem viva na memória a lembrança de quando elas dormiram em sua cama e, principalmente, da sensação de acordar na manhã seguinte com Jane enroscada nela.

Charlie não conseguia mais tirar Jane da cabeça, sonhava com ela com frequência e nos dias que não estavam juntas se pegava pensando nela muito mais do que ela julgava ser possível. A garota havia colonizado seus pensamentos e Charlie não sabia mais como lidar com essa dependência. Não sabia mais como disfarçar seus sentimentos.

Depois da viagem para o Rio de Janeiro, havia se tornado ainda mais difícil ignorar a sensação no fundo do peito quando Jane estava perto. Charlie tinha fixado na memória a sensação do corpo de Jane próximo ao seu enquanto a ensinava a sambar e a imagem da garota mordendo os lábios antes da onda – do mar e de realidade – acertá-las.

Tudo que Charlie queria era poder dormir abraçada com Jane, sentindo o calor do corpo dela junto ao seu. E ter que passar quatro longas noites com a garota a apenas alguns centímetros dela sem poder tocá-la parecia uma brincadeira de mal gosto do destino.

Quando Jane saiu do banheiro, já pronta para dormir, percebeu Charlie pensativa deitada na cama. Ela fez o mesmo e virou de lado para Charlie apoiando a cabeça em seu braço.

– Você parece preocupada – Jane falou, arrancando Charlie dos seus pensamentos.

– Hm? Ah! Eu estou um pouco cansada só. E você, melhor?

Charlie não queria pressionar Jane e muito menos relembrá-la do motivo de estar ali, mas ela estava preocupada e queria saber

como a garota estava lidando com a situação com os pais.

– Pra ser sincera eu tô tentando não pensar nisso. Eu vou esperar a poeira baixar um pouco e depois talvez eu viaje até a Califórnia para conversar pessoalmente com eles, não sei ainda. Mas de qualquer forma não tem nada que eu possa fazer agora. – Jane tentou dar de ombros, mas Charlie notou seu olhar um pouco triste.

– Me desculpa por ter perguntado.

– Não seja boba. – Jane voltou a encarar Charlie. – Você não tinha obrigação nenhuma de me trazer aqui só para me distrair e ainda assim trouxe, você pode me perguntar o que quiser – disse com um meio sorriso.

– Na verdade, não foi um ato tão altruísta assim – fez uma pausa e acrescentou timidamente – eu também não queria vir sozinha.

Jane sorriu com a maneira envergonhada de Charlie.

– E por que não?

– Não sei – disse, dando de ombros. – Casamentos fazem você repensar um pouco algumas decisões da vida...

– Você se refere ao seu ex-noivo? Você se arrepende da sua decisão?

– Não exatamente, ele não era a pessoa certa. Mas não vou negar que me peguei pensando em como minha vida seria se eu tivesse agido diferente.

– Casamentos são meio agridoces mesmo. – Jane disse pensativa.

– De qualquer forma, obrigada por vir comigo.

– Não precisa me agradecer, eu adoro estar com você! – Jane lançou um sorriso terno que fez o coração de Charlie se aquecer inteiro. O efeito deve ter subido para suas bochechas porque em seguida Jane acrescentou. – É tão fofo como você fica corada com o mais simples dos elogios.

Jane se inclinou e beijou Charlie na bochecha. Um beijo doce e carinhoso. O contato dos lábios macios em seu rosto e o já familiar cheiro cítrico dos cabelos de Jane fizeram o coração da inglesa acelerar no peito.

Jane se afastou um pouco e as duas se encararam. Charlie notou como elas estava próximas e tudo que queria fazer era puxá-la pela nuca e beijá-la de verdade. Ela não sabe quanto tempo as duas ficaram naquela posição, mas quando Jane se afastou, Charlie pode ver certa confusão em seu olhar. Apesar disso Jane sorriu para ela.

Ah, aquele sorriso tinha o poder de iluminar o mais sombrio dos dias!

– Boa noite, Charlie.

Charlie tinha certeza de que sua voz falharia miseravelmente se ela tentasse articular alguma resposta, por isso limitou-se apenas a sorrir de volta.

24.

Toronto, 04 de julho de 1952

A despedida de solteira de Penny estava sendo organizada por Charlie, Andrea e Lauren. E, a pedidos da noiva, não teria nada de muita ‘frescura’. Ela queria apenas uma reunião íntima com as amigas mais próximas, com música boa e bebidas fortes.

Como nenhuma das três madrinhas ousaria desrespeitar o pedido de Penny, foi exatamente isso que providenciaram. Havia sido convidadas apenas oito mulheres além da própria noiva. Nove, já que Penny havia convidado Jane na noite anterior. As convidadas eram: Charlie, Andrea, Lauren, Jane Adams, Daisy, Maggie, Jane Smith e mais duas amigas de Penny, Katherine e Violet.

Antes das 20:00 quase todas já estavam no bar bebendo e se divertindo. O local, que estava mais para um Pub inglês, era pequeno e aconchegante, e um bartender estava trabalhando apenas para servir a reunião. Elas haviam solicitado uma mesa grande onde todas pudessem sentar-se juntas. Espalhado pelo ambiente também havia algumas poltronas de couro e sofás e até uma pequena pista de dança.

Naquele momento Jane estava conversando com Daisy e Jane Adams. Charlie e Lauren estavam resolvendo os detalhes de última hora com o bartender, enquanto Penny, Andrea, Katherine e Violet conversavam animadamente na mesa principal.

– PENNY! – Uma mulher ruiva usando um vestido azul marinho que realçava sua pele branca gritou assim que entrou no bar. – Eu não acredito que você vai fazer isso mesmo, eu apostei com a Andie que você ia acabar desistindo – concluiu rindo, se aproximando de Penny para dar um abraço nela.

– Maggie, eu estava achando que você não viria mais. – Penny retribuiu o abraço da prima.

– Você está me devendo \$20 falando nisso – Andrea comentou, abraçando a amiga também.

– Só domingo depois que os pombinhos falarem ‘sim’.

Maggie e cumprimentou também Kate e Violet antes de virar-se em direção ao bar e ver Charlie.

Fazia muito tempo que elas não se viam, desde que Maggie havia se mudado para Boston. A ruiva visitou as amigas em Nova York mais de uma vez, mas nunca coincidiu de a inglesa estar na cidade na mesma data. Após o término do relacionamento elas haviam mantido uma boa amizade, mas todas sabiam que Maggie ainda sentia alguma coisa por Charlie. Maggie sorriu antes de caminhar até o bar e assim que Charlie a viu abriu um sorriso também.

– Charlotte Thompson! – exclamou. – Quem é viva sempre aparece, hein?

Maggie a abraçou forte. Charlie retribuiu o abraço.

– Meu Deus, Maggie, quanto tempo, como você está *darling*? – falou ainda abraçada na ex.

– Melhor agora – Maggie respondeu em tom de flerte. – Você está linda – falou no ouvido de Charlie antes de soltá-la.

Jane observava a cena de longe. Por alguma razão, desde o dia anterior quando ouviu falar dessa moça pela primeira vez, sentiu uma imediata antipatia.

– Você também, Maggie – Charlie respondeu meio sem jeito.

Maggie cumprimentou Lauren e as três ficaram conversando por alguns minutos, Maggie elevando o tom entusiasmadamente de

tempos em tempos.

– Acho que você vai ter competição domingo, Jane – Daisy falou para amiga que estava ao seu lado. – Essa moça parece ser do tipo que gosta de roubar a cena.

– Ah, Daisy, por favor, essa moça aí parece ser do tipo bem vulgar, isso sim, Jane é autêntica, não fica fazendo de tudo pra chamar a atenção. – Jane Smith sentiu obrigação de defender a xará da comparação esdrúxula com aquela sujeita.

– Obrigada, Claire. – Jane Adams agradeceu em tom triunfante. – Mas a tal moça ‘vulgar’ e Charlie parecem ser bem próximas.

Infelizmente, Jane teve que concordar com ela. Elas pareciam muito próximas. A maneira como Maggie não parava de tocar o braço de Charlie, a maneira como elas riam juntas (até mais descontraidamente do que Jane viu Charlie rindo com Ryan), a maneira como Charlie casualmente colocou a mão na parte inferior das costas da ruiva... Tudo isso deixou Jane com uma sensação desconfortável de que ela só poderia descrever como *desprezo*. E ela tinha certeza de que tinha tudo a ver com a antipatia por essa sujeita e nada a ver com o fato de que queria ser ela a estar fazendo Charlie agir de forma casual, relaxada e feliz.

Quando Jane se deu conta, Charlie e a tal prima de Penny estavam se aproximando delas.

– Maggie, deixa eu te apresentar, acho que elas são as únicas que você não conhece: Jane, Daisy e Claire – disse, apontando para cada uma enquanto as nomeava. – Meninas, esta é Margaret, prima de Penny. – Todas se cumprimentaram e Charlie continuou. – Elas trabalham comigo, Claire é a substituta de Penny na equipe.

– Charlie está sendo uma megera com você? – Maggie perguntou com um sorriso um pouco sádico demais para o gosto de Jane. – Não leve a mal, é que ela era muito apegada a Penny, não é nada pessoal.

– Acho que você não deve conhecer Charlie muito bem, ela é muito gentil e sempre me tratou de maneira muito atenciosa – Jane respondeu com um sorriso que beirava a hostilidade. Maggie soltou uma risada enigmática.

– Que sorte a sua, não achei que Charlie iria superar a saída de Penny tão rápido. Mas espera, se você é a substituta como você conheceu Penny? Por que você está aqui afinal? – Maggie perguntou com uma curiosidade genuína, mas cada vez que ela abria a boca Jane sentia sua antipatia aumentar.

O que importa afinal o porquê de Jane estar ou não na festa?

– Charlie me convidou para o casamento, conheci Penny ontem e ela me convidou para essa festa – Jane respondeu de maneira ríspida como se fosse óbvio. Charlie, Jane Adams e Daisy apenas observavam a guerra fria que estava sendo travada.

– Charlie trouxe você para o casamento, e Penny, cinco minutos depois de te conhecer, te convidou para uma festa reservada para as amigas mais íntimas? – Maggie agora olhava para Charlie como se pudesse ler os mais profundos sentimentos dela. – Interessante.

– Maggie, posso falar com você um minuto? – Charlie falou, puxando a ruiva pelo braço e a arrastando para longe de Jane. – Desculpem um minuto – Charlie falou para as colegas que apenas concordaram com a cabeça.

– Argh, que pessoa desagradável! – Jane comentou assim que elas saíram.

Charlie levou Maggie para um canto afastado do resto das convidadas e colocou contra a parede.

– O que você está fazendo?

– Essa é sua nova namorada? – demandou Maggie.

– O que? Não! – Charlie se colocou de maneira defensiva. – Claire apenas trabalha comigo, eu a convidei porque ela era a única da tripulação que não iria vir.

– Ah, pobrezinha.

– Claire é minha amiga, eu a trouxe porque eu quis e mesmo que ela fosse minha namorada, você não teria nada a ver com isso! Não existe razão nenhuma para você fazer cena. – Charlie sentia-se frustrada. – Além do mais ela é hétero.

– Oh, Charlie, você trouxe uma acompanhante hétero? – Maggie tinha uma cara de falso lamento. – Isso é meio triste, não acha? Mas tudo bem, vou tratar sua amiga bem, eu prometo. – Maggie concluiu com um sorriso travesso.

Charlie suspirou fundo. Maggie era uma boa pessoa, mas sabia ser insuportável às vezes.

Maggie voltou à roda que Penny estava e Charlie se juntou a Lauren para os últimos preparativos. Charlie sabia que precisava falar com Lauren e Andrea antes que a situação ficasse ainda mais difícil que já estava. Ela fez um sinal para Andrea, a chamando para se juntar a ela e Lauren no bar. As três sentaram-se nas baquetas do bar viradas de costas para a festa e pediram três copos de whisky.

– É... Antes de apresentar vocês à Claire, tem uma coisa que precisam saber. – Charlie sentia-se nervosa. – Bem, é que ela não é exatamente minha namorada. Na verdade, ela não é minha namorada de forma alguma. – Charlie brincava com o copo de whisky que segurava. – Ela nem sabe que eu sinto algo por ela... Ou por mulher alguma, por assim dizer.

Lauren e Andrea apenas olharam para Charlie por uns instantes antes de terem qualquer reação.

– Desculpa, o que? – Lauren foi a primeira a dizer alguma coisa. Depois de alguns segundos, ela acrescentou: – Por que você mentiu?

– Porque eu sabia que vocês iriam ficar me importunando para arrumar uma namorada e blá blá blá. – Charlie soltou um suspiro de frustração. – E quando dei por mim já tinha me enrolado toda.

– Mas a pergunta é: por que você a trouxe, afinal? – Andrea perguntou.

– Não sei, é uma história complicada e longa.

– Sem ofensas, Charlie, mas parece uma história bem simples e curta: você tá apaixonada por essa moça – Lauren respondeu, dando um tapinha nas costas da amiga, ela estava achando engraçado o desespero de Charlie.

– Argh, eu me sinto como uma adolescente de novo, quando vejo já fiz algo estúpido como trazer ela de acompanhante para uma festa onde estão metade das minhas ex!

Charlie apoiou os cotovelos no balcão do bar e segurou a cabeça entre as mãos.

– Oh, docinho. – Andrea passou as mãos nas costas de Charlie em sinal de conforto. – Não se preocupe, no que depender da gente ela não vai descobrir nada que não seja da sua boca.

– Mas sabe, até que é bonitinha essa sua versão apaixonada, fazendo tolices. – Lauren comentou, abraçando a amiga pelo ombro.

Charlie riu, ela nunca tinha se sentido tão vulnerável em relação a outra pessoa, sentia que não tinha controle sobre nada em relação

a Jane. Sentia-se sendo arrastada pela correnteza, da mesma forma que se sentiu naquele dia em que elas quase se beijaram na praia.

– Mas agora você vai nos apresentar a ela ou o que? – Andrea perguntou, lançando um olhar na direção de Jane. – Queremos conversar com essa moça que te faz agir como uma tola.

– Está bem. Mas por favor, não me envergonhem na frente dela!

Charlie entornou o resto do whisky e virou em direção a Jane e suas colegas. Percebeu que a garota olhava para ela de maneira curiosa, mas assim que foi flagrada desviou o olhar e voltou sua atenção novamente para Daisy e Jane Adams. Charlie se levantou e caminhou na direção delas, Andrea e Lauren pegaram seus copos e a seguiram.

Jane Adams e Daisy estavam sentadas em um sofá de couro e conversavam animadamente com Jane que estava em um divã ao lado do sofá. Daisy contava às colegas sobre um jantar na mansão de uma tia-avó de Henry que era pra lá de excêntrica. A velha tinha mais de trinta gatos e todos eles ‘jantaram’ junto com eles no salão principal. As duas Janes se divertiam com a história quando Charlie e as amigas se aproximaram.

– Meninas, queria apresentar para vocês, minhas amigas de muitos anos, Andrea e Lauren – Charlie falou enquanto apontava para cada uma respectivamente. – Essas são Daisy, Jane e Claire.

– Ah, Charlie, assim você faz a gente parecer velha! – Lauren interveio estendendo a mão primeiramente para a que ela pensava ser Claire. – Não são tantos anos assim – concluiu com uma piscadinha para a garota, Jane sorriu para ela. Depois cumprimentou as outras. Andrea fez o mesmo.

– É um prazer conhecer amigas da Charlie, às vezes parece que ela vive só pro trabalho – Daisy falou. – Sentem-se.

Andrea foi a primeira a aceitar o convite e sentou-se ao lado de Jane Adams no grande sofá de couro, Lauren se sentou na poltrona que ficava na direção oposta do divã e Charlie sentou-se no divã ao lado de Jane. Sentia-se tímida sabendo que Lauren e Andrea estariam analisando todos os seus movimentos.

– E como vocês e Charlie se conheceram afinal? – Jane Adams perguntou às duas desconhecidas.

– Nós nos conhecemos na faculdade – Andrea foi a primeira a falar. – Charlie e Rob estavam matando aula no jardim, como sempre e eu pedi um isqueiro a eles. Como nenhum dos dois fumavam, Rob, muito cavalheiro, saiu a procura de um e nós começamos a conversar e nunca mais paramos.

– Rob era um safado, isso sim, ele só foi atrás do isqueiro porque ele achou que teria alguma chance com você – Charlie disse. Andrea e Lauren riram da situação, as outras três mulheres não entenderam o porquê da graça, mas riram junto.

– Quem é Rob? – Daisy perguntou.

– É o irmão gêmeo da Charlie – Jane respondeu para a surpresa de todas na roda. Jane Adams e Daisy por perceber que a novata já sabia mais da vida de Charlie do que elas próprias e Andrea e Lauren por perceberem que Charlie estava mesmo seriamente interessada na moça a ponto de falar de sua vida pessoal a ela, afinal elas sabiam muito bem o quão reservada Charlie costumava ser.

– Claire, você já sabe mais da vida de Charlie do que nós que trabalhamos com ela há mais de um ano. Como isso é possível? – Jane Adams perguntou admirada.

– Porque nós dividimos o mesmo quarto ué, você e Daisy não conversam? – Jane retrucou rapidamente. – Mas não vamos fugir do foco... Charlie, você era do tipo que matava aula? Quem diria!

– Ih, Charlie era muito subversiva naquela época, vocês ficariam chocadas, principalmente quando ela e Rob estavam juntos – Andrea comentou rindo. – Tadinha, a tia Agatha sofreu poucas e boas nas mãos de vocês.

– De vocês, não. Nas nossas! – Charlie retrucou. – Você também estava sempre no meio.

– Confesso que gostaria de ter visto esse seu lado – Jane disse com um sorriso de lado, elevando uma sobrancelha. Ela fazia essas coisas da forma mais inocente, Charlie sabia disso e apreciava sua espontaneidade. Mas naquele momento, sob o olhar escrutinador das amigas, teve vontade de se enfiar embaixo da mesa.

Antes que Charlie pudesse responder, Penny apareceu, segurando duas garrafas de tequila nas mãos e pedindo que se juntassem ao resto das mulheres na mesa grande. Afinal, era sua despedida de solteira e ela não queria ninguém sóbria. E foi exatamente isso o que aconteceu.

Já passava da meia noite quando Jane e Charlie decidiram voltar ao hotel. Elas estavam entrando em um táxi quando Maggie gritou para que a esperassem. Jane não conseguiu ter a educação de não revirar os olhos, mas esperou mesmo assim. A viagem até o hotel, apesar de rápida, foi silenciosamente constrangedora.

Assim que chegaram Charlie estava tão bêbada que Jane teve que praticamente carregá-la até o elevador. Maggie, não estava muito melhor, mas Jane deixou que se virasse sozinha.

As três pegaram o elevador juntas. Charlie e Jane estavam hospedadas no quinto andar e Maggie estava no sétimo. Assim que o elevador parou no número cinco Jane se apressou em sair para levar Charlie para o quarto, mas antes que ela pudesse, Maggie a puxou pelo braço, a virou de frente para si e a abraçou como se não a visse há anos.

– Foi maravilhoso rever você, muffin – Maggie falou no ouvido de Charlie enquanto a abraçava forte.

Jane que segurava a porta do elevador deu certa distância para as duas, mas não pode evitar ouvir a conversa e sentir-se incomodada diante da cena.

– Você também, Mags – Charlie respondeu no mesmo tom, correspondendo o abraço. Jane nem disfarçava o desagrado.

– Se você quiser, vou estar sozinha até de manhã na minha suíte – Maggie falou em um sussurro e desta vez Jane não conseguiu ouvir, mas pela reação de Charlie ela nem sabia se queria.

– Oh, Margaret, – Charlie riu, – você é incorrigível mesmo – falou, se soltando do abraço da ex. Maggie também riu, mas a puxou novamente pelo braço para lhe cochichar algo.

– 703, se você mudar de ideia – falou no pé do ouvido dela antes de apertar o botão do sétimo andar, em seguida lançou uma piscada para Charlie enquanto a porta do elevador se fechava.

Quando enfim chegaram no quarto, Charlie estava bêbada demais para fazer qualquer coisa. Ela se jogou na poltrona que ficava próxima da porta e Jane soube que se não tirasse ela de lá, passaria a noite inteira dormindo sentada.

– Charlie, você não pode dormir aí. – Jane tentou gentilmente chacoalhar a morena. – Amanhã você vai estar toda doída.

– Uhum – a inglesa balbuciou sem se mexer um milímetro. Jane suspirou ao perceber que não seria uma tarefa fácil cuidar dela, mas ela não iria desistir tão rapidamente. Ela pegou um copo de água e levou até Charlie e com gentileza tentou fazê-la beber.

– Aqui, Charlie, beba isso. – Jane apoiou a cabeça de Charlie em sua mão enquanto com a outra segurava o copo próximo de sua

boca. Vendo a cara contrariada de Charlie, insistiu: – Amanhã você vai me agradecer por isso.

– Na-não quero, eu tô bem.

– Você é mais teimosa que uma mula empacada as vezes – suspirou, depois de uma pausa continuou tentando. – Beba, por favor, é para o seu bem – Jane falou de maneira tão doce que Charlie não pode recusar. Alguns segundos após beber o copo todo, Charlie sentiu novamente seus olhos fechando, ainda sentada na poltrona. Jane tirou o scarpin dos pés de Charlie antes de tentar ajudá-la a se levantar.

– Charlie, vem, eu vou te levar pra cama – Jane falou, puxando com delicadeza a inglesa pelo braço.

– Hmm, já não era sem tempo! – Charlie tinha um sorriso idiota nos lábios, mas Jane não pareceu entender e apenas inclinou a cabeça para o lado em sinal de confusão.

Naquele momento Charlie ficou um pouco mais sóbria, ela endireitou o corpo e caminhou quase sem ajuda até a cama e sentiu uma onda de tristeza tomando conta dela. Seria tão mais fácil se ela pudesse simplesmente aceitar a oferta de Maggie, mas ao invés disso ela queria apenas ficar perto de Jane, conversar com ela, ou até mesmo só olhar para ela. Sentia-se triste por saber que não poderia ter a relação que gostaria e, ao mesmo tempo, não tinha vontade de tê-la com mais ninguém. Nunca se sentiu desse jeito por ninguém antes, e sentia uma angústia de não saber o que viria no futuro.

Jane notou a expressão no rosto de Charlie. Sentou-se na cama ao lado dela e tirou uma mecha de cabelo do seu rosto antes de beijar sua testa. Charlie fechou os olhos com o contato, aquilo parecia uma tortura, ela não sabia mais quanto tempo iria aguentar aquela situação sem estragar a amizade das duas.

– Por que você está tão triste, Charlie? – Jane perguntou de forma doce enquanto afagava os cabelos da amiga. Charlie suspirou, não sabia o que falar. Ela sabia que Jane só queria confortá-la, mas aquilo a estava deixando ainda mais angustiada.

– Eu não consigo mais – disse, soltando-se dos carinhos de Jane e caminhando até o banheiro.

Ela devia estar bem mais bêbada do que imaginava porque quase bateu na parede tentando entrar no banheiro e teve que segurar-se na porta. Dois segundos depois Jane estava novamente segurando ela e a ajudando a ir ao banheiro.

– Me desculpe, Claire, você não precisa ficar cuidando de mim, vou tomar banho e dormir – ela disse caminhando até o chuveiro e tropeçando no tapete.

– Claramente eu não preciso cuidar de você – Jane respondeu, rindo. Ela não se importava nem um pouco em cuidar de Charlie. Afinal ela já havia cuidado de Jane antes. Mas não podia negar que estava preocupada com o seu estado, nunca a havia visto tão bêbada e ao mesmo tempo tão estranha.

– Vem, vou te ajudar – Jane disse.

Jane achou prudente ajudá-la no banho. Quando acabou ela estava ensopada, Charlie estava praticamente dormindo embaixo do chuveiro e o máximo que Jane conseguiu fazer foi vestir um roupão em Charlie e rebocar ela para a cama.

– Você não demorou nadinha pra me mostrar seu lado rebelde – Jane disse enquanto se deitava. – Boa noite, Charlie!

– Boa noite, Claire – balbuciou Charlie.

25.

Toronto, 06 de julho de 1952

Apesar de estarem no auge do verão, o dia amanheceu com uma brisa fresca que mais parecia primavera. A cerimônia estava marcada para às dez horas da manhã e às oito em ponto Charlie já estava arrumada e a postos ao lado de Penny.

Charlie usava um vestido longo turquesa claro, que deixava boa parte de suas costas à mostra, mas que cobria todo o colo com a linha do decote indo até a base do pescoço. Simples e sóbrio, ele combinava tanto com ela quanto com o tipo de evento.

Maggie havia prometido que iria maquiar e pentear Penny para a cerimônia junto com Charlie, mas conhecendo Maggie as duas sabiam que ela provavelmente ainda estava trabalhando no próprio visual. Maggie nunca chegou na hora em nenhum compromisso na vida.

– E se começar a chover? – Penny perguntou, balançando a perna enquanto Charlie tentava calmamente aplicar os cílios postiços que Maggie havia insistido que era o que havia de mais moderno em termos de maquiagem.

– Penny, o dia está lindo, não tem uma nuvem sequer no céu. Por favor, se acalma e deixa eu colocar esse negócio porque é mais difícil do que parece – Charlie suspirou e voltou a tarefa delicada. – Maggie inventa essas coisas e some na hora de fazer, cadê ela afinal? – perguntou irritada ao perceber que pela terceira vez havia aplicado o cílio torto.

– Como se você não conhecesse a peça.

– Até parece que ela é a noiva – Charlie retrucou ainda meio ranzinza, mas já mais calma depois de ter finalmente acertado a

posição do cílio. Sorriu satisfeita ao perceber que eles realmente valorizavam os olhos de Penny.

– Para isso você teria que aceitar voltar com ela primeiro – provocou a noiva. – Você sabe que ela ainda te ama e faria qualquer coisa para vocês voltarem, não é?

– Parece que estamos todas nos agarrando a sentimentos não correspondidos. – Charlie soltou um suspiro profundo, não escondendo sua frustração.

– Eii, eu não! – Penny protestou. – Eu vou me casar hoje. – Charlie sorriu enquanto aplicava máscara nos recém colocados cílios postiços. – Mas falando nisso, como estão as coisas entre você e Claire?

– Tá na mesma. Eu continuo sendo a mesma covarde e ela continua sendo a pessoa mais doce do planeta!

– Autopreservação não é covardia, Charlie.

– Mas eu acho que eu posso ter falado alguma coisa sexta-feira depois da festa. – Charlie parou o que estava fazendo para externar pela primeira vez a preocupação que a acompanhava desde o dia anterior. Penny se endireitou na cadeira para encarar a amiga e esperar pelo resto da história. Charlie suspirou e continuou: – Eu não sei ao certo o que pode ter sido, ontem eu tive uma ressaca daquelas que você sente o chão girando o dia todo e não lembro de nada que aconteceu depois de Maggie contar aquela história da festa em Philly. Mas ontem Claire estava diferente, ela continua sendo a pessoa mais atenciosa e doce que eu conheço, mas ela me olhava com certa *pena*? Não sei, tinha algo de diferente.

– Ah, Charlie, ela estava olhando pra você com pena, porque você de ressaca é digna de pena mesmo. – Penny riu. – Você fica excessivamente dramática nessas situações.

– Talvez você tenha razão mesmo – Charlie falou sem muita convicção. Penny parecia prestes a falar mais alguma coisa quando a porta do quarto se abriu. Era sua mãe vindo comunicar que estava tudo pronto. Ela decidiu ficar e ajudar Charlie já que Maggie parecia que não ia aparecer tão cedo mesmo.

Apesar de ter sido bem mais agradável e até divertida em alguns momentos, a cerimônia de casamento foi mais ou menos como Jane esperava. Ela não tinha ido em muitas no decorrer da vida, mas sabia que certamente as mulheres mais velhas iriam chorar, as solteiras iriam procurar por um futuro marido e as mais maldosas iriam falar mal dos vestidos das outras. E foi mais ou menos isso mesmo que aconteceu.

Pelo menos todo casamento tinha sua compensação na hora da recepção.

A recepção foi organizada em um segundo jardim do hotel e as mesas haviam sido distribuídas ao redor de um grande chafariz e em frente a um gazebo. As mesas eram redondas e brancas em estilo provençal com capacidade para até oito pessoas. A mesa de Jane ficava praticamente ao lado do chafariz e atrás dela havia um canteiro de lírios brancos. Estavam ali Daisy e Henry, Jane Adams e Marcello, Ryan e Jéssica, e Jane e Edward. Charlie estava na mesa das madrinhas, próxima a mesa dos noivos e pais dos noivos. Embora estivesse constrangida de estar com Ed em uma mesa cheia de casais, Jane tinha que admitir que haviam conseguido arranjar bem a distribuição, levando em conta que Charlie só avisou Penny de que levaria Jane poucos dias antes.

Jane também notou que o resto da tripulação e suas esposas estavam em uma mesa longe do gazebo e do chafariz, e pensou que deveria ser um tipo de vingança de Penny por eles serem tão antissociais e não se misturarem com o resto da equipe.

A mesa de Charlie era menor que a mesa que Jane estava, tinha espaço apenas para seis pessoas. Todas as madrinhas haviam almoçado na mesa: Charlie, que era a dama de honra; Lauren; Andrea; Maggie; Kate; e Violet. Maggie mudou de mesa logo depois do almoço, Charlie imaginou que tivesse se juntado a sua família, mas não sabia onde ela estava agora. Kate e Violet também haviam se mudado para a mesa de seus namorados. Na mesa do lado estavam as acompanhantes de Lauren e Andrea e mais algumas amigas e elas agora tinham juntado as duas mesas e se sentavam todas juntas.

Depois de Lauren e Andrea fazerem muita chacota de Charlie sobre sua situação com 'Claire' para todas na mesa, as garotas insistiam que Charlie fosse buscar a loira para que todas a conhecessem. Embora um pouco contrariada, ela finalmente cedeu e foi buscar a garota para se juntar à mesa de suas amigas.

Ela guiava Jane até a mesa quando foi interrompida por um furacão.

– OH MEU DEUS, CHARLOTTE!

– Dottie? – Charlie olhou para a mulher como se tivesse visto um fantasma. – O q-que você está fazendo aqui? Quer dizer, eu não sabia que você era amiga de Penny.

Dorotea Del Bianco era uma mulher na casa dos trinta anos, loira com bochechas rosadas e um senso de moda que não valorizava muito a própria beleza, tinha os cabelos arrumados em um topete perfeito que Charlie pensou ter requerido muito mais laquê do que o aceitável. Dottie e Charlie se conheciam há muitos anos e Charlie já havia passado por muitas saias justas com o jeito nada discreto da mulher. A pior delas, quando Dottie tirou Charlie do armário para Sandra em uma viagem para Londres em que Dottie era passageira e havia se hospedado no mesmo hotel que a tripulação.

Charlie tentava entender por que Penny convidaria Dottie para o casamento.

– Oh, eu estou aqui com a Maggie – respondeu com um sorriso dissimulado virando-se para encarar Jane. – Você não vai me apresentar sua *amiga*?

– Colega! – Charlie corrigiu rapidamente.

Dottie esperou pela apresentação, quando percebeu que Charlie não faria a olhou com interesse e um brilho no olhar que a inglesa não soube identificar. Jane parecia desconfortável com a situação e Charlie teve vontade de se estapear... Ou melhor, estapear Dottie. Porque se ela não tivesse um histórico de tirar Charlie do armário, ela não estaria agindo assim agora.

– Ah, percebo. Enfim, eu nem acredito que você está aqui, Dottie e Lottie juntas novamente, vai ser como nos velhos tempos.

– Por favor, não me chame de ‘Lottie’. – Charlie odiava o apelido e odiava todas as vezes que havia baixado a guarda perto de Dottie. Todas as vezes que Dottie não conseguia o que queria com Charlie, fazia questão de estragar a festa dela de alguma forma. Nas primeiras vezes Charlie pensou ser um mal-entendido e Lauren garantiu que no fundo Dottie era uma boa pessoa. Mas logo Charlie percebeu que ela não era o tipo de pessoa que sabia lidar com rejeição e fazia de propósito como forma de vingança. Desde então, sempre se sentiu tensa e pronta para um desastre na presença da loira.

– Enfim, Andie está me chamando, foi bom encontrar você, Dottie. – Charlie não esperou pela resposta e puxou Jane pelo pulso até a mesa.

Assim que chegaram na mesa Charlie apresentou Jane.

– Meninas, essa é Claire, a substituta de Penny na Northern Star. Claire, Lauren e Andie você já conhece, essas são Mary, Kitty,

Theresa, Marianne e Beth.

As duas se sentaram no meio de Andie e Lauren enquanto Jane cumprimentava todas de forma tímida. Sentia-se como uma atração de circo com tantos olhos sobre ela.

Assim que se sentaram, Jane percebeu Charlie virando-se para Lauren e perguntando sobre a tal Dottie.

– Você sabia que Maggie iria trazê-la?

– Na verdade, ela havia anunciado na última vez que esteve em Nova York, acho que você estava na Suíça na ocasião. – Lauren encolheu os ombros. Sabia da antipatia de Charlie por Dottie, mas ninguém podia impedir Maggie de trazer a mulher ao casamento.

– Argh! Cadê a Margaret?

– Tá lá na mesa da tia Delphie, mas você não vai lá agora – disse, segurando delicadamente a amiga pelo braço. – Deixa a Delphie e a Liz fora disso.

Charlie assentiu com a cabeça tentando ficar um pouco mais calma.

– Então, Claire, Charlie disse que você é artista? – Jane estava tão concentrada na interação de Charlie e Lauren que quase não notou a pergunta da mulher que ela lembrava se chamar Kitty.

Charlie olhou para a amiga com reprovação, não queria que Jane soubesse que falava dela para as amigas.

– Ah, Charlie foi generosa, eu não sou uma artista, eu pinto de vez em quando por hobby apenas – disse, sentindo-se encabulada.

– Você está sendo modesta. Ela é uma artista maravilhosa, eu vi os quadros dela, inclusive o da vista do nosso quarto em Roma, perfeito! Eu posso garantir, já que vi a paisagem original – Charlie concluiu com um sorriso fascinado e Jane corou ainda mais.

– E por que você virou comissária ao invés de artista? – Andie perguntou genuinamente curiosa.

– Hmm... Boa pergunta – Jane disse sincera com uma risada nervosa. – Acho que posso dizer que minha melhor amiga que me convenceu.

Um garçom passou servindo Champagne e Jane aproveitou para encher sua taça na tentativa de relaxar um pouco. Continuou:

– Mas eu não me arrependo, na verdade essa foi a melhor decisão da minha vida. Viajar o mundo é um sonho que sempre tive, além do mais, me inspira e me ajuda a pintar melhor.

– E qual é o seu artista preferido? – Beth perguntou.

Jane franziu um pouco o nariz tentando pensar em uma resposta. Existiam muitos pintores que a inspiravam, era difícil pensar em um preferido. Charlie observava Jane inclinando a cabeça para o lado tentando pensar em uma resposta e sentiu uma vontade quase incontrolável de plantar um beijo na ruga de expressão que se formou na testa dela.

– Eu não sei se consigo escolher um só, mas acho que fico com Caravaggio porque gosto muito da forma como ele usava as cores escuras para dar dramaticidade aos quadros. Eu gosto de artistas dramáticos – concluiu com um sorriso franco.

Beth parecia que iria perguntar mais alguma coisa à Jane, mas foi interrompida por Maggie.

– Quando eu crescer quero ser igual a tia Delphie, ela estava agora mesmo contando que está aprendendo a jogar polo e que-- Claire? – Maggie pausou a história assim que viu a loira. Ela estava de pé atrás de sua antiga cadeira, na qual pretendia sentar-se novamente antes de ser arrastada por Charlie.

– Maggie, preciso falar com você – Charlie falou, puxando Maggie pelo braço a afastando da mesa, deixando Jane sozinha com suas amigas.

– O que está acontecendo? – Theresa perguntou, apontando para onde Charlie e Maggie estavam.

– Charlie descobriu que Maggie trouxe Dottie – Lauren respondeu casualmente.

– Você não acha que Charlie está exagerando, não? – Mary perguntou.

– Talvez, mas ela tem razão de estar brava ainda com a história da Sandra – Andie respondeu. Todas pareceram entender o ocorrido menos Jane. – E acho que ela está com medo de que o evento se repita. – Ela apontou com os olhos para Jane de forma que a mesma não notasse e de novo todas pareceram entender menos ela.

– Quem é essa Dottie, afinal? – Jane finalmente perguntou.

– É uma ricaça excêntrica, filha de um mafioso Italiano – Kitty respondeu.

– Na verdade, eu ouvi dizer que ela herdou o dinheiro no primeiro casamento, dizem as más línguas que o marido morreu envenenado – Marianne disse em tom conspiratório.

– Não, não! Ela ficou rica com petróleo. Parece que ela encontrou um poço grande na sua propriedade – Theresa também apresentou sua versão.

– Maggie, o que você está fazendo? – Charlie perguntou, sentindo-se irritada de novo.

– Eu poderia perguntar o mesmo, muffin, é você que está me arrastando para o canto – disse em tom provocativo e fazendo-se de desentendida.

– Por que você trouxe Dottie para a festa?

– Eu não entendo a pergunta, até onde eu sei eu posso trazer quem eu quiser como acompanhante. Você mesma trouxe uma estranha.

– Você sabe que ela tem uma queda por mim, não sabe?

– Charlie, não me leve a mal, você é linda e tudo, mas você não é o único peixe no oceano. As pessoas seguem em frente e superam suas paixões.

– E você sabe que ela tem tendências de me tirar do armário em público – Charlie disse de forma acusatória cruzando os braços.

– Ah! É disso que se trata, então, você tá com medo de que Dottie diga para sua namoradinha hétero que você tá apaixonada por ela? – Maggie olhava para Charlie de maneira inquisitiva esperando uma resposta.

– Eu não estou apaixonada por ela, e ela é só uma colega, mas sim, eu gostaria muito que Dottie conseguisse ficar com a boca fechada na frente dos meus colegas de trabalho para variar.

– Olha, Charlie, isso pode ser uma surpresa pra você, mas o universo não gira ao redor do seu umbigo e nem tudo que eu ou a Dottie fazemos tem a ver com você! – Maggie parecia brava agora, Charlie sentiu uma pontada de culpa. – Eu a convidei porque eu quis e você não precisa gostar, afinal, como você me falou sexta, não tem razão nenhuma para fazer cena.

Antes que Charlie pudesse responder qualquer coisa Maggie saiu e a deixou falando sozinha.

Talvez ela estivesse mesmo exagerando, afinal de contas, porque Dottie iria deliberadamente falar para Jane que Charlie gosta de mulheres?

26.

Toronto, 06 de julho de 1952

Jane já havia comido, bebido, fugido de pretendentes, dançado e feito social com desconhecidos, agora estava feliz por estar de volta à mesa de seus colegas de tripulação.

Ela tinha gostado muito das amigas de Charlie, mas em determinado momento Maggie e tal da Dottie se juntaram ao grupo e Jane notou a diferença na postura de Charlie. Jane se perguntava o que poderia ter acontecido para a interação entre Maggie e Charlie ter mudado tão radicalmente da despedida de solteira para a cerimônia. Mas se ela achava que não gostava de Maggie antes, agora ela gostava menos ainda.

Na presença de seus colegas de trabalho, Charlie parecia bem mais relaxada também. Naquele momento Daisy estava contando sobre a sua primeira experiência dentro de um avião para Marcello, que não entendia como alguém poderia trabalhar nesse ramo por prazer. Aparentemente ele morria de medo de voar. Jane achou um momento adequado para ir ao banheiro e evitar ter que responder a mesma pergunta.

Havia dois banheiros femininos, um ao lado direito do gazebo onde a banda estava tocando que, pela proximidade, era o mais usado e um outro perto do prédio principal que por ser um pouco mais afastado da pista da dança estava vazio todas as vezes que Jane havia precisado usar e dessa vez não foi diferente. Mas assim que Jane entrou na cabine ouviu outras duas mulheres entrarem no banheiro conversando e pelo barulho Jane concluiu que estavam retocando a maquiagem.

– Você vai ficar com essa cara a festa toda? – uma das mulheres perguntou sem muita paciência.

– Que cara?! – Jane reconheceu a voz de Maggie e instintivamente aproximou o ouvido da porta para ouvir melhor.

– Essa cara aí de quem levou um pé na bunda – a outra mulher disse ainda no mesmo tom sem paciência e Jane reconheceu ser Dottie. – Não acredito que você está assim por causa de Charlie, supera isso.

Jane fez uma careta com o último comentário.

– Eu não estou assim por causa da Charlotte! – Maggie disse entre os dentes, fechando o pó de arroz com força.

– Ah, por favor, você acha que eu não sei que você me trouxe só para botar ciúmes nela?

– E que moral você tem para me julgar? Você aceitou só porque sabia que ela ia estar aqui!

– Pelo menos eu sei aceitar uma derrota, não fico aí me humilhando por quem não me quer.

– Essa é nova! – Maggie falou em tom de ironia. Àquela altura já ela tinha esquecido completamente o que estava fazendo no banheiro. – Foi realmente muito nobre o que você fez com Sandra.

– Ao contrário do que Charlie conta por aí, eu não fiz de propósito. A garota percebeu sozinha e eu só confirmei. – Dottie parecia irritada. – Afinal não é como se Charlie fosse a pessoa mais discreta do mundo, é só ver o jeito que ela olha pra essa loirinha aí que ela trouxe.

Os olhos de Jane se arregalaram quando ela percebeu que as duas falavam dela.

– Argh, não sei o que Charlie viu nessa garota sonsa – Maggie falou com veneno. Jane fez uma careta sentindo-se ofendida.

– Não sei, mas ela parece bem apaixonada para mim!

– Claro que ela está – Maggie disse ainda com o mesmo tom de raiva. – Ela nunca teria se dado ao trabalho de trazer uma garota hétero de acompanhante se não estivesse com os quatro pneus arriados por ela – disse, jogando a maquiagem dentro da bolsa com agressividade. – Não sei quem é mais ridícula, essa tal de Claire que não percebe o óbvio, Charlie que se presta a esse papel patético ou eu que ainda me humilho correndo atrás dela. – Maggie agora parecia mais frustrada do que com raiva.

– Ânimo, Maggie. Ela não é a última garrafa de água no deserto – Dottie comentou em tom mais suave. – Vem, vamos aproveitar um pouco essa festa, esqueça ela, ela não merece você! – Dottie conduziu Maggie para fora do banheiro.

Jane estava imóvel na cabine com uma mão no peito e outra cobrindo a boca, não conseguia assimilar o que havia acabado de ouvir.

Charlie estava apaixonada... Por ela?

27.

Toronto, 06 de julho de 1952

Quando Jane chegou no quarto sua mente estava a mil, era tanta coisa para processar que se sentia tonta. Andava de um lado para o outro no cômodo tentando desesperadamente encontrar uma explicação plausível para tudo que havia escutado. Segurava o abdômen com as mãos como se quisesse conter a agitação que sentia dentro de si. Sentia-se terrivelmente confusa. Não havia bebido muito, mas qualquer resquício de embriaguez se desvaneceu no momento que ouviu a conversa no banheiro: *Charlie estava apaixonada por ela!?*

– Não pode ser, isso é loucura... – Jane caminhava de um lado para o outro. – Charlie não pode ser...

Estava ficando louca com tantos pensamentos, não conseguia ordená-los e as memórias daquele final de semana e de todas as conversas entre as duas foram retornando uma a uma, numa sucessão de fatos que confirmavam aquilo que Jane acabara de descobrir. Quanto mais ela pensava sobre, mais ela percebia como as evidências sempre estiveram ali.

– Como eu pude ser tão cega? – Passou a mão pelos cabelos de forma ansiosa se lembrando da noite da despedida de solteira, lembrou da forma como Charlie olhava para ela e um arrepio percorreu sua espinha de ponta a ponta.

Nunca se sentiu tão perturbada como naquele momento. Sentou-se na cama (que dividiam) e apoiou a cabeça com as mãos. Tentava acalmar sua respiração, sabia que Charlie iria chegar a qualquer momento e que ela precisaria confrontá-la para tentar restaurar sua paz de espírito. Sentia-se enganada por Charlie. E mais que tudo, ela precisava saber se *todo* o conteúdo da conversa que ouvira era verdadeiro.

Quando Charlie finalmente chegou, Jane já estava mais calma, superficialmente pelo menos. Estava sentada na cama com o olhar fixo na paisagem urbana que se desenhava além da janela.

– Claire, está tudo bem? – perguntou com cautela aproximando-se de Jane. – Aconteceu alguma coisa? – Tentou mais uma vez com delicadeza, com medo da expressão estranha que via nos olhos dela.

– Por que você nunca me disse que gostava de mulheres, Charlie?

Charlie paralisou ao lado da cama, por um minuto sentiu como se seu corpo estivesse dissociado de sua mente.

– Quê? C-como? – Gaguejou. – Quem te falou isso?

– Ninguém falou nada. Eu ouvi Maggie e Dottie brigando por sua causa no banheiro, aparentemente sua ex ainda é apaixonada por você e trouxe a outra aqui só para te provocar. Mas acho que você já sabe disso. – Insinuou com um desdém que Charlie nunca tinha visto antes. – Portanto ninguém me falou nada, até porque se eu dependesse de alguém aqui me contar alguma coisa, eu morreria na ignorância!

– Dottie! – Charlie sentiu seu sangue ferver, ela sabia que aquela destrambelhada iria estragar tudo de novo.

– *Dottie me contou o que você é.*

– *Eu não sei o que ela te falou, mas eu posso explicar! – Charlie tentou se aproximar de Sandra, que se afastou com repulsa.*

– *Explicar a sua perversão? – Sandra a olhou como se ela fosse uma aberração de circo. – Eu achei que você fosse uma mulher decente, Charlotte. Pensei que você fosse minha amiga.*

– *Eu sou!*

– *Você me enganou!*

– Claire – Charlie começou, não sabia muito o que queria dizer, sentia-se como se alguém tivesse dado um soco na boca do estômago. – E-eu não--

– Você nega? – Jane a interrompeu, levantando-se da cama de repente.

Charlie a encarou por alguns segundos e foi como se o mundo tivesse parado de girar e ela se sentiu mais calma de repente. Olhando para Jane percebeu que seus olhos que normalmente tinham um brilho característico, que sempre transpareciam de forma tão pura suas emoções e que faziam Charlie sentir-se melhor instantaneamente, agora estavam opacos e inquisitivos.

– Não!

As duas se encararam por mais alguns segundos.

– Você me trouxe aqui para fazer ciúmes na sua ex? – perguntou timidamente, já não tinha mais o tom acusatório de antes.

– O quê? De onde você tirou essa ideia?

– Dottie e Maggie acham que você está... – hesitou por alguns instantes. – Elas acham que você está apaixonada por mim!?

Charlie sentiu seu sangue gelar, não queria ter que se declarar para a garota dessa forma. Ela sabia que não era a melhor escolha, mas ela escolheu o caminho dos covardes.

– Eu não sei o que você ouviu, mas eu te trouxe como minha amiga. E eu nunca falei para elas que estava apaixonada por você!

“Bom, essa parte, tecnicamente, é verdade.”

Alguma coisa na fala de Charlie funcionou como um gatilho para a raiva de Jane voltar.

– Pelo jeito falar não é mesmo seu ponto forte.

– O que você quer insinuar com isso? – Pela primeira vez Charlie se sentiu perdendo a paciência.

– Por que você nunca me contou?

– Claire, eu não sei o que você quer que eu diga. – Charlie tentava transparecer uma calma que não sentia. – Eu queria te contar, mas... – Deu de ombros.

– Você deveria ter me contado! – A indiferença de Charlie parecia provocar ainda mais a ira da americana.

– Não, eu não ‘deveria’ – Fez sinal de aspas com os dedos. – Eu não sei se você percebeu, mas isso não é sobre você. É sobre mim e a minha vida e eu não te devo satisfação nenhuma!

Charlie sabia que estava piorando as coisas fazendo parecer que nada disso tinha a ver com a garota e estava se sentindo muito mal em tratá-la assim, mas seu senso de autopreservação estava a impedindo de ser sincera naquele momento.

– Você me enganou!

‘Você me enganou!’ Ali estavam mais uma vez, aquelas três palavras que assombravam Charlie por anos, sendo novamente proferidas por alguém que ela nunca quis enganar. E como o estopim de uma dinamite essas três palavras explodiram dentro dela.

– NÃO, EU NÃO TE ENGANEI! – disse alterando a voz de uma maneira que nem ela mesma se reconheceu. – Na verdade, eu sempre fui muito clara. Nunca nem me esforcei muito para disfarçar que sou lésbica. Você pode fingir o quanto quiser que você está

brava porque eu ‘te enganei’– Fez novamente as aspas no ar. – Mas na verdade você só está perturbada porque você queria que não fosse verdade. Porque seria mais fácil para você! Bom, me desculpe se a minha sexualidade incomoda você!

Antes que Jane pudesse responder qualquer coisa, Charlie saiu pela porta e deixou para trás uma Jane atônita.

28.

Paris, 08 de julho de 1952

O sol brilhava na velha Paris e a temperatura estava amena para aquela época do ano. Pode-se dizer que o dia estava perfeito para um passeio ao ar livre. Charlie amava Paris, era uma de suas rotas preferidas, ainda mais quando chegava cedo e tinha o dia todo para andar pela cidade. Hoje, no entanto, não se sentia disposta, eram dezessete horas e ela já estava no hotel.

Enquanto tirava a maquiagem, encarava os próprios olhos azuis no espelho pensando nos acontecimentos em Toronto. Ela sabia que havia tomado todas as decisões erradas e havia piorado tudo, fugindo do quarto daquela maneira. Naquela noite procurou Andrea e Lauren para conversar e acabou dormindo no quarto de Andrea. Charlie sabia que haviam conversado por horas, mas, não conseguia lembrar de nada daquela noite que não fossem aqueles olhos esmeraldas encarando-a com dureza.

Durante o voo para Paris, Charlie temeu que Jane fosse ignorá-la deliberadamente na frente dos outros colegas ou até expor seu segredo. Mas para seu alívio, na frente das outras duas comissárias, apesar de distante, Jane agia como se nada tivesse acontecido e enquanto estavam sozinhas ela havia sido bastante cordial. Sentiu-se envergonhada por pensar que Jane agiria de qualquer outra forma que não fosse profissional, afinal de contas, apesar do medo de Charlie, Jane não era a Sandra.

Sandra nunca se esforçou para tentar manter a boa imagem de Charlie e parecia sentir-se mais enojada do que magoada com a revelação de Dottie. Jane não, a indignação dela vinha de outro lugar. Charlie não conseguia identificar exatamente, mas ela não olhava para a inglesa com a mesma repulsa que Sandra. Ela não parecia horrorizada com o fato como a outra garota, no entanto, parecia muito mais magoada.

O olhar magoado de Jane partiu o coração de Charlie de uma forma que a ira preconceituosa de Sandra não foi capaz de fazer. Ela lembrava de ter ficado incrivelmente irritada com Sandra e, sendo franca consigo mesma, até um pouco aborrecida com a reação exageradamente surtada. Agora, entretanto, não se sentia irritada, muito menos aborrecida, sentia-se apenas triste.

Não, Jane definitivamente não era Sandra e Charlie decidiu que não iria tratá-la como se fosse. Decidiu enfrentar seus próprios fantasmas e a encarar. Assim que ela voltasse para o quarto, iriam conversar e dessa vez Charlie não iria fugir.

Já passava das vinte horas quando Jane finalmente voltou para o hotel.

– Charlie – disse em tom de surpresa, como se não esperasse vê-la ali. – Oi.

Tentou manter o ar casual, caminhando até a sua valise com a logo da Northern Star.

Charlie havia tentado passar o tempo lendo sem sucesso. E assim que viu a garota entrar no quarto ela imediatamente largou o livro na mesa de cabeceira ao lado de sua cama.

– Hmm... Claire, podemos conversar?

Jane (que estava de costa para ela) ficou em silêncio enquanto procurava algo na mala e Charlie entendeu como consentimento para continuar.

– Eu sei que você ainda está zangada comigo, mas eu queria dizer que nunca tive a intenção de mentir para você e nem esconder nada. Eu apenas não--

– Charlie – Jane a interrompeu – você não me deve satisfação nenhuma da sua vida. – Ela jogou a peça de roupa que estava segurando de volta na mala em sinal de frustração e virou-se para Charlie. Agora a encarava nos olhos. – Se você é lésbica ou sei lá o que, não me interessa o mais mínimo. – Fez mais uma pausa e Charlie sentiu aquelas palavras atravessando-a como uma flecha. – Mas a partir do momento em que você me convida para me sentar numa mesa onde todas as mulheres parecem ter a impressão de que você está apaixonada por mim... – Tinha um tom quase interrogativo agora. – Aí sim, o mínimo que você poderia ter feito era me contar a verdade ou me explicar para onde eu estava indo, ao invés de me deixar agindo que nem uma cega idiota.

– Você não agiu como uma idiota. – Charlie tentou aproximar-se da garota.

– Ah, não? – Jane disse, dando um passo para trás. Parecia ainda mais irritada. – Porque não é o que Maggie e Dottie pensam. Elas pensam que eu sou uma pessoa patética que não enxerga um palmo na frente do nariz!

– Claire... – Charlie suspirou frustrada. – Ninguém liga para o que essas duas malucas pensam.

– Eu ligo, Charlie! – Jane a encarou com dureza. – Especialmente porque é verdade!

As duas ficaram em silêncio por alguns segundos. Jane ainda a encarava com algo estranho no olhar, algo que Charlie não conseguia decifrar.

– Claire... – Charlie tentou aproximar-se de novo, dessa vez esticando o braço para alcançar o da garota. Ela afastou-se imediatamente, como se Charlie tivesse algum tipo de doença contagiosa.

– Quer saber, eu já estou atrasada – falou, voltando-se para a mala e pegando um casaco. Fez uma pausa e olhou a inglesa nos

olhos antes de proferir as próximas palavras: – Ed está me esperando. Boa noite, Charlie. – Jane saiu sem dar tempo para Charlie responder.

“Ed?! Mas que diabos???”

Charlie ficou ali parada no meio do quarto, tentando entender o significado daquilo. Soltou um suspiro resignado quando por fim aceitou o óbvio: Jane iria sair com Edward. Só com Edward.

“Quando diabos isso aconteceu?”

Paris, 08 de julho de 1952

O sol brilhava na velha Paris e Jane tentava aproveitar ao máximo a cidade. Eram dezessete horas e ela estava sentada em um café comendo um crepe Suzette enquanto apreciava aquele clima maravilhoso. Ela havia prometido a si mesma que não deixaria o impasse com Charlie estragar sua viagem. Então a primeira coisa que fez quando chegou foi largar suas coisas no hotel e sair para passear.

O hotel em que estavam hospedados ficava no coração da cidade, com o *Jardin des Tuileries* a sua frente e a torre *Eiffel* logo atrás do jardim. A *Place de la Concorde* ficava à direita e, a apenas inacreditáveis cinco quadras, à esquerda, ficava o *Louvre*. Jane nem podia acreditar na sua sorte.

Ela havia passado o dia batendo perna e decidiu que no dia seguinte iria ao *Louvre*, já que voltaria para Nova York apenas no outro dia a noite. O grande relógio do saguão marcava 19:30 quando ela finalmente voltou ao hotel e decidiu parar no bar para tomar um drink. Na verdade, ela só não queria ir para o quarto e encontrar com Charlie que ela imaginou que já deveria estar lá.

Ela não sabia dizer se estava brava com Charlie por a ter levado ao casamento e mentido, com Maggie pela forma que havia falado

dela, ou consigo mesma por ter sido tão cega. Mas a verdade é que naquele momento não importava muito, o que importava era que ela estava sentindo uma sensação na boca do estômago que não gostava de sentir. Um sentimento ruim com o qual não estava acostumada e que tentava agora amenizar com um Dry Martini.

– O que uma dama está fazendo sozinha num bar de hotel a essa hora? – Ed perguntou em tom de piada, ainda tentando apaziguar os ânimos entre eles.

Jane fechou os olhos em frustração, ela não tinha energia para lidar com o ego frágil de Ed naquele momento. Respirou fundo e virou-se para ele forçando um sorriso.

– Apreciando uma boa música é claro.

Havia um pianista no bar tocando algo que Jane definitivamente não estava prestando atenção.

– Se importa se eu me juntar a você? – Ed perguntou, aproximando-se da banquetta ao lado de Jane. Ela apenas fez um sinal com a mão indicando que ele se sentasse.

– E você o que faz no hotel a essa hora? Pensei que você já estivesse apreciando a noite boêmia parisiense. – Jane brincava com a azeitona em seu drink. Ed fez um sinal para o garçom, pedindo um drink igual ao da garota.

– Talvez eu esteja ficando velho, mas hoje eu não estou com vontade.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo. O clima ainda estava um pouco estranho entre eles. Jane pensou que estava ficando boa em estragar amizades.

– Claire...

– Ed...

Os dois falaram ao mesmo tempo.

– Por favor, você primeiro – Ed disse em tom de desculpas.

Jane esperou alguns segundos, pensando no que queria falar.

– Sobre o Rio de Janeiro... – começou a garota.

– Claire, me desculpe por isso, eu estava muito bêbado – Ed a interrompeu antes que ela pudesse formular o resto da frase. – Eu sei que não é uma justificativa, mas eu gostaria que você soubesse que eu realmente sinto muito.

Jane apenas assentiu com a cabeça, aceitando suas desculpas.

– Talvez você tivesse um pouco de razão. Talvez eu seja mesmo muito exigente...

– Não, Claire, você tem toda a razão em ser! – Ed a olhava de maneira intensa. – Você é uma mulher maravilhosa. Merece o melhor, e não alguém que te trate da forma que eu tratei naquela noite. – Ele fez uma pausa e colocou a mão sobre a dela que estava no balcão. – Me desculpe se eu fiz você se sentir diminuída.

Jane olhou para a mão dele sobre a dela e resistiu ao impulso de puxá-la.

– Está tudo bem, Eddie – disse, forçando um sorriso. – Mas agora eu estou com fome, será que tem alguma coisa boa nesse cardápio? – concluiu, encontrando um pretexto para tirar a mão que estava sob a dele.

– Eu tenho uma ideia melhor. O meu restaurante favorito em Paris fica só a algumas quadras daqui. Você gostaria de me acompanhar? – perguntou tímido, porém esperançoso.

Jane pensou por alguns segundos. Seu instinto a mandava ficar, mas ela queria provar que Ed estava errado sobre ela não dar

chance para ninguém.

– Claro. Eu só vou pegar um casaco. Nos encontramos no saguão em dez minutos, pode ser?

Jane estava tão atônita sobre o que havia concordado em fazer – sair com Ed – que mal notou a colega quando entrou no quarto.

– Charlie – disse quando viu a inglesa sentada em sua cama com as costas apoiadas na cabeceira estofada. Ela lia um livro da Agatha Christie. Jane percebeu que era uma capa diferente e deduziu que Charlie havia começado um livro novo. Agora aquela intimidade que elas compartilhavam parecia tão estranha. – Oi – falou sem graça antes de se virar em direção a sua valise com a logo da Northern Star.

– Hmm... Claire, eu sei que você ainda está zangada comigo, mas eu queria dizer que nunca tive a intenção de mentir para você e nem esconder nada. Eu apenas não--

Jane fechou os olhos ao perceber o tom de insegurança na sua voz. Não gostava de vê-la assim, mas não podia evitar a irritação que ainda sentia.

– Charlie... – Jane a interrompeu com um suspiro – você não me deve satisfação nenhuma da sua vida. – Largou o casaco que segurava para olhar para a colega. – Se você é lésbica ou sei lá o que, não me interessa o mais mínimo. – Aquela sensação incômoda parecia crescer dentro dela e ela tentava convencer tanto Charlie quanto a si mesma do que dizia. – Mas a partir do momento em que você me convida para me sentar numa mesa onde todas as mulheres parecem ter a impressão de que você está apaixonada por mim... – Jane tentava ler a inglesa, que parecia irritantemente apática àquelas palavras. – Aí sim, o mínimo que você poderia ter feito era me contar para onde eu estava indo, ao invés de me deixar agindo que nem uma cega idiota.

– Você não agiu como uma idiota. – Charlie tentou aproximar-se da garota.

– Ah, não? – Jane disse, afastando-se dela. O seu sangue agora parecia borbulhar, sentia-se extremamente frustrada por Charlie estar mais uma vez desviando do ponto central da conversa. – Porque não é o que Maggie e Dottie pensam. Elas pensam que eu sou uma pessoa patética que não enxerga um palmo na frente do nariz!

– Claire... – Charlie também estava frustrada. – Ninguém liga para o que essas duas malucas pensam.

– Eu ligo, Charlie – disse, exasperada. “ESSE NÃO É O PONTO!”, pensou. – Especialmente, porque é verdade!

As duas ficaram em silêncio por alguns segundos. Jane estava ofegante, seu cérebro e seu coração pareciam estar fora de sincronia. Em menos de dois meses sua vida havia virado de cabeça para baixo e ela não estava conseguindo acompanhar o ritmo frenético dos acontecimentos. O que ela sentia não era raiva, mas tristeza por ter perdido a conexão com Charlie. E um vazio inexplicável no peito.

– Claire... – Charlie tentou tocar no braço dela. O movimento causou uma sensação dentro de Jane que ela não tinha nem energia e nem tempo para lidar, então com rapidez puxou o braço e virou-se mais uma vez em direção a sua mala.

– Quer saber, eu já estou atrasada. – Pegou o casaco que havia ido buscar e virou-se de novo para Charlie. – Ed está me esperando. Boa noite, Charlie. – Saiu sem esperar pela reação da morena.

O jantar com Edward parecia passar como que em um sonho e Jane não sabia como se sentia. Era como se seu corpo estivesse no piloto automático enquanto sua mente vagava descontrolada pelos seus próprios pensamentos. Sentiu-se culpada em perceber que ele estava tentando tornar a noite agradável, agindo de maneira cortês e evitando o tom de conquista. Esforçou-se para trazer sua mente para o presente e prestar atenção nele. Pela primeira vez, parou para admirar o restaurante em que estavam e percebeu que o lugar era magnífico.

O *Le Grand Véfour*, era um dos melhores e mais bonitos restaurantes de Paris, o local, aberto desde 1784, mantinha sua decoração original. As mesmas paredes e o mesmo teto decorados com folhas de ouro, espelhos e pinturas acolhiam os clientes desde o século XVIII. Jane sabia que Edward gostava de frequentar lugares finos, mas ela sentiu-se um pouco deslocada com o luxo do lugar.

Apesar do preconceito inicial com os itens do cardápio, Jane teve que dar o braço a torcer e admitir que a comida estava deliciosa. E para sua surpresa, a companhia também não estava tão ruim.

Como eles estavam perto hotel, Ed sugeriu que voltassem caminhando. Era uma noite agradável de verão, perfeita para ficar ao ar livre, e a cidade parecia ainda mais charmosa a noite. O som do acordeom vindo do outro lado da praça acentuava o clima romântico e Edward, num gesto cavalheiresco, ofereceu o braço à Jane. Ela, que havia decidido que não ia deixar sua cabeça atrapalhar a noite, aceitou o convite e sem pensar muito entrelaçou seu braço com o dele.

Ed falava sobre suas experiências anteriores na cidade, os lugares que já havia conhecido, os que ainda queria conhecer e, conforme caminhavam, ele parou duas ou três vezes para mostrar algum detalhe ou contar algum fato curioso sobre os muitos pontos turísticos.

Quando se aproximaram do hotel, Ed perguntou se ela já tinha ido até o grande terraço com jardim que existia ali e que tinha uma vista magnífica da torre.

Edward não estava errado sobre a vista, mas o jardim em que estavam também merecia reconhecimento. Eles debruçaram-se sobre a balaustrada do terraço e ficaram contemplando a vista. Jane tinha que admitir que a noite não havia sido ruim e, a partir do momento em que se dispôs a dar uma chance àquele encontro, ela tinha até se divertido.

Ed apoiou-se em um cotovelo e virou-se de frente para ela.

– Queria agradecer pela noite – ele disse com um sorriso tímido nos lábios. – Não sei você, mas eu gostei muito.

– Eu também gostei. – Jane devolveu com um sorriso.

Os dois se encararam por alguns segundos. Edward resolveu testar as águas e com a ponta dos dedos prendeu uma mecha de cabelo solto atrás da orelha dela. Jane não fez menção de se esquivar do toque e continuou sustentando o olhar entre os dois. Ele sabia que a oportunidade poderia não aparecer uma segunda vez e tratou de não a desperdiçar. Cruzou o espaço que os separava e a beijou com intensidade.

Ela conseguia sentir o cheiro de loção pós barba e de álcool. Ele não beijava mal e, comparando com seus beijos anteriores, era até um dos melhores, mas a barba por fazer arranhava sua pele e mão dele agora parecia áspera em contato com o seu rosto. Ela podia sentir o gosto do vinho no beijo e percebia a intensidade com que ele a segurava, e naquele momento ela sentiu-se absolutamente vazia, como se seu corpo fosse apenas um amontoado de ossos e músculos, sem alma para preenchê-lo.

Jane colocou as mãos sobre o peito de Ed para afastá-lo, mas ele estava tão envolvido no momento que demorou para perceber o

movimento e ela teve que fazer um pouco mais de força do que esperava.

– Eu não posso. – Jane não conseguiu encará-lo nos olhos. – Me desculpe, Ed, mas eu não consigo – disse, soltando-se completamente dos braços dele.

– Claire – ele disse, confuso, como se não soubesse o que queria perguntar, – o que aconteceu...?

Jane ergueu a cabeça para encará-lo e viu a confusão nos olhos dele.

– Ed, você é um cara maravilhoso, mas eu não-- eu não consigo. Me desculpe. Espero que ainda possamos ser amigos – Jane falou de forma tímida, sentia-se frágil naquele momento e odiava essa sensação.

– Mas eu acho que estou apaixonado por você!

Jane fechou os olhos frustrada, tinha vontade de rir da ironia. “Pelo menos você admite”, pensou. Abriu os olhos para encará-lo novamente.

– Me desculpe!

Apoiou-se na ponta dos pés para dar um beijo na bochecha dele antes de virar-se e sair.

Jane só pensava em cair na cama e dormir, afinal o dia havia sido longo e ela estava exausta. Mas assim que entrou no quarto, deu de cara com Charlie, sentada na beira da cama, mais acordada do que uma coruja.

– Você não precisa sair com o Edward para me manter longe de você – disparou, sem dar tempo nem para Jane tirar os sapatos e se sentar antes do próximo drama da noite.

– Mais essa agora! – Jane desabou na poltrona do quarto, “esse dia parece infinito”, pensou enquanto massageava as têmporas. – Charlie, eu não saí com ele pra te afastar. Isso é coisa minha e não tem nada a ver com você... Não foi isso que você me disse em Toronto?

– Deve ter sido a maneira gentil que ele te tratou no Rio de Janeiro que causou essa vontade súbita de sair com ele! – Charlie imitou o mesmo tom hostil de Jane.

– O que você quer de mim, Charlie?! – Jane perguntou já sem paciência.

– Que você pare de me evitar!

– EU NÃO ESTOU TE EVITANDO! – Jane levou as mãos à cabeça, cansada. Sentia como se todos quisessem algo dela.

– SIM, ESTÁ! – disse no mesmo tom, encarando Jane com intensidade. – Desde que descobriu que eu estou apaixonada por você!

– Espera... Que você o quê?! – Jane saltou da poltrona.

As duas se encararam por alguns segundos, ambas pareciam igualmente surpresas com a confissão.

– Estou apaixonada por você – repetiu com calma.

Em menos de uma hora Jane escutou essa mesma frase duas vezes. No entanto pareciam frases completamente diferentes. Ditas em duas situações completamente diferentes, por pessoas completamente diferentes e causando reações completamente diferentes em Jane.

Ela queria que Charlie confessasse, que ela admitisse que o que havia escutado de Maggie era verdade, mas agora que escutou não sabia como se sentia. Ela achava que se sentiria melhor com a

confissão, mas na verdade sentia-se apenas mais confusa do que antes.

– E-eu vou tomar banho – anunciou de maneira apática antes de entrar no banheiro.

29.

Aeroporto Internacional Orly, 10 de julho de 1952

Jane checava a lista de passageiros para o voo de volta para Nova York, mas sua mente estava distraída. Pensava nas revelações do dia anterior, ou melhor, em uma revelação específica: a de Charlie.

Charlie havia tentado conversar com ela outra vez depois que Jane saiu do banho e dito que o fato de estar apaixonada por ela não mudaria em nada a relação delas e que não esperava absolutamente nada em troca.

– Está tudo bem, Charlie – ela havia dito. – Eu entendo!

Mas a verdade é que não entendia. Não entendia por que havia sido tão simples ser honesta com Ed e dizer que queria apenas ser sua amiga, e não conseguia fazer o mesmo com Charlie. Não entendia por que não conseguia tratá-la como antes.

Ela tentava esquecer seus problemas e concentrar-se na tarefa que fazia, quando um nome na lista de passageiros chamou sua atenção.

– Não pode ser! – exclamou.

Na lista lia-se *4A J. Fitzgerald* e *4B C. Fitzgerald*.

– Deve ser uma coincidência.

– O que deve ser uma coincidência? – Charlie perguntou, aparecendo por trás da garota.

– Hum? – Jane virou-se para Charlie.

– Você disse que ‘deve ser uma coincidência’, o que deve ser? Tem algo de errado na lista?

– Ah... Com a lista? Não, nada não! Eu estava pensando em algo que Ed me disse antes, só isso. – Tentou disfarçar.

Charlie mudou a postura com a menção de Edward. Suas feições tornaram-se mais sérias e ela limpou a garganta antes de continuar.

– Oh, tudo bem. Já está quase na hora, eu vou iniciar o embarque.

A rigor, o embarque da primeira classe era feito por Charlie e da classe econômica por Daisy.

– Não! – Jane falou uma oitava acima do seu tom normal. – Deixa que eu faço dessa vez.

Charlie a olhou com curiosidade. Não era exatamente uma função que elas trocavam, era apenas a forma como era feito. Charlie fazia o embarque e Jane terminava o *briefing*.

– É... É que eu tô um pouco tonta, acho que um pouco de ar fresco pode me ajudar antes da decolagem.

– Ar fresco? Dentro do aeroporto? – Charlie perguntou, desconfiada.

– Bom, mais fresco do que aqui. – Jane deu de ombros. – Por favor, Charlie, troca comigo! Só hoje – implorou, aproximando-se da inglesa.

As duas se encararam por um tempo. Charlie sabia que havia algo de errado, mas ainda estava empenhada em tentar consertar a relação delas, por isso decidiu que era melhor não questionar muito.

– Tudo bem – disse, suspirando. – Se precisar de algo, me avise.

– Obrigada, Charlie! – Jane sorriu, e num ato impulsivo beijou a bochecha de Charlie.

– Hmm, me desculpa – disse com certo embaraço.

– Tá tudo b-bem – gaguejou Charlie. Sentia suas bochechas queimando. Ela odiava como sua pele pálida sempre a entregava. – É melhor você ir logo.

– Hm, sim, sim.

Jane não conhecia o procedimento correto de embarque, mas naquele momento não importava muito. Ela só queria se certificar se sua suspeita era real.

Assim que entrou na área de embarque VIP, seus olhos encontraram os de Claire. Jane congelou com a imagem da amiga na sua frente, Claire, por sua vez, parecia tão surpresa quanto Jane.

– Claire, mas que diabos...? – Jane perguntou, aproximando-se da amiga.

– Jane? – perguntou em um sussurro. – O que você está fazendo aqui?

– Ora, o que você acha? Eu estou trabalhando! O que vocês estão fazendo aqui?

– Jimmy me fez uma surpresa – disse com um meio sorriso. – Ao invés de irmos para a pousada em Nova York como eu havia te dito, nos casamos no civil dia três e embarcamos para Paris para a nossa lua de mel – Claire explicou, esticando a mão para Jane ver a aliança.

– O quê? – Jane sentou-se ao lado dela segurando a mão da amiga para ver o anel.

– Pois é. Você está olhando para o Sr. e Sra. Fitzgerald – Claire disse, abrindo um sorriso gigantesco.

– Oh meu Deus, parabéns – disse, abraçando a amiga – eu estou muito feliz por vocês! – Em seguida abraçou Jimmy também.

– Espera – disse enquanto soltava do abraço de Jimmy. – Você jurou que não se casaria sem que eu fosse a madrinha.

– Oh Jane, não se preocupe. – Foi Jimmy quem falou dessa vez. – Nós vamos fazer uma festa de verdade e você será a madrinha, é claro! – Sorriu entusiasmado. – O casamento no civil foi só para nós dois. Queríamos oficializar logo e pensamos, por que não hoje?

Jane sorriu, achou romântica a espontaneidade do casal, além do mais os dois estavam irradiando felicidade.

– Me desculpe, Jane, nós não sabíamos que você estava em Paris também. Você estava em Toronto dois dias atrás – Claire disse, segurando a mão da amiga.

– Três dias atrás – corrigiu, – mas está tudo bem. Eu vi o nome de vocês na lista e consegui convencer Charlie a me deixar fazer o embarque hoje – disse, levantando-se e batendo na saia para desamassá-la. – Eu só preciso que você me explique o que eu tenho que fazer.

Claire repassou rapidamente com Jane o processo e ela e Jimmy foram os primeiros a embarcar. Jane conferiu a passagem e o passaporte de Claire primeiro, ambos ainda tinham o nome de solteira. Pensou no problema que teria nas mãos se Charlie tivesse sido a atendente a fazer o embarque.

– A Northern Star deseja a sra. uma boa viagem – disse, sorrindo devolvendo o passaporte a Claire.

A amiga piscou e balançou a cabeça antes de caminhar para o avião.

Enquanto Charlie se posicionava ao lado de Ryan para recepcionar os passageiros, tentava entender o que estava acontecendo com Jane. Ela sabia que havia algo de errado e se perguntava se tinha alguma coisa a ver com ela. Talvez estivesse sendo muito prepotente ao pensar isso, não fazia sentido nenhum Jane querer trocar de função com ela para evitá-la, afinal elas só inverteram de posição.

– Bem-vindos – Ryan disse ao casal que embarcava.

Charlie estava no modo piloto automático e copiou o capitão.

– Olá, sejam bem-vindos--

– Charlie, olá – Claire a interrompeu, tinha um sorriso apreensivo no rosto.

– Clarice? – Charlie perguntou, surpresa ao reconhecer a amiga de ‘Claire’. – É um prazer recebê-los em nosso voo – concluiu, forçando um sorriso profissional.

– Muito prazer – Jimmy disse, estendendo a mão para Charlie. – James Fitzgerald. Claire fala muito de você.

Charlie apertou a mão do homem que tinha um sorriso confiante e em seguida o viu apertar a mão de Ryan. Agora a reação da loira fazia mais sentido na cabeça de Charlie! Quer dizer... *fazia*? Por que ela estava tão preocupada com o fato de a amiga estar no voo? Ela estava escondendo algo de ‘Clarice’? Ou pior, estava escondendo algo dela?

As portas do avião já estavam fechadas e estava tudo preparado para a decolagem. Charlie havia pedido para que Jane fizesse a

demonstração do procedimento de segurança enquanto ela resolvia um problema técnico para Ryan. Já fazia tempo que Jane não fazia a demonstração e não tinha certeza se lembrava-se de tudo corretamente. Por sorte, Charlie estava ocupada demais para prestar atenção nela. Claire, no entanto, assistia horrorizada a performance da amiga.

Assim que o avião decolou Jimmy pediu um whisky e um charuto.

– Jane, pelo amor de Deus, o que você estava fazendo? – Claire disse em um suspiro exasperado quando a amiga levou a bebida e o charuto de Jimmy. – Eu te ensinei esse procedimento passo-a-passo! Se esse avião cair e as pessoas copiarem a sua demonstração de como usar a máscara, eu garanto que vão todos morrer – disse em um tom que fez Jane revirar os olhos.

– Dá pra falar baixo?! – Jane a encarava arregalada, lembrando-a que estava em um local perigoso para ter esse tipo de conversa. – Eu só havia precisado fazer essa demonstração umas duas vezes antes de hoje – disse, se defendendo. – Eu não estou acostumada, Claire.

– Me encontre no banheiro em dez minutos. E leve a máscara de demonstração com você – disse, tomando um gole do whisky de Jimmy.

Naquele momento a cortina que dividia o *galley* e a primeira classe estava semiaberta e Charlie as observava à distância. Ela sabia que havia algo errado, elas estavam preocupadas e a maneira como Jane olhava ao redor, como se estivesse escondendo algo, estava deixando Charlie com uma sensação desconfortável no peito.

– Claire, está tudo bem? – Charlie perguntou a Jane assim que ela voltou.

– Hum? Ah, sim, sim, claro! Por que você pergunta?

– Não sei, você parece distraída.

– Apenas cansada – disse, distraída, olhando para o relógio. Charlie apenas suspirou.

– Eu estava ali no bar antes e o Chris disse que precisava falar com você – mentiu.

Ela precisava de uma distração para poder pegar a máscara. Charlie pareceu desconfiada, porque Christopher, assim como os rapazes da cozinha, nunca as chamavam, por mais que precisassem de ajuda, mas foi checar mesmo assim.

– Claire, você não acha mais seguro repassar isso em casa? – Jane perguntou, assim que entrou no banheiro onde Claire a esperava. Apesar de ser o banheiro da primeira classe, ele não era muito grande e as duas não tinham muito espaço.

– Em casa não tem a máscara – Claire disse, pegando a máscara das mãos de Jane. – Vou te ensinar isso direito de uma vez por todas antes que você acabe encrencada.

Quando Charlie voltou do falso chamado, Jane não estava lá, ela também não estava atendendo nenhum passageiro, o que deixou Charlie ainda mais desconfiada. Outro detalhe que ela notou era que Claire (verdadeira) também não estava em lugar algum.

– Tá, agora é sua vez – Claire disse, entregando a máscara para Jane reproduzir o que ela acabou de demonstrar.

Charlie resolveu procurá-las e caminhou pelo corredor do avião até chegar na porta do banheiro da primeira classe.

– Bem melhor! – Claire disse, com um sorriso.

Charlie ouviu um murmúrio vindo do banheiro e aproximou-se da porta para tentar escutar o que estava acontecendo.

– Você acha que de resto eu estou me saindo bem?

O barulho do motor do avião era muito alto e Charlie não conseguia identificar os sons. Dessa vez encostou o ouvido na porta.

Claire balançou a cabeça afirmativamente.

– Acho melhor voltarmos logo, antes que Charlie fique desconfiada – Jane falou em um sussurro.

– Eu vou primeiro para distraí-la e você devolve a máscara. – Claire tinha um sorriso satisfeito no rosto.

– Você tá gostando disso, não está? – Jane revirou os olhos. Claire sempre adorou uma boa confusão e uma dose de adrenalina, mas Jane não pôde evitar sorrir também.

Claire puxou a descarga antes de abrir a porta.

Assim que ouviu o barulho da descarga Charlie afastou-se da porta e arrumou a própria saia, tentando disfarçar o que estava fazendo.

– Charlie – disse em voz alta, fechando a porta com rapidez atrás de si sem deixar que Jane fosse vista. – Você não teria um remédio para enjoo, teria? Eu não estou me sentindo muito bem – falou, passando a mão na barriga e fazendo uma careta.

– Claire é a responsável pelo lado direito. Você não a viu, não é?
– Charlie tinha uma cara desconfiada.

– Eu? Não. Eu estava aqui tendo um encontro com o meu almoço, se é que você entende. – Deu um sorriso torto. Charlie franziu o cenho com o comentário. – Ela deve estar comendo alguma coisa. Você conhece Claire, come igual um exército após uma batalha.

Foi a vez de Jane fazer uma careta do outro lado da porta.

– Está bem, vou buscar um remédio.

Assim que Charlotte desapareceu no *galley*, Claire bateu na porta do banheiro para Jane sair. Jane foi pelo corredor do lado esquerdo – lado pelo qual Charlie era responsável. Ela esperou na porta da cabine até Charlie sair, pela porta do lado direito, com o remédio de Claire e, assim que ela saiu, Jane guardou a máscara e sentou-se em sua cadeira.

– Onde você estava? – Charlie perguntou assim que voltou.

– Oh, eu fiquei com fome e fui comer uma banana.

Charlie estreitou os olhos tentando achar a mentira na fala da garota.

– Clarice passou mal e eu levei um remédio para ela.

– Oh, típico Clarice. Passa mal até andando de bicicleta.

– Ela não era comissária também?

– Agora você sabe por que ela não é mais.

O voo estava tranquilo, pelo menos do ponto de vista aeronáutico, mas Jane achou que Charlie parecia desconfiada de alguma coisa. “Com razão,” pensou, “eu estou agindo que nem uma louca!”.

Resolveu que o melhor que poderia fazer era tentar agir naturalmente. Pegou dois cafés e sentou-se ao lado de Charlie que lia um livro.

– *O Mistério do Trem Azul* – Jane leu a capa do livro em voz alta enquanto sentava-se na cadeira em frente a Charlie. – Mais um da Agatha Christie? Você gosta mesmo dela, hein?

Ofereceu a outra xícara para Charlie, que aceitou sem hesitar.

A inglesa aproveitava cada oportunidade para tentar restabelecer, pelo menos um pouco, a relação que tinham antes.

– É um livro que se passa na França, como nunca tinha lido achei apropriado.

– Eu aposto que o assassino é o mordomo – disse Jane com um sorriso.

– Não tem mordomo. – Charlie riu. – Mas tem um secretário.

– Então é ele! – disse com convicção. – É sempre o serviçal o culpado.

– Engraçado, no último que eu li, a serviçal é que foi assassinada.

– E então quem era o assassino? – perguntou, bebendo um gole do café.

– Ah, esse caso era interessante. Foi a própria patroa que a matou por que ela encontrou provas de que a mulher era na verdade outra pessoa, usando uma identidade falsa para esconder um crim-- oh meu Deus você está bem?

Jane havia se engasgado com o café e começou a bater no próprio peito para aliviar o engasgo. Charlie tentou ajudá-la batendo com força em suas costas.

– Sim, sim... Está quente – disse, disfarçando, massageando o próprio peito. – Essa autora parece bastante engenhosa.

– Sim, ela é mesmo. Às vezes eu me pergunto se esse tipo de coisa acontece na vida real.

– Oh Charlie, não seja boba... Isso é tudo ficção! – Jane forçou uma risada e tomou mais um gole de café.

Logo Charlie mudou de assunto e as duas continuaram conversando, Jane estava tão estressada que nem havia se dado conta de como sentia falta de poder conversar com Charlie assim livremente sem pensar nos sinais que estava enviando. Sorriu ao perceber que Charlie também parecia mais relaxada.

Aeroporto Internacional Idlewild, 11 de julho de 1952

O avião havia acabado de aterrissar e Jane e Charlie ajudavam os passageiros da primeira classe com suas bagagens de mão.

Claire já estava quase na porta do avião quando Jimmy a chamou do corredor, segurando uma bolsa de couro marrom.

– Claire, querida, não esqueça sua bolsa.

Claire e Jane se olharam em pânico e Jimmy pareceu perceber o próprio erro com um segundo de retardo.

– Ele a chamou de Claire? – Charlie perguntou no ouvido de Jane. O tom era mais de curiosidade do que de acusação, mas Jane sentiu o pânico percorrer todo o seu ser.

– Oh... Não! Ele disse ‘Cla’, como diminutivo de ‘Clarice’... É assim que ele a chama – disse mais alto do que era necessário.

– E ele sabe que eu odeio – Claire, a verdadeira, disse, entrando na conversa. Tinha um tom de recriminação.

– Desculpe, querida, mas às vezes sai sem querer.

Jane sentia-se em um campo minado, qualquer pisada em falso e tudo ia pelos ares.

“Graças a Deus chegamos!”

Jimmy e Claire haviam prometido uma carona para Jane até o seu apartamento. No aeroporto, Jimmy disse que iria pegar as malas e que Claire e Jane poderiam esperar na saída.

Elas caminhavam junto com Charlie e Jane Adams pelo aeroporto e, embora estivessem todas juntas, Claire e Jane estavam caladas, com medo de falar qualquer coisa na frente das outras duas. Elas sabiam que haviam escapado por pouco nesse voo.

Charlie, por sua vez, apenas soltava algumas interjeições aqui e ali toda vez que Jane Adams fazia alguma pausa. Sua cabeça estava nas duas amigas caminhando ao seu lado. Charlie sabia que tinha alguma coisa muito errada acontecendo, a postura das duas era pra lá de estranha e elas pareciam preocupadas. Além disso, ela tinha certeza de ter escutado “Claire” e não “Cla”.

“Que tipo de apelido ridículo é ‘Cla’, afinal?”

“Será que Jimmy teve um caso com Claire antes de namorar a amiga dela e confundiu os nomes? Clarice parecia bem brava com isso.”

Jane Adams ainda estava contando uma história quando uma voz masculina chamou a atenção das moças.

– Claire? Claire Davis?

Claire e Jane paralisaram. Elas estavam de costas para a fonte do som, mas ambas sabiam que não era nenhum dos colegas de Jane.

Charlotte percebeu a tensão daquele momento e parou de caminhar também.

Um pensamento horrível passou pela sua cabeça. Não poderia ser... “É impossível! Além de tudo é um crime! É loucura, é claro!” Deveria ser coisa da cabeça dela... Mas a reação das duas?! Charlie notou o medo no olhar delas, a apreensão em virar-se, a aflição passando pelos seus olhos...

“Só pode ser isso!”

Claire e Jane se olharam, sabiam que não teriam saída. Juntas, como que aceitando o inevitável, viraram-se para o dono da voz.

– Claire, eu achei mesmo que era você – disse Paul Evans, aproximando-se de Jane.

“Paul Evans!”

Oh meu Deus, Paul Evans parecia um anjo naquele momento, iluminado por uma luz divina. Jane olhava para ele em choque. Seria possível que a única pessoa no mundo inteiro a acreditar que ela era quem dizia ser – além da sua própria tripulação – pudesse aparecer assim para salvar o dia?

Ela sentiu Claire dar uma cotovelada de leve em sua costela, tirando-a do transe em que estava.

– Paul?! Meu Deus, que bom te ver! – Jane estendeu a mão para o homem, com um sorriso no rosto. – Essas são Clarice, Charlie e Jane. Meninas, este é Paul Evans.

– Muito prazer – disse em tom amistoso, mas logo voltou sua atenção para Jane. – Que bom encontrar você, eu estava agora mesmo falando com Phillip, ele também está em Nova York. Ele estava me falando de uma festa que vai ter em um clube em Manhattan hoje à noite. Você conhece o Phillip, de festa ele entende. Talvez você queira ir? Digo, vocês – disse, apontando para todas. – São todas bem-vindas! – Virando mais uma vez para Jane continuou: – Prometo me comportar melhor do que na naquela festa em São Francisco. – Deu uma piscada para ela.

Jane não conseguia nem formular palavras, não podia acreditar na sua sorte.

– Oh, Paul, é muito gentil da sua parte – Claire verdadeira resolveu intervir e ajudar a amiga. – Mas Claire e eu já temos compromisso hoje à noite. Talvez em uma próxima vez? – Deu um meio sorriso antes de virar-se para Charlie e Jane Adams. – Talvez vocês meninas?

As duas se desculparam e falaram que não poderiam ir. Paul se despediu um pouco frustrado, não sem antes dar um beijo na mão de Jane.

– Esse cara tá caidinho por você! – Jane Adams deu seu veredicto.

– Ele que entre na fila – Claire verdadeira falou, dando um tapinha nas costas da amiga.

Charlie e Jane se olharam e Jane sentiu as bochechas corarem. Charlie sentiu-se duplamente envergonhada, primeiro por ser apenas mais uma na fila de pretendentes da garota, e segundo por ter pensado o que pensou mais cedo. Claramente ela estava errada. Talvez só estivesse tentando arrumar uma outra razão para justificar a maneira estranha que a garota agia perto dela, ao invés de aceitar a razão mais óbvia: ela sentia-se desconfortável perto de Charlie.

30.

Nova York, 11 de julho de 1952

Depois daquele voo insano e de tudo que havia acontecido desde Toronto, Jane precisava desesperadamente conversar com Claire e aceitou de pronto quando a amiga se ofereceu para passar a manhã com ela.

Assim que chegaram no apartamento de Jane, Claire desabou no sofá, enquanto Jane foi para o quarto vestir uma coisa confortável.

– Por favor, me diz que tem comida nessa casa – gritou Claire do sofá, – eu mal consegui comer no voo de tão nervosa.

– Você? – perguntou, voltando do quarto usando um vestido leve e indo direto para a cozinha. – Eu estava a ponto de ter um aneurisma!

– Desculpa, bebê, dessa vez foi culpa minha – Claire falou enquanto Jane procurava por algo no armário da cozinha. – Mas eu realmente não imaginei que isso pudesse acontecer, qual a probabilidade, certo?

– Pelo jeito, alta – disse, despejando *Sugar Rice Krinkles* em uma cumbuca e entregando para Claire. – Desculpa, essa foi a única coisa que encontrei. – Deu de ombros. – O leite está estragado.

Claire não se importou e comeu o cereal com a mão mesmo. Jane se sentou na poltrona vermelha e virou-se para a amiga, comia o cereal direto da caixa. – Tudo bem, Claire – disse com um meio sorriso, – você não precisa se sentir culpada, só temos que ser mais cuidadosas.

Claire apenas balançou a cabeça e olhou com curiosidade para Jane.

– Se você não está zangada comigo, então por que tá com essa cara mal-humorada?

– Acredite se quiser, mas não tem nada a ver com isso.

– Então...? – Claire incentivou a amiga e se recostou no sofá para ouvir a história.

– Bem, tudo começou naquele dia que eu recebi a carta da minha mãe, lembra?

– Claro que eu lembro! Isso foi semana passada, eu ainda não estou senil.

Jane ficou surpresa em perceber que Claire tinha razão, tinha sido na semana anterior. Aconteceu tanta coisa nesse curto espaço de tempo que parecia ter passado meses.

– Enfim, naquele dia, Charlie, com pena de mim, me convidou para o casamento de Penny, a comissária que eu substitui--

– Jane, essa parte eu já sei, eu te liguei naquele dia e você me contou. Dá pra ir direto ao ponto?

– Você quer ouvir ou não?

– Tá, tá, me desculpe. Continue... – disse de forma teatral.

Então Jane continuou, contou sobre a despedida de solteira de Penny, e como Charlie havia ficado bêbada na festa. Como elas tinham voltado com Maggie para o hotel. Jane torceu o nariz com a lembrança da ruiva.

– Você realmente não gostou dessa Maggie, hein?

– Uma sujeita folgada – disse, pegando mais um punhado de cereal da caixa e colocando na boca.

– Se eu não te conhecesse, diria que você estava com ciúmes da intimidade dela com Charlie.

Jane se engasgou com o cereal e Claire esboçou um sorriso com a cena.

– Claro que não, eu só não gosto de gente folgada... – disse sem jeito. – Enfim, posso continuar?

Ela contou sobre o casamento, sobre como Charlie reagiu à Dottie e como ninguém parecia saber nada real sobre essa mulher, a não ser que ela e Charlie tinham algum tipo de rixa.

– Eu gostei dessa Dottie – disse Claire com uma risada.

Jane apenas revirou os olhos. É claro que Claire iria gostar dela, ela adora uma boa confusão e Dottie parece ser sempre o epicentro delas.

– Então você vai gostar do resto... – Jane estava um pouco apreensiva de contar para Claire. Sabia que ela era uma pessoa moderna e que convivia com todo o tipo de gente, mas não podia evitar temer o seu julgamento sobre Charlie e, principalmente, sobre ela mesma.

Apesar da hesitação contou o que ouviu no banheiro e em seguida a discussão que teve com Charlie no hotel. Para sua surpresa Claire não fez nenhum comentário sarcástico sobre as revelações, apenas se desencostou do sofá e perguntou interessada o que havia acontecido depois.

Jane então contou sobre Paris, sobre o encontro com Ed e a declaração dele, em seguida, contou que Charlie também havia se declarado.

Ambas ficaram em silêncio, Jane esperando pela reação de Claire e Claire esperando pelo resto da história.

– E o que você falou? – Claire perguntou, ansiosa depois de alguns segundos.

– Nada... Eu fui tomar banho – disse, timidamente.

– Jane, sua covarde!

– O que você queria que eu falasse, Claire?

– Não sei. – Deu de ombros. – Você deu uma satisfação pra esse Ed. Não entendo por que você não poderia fazer o mesmo com Charlotte.

– Ora, po-porque é diferente. – Tentou formular uma razão. – Não sei porq-- espera! – Pausou, olhando desconfiada para Claire. – Você não pareceu muito surpresa.

Claire deu de ombros.

– Essa tal de Dottie tem razão, bebê – disse, casualmente. – Charlie não é muito discreta.

– Você sabia? – perguntou, arregalada. Claire riu da expressão da amiga.

– Eu desconfiava.

– Por que você nunca me disse nada?

– Eu não tinha certeza. – Olhou de forma condescendente para a amiga. – Me desculpe!

Jane balançou a cabeça. A culpa não era de Claire de ela ser tão cega.

– Eu não sei por que – disse Jane depois de alguns segundos. – Não sei por que não consigo tratá-la como antes, da mesma forma que fiz com Ed... E-eu não quero magoá-la. Não quero dar falsas esperanças e--

– Tem certeza de que seriam falsas?

– O que você quer dizer com isso?

Claire encarou Jane, tentava entender se ela não percebia mesmo o que estava acontecendo ou se estava em negação. Conseguia ver o medo misturado com dúvida nos olhos da amiga e achou melhor não pressionar, sabia que Jane teria que elaborar seus sentimentos sozinha e no seu próprio tempo.

– Nada – disse, balançando a cabeça. – Mas qualquer um dos dois teria sorte em ter você, bebê! – Claire sorriu para a loira e esperou que isso fosse suficiente para Jane entender que ela a apoiaria de qualquer forma. Jane retribuiu o sorriso de forma tímida.

– Mas agora me conta do seu casamento.

31.

Nova York, 23 de julho de 1952

Era uma manhã chuvosa em Nova York, Jane estava pintando quando ouviu o telefone tocar na sala, ela correu para atender pois imaginou que deveriam ser notícias sobre o voo daquela noite.

– Alô?

– Claire, você não vai acreditar, estamos indo para o paraíso – revelou Charlie, do outro lado da linha. Ela mal podia conter a própria empolgação.

– Pelo seu entusiasmo parece mesmo – disse, sorrindo.

Já haviam passado duas semanas desde que Charlie confessou que estava apaixonada por Jane e elas pareciam ter um acordo velado de não tocar no assunto e de tentar restabelecer a relação que tinham antes. Contudo, apesar do esforço coletivo, a amizade delas tinha sido bastante abalada. Jane nem se lembrava mais quanto tempo fazia que não ouvia Charlie tão empolgada e despreocupada como agora. A reação dela, inclusive, fez Jane se perguntar que destino poderia deixar Charlie tão feliz.

– E onde fica esse paraíso afinal?

– Caribe – disse, empolgada, – mais especificamente, República Dominicana.

– Pela sua euforia, posso concluir que você nunca esteve lá antes?

– Nem eu e nem nenhum de nós. Seremos a primeira tripulação a fazer essa rota, a companhia acabou de inaugurar a linha – explicou. – Mas mal posso esperar pra chegar, o Caribe soa como uma promessa de aventura, você não acha?

Jane sorriu outra vez com a empolgação de Charlie, mas o sorriso não combinava com os seus olhos tristes. Ela sentia certa melancolia em ver a inglesa empolgada dessa forma. Não porque ela não merecesse, muito pelo contrário, mas porque Jane queria poder compartilhar com ela. Ela sentia falta de dividir esses momentos com Charlie e sabia que provavelmente passariam essa viagem como passaram todas as outras nessas duas semanas: distantes.

– Com certeza – concordou com um meio sorriso. – Eu devo levar roupa de banho então?

– Claro! Vamos ficar três dias dessa vez!

Espaço Aéreo Internacional, 24 de julho de 1952

O voo para o Caribe estava sendo um verdadeiro pesadelo para Jane. Ela nunca tinha experienciado tanta turbulência em um voo antes e tudo que ela conseguia pensar é que eles iriam desaparecer no triângulo das Bermudas ou algo assim.

Ela estava sentada em sua poltrona, desejando que suas preces fossem ouvidas apesar de nunca ter ido na igreja na idade adulta, quando Charlie passou por ela, voltando do bar no segundo andar.

– Claire, você está bem? – perguntou com cautela, notando que a garota estava com uma expressão esquisita. Jane notou que ela fez menção de tocar em seu braço, mas recuou no último minuto.

– Essa turbulência... – disse, segurando o braço da cadeira com força enquanto o avião chacoalhava mais que uma carroça em estrada de chão. – Está me deixando um pouco enjoada, eu acho.

Ela sabia que era óbvio que o que ela estava sentindo era pânico e não enjoo, mas ficou aliviada por Charlie não insistir no assunto.

– Você quer que eu pegue um remédio? – perguntou, hesitante.

– Não... Está tudo bem – disse, tentando se recompor um pouco. – Obrigada, mesmo assim. – Deu um meio sorriso forçado para a inglesa, que apenas concordou com a cabeça e sentou-se em uma poltrona ao lado da de Jane.

– Você também não está com a cara muito boa – disse Jane, olhando com mais calma para a Charlie e notando que ela parecia irritada.

– O 6D está bêbado e não para de tentar flertar comigo – disse, soltando um suspiro cansado. – Não aguento mais ir lá.

Jane sentiu uma coisa estranha no peito, uma mistura de raiva com preocupação.

– Você quer que vá lá atender esse sujeito? – perguntou, irritada.
– Eu posso colocar um sedativo na bebida dele – concluiu num sussurro conspiratório.

Charlie riu e por um minuto parecia que nada havia mudado entre elas.

– Não se preocupe, Claire. Eu sei lidar com galanteios indesejados – disse com um sorriso, colocando sua mão sobre o braço de Jane. Assim que percebeu seu próprio movimento, Charlie recuou tão rápido que Jane pensou que ela havia quebrado algum recorde de velocidade. O tema da conversa também pareceu pesar entre elas e Jane apenas concordou com a cabeça.

Era evidente que Charlie agora tomava cuidado para sempre manter uma distância segura de Jane. Desde que voltaram de Toronto, Charlie evitava as gentilezas que antes ela parecia feliz em fazer, como por exemplo perguntar se Jane queria alguma coisa da cozinha, ou cobri-la com uma manta quando cochilava no voo, ou

outras coisas pequenas como servir café a ela antes mesmo que Jane pedisse.

Mas, principalmente, Jane notava agora como elas tinham uma relação de contato físico antes. Elas sempre pareciam ter uma desculpa para tocar no braço ou no cabelo uma da outra. Agora, Charlie a tratava como uma planta venenosa. Jane sabia que ela estava agindo assim por respeito, mas nem por isso se sentia menos triste.

Jane sentia falta de conversar com ela, de fazê-la rir, de poder tocá-la, de poder--

– Ai!!! – Jane gritou quando uma forte turbulência fez o compartimento de bagagem acima de sua poltrona abrir e sua mala de mão cair em cima dela. Naquele momento ela teve certeza de que o avião iria cair no meio do oceano e ela iria virar comida de tubarão.

A turbulência estava tão forte e intensa que o serviço de bordo teve que ser interrompido. Depois de alguns minutos, que pareceram horas para Jane, Charlie foi até a cabine dos pilotos saber se havia previsão de reabrir o serviço de bordo, porque alguns passageiros estavam nervosos e não paravam de perguntar se podiam ter um cigarro ou uma bebida.

Jane resolveu aproveitar que Charlie estava demorando na cabine para ir até a cozinha tomar uma água com açúcar.

A água com açúcar parecia não estar fazendo efeito algum, ela sentia-se apreensiva e a cara de poucos amigos de Michael e Ralph por ela estar na cozinha ‘deles’ não estava ajudando. Resolveu que era melhor voltar para o seu lugar, afinal a turbulência estava diminuindo e logo iriam retomar o serviço de bordo.

A cozinha ficava em um segundo piso, atrás do bar. Ao lado da escada havia um pequeno corredor que levava a duas cabines na qual estocavam alguns kits médicos e equipamentos de segurança. Ao descer as escadas, Jane escutou um barulho vindo desse corredor e foi verificar o que estava acontecendo.

O mal-estar que sentia se transformou em pânico, quando viu Charlie contra a parede e o passageiro da poltrona 6D pressionando seu corpo contra o dela. Com uma mão ele segurava os dois pulsos de Charlie acima da cabeça, enquanto a outra se insinuava por baixo da saia, subindo pela coxa.

Charlie tinha um misto de pânico e repulsa no olhar, tentava freneticamente desvencilhar-se dele, mas ele tinha a força a seu favor. Jane sentiu a adrenalina tomar conta do seu corpo e, sem nem pensar, caminhou até eles. Ela o puxou pelo ombro, e não soube se a adrenalina a deixou mais forte ou se ele foi pego de surpresa, mas quando ele se virou ela desferiu um soco na cara do sujeito que o fez cambalear para trás.

Jane rapidamente aproximou-se de Charlie, que parecia em choque, e se posicionou na sua frente, protegendo-a do 6D. Ele pareceu desnortado por um momento e encarou Jane com algo que ela descreveria como ódio. Ela tinha certeza de que a sua expressão não era diferente da dele naquele momento.

– Você está louca? – perguntou o homem, se movendo na direção delas.

– Se você encostar mais um dedo nela eu juro que te mato! – disse, ainda protegendo Charlie com seu próprio corpo.

Apesar de Jane ter metade do tamanho dele, alguma coisa em seu tom o fez parar e eles se encararam por algum tempo. Era possível cortar a tensão com uma faca. Ele se aproximou sem desviar o olhar dela.

– Você vai se arrepender disso – baixou os olhos até o crachá dela e voltou a encará-la, – Claire Davis!

Ela sustentou o olhar dele, sentindo um desprezo que nunca havia sentido antes. Ele a encarou por mais alguns segundos e saiu.

Assim que se afastou, Jane virou-se imediatamente e abraçou Charlie que, ainda em choque, retribuiu o abraço e afundou o rosto do pescoço dela.

– Você está bem? – perguntou, acariciando as costas da inglesa, – ele te machucou?

– E-eu tô bem – Charlie disse, soltando-se do abraço e tentando se recompor.

Jane conseguia ver o medo naqueles olhos azuis que a encaravam com desamparo.

– Não, você não está! Você está tremendo. Vem cá! – Ela a abraçou outra vez, dessa vez com mais força. Parecia precisar daquele abraço tanto quanto Charlie.

Ainda com um meio abraço Jane guiou Charlie até uma das poltronas no *galley*. Charlie sentou-se enquanto Jane fechou as duas cortinas das portas de acesso à primeira classe e em seguida agachou-se em frente a ela. Charlie apoiou as duas mãos sobre o próprio colo, ela ainda tremia um pouco e Jane colocou uma de suas mãos sobre a dela, a outra ela levou até a sua bochecha, fazendo com que ela a encarasse.

– Você quer alguma coisa para tomar? Uma água com açúcar? Um whisky? – perguntou de maneira gentil enquanto acariciava suavemente o rosto dela.

As comissárias não podiam beber nenhuma das bebidas do avião, primeiro porque não podiam beber em serviço e segundo porque a bebida era para os passageiros. Mas Jane iria servir

qualquer coisa que Charlie quisesse e colocar na conta daquele verme do 6D.

– Não, eu-eu estou bem – respondeu, vacilante. Charlie sentia-se derreter sob o toque da garota.

– Charlie, ele te...? – perguntou de maneira reticente, tinha medo de verbalizar o que estava pensando.

– Não! Você viu praticamente a coisa toda.

Jane tirou a mão do rosto de Charlie e pegou a sua outra mão. Ela percebeu que seus pulsos estavam avermelhados da agressão e sentiu novamente seu sangue ferver. Charlie notou a tensão no maxilar de Jane ao olhar para seu pulso e dessa vez foi ela quem soltou uma das mãos e levou ao rosto da loira.

– Claire, já passou. – Ela acariciou a bochecha da garota e pôde sentir a musculatura do seu rosto relaxando. – Eu estou bem, vamos esquecer isso!

Jane fechou os olhos com o toque carinhoso de Charlie. Ela não queria esquecer, ela queria ir lá acabar com a vida desse sujeito asqueroso que ousou colocar as mãos imundas em uma criatura tão doce. Ela queria se certificar que ninguém nunca mais iria machucar Charlie.

Mas ela sabia que não poderia fazer nada naquele momento, então concordou em esquecer o assunto contanto que Charlie aceitasse trocar de lado com ela. Charlie aceitou e Jane ficou responsável pelo corredor da esquerda – e do 6D – e Charlie pelo corredor da direita. Infelizmente para Jane, a inglesa a fez jurar que não colocaria nada na comida ou bebida dele.

Charlie respirou aliviada quando avistou o pequeno aeroporto de Herrera pela janela do avião, ele ficava bem no coração da cidade e

tudo que ela queria era chegar logo ao hotel e tomar um banho. Precisava tirar aquela sensação do seu corpo, ainda podia sentir ele todo tremendo.

Ela estava em choque, nunca tinha passado por nada assim antes. Apesar de já ter lidado com inúmeros bêbados em voos, aquela era a primeira vez que havia sido fisicamente assediada e se perguntava o que teria acontecido se Jane não tivesse aparecido.

A reação da garota também não saía da cabeça de Charlie, nunca a havia visto tão enfurecida. Ela não podia negar que a maneira superprotetora com que Jane estava a tratando a causava borboletas no estômago, mas por outro lado também a deixava preocupada. Jane estava alterada a ponto de ser imprudente. Durante o serviço do café da manhã, Jane praticamente jogou o café na mesa e boa parte respingou no passageiro. E, apesar de ter prometido para Charlie que não colocaria laxante na sua comida, ela tinha quase certeza de que Jane havia cuspidido na sopa dele.

Charlie conhecia os tipos que frequentavam a primeira classe, homens muito poderosos que poderiam acabar com a carreira dela em um estalar de dedos se quisessem, e isso a preocupava.

Durante o procedimento de desembarque Jane e Charlie estavam ao lado da porta de saída acompanhadas de Ed e Ryan, eles despediam-se dos passageiros e agradeciam por escolher a Northern Star. Charlie sentiu seu corpo tencionar com a visão do 6D, notou que, ao seu lado, Jane também parecia tensa. Assim que ele passou por Charlie piscou para ela, em seguida encarou Jane com um sorriso que poderia ser descrito como sádico. Claramente a intenção era provocar a loira. Charlie colocou a mão sobre o pulso de Jane para impedi-la de responder qualquer coisa. Ela relaxou ao toque e Charlie fez um carinho com seu polegar nas costas da mão dela, tentando reafirmar que estava tudo bem.

Jane franziu o cenho quando Ryan apertou a mão do sujeito com um sorriso. Ela não concordava com a ideia de Charlie de não contar o ocorrido para ninguém da equipe, mas havia respeitado a

decisão mesmo assim. Já Charlie sabia que era a saída mais inteligente. Ela notou Jane soltar um suspiro aliviado quando o 6D saiu da aeronave. Charlie sentiu o mesmo alívio.

Com sorte essa seria última vez que o veriam.

32.

Santo Domingo, 25 de julho de 1952

A tripulação se hospedou em um luxuoso hotel cassino na orla de Santo Domingo com uma vista de tirar o fôlego para o mar azul turquesa da costa caribenha. Uma recompensa mais que merecida depois da viagem horrorosa que tiveram, pensou Jane. Como ainda era bem cedo poderiam dormir um pouco pela manhã e aproveitar o resto do dia na cidade. Em geral elas passavam o primeiro dia de viagem sem dormir, mas como dessa vez nem Jane e nem Charlie cochilaram no voo – Charlie porque estava muito abalada e Jane porque passou a noite supervisionando cada passo do 6D – um cochilo parecia uma ótima ideia.

Assim que chegaram no quarto, Charlie foi imediatamente tomar um banho e tirar a sensação daquela mão asquerosa da sua pele. Quando saiu do banho, Jane estava sentada na beira da cama, de frente para a porta do banheiro. Ela parecia tensa, ainda estava com o uniforme da Northern Star, porém estava com o cabelo solto e não usava mais o blazer e o lenço, nem os sapatos. Olhava para Charlie como se estivesse esperando para falar alguma coisa.

– Você está se sentindo melhor? – Jane perguntou de forma terna.

Charlie vestia apenas um roupão branco e tinha uma toalha nas mãos para secar os cabelos úmidos.

– Estou. – Imitou a posição da outra garota, sentando-se na outra cama, de frente para ela. – O banho ajudou.

Jane balançou a cabeça afirmativamente, parecia ponderar o que iria dizer a seguir.

– Charlie... – Jane a encarou e Charlie notou que ela tinha os olhos vermelhos. – Me desculpe pela maneira que eu te tratei.

A garota tinha a voz embargada e Charlie sentiu um aperto no coração. Ela queria se aproximar, tocá-la, tirar a tristeza do seu rosto, mas seu corpo estava paralisado.

– Claire – disse de maneira suave, – você não precisa pedir desculpas por nada.

Charlie foi interrompida quando Jane ajoelhou-se na frente dela.

– Preciso – disse, pegando as mãos de Charlie nas suas. – E-eu agi como uma imbecil! Eu tratei você como lixo. – Agora as lágrimas corriam livremente. – Eu ignorei você desde o casamento! – Jane desviou o olhar para as mãos dela, que ainda seguravam as de Charlie, sentia-se envergonhada. – Você não merecia! Me desculpe – concluiu em um sussurro.

O que aconteceu com Charlie despertou Jane para a realidade. Ela sabia que nunca mais queria ver Charlie magoada e iria protegê-la de qualquer maneira que pudesse. E a ideia de que ela mesma a estava magoando cortou seu coração como uma navalha.

– Claire – Charlie colocou uma das mãos no queixo de Jane, fazendo-a olhar para ela. – Você teve seus motivos para ficar chateada comigo. – Ela sentia seu coração apertado vendo a garota chorando. – Eu não pensei direito e coloquei você em uma posição constrangedora – falou ao enxugar uma das lágrimas de Jane com o polegar, – me desculpe também!

Jane a olhava com olhos injetados e Charlie notou que a vermelhidão realçava ainda mais o tom verde de sua íris. Mesmo chorando ela era linda. Desviou o olhar para as mãos dela, que ainda seguravam as suas e notou os dedos levemente roxos do soco que havia dado mais cedo. Outra vez sentiu seu coração apertar.

– E Claire – disse de maneira tímida, encarando-a de novo, – eu ainda não te agradei pelo que você fez. – Charlie a olhou com uma vulnerabilidade que Jane não estava acostumada. – O que você fez por mim... E-eu nunca vou poder te agradecer o suficiente.

– Eu não fiz nada--

– Fez sim, você se colocou em risco para me ajudar! E eu nunca vou esquecer isso.

Em um ato impensado, Charlie pegou a mão ferida de Jane, e plantou um beijo terno em seus dedos. Jane sentiu seu coração acelerar com o toque, como se uma descarga elétrica tivesse atingido. Ela não conseguia formular palavras, apenas encarava aqueles olhos azuis.

– Agora acho melhor você lavar essa carinha de choro – disse, enxugando as lágrimas remanescentes. – Para a gente poder dormir um pouco e aproveitar a cidade mais tarde.

Jane apenas balançou a cabeça e fez o que foi sugerido.

Quando Jane acordou algumas horas mais tarde, o quarto estava quente e ela estava suando. Levantou-se para acionar o ventilador de teto e respirou com alívio assim que sentiu o vento na sua pele.

“Eles não estavam brincando quando falaram que aqui era quente.”

Olhou para Charlie que dormia sem parecer se abalar com o calor, mas percebeu uma fina camada de suor em sua testa. Com delicadeza Jane tirou uma mecha de cabelo que estava grudado na testa suada e em seguida removeu a manta que a cobria, deixando apenas um lençol fino que estava meio enroscado em suas pernas.

Charlie dormia de bruços, abraçada ao travesseiro e os olhos de Jane vagaram pelas pernas nuas e pela curva suave da parte de trás do corpo dela. A imagem estava começando a tirar a paz interior de Jane e ela engoliu em seco. O que aconteceu no voo, não só fez com que ela percebesse a enorme urgência que sentia em proteger Charlie de tudo e todos, mas percebeu também, que não suportava a ideia de que outra pessoa a tocasse.

Ela chacoalhou a cabeça tentando se livrar dos pensamentos e foi até sua valise para procurar o livro que estava lendo. Examinou tudo sem sucesso, aparentemente ela havia esquecido de colocar na mala, “típico Jane,” pensou, frustrada. Charlie se mexeu um pouco na cama e Jane tentou não fazer mais barulho, achava que ela precisava descansar.

Voltou resignada para sua própria cama e ficou olhando entediada para o teto em estilo colonial. Tudo no quarto era novo, assim como o hotel, mas o estilo era colonial e ela tinha impressão de estar em uma casa de fazenda do século passado. Virou-se de lado para olhar para Charlie mais uma vez e percebeu que *O mistério do trem azul* estava sobre a mesa de cabeceira, concluiu que a leitura seria uma ótima distração.

– Está gostando?

Jane deu um pequeno pulo, não havia percebido que Charlie estava acordada, virou rápido para o lado e deu com um par de olhos cravados nela esperando uma resposta.

– Desculpa, não queria te assustar – Charlie falou, sorrindo.

– Tudo bem. – Sorriu de volta. – Ainda estou tentando entender a ligação entre essas muitas histórias do começo – disse, indicando o livro. – Espero que você não se importe de eu ter pegado emprestado, esqueci o que eu estava lendo em casa.

– Típico Claire – disse Charlie, provocando a americana. – Claro que não me importo. Que horas são? Eu estou morrendo de fome.

– Oh graças a Deus! Eu também – Jane falou, saltando da cama. – Achei que você não fosse acordar nunca mais, são quase duas da tarde – disse enquanto procurava alguma coisa fresca para vestir. Charlie ria da forma como Jane sempre reagia rápido quando o assunto era comida.

Como fazia muito calor elas decidiram almoçar e passar a tarde na enorme piscina do hotel. Estavam loucas para ir para praia, mas apesar do mar na frente do hotel ser cor de esmeralda a costa terminava em pedras e teriam que ir para alguma outra praia perto se quisessem pegar sol. Então, elas resolveram deixar a praia para o dia seguinte. Tinham três dias de escala nessa viagem, não havia por que se apressar.

No final da tarde, quando já estava mais fresco, saíram para conhecer a zona colonial de Santo Domingo. Um centro antigo cheio de história e charme, com ruelas estreitas e construções históricas que deixavam bem pouco para se imaginar sobre como havia sido a cidade nos tempos de colônia espanhola. O lugar parecia congelado no tempo.

– Aqui existem vários ‘primeiros da américa’ – Jane falou enquanto elas caminhavam pela cidade. – A primeira igreja, o primeiro hospital, a primeira rua pavimentada, que é essa que estamos, a *Calle las Damas*. – Parou para olhar para a placa com o nome, confirmando que estavam mesmo nela. – Ela tem uma história interessante, foi pavimentada para que Maria de Toledo, que era nora de Colombo e sobrinha do rei da Espanha, pudesse passear por aqui com suas damas.

Charlie olhava para Jane com surpresa e interrogação.

– Achei que você tivesse dito que não conhecia nada da história local...?

– Como eu estava entediada, li todos os folhetos e guias da cidade que você pegou na recepção. É sempre você que faz o papel de guia turística nas viagens, achei que essa era minha oportunidade de te impressionar – disse com uma piscadinha e um sorriso maroto. Charlie corou levemente com o gesto.

A noite começava a cair e elas escolheram um dos bares da *Plaza de España* com mesas ao ar livre e música ao vivo. O garçom sugeriu que elas experimentassem os coquetéis de rum, especialidade da casa.

A banda tocava algum ritmo animado que elas deduziram ser merengue, embora nenhuma das duas tivesse certeza. Estavam adorando descobrir as nuances da cidade juntas, Charlie gostava quando aparecia um destino novo e inusitado na escala, era para isso que tinha virado comissária. Além disso, tinha algo especial nessa viagem, ela gostava do fato de ela e Jane estarem conhecendo um lugar pela primeira vez juntas.

O peixe que pediram estava perfeito e o segredo estava no tempero Dominicano, no qual o orégano, alho, cebola, pimentão, tomate, alcaparras e azeitonas faziam toda a diferença. Elas já estavam na terceira rodada de drinks e tudo começava a parecer mais divertido.

– Até agora tudo está perfeito – disse Charlie, – boa música, boa comida, boa bebida--

– ... boa companhia! – Jane acrescentou com um sorriso travesso.

– Você ficou bem convencida depois que nocauteou aquele sujeito, *darling*.

– Bem, foi minha primeira vez salvando uma donzela em perigo.
– Ela tinha um sorriso sedutor que deixou Charlie desconcertada. –
Enfim – disse, levantando-se, – eu preciso ir ao toalete.

Antes de sair ela tomou o resto da bebida que havia em seu copo, em seguida inclinou-se levemente e sussurrou no ouvido de Charlie:

– E eu não estava falando sobre a sua acompanhante, *darling* –
disse imitando o sotaque de Charlie. – Estava falando da minha!

O gesto provocou calafrios no corpo da inglesa e ela sentiu os pelos da sua nuca se arrepiarem com o hálito quente de Jane.

Jane percebeu o rubor de Charlie e plantou um beijo em sua bochecha. Os lábios macios em contato com sua pele desencadearam uma nova onda de sensações no corpo de Charlie.

– Pede mais um desses pra mim, por favor? – pediu, balançando o copo vazio, antes de sair, se sentindo satisfeita consigo mesma.

Charlie sentia-se tonta e não tinha nada a ver com a bebida. Colocou a mão no rosto onde Jane a havia beijado, enquanto olhava embevecida a visão perfeita que era a garota naquele vestido amarelo claro ondulado com o vento enquanto caminhava.

Quando Jane voltou para mesa Charlie ainda sentia suas bochechas quentes. A garota tinha uma expressão confiante que ela não lembrava ter visto antes – talvez um vislumbre no Rio de Janeiro – e não podia negar que estava achando incrivelmente sexy. Mas ao mesmo tempo estava um pouco apreensiva, elas haviam acabado de fazer as pazes e Charlie tinha medo de estragar tudo de novo criando falsas expectativas.

E se ela só estivesse flertando porque gostava de atenção e porque sabia o que Charlie sentia por ela?

“Não!” Charlie pensou, Jane não era esse tipo de pessoa, ela jamais brincaria com as emoções alheias. Mas se não era isso...

– Você está estranhamente quieta – Jane disse, estreitando os olhos de maneira desconfiada.

– Você está insinuando que eu sou tagarela? – perguntou Charlie, fingindo-se ofendida.

– De forma alguma – disse, tomando mais um gole do drink e tentando manter o ar sério. – Eu diria que você é... – gesticulou com as mãos, tentando achar a palavra correta, – eloquente!

– Oh, é a primeira vez que alguém insinua que eu falo demais.

– É que você adora contar histórias sobre os lugares que visitamos. – Jane ria de maneira apologética. – Mas não se preocupa, isso é uma das coisas que eu amo em você! – Seu semblante agora era sincero e caloroso.

Charlie sentiu novamente suas bochechas corarem. Sabia que não deveria criar expectativas, mas seu cérebro e seu coração não estavam em sintonia.

Elas beberam mais alguns drinks e decidiram parar por ali, não queriam passar o dia seguinte se recuperando de uma ressaca. Quando chegaram ao hotel Jane sugeriu que se sentassem um pouco no deck da piscina, fazia um calor tremendo e Charlie concordou prontamente.

Sentaram lado a lado na borda da piscina com os pés dentro da água.

– Ahhh, que delícia. – Charlie suspirou ao sentir a água fria. – Desde o Marrocos que não sinto tanto calor.

– O clima aqui me lembra um pouco o da Califórnia, acho agradável – comentou, balançando o pé na água. – Sempre gostei do verão, tava sentindo falta da praia.

– Verão combina mesmo com você. Falando em lembrar, sabe do que acabei de me lembrar agora?

– O quê?

– Rio de Janeiro.

– O que tem o rioOOOHH! – Antes que Jane pudesse se dar conta, Charlie estava se jogando na piscina com roupa e tudo e a puxando.

Quando recuperaram o fôlego Charlie esclareceu.

– Você me devia um banho.

– Você me paga! – Jane tinha um sorriso travesso.

Jane jogou um pouco de água na direção de Charlie, a inglesa virou-se na tentativa de evitar a água na cara, na hora que ela se virou Jane a puxou pela cintura por trás e deu um caldo nela. Charlie tentou revidar, mas Jane a segurou pela cintura mais uma vez e de repente se deram conta de como estavam próximas.

Charlie conseguia sentir a respiração de Jane e percebeu que ela olhava diretamente para a altura do seu busto que agora estava exposto pelo vestido branco colado contra ele. Quando Charlie ergueu a cabeça um pouco envergonhada, seus olhos encontraram os de Jane, e não encontrou neles nenhum vestígio de dúvida ou hesitação. Ela baixou o olhar para a boca de Charlie e mordeu o lábio inferior, capturando ainda mais a sua atenção.

Ao perceber que Charlie não tomaria a iniciativa, Jane a puxou para mais perto e a beijou.

33.

Santo Domingo, 25 de julho de 1952

Charlie levou uns instantes para reagir e enfim entender que tinha consentimento para tocar em Jane, e não desperdiçou nem um segundo mais. Suas mãos deslizaram pela nuca e pelo pescoço da garota e o beijo, que começou tímido, agora era sensual e cheio de urgência.

Jane sentia os lábios macios e suaves pressionados contra os dela, o sabor de rum e coco misturado a mais alguma coisa que deveria ser o batom – Jane não sabia ao certo, mas não tinha importância – era uma combinação viciante e ela tinha vontade de devorar aquela boca. Ela intensificou o beijo enquanto empurrava Charlie contra a borda da piscina, a inglesa gemeu baixinho e Jane sentiu seu corpo inteiro estremecer.

Charlie não conseguia formular um único pensamento coerente, tinha medo de estar dentro de um dos seus sonhos e acordar a qualquer momento. Mas a verdade é que em nenhum sonho ela pode prever como seria de fato beijar Jane. Porque aquela experiência não se comparava a nada que já havia sentido antes. Ela tinha a sensação de que iria derreter e fundir-se a água da piscina, só com o calor das mãos de Jane na sua pele e a pressão do corpo dela contra o seu.

Elas não tinham nenhuma noção de quanto tempo havia passado e nenhuma delas tinha vontade ou coragem de encerrar o beijo, mas quando enfim se separaram, existia cumplicidade no olhar e também um pouco de surpresa.

– Isso foi... Inesperado – murmurou Charlie.

– É mesmo? – perguntou com um sorriso. – Eu achei que estava dando sinais bem claros o dia todo.

– Na verdade, estava. – Riu. – E estava me deixando louca, porque eu não sabia se você tinha alguma intenção real por trás ou não.

– Bom. – Puxou Charlie outra vez para perto de si. – Fico feliz em esclarecer essa questão, então.

Dessa vez Charlie não perdeu tempo conjecturando e fechou o espaço entre elas para beijá-la novamente. Suas mãos seguraram a nuca de Jane com delicadeza e o tempo pareceu desacelerar.

Os olhos azuis de Charlie se fechando foi a última coisa que Jane viu antes de sentir a boca macia contra a dela. Charlie a beijou de forma lenta e demorada e Jane desejou que aquele momento durasse para sempre. Diferente do primeiro, esse beijo era terno, suave, quase uma reverência e Jane percebeu que estava esperando por isso desde sempre.

– Uau! – Jane exclamou, abrindo os olhos devagar. Charlie notou suas pupilas dilatadas.

– Realmente! – Charlie encarava aqueles olhos verdes, nunca tinha se sentido assim com um beijo, sentia como se seu peito fosse explodir de felicidade. Jane sorriu, um sorriso doce e Charlie soube naquele momento que não tinha mais volta.

– Você acha que no futuro terá uma placa: ‘aqui, pela primeira vez nas américas, Charlotte Thompson beijou-- Claire Davis!’

“Merda!”

Por alguns maravilhosos minutos Jane havia esquecido que estava mentindo para Charlie. Havia esquecido que sua identidade inteira era uma grande farsa e que a relação entre elas era baseada em uma mentira.

Jane sabia no fundo de seu coração que o que sentia por Charlie era real, mais que isso, era algo que nunca havia sentido antes. E era lindo! Mas ela também sabia que não teria outra escolha, mais cedo ou mais tarde teria que contar a verdade.

– Claire... – Charlie notou que Jane ficou distante de repente e temeu que ela estivesse arrependida, – aconteceu alguma coisa?

– Hum? – Jane pareceu sair do transe que estava. – Ah, eu acho que escutei um barulho. – Tentou disfarçar. – Alguém pode nos ver aqui. Você não acha melhor irmos para o quarto?

Tudo que Jane não queria naquele momento é que Charlie se sentisse qualquer coisa menos do que desejada e não deixaria nada atrapalhar aquele momento. Sabia que teria que contar a verdade, mas concluiu que um par de dias no Caribe sem nenhum drama não faria mal.

Quando chegaram no quarto, ensopadas e levemente alcoolizadas, Jane insistiu para que Charlie fosse a primeira a tomar banho. Charlie fez o que Jane pediu, mas não sem antes dar mais um beijo nos lábios ainda molhados da loira.

Depois que saíram da piscina, o álcool intensificou seu efeito e Jane sentia o quarto girar um pouco, se jogou de costas na sua cama se sentindo extasiada. Uma mistura de delírio de bebedeira e felicidade intensa. Levou a mão à boca se lembrando da sensação de beijar Charlie, do toque, do cheiro, do sabor. Jane achou que iria explodir de felicidade.

Charlie saiu do banho e deu de cara com Jane abraçada no travesseiro dormindo por cima da manta, ainda com a roupa encharcada da piscina.

– Claire – Charlie disse, sentando-se na beirada da cama e chacoalhando a garota de leve, – acorda! Você tá molhando sua cama toda.

Jane apenas grunhiu. Charlie riu e a ajudou a se levantar, puxando-a pelos dois braços.

– Vamos – disse Charlie. – Você precisa tomar banho e colocar roupas secas.

– Está bem – disse, resmungando. – Eu já estou indo.

Charlie riu, sabia que Jane era uma dorminhoca rabugenta que não gostava de ser acordada.

Jane entrou no banho e esqueceu da vida. Aproveitou o conforto da água quente somado ao calor que irradiava do seu coração para relaxar. Quando, por fim, saiu de lá vestiu a primeira coisa confortável que encontrou e se jogou na cama.

– ARGHHH...! – Deu um pulo ao sentir a sensação desconfortável de deitar-se em uma cama molhada.

Charlie, que já havia pegado no sono, acordou sobressaltada e deu de cara com Jane em pé olhando desapontada para a própria cama.

– Minha cama está encharcada – explicou para Charlie, surpresa.

– Claro que está você se deitou nela molhada – disse Charlie, rindo da carinha de cachorro sem dono de Jane. – O que esperava?

Jane a encarou com um bico que Charlie julgou ser a coisa mais fofa que já viu na vida.

– Pode deitar aqui comigo – disse com um sorriso malicioso nos lábios. – Eu prometo me comportar.

Charlie abriu um espaço para Jane deitar-se. Ela deitou virada de frente para Charlie e a beijou novamente.

– Eu acho que você molhou a sua cama de propósito – Charlie disse com um sorriso desconfiado.

– Na verdade, não. – Jane riu e a beijou. – Mas acho que vou começar a adotar essa tática!

– Você não precisa molhar sua cama para se deitar na minha. – Ela deu um beijo na testa de Jane. – É só pedir.

– Bom saber.

Deu mais um beijo terno nos lábios de Charlie e virou para que a inglesa pudesse abraçá-la. Charlie sussurrou um boa noite no seu ouvido e beijou sua nuca. Em alguns segundos ambas estavam dormindo, vencidas pelo cansaço e pelo álcool.

34.

Nova York, 28 de julho de 1952

Charlie acordou com uma leveza no coração que há tempos não sentia. Ela havia chegado de Santo Domingo naquele dia de manhã e não pôde evitar sorrir com as lembranças ainda tão vivas da viagem. Mal podia acreditar que não havia sido um sonho.

Charlie e Jane foram para uma das praias com o resto da tripulação no segundo dia da viagem e não tiveram muito tempo a sós, e o último dia passaram todo no hotel descansando, pois sabiam que o voo de volta seria cansativo. Mas apesar de terem aproveitado o terceiro dia juntas, as coisas não evoluíram muito mais do que naquela primeira noite. Charlie sabia que era tudo novo para Jane e não queria apressá-la. Elas passaram a manhã na piscina – que, agora, tinha um lugar especial no coração de Charlie – e à tarde no quarto. Charlie passou a maior parte do tempo lendo no sofá enquanto Jane dormia com a cabeça apoiada no seu colo.

Ela sabia que esperaria pelo resto da eternidade pela garota se fosse preciso, mas isso não a impedia de querer mais. Não podia mais negar que estava irremediavelmente apaixonada por Jane. E não lembrava de ter se sentido assim antes.

Ela tinha amado Maggie, sabia disso, mas a relação delas havia sido muito diferente e só havia se concretizado por insistência de Penny em apresentá-las. Já seus namoros na época da faculdade eram mais baseados em atração do que em paixão, além, é claro, da euforia de descobrir como é estar com uma mulher. Mas Charlie nunca havia se sentido tão absorvida por outra pessoa antes, como se a mera existência dela fizesse o céu ser mais azul e o sol mais brilhante. Isso era novo para ela.

Ainda na cama ela olhou para o relógio. 16:28. Sorriu e se levantou decidida a aproveitar sua folga da melhor forma. Sentia-se

cheia de energia e queria sentir a vida pulsando lá fora. Decidiu ligar para Jane e convidá-la para jantar e na manhã seguinte elas poderiam acordar cedo e ir de carro até Montauk. Jane gostava de praia e não conhecia nada da costa leste, então aquela parecia uma boa ideia.

Hesitou por uns instantes. Seria um pouco exagerado fazer logo dois convites? Ou um convite que implicasse em passar a noite juntas? Uma coisa era dividir o quarto nas viagens, já estavam habituadas com isso. Além do mais, só haviam dormido na mesma cama por questão de necessidade até então.

O impasse não durou muito tempo, antes que ela pudesse chegar a alguma conclusão, o telefone tocou.

– Olá, doçura!

Charlie abriu um largo sorriso quando ouviu a voz do outro lado da linha. Era ridículo como o simples fato de ouvir a voz de Jane podia fazer seu estômago dar cambalhotas.

– Claire! Eu tava pensando em você – disse Charlie, encabulada.

– Que bom, porque eu te liguei pra saber se você tem planos para hoje – disse Jane. – Quer dizer, se você *não* tem planos. Bem... Você tá livre hoje à noite? Talvez queira sair para jantar...? – Jane estava tão apreensiva que nem deu tempo para Charlie responder. – Tudo bem se você já tiver planos também... E-eu entendo e--

– Eu adoraria! – Charlie a cortou. Tinha um sorriso de orelha a orelha.

– Sério?

– Você parece surpresa.

– Achei que você pudesse ter se cansado de mim depois de três dias – disse, hesitante.

– Não seja boba. Eu nunca poderia me cansar de você!

As duas sorriram, embora nenhuma delas pudesse ver o rosto uma da outra.

– E onde você pensa em ir? – Charlie perguntou enfim.

– Bem, você sabe que eu conheço quase nada de Nova York, mas eu tô com vontade de comida italiana.

– Italiana? Hmm, você leu meus pensamentos. Que horas eu te pego?

– Oh, você não precisa me buscar, só me passa o endereço, eu pego um táxi. Ou se você preferir eu posso te encontrar na sua casa?

– Nesse caso, nos encontramos aqui então, meu restaurante italiano preferido fica na esquina da minha rua – disse Charlie satisfeita. – Tem certeza de que não quer que eu vá te buscar?

– Não precisa, relaxa. Vou me vestir e em uma hora estarei aí.

– Ah, Claire, espera – chamou antes que a garota desligasse – É, eu estava pensando em dirigir até Montauk amanhã... – Charlie enrolava o fio do telefone no braço, um claro sinal de ansiedade. – Que você acha da ideia de passarmos o dia por lá, já que nossa escala vai ser só no dia seguinte?

– Parece incrível, Charlie.

O restaurante não decepcionou Jane. O ambiente era aconchegante e a comida maravilhosa, dava quase para se sentir

em Roma. *Roma!* Jane recordou da viagem para Roma, que parecia uma eternidade atrás.

Mas agora ela percebia que foi lá que ela e Charlie se aproximaram em primeiro lugar. Talvez tenha sido em Roma que ela se apaixonou por Charlie...

“Espera, foi em Roma que eu o quê?”

– O que você acha de irmos para minha casa, tomamos um drink, ouvimos uma música e depois eu te levo para casa? – Charlie parecia um pouco nervosa.

“Ela fica uma gracinha nervosa”, Jane pensou, sorrindo.

“Meu Deus, eu tô mesmo apaixonada!”

Ela deixou essa ideia invadir seu corpo e mente, ao contrário do que ela imaginou, essa realização a fez sentir-se leve, mas ao mesmo tempo cheia de um sentimento que aquecia seu coração. Ela estava apaixonada pela mulher mais incrível que já conheceu e isso a fazia sentir-se nas nuvens.

– Claro – respondeu com um sorriso que irradiava toda a felicidade que sentia.

Caminharam apreciando o ar fresco da noite e Jane teve que se conter para não segurar a mão de Charlie enquanto andavam. Sentia como se nenhum contato físico fosse suficiente, ela queria sempre mais.

Assim que Charlie fechou a porta do seu apartamento atrás de si, Jane a empurrou contra a porta e a beijou. Charlie soltou um gemido de surpresa, mas imediatamente retribuiu o beijo.

– É impressão minha ou você tem uma coisa com paredes? – Charlie falou meio sem ar.

– Eu tenho uma coisa por você!

Foi tudo que Jane conseguiu dizer antes de colar sua boca na dela novamente. Jane deixou que Charlie a guiasse até o sofá, ela se deitou de costas e puxou Jane para cima de si.

Charlie beijou o seu pescoço e ela sentiu todo seu corpo se acender, soltando um breve gemido de prazer. Ela queria mais. Precisava tocar Charlie, sentir a pele dela em contato com a sua. Jane deslizou sua mão por debaixo da blusa de Charlie e sentiu o corpo dela arrepiar ao toque.

– Claire! – Charlie murmurou no ouvido de Jane.

“Merda!”

“Merda! Merda! Merda!”

Jane sentiu como se um balde de água fria tivesse caído sobre sua cabeça. Não sabia o que era pior, saber que em algum momento teria que contar a verdade para Charlie, ou ouvir o nome da melhor amiga durante o que foi, até então, o momento mais sensual da sua vida.

Charlie percebeu a abrupta mudança de comportamento de Jane e a encarou com um olhar confuso. Jane sentiu-se ainda pior, ela não queria que Charlie sentisse como se ela estivesse fugindo. Ela queria estar com Charlie. Ela queria muito estar com Charlie. Mas ela queria estar com Charlie como Jane.

– Acho melhor a gente ir devagar – disse, dando um beijinho na ponta de seu nariz. Ela ainda estava em cima da inglesa que respirava um pouco ofegante. – Afinal, você me seduziu até aqui com promessas de um drink e um pouco de música, e não cumpriu nenhuma delas ainda.

– Para isso eu preciso conseguir levantar daqui – disse um pouco sem jeito, com um sorriso envergonhado.

Tentava recompor-se depois da parada abrupta, mas Jane ainda conseguia ver a confusão nos olhos dela. Jane soltou uma risada forçada e deixou Charlie levantar-se. Assim que a morena virou as costas ela enterrou a cabeça na almofada e soltou um grunhido de frustração.

Elas estavam já há um bom tempo sentadas no sofá meio enroscadas uma na outra, ouvindo Nat King Cole. Já fazia alguns minutos que elas estavam em um silêncio confortável e Charlie notou que Jane estava quase dormindo.

– Eu acho que vou parar nesse drink – Charlie disse. – Amanhã temos que acordar cedo.

– Oh, você quer que eu vá embora? – Jane a interrompeu, pulando do sofá sentindo-se acordada de repente.

– O quê? Não! – Charlie respondeu surpresa com a reação dela. – Claro que não. – Riu e puxou Jane pela mão para sentar-se novamente. – Vem cá!

Isso a fez lembrar que ainda não tinha tido coragem de perguntar se Jane queria passar a noite ali e resolveu acabar com o impasse de uma vez.

– Hm... Claire, me desculpa se eu passei dos limites com você mais cedo – disse, envergonhada. – Realmente não era minha intenção, eu sei que vo--

– Charlie, você não fez nada de errado – Jane a interrompeu, encarando-a com seriedade. – Eu é que... Sei lá, ainda não sei como agir. Às vezes tenho medo de que você se canse de mim e saia correndo.

Charlie estudava o rosto da garota, conseguia perceber o medo no seu olhar, parecia travar um conflito interno e Charlie colocou a

mão sob o queixo direcionando o olhar de Jane para ela.

– Não existe nada que possa me fazer correr para longe de você. – Charlie sorriu e fez um carinho no rosto dela tentando assegurá-la de que estava tudo bem. – Mas o que eu estava tentando te dizer é que se você quiser dormir aqui esta noite, eu não vou estar esperando nada. Especialmente porque você parece já estar quase dormindo.

– É que eu não dormi hoje ainda – disse aninhando-se nos braços de Charlie, que entendeu aquele movimento como um sim. – Eu passei o dia pintando. Acho que cheguei inspirada.

– E o que pode ter te inspirado tanto? – perguntou, tentando manter o tom sério.

– As praias paradisíacas, é claro – disse, inocente – O que mais poderia ser? –

– Nada, imagino. – Charlie virou-se rapidamente por cima de Jane com um sorriso travesso e a ‘atacou’ com beijos no rosto e no pescoço, provocando cócegas e fazendo a garota rir descontrolada. Quando Charlie finalmente parou Jane estava quase sem ar.

– Melhor irmos dormir – disse, dando um último beijo nos lábios de Jane, dessa vez doce e carinhoso.

Charlie emprestou uma camisola para Jane e elas decidiram que na manhã seguinte iriam parar no apartamento da loira para pegar um traje de banho.

Aquela não era a primeira vez que dormiam juntas, mas era a primeira vez que Charlie abraçava Jane sem receios e isso era como o céu para ela. Charlie sonhou com isso tantas vezes, que agora que era real, parecia bom demais para ser verdade.

– Boa noite, Claire – disse no ouvido de Jane antes de plantar um beijo no pescoço dela. Jane soltou um suspiro e se aconchegou

ainda mais perto de Charlie.

– Boa noite – disse, quase dormindo. – E Charlie, não existe ninguém no mundo que eu confie mais do que você!

Nova York, 29 de julho de 1952

O sol brilhava e o dia estava perfeito para uma viagem de carro, era terça-feira de manhã e quase não havia automóveis na rodovia. No rádio tocava *Jambalaya* da Jo Stafford e as duas sentiam uma felicidade que só um dia de verão como aquele era capaz de proporcionar.

Jane sorriu com a imagem de Charlie ao seu lado. Ela sempre parecia muito feliz dirigindo seu Buick 1951, mas hoje ela estava radiante. Tinha um sorriso permanente nos lábios enquanto sentia o vento no rosto e a vibração do volante sob suas mãos. Ela vestia uma saia salmão até a altura da canela e uma camisa branca com mangas curtas. Usava um chapéu de palha de abas largas que trouxe de Santo Domingo e grandes óculos escuros com armação marrom.

Jane estava com um vestido de alças amarelo com bolinhas brancas e um lenço azul marinho preso embaixo do queixo.

Elas dirigiam em direção ao norte de Long Island, rumo a Montauk, um lugar desconhecido do grande público, que preferia as praias mais próximas como Coney Island.

Quando Jane avistou o farol no horizonte ela sorriu e entendeu por que Charlie queria mostrar aquele lugar para ela. Da posição onde estavam ela podia ver perfeitamente a silhueta do farol que se erguia sobre a encosta rochosa banhada pelo mar. Ao lado da estradinha que dava acesso ao farol havia uma pequena praia de pedregulhos não menos bonita. Era dez da manhã e o sol brilhava sobre o mar, refletindo uma camada de luz prateada. Era mesmo uma paisagem maravilhosa.

Charlie guiou pela estradinha e estacionou no espaço atrás da enorme casa do faroleiro, que parecia deserta naquela manhã. Elas caminharam pelo gramado até o farol e depois sentaram lado a lado de frente para o oceano aberto. Era tranquilo ali e elas não tinham visto uma alma viva ainda.

– Charlie, sua espertinha – Jane disse com um sorriso malicioso,
– você me trouxe para uma praia deserta!

Charlie apenas riu e puxou Jane para um breve beijo.

Elas haviam levado alguns sanduíches e algumas frutas para fazer um piquenique, e no começo da tarde, Charlie resolveu que aquele era o lugar perfeito para cumprir a promessa que havia feito em Londres de ensinar Jane a dirigir.

Para o alívio da inglesa, apesar de Jane ter deixado o carro morrer inúmeras vezes e de quase ter atropelado um gato, ela mostrou mais facilidade para dirigir o carro do que para pilotar a Vespa. Charlie também notou que a garota tinha o pé pesado e gostava de velocidade, tanto com a Vespa em Roma, como com o carro agora, ela não teve medo de acelerar. Charlie sorriu com essa constatação.

Aproveitaram aquele magnífico dia de verão e a presença uma da outra, sem lembrar da última vez que haviam se sentido tão radiantes. Pensavam que nada no mundo seria capaz de acabar com a felicidade que sentiam... Pelo menos Charlie pensava.

35.

Nova York, 29 de julho de 1952

Já era quase noite quando Charlie estacionou na frente do prédio de Jane.

A americana brincava com o puxador da porta:

– Hmm... E se você subisse um pouco? Depois podemos sair para jantar – perguntou, um pouco hesitante. Não queria parecer grudenta e nem sufocar Charlie, mas parecia que nunca era tempo suficiente com ela.

– Eu adoraria, Claire, mas preciso de um banho – olhou para suas roupas cheia de areia e completou: – E de roupas limpas.

– Na minha casa também tem chuveiro – disse com um sorriso travesso. – E eu posso te emprestar roupas limpas.

Charlie a olhou com a hesitação de quem ainda não sabia muito bem como aceitar.

– Por favor, eu quero ficar com você!

– Você não precisa pedir por favor – disse com um sorriso caloroso.

– Ótimo, porque eu também tenho pijamas para te emprestar – disse, saindo do carro sem dar chance para Charlie responder.

Nova York, 30 de julho de 1952

Na manhã seguinte, Jane acordou mais cedo e saiu para comprar o café da manhã, não podia convidar Charlie para passar a

noite e deixar ela ir embora com fome. Para sua surpresa, quando chegou de volta ela já estava de pé e vestida com as roupas que Jane havia emprestado para ela na noite anterior.

– Bom dia, linda – Jane disse, abrindo um largo sorriso e não entendo por que algo tão simples como a ver usando suas roupas causava uma sensação tão boa. Deixou o pacote em cima do balcão e foi ao encontro de Charlie na sala. – Esse suéter fica bem em você.

– Bom dia para você também – falou, enlaçando Jane pela cintura. – Você ach--

Nem teve tempo de concluir a pergunta, porque Jane a abraçou pelo pescoço e lascou um beijo nela. Um beijo faminto, que Charlie, apesar da surpresa, devolveu imediatamente, enterrando os dedos nos seus cabelos e puxando-a para mais junto. Jane passou a mão pelo abdômen de Charlie por cima da blusa e subiu devagar até a curva do seio. A inglesa soltou um suspiro baixo, não reprimindo a surpresa que sentia com o ato ousado.

Jane aprofundou ainda mais o beijo e empurrou Charlie com certa pressa em direção ao sofá, a morena sentou e a puxou para o seu colo. Jane não conseguia pensar em nada que não fosse as mãos de Charlie deslizando pelas suas laterais e, sentindo o desejo intenso de aumentar ainda mais o contato, arrancou sua blusa e a jogou longe.

Charlie não hesitou nem um segundo antes de beijar o colo perfeito. O calor daquela boca em sua pele era delicioso e Jane pensou que iria se liquefazer. Ela precisava sentir a pele de Charlie também e--

Ding dong

Jane deu um pulo sobressaltada enquanto Charlie soltou um grunhido de frustração.

– Merda!

As duas se olharam por alguns segundos, tentando assimilar a situação.

– Você está esperando alguém? – perguntou Charlie, olhando confusa para Jane.

– Clarice – disse em um suspiro frustrado, saindo de cima de Charlie. – Eu esqueci que tinha marcado com ela.

Ding dong

– Você atende a porta? – Jane pediu, enquanto juntava sua blusa do chão e corria para o quarto para se vestir.

– Eu? – falou para si mesma.

Ding dong

Com um suspiro de resignação se levantou, ajeitou o suéter e atendeu a porta.

– Eu achei que ia ter que chamar a poli-- Charlie? – Claire a encarou com surpresa.

– Olá, Clarice – disse, dando espaço para a convidada passar.

– Parece que toda vez que eu venho aqui, você também está – disse entrando no apartamento. – Onde está Claire, afinal?

– Ela es--

– Tô aqui – Jane disse, saindo do quarto. – E pare de implicar com ela – sussurrou ao abraçar a amiga.

Jane e Charlie sentaram-se no sofá. Claire pendurou a bolsa no cabideiro e caminhou até o balcão.

– Você chegou cedo – disse Jane.

– Não tão cedo quanto a Charlie – alfinetou Claire, abrindo o pacote que Jane trouxe com o café da manhã e examinando o que tinha dentro.

– Bom, é que nós fomos até Montauk ontem e acabamos chegando tarde... – disse de forma reticente. – Então ofereci para Charlie dormir aqui. – Jane tentou falar de forma natural, mas Claire percebeu instantaneamente o embaraço da amiga e o rubor nas bochechas da inglesa.

– Que gentil da sua parte, bebê! – Claire tentou manter a expressão mais neutra possível, mas sorriu para si mesma quando notou o desconforto das duas. Resolveu facilitar a vida delas e mudou de assunto. – Meu Deus, parece um milagre ter comida nessa casa – disse, pegando um muffin e dando uma mordida.

– Pois é, eu ia justamente fazer café.

– Eu já fiz – Charlie disse, meio envergonhada – está na cozinha.

Claire olhou para Jane e ergueu uma sobrancelha. Jane corou.

– Bom, neste caso – Claire bateu as mãos, – o que estamos esperando?

Pegou o pacote e se dirigiu à cozinha.

Charlie e Jane apenas se entreolharam e a seguiram.

As três sentaram-se à mesa. Claire comia mais um muffin enquanto Jane e Charlie apenas tomavam café. Estavam sem fome.

– E então, o que vocês fizeram de bom em Montauk?

– Nada demais, fomos até o farol, tomamos banho de mar. Ah, Charlie me ensinou a dirigir!

– É mesmo? Impressionante – Claire disse. – É incrível como vocês acabaram de chegar de uma viagem, estão em vias de embarcar para outra e ainda tem disposição para ir até Montauk □ Juntas!

As duas mais uma vez perderam a fala e Charlie desconversou, perguntando para Jane de que que era o croissant.

– Chocolate, o seu preferido – respondeu, dando uma piscadinha para Charlie.

– Ahh, pelo amor de Deus! – exclamou Claire, jogando o muffin mordido no prato. – Se vocês não vão me contar, tentem pelo menos disfarçar melhor – disse, revirando os olhos.

– D-do que você está falando?

– Ela sabe – Charlie disse, colocando a mão sobre o braço de Jane na mesa, enquanto Jane continuava olhando para ela com uma cara incrédula. – Ela com certeza sabe...

– Co-como?

– É claro que eu sei – confirmou Claire. – Até um cego consegue perceber o jeito que você olha para ela – disse, apontando para Charlie. – E eu sou sua amiga há mais de vinte anos e você *nunca* comprou café da manhã para mim.

– Ei, aquela vez que você teve intoxicação alimentar e ficou de cama dois dias eu levei café da manhã pra você – respondeu, ofendida.

– Você levou *waffles* do *diner* que você trabalhava e colocou na minha conta.

Jane revirou os olhos, mas Claire podia ver como Jane estava nervosa. Então sorriu para ela.

– Mas eu estou feliz por vocês – disse, colocando a mão sobre a de Jane para assegurá-la que estava tudo bem.

– Mesmo? – Jane perguntou, apreensiva.

– É claro, bebê! Você é minha melhor amiga. Eu só quero ver você feliz! E você claramente está.

Claire sorriu para Charlie, que retribuiu de forma genuína.

As três ficaram conversando, Jane e Charlie contaram sobre a viagem para o Caribe, e Claire contou que ela e Jimmy estavam planejando um Safari para o próximo ano. Depois de um tempo Charlie pediu licença e foi ao banheiro.

– Jane, por que diabos você não me contou? – perguntou Claire assim que Charlie virou as costas.

– Cristo! Fala baixo! – falou a garota, baixando ainda mais a voz.
– Aconteceu tudo muito rápido, nem eu tive tempo de assimilar ainda – explicou Jane. – Mas Claire – pausou, tentando encontrar as palavras, – eu acho que eu preciso contar a verdade para ela.

– O QUÊ?!

– Shh!

– Você está louca? – perguntou, em um sussurro.

– Eu não posso continuar mentindo para ela.

– Claro que você pode, Jane. Eu preciso lembrar você que isso que fizemos é um crime e que você pode ser presa?

– Eu sei, mas eu não posso mentir assim para el--

– Claire? – Charlie chamou, entrando na cozinha.

– O quê?! – Jane e Claire responderam juntas.

Jane deu um chute em Claire por debaixo da mesa.

– Ela disse ‘Claire’, Clarice!

– Oh, me desculpe.

– Deve ser estranho ter nomes tão parecidos – disse Charlie, fazendo uma careta. – Enfim, eu só queria saber onde você colocou minhas roupas, eu já vou. Tenho um montão de coisas para resolver hoje.

– Mas já? É cedo ainda – disse Jane, um pouco desapontada.

– Nem tão cedo, além do mais vocês já tinham planos para hoje, eu não quero atrapalhar.

Jane levou Charlie até a porta e despediu-se dela meio contrariada. Quando voltou para a cozinha, Claire estava pegando mais um croissant do pacote.

– Agora me conta, vocês já estão dormindo juntas ou o quê? – Claire perguntou, sem fazer cerimônias. Jane teve que lutar contra a vontade de revirar os olhos, não tinha intenção em entrar nesses detalhes com a amiga.

– Não, não estamos – disse, sentando-se novamente à mesa.

– Ah, Jane, por favor – disse, enquanto comia o croissant comprado para Charlie. – Ela passou a noite aqui e estava usando as suas roupas.

Jane apenas deu de ombros e balançou a cabeça negativamente, não sabia o que falar.

– Você está com medo? – Claire perguntou, notando a expressão da amiga.

– Não. – Jane a encarou também. – Essa é a parte mais louca. Eu não estou com medo e quero estar com ela... Bem, o que eu quero dizer é que imaginei que eu iria querer levar as coisas devagar, você sabe, porque é tudo novo para mim. Mas quando eu estou com ela eu não sinto nem um pinga de dúvida sobre o que eu quero... Quer dizer, a não ser quando ela sussurra o seu nome!

– Ai, Jane, credo! – disse, fazendo careta. – Eu tô comendo!

– Exatamente! – Jane abanou as mãos para Claire de maneira exasperada. – É exatamente esse o ponto. É bizarro ouvir seu nome, e eu quero que ela me chame pelo meu.

Claire apenas suspirou, sabia que elas não teriam muita escolha. Mas talvez Charlie estivesse mesmo apaixonada a ponto de perdoar Jane, ou de pelo menos não a denunciar. Mas nesse momento elas só poderiam torcer pelo melhor.

Aeroporto Idlewild, 30 de julho de 1952

Charlie havia chegado um pouco mais cedo no aeroporto e estava em um dos restaurantes comendo uma salada.

– Charlie? – Uma voz feminina chamou por ela. Ela virou para a dona da voz e sorriu educadamente.

– Peggy, quanto tempo – disse para a mulher. – Sente-se, por favor.

Charlie havia sido a primeira chefe de Peggy quando ela começou nos voos domésticos e elas trabalharam juntas apenas alguns meses antes de Charlie ser transferida para as viagens internacionais.

– Pois é. – Peggy tinha um sorriso. – Finalmente ganhei uma promoção e estou em uma tripulação de voos internacionais também.

– Parabéns Peggy, você merece.

Peggy era uma boa comissária, um pouco fofqueira demais para o gosto de Charlie, mas era muito organizada e sabia fazer o trabalho direito.

– Ouvi dizer que Claire Davis está na sua equipe. Nós trabalhávamos juntas, ela foi promovida um pouco antes de mim.

– Oh, sim – Charlie disse, sem conseguir conter o sorriso ao pensar na loira.

– Imagino que ela e Jane estejam se dando bem – Peggy disse. Conhecia Jane Adams da academia, haviam se formado juntas.

Charlie inclinou a cabeça confusa.

– Sim, se dão bem, por que você diz isso?

– Ah, porque agora ela tem uma companhia que gosta tanto de aprontar quanto ela! – Peggy riu. – Imagino que Claire esteja adorando o novo trabalho, ela já se metia em tudo quanto é tipo de confusão indo para cidades menores, só imagino ela nas grandes capitais do mundo.

Charlie ficou atônita por um segundo, tentava entender a ligação entre essa Claire e a ‘Claire’ que conhecia. Teve um pressentimento ruim, algo que já havia sentido antes, quando ‘Clarice’ havia voado com elas. Alguma coisa não estava certa e ela tinha medo de descobrir o que era.

36.

Cairo, 31 de julho de 1952

No final daquela mesma tarde a tripulação embarcava para o Cairo e, apesar de ser uma viagem curta, Jane não estava menos excitada. O Egito sempre a fascinou, e nunca achou que um dia colocaria os pés naquela terra com milênios de história. Às vezes, parecia impossível acreditar que em menos de três meses ela já havia vivido tanta coisa.

Sua vida havia se transformado de tantas maneiras, *ela* havia se transformado de tantas maneiras. Ela não era mais a garota que servia mesas num *diner* em São Francisco e que dividia o tempo livre entre telas e caminhadas na praia, para procurar estrelas do mar entre as pedras e descobrir novos ângulos da mesma paisagem. Os dias que passavam de forma simples e tranquila agora eram parte do passado.

Na sua nova vida não existiam dias monótonos, todo dia era uma nova aventura. E agora, às 6:52, um enorme sol laranja despontava no horizonte tingindo a paisagem de dourado no exato instante em que eles se preparavam para pousar no Cairo. Jane sorriu, se sentindo grata por mais esse dia.

Charlie ao ver a expressão de contentamento de Jane, entrelaçou seus dedos com os dela.

“Charlie!”

Ela era sem dúvida a melhor parte de tudo que estava acontecendo.

Jane sabia que não teria mais escolha, iria ter que contar para Charlie assim que voltassem para Nova York. Ela merecia saber e Jane devia isso a ela. Entretanto, o medo de perdê-la fazia o

coração de Jane apertar no peito e sem perceber ela apertou mais forte a mão de Charlie.

– Tá tudo bem? – Charlie perguntou, olhando para ela e acariciando a mão de Jane.

– Hm? Ah, sim, sim... Um pouco ansiosa, eu acho.

Charlie sorriu, levou a mão de Jane até seus lábios e a beijou. Jane forçou um sorriso e resolveu ignorar a sensação desagradável no peito. Ela iria aproveitar essa viagem ao máximo. E não havia tempo a perder, porque naquele mesmo dia à noite embarcariam de volta a Nova York.

Decidiram ir ao hotel apenas para tomar um banho, trocar de roupa e tomar café da manhã. Quando Jane saiu do banheiro e viu Charlie vestida de calças cáqui, camisa de linho branco, bota, chapéu e lenço no pescoço, e não pode conter o riso.

– Você vai escavar algum sítio arqueológico?

– Você só tá com inveja porque não veio preparada como eu – disse em tom meio infantil. Jane não resistiu e a puxou pela cintura para um beijo.

– Na verdade, eu adorei.

– Eu também adorei o seu figurino – Charlie devolveu, baixando os olhos para a toalha que enrolava a garota. Jane corou ligeiramente.

– Tá, eu vou me vestir para a gente sair.

Jane colocou um vestido azul claro e um lenço branco preso embaixo do queixo, e em menos de cinco minutos elas deixavam o hotel rumo às pirâmides. Mesmo pela janela do táxi Jane pode perceber de imediato que o Cairo era uma cidade com identidade

própria. O tom bege das construções vinha do deserto que abraçava a cidade e o resultado era uma aura mística.

O tempo que elas tinham era curto e além das pirâmides elas conseguiram ver o museu egípcio e por fim dar uma passada rápida pelo *Khan El Khalili*, um grande bazar a céu aberto. Charlie não queria voltar para casa de mãos abanando e depois de muitas queixas de Jane sobre o calor e o cansaço ela enfim se decidiu por um souvenir.

Espaço Aéreo Internacional, 01 de agosto de 1952

Jane sentia-se exausta, o avião havia decolado há mais de duas horas e só agora ela havia conseguido sentar-se. Estava sendo um voo daqueles onde ninguém dorme e todos os passageiros parecem querer alguma coisa. Mas Jane só pensava na promessa que havia feito para si mesma de que iria conversar com Charlie assim que chegasse em casa.

– Meu Deus, não vejo a hora de chegar em casa e dormir – Charlie falou, sentando-se do lado dela para aproveitar aquele raro momento que ninguém estava precisando de nada.

– Nem me fale... – Jane disse de maneira reticente. Brincava com as mãos tentando achar as palavras. – Hmm, Charlie?

– Sim?

– Quando chegarmos em Nova York, depois que descansarmos, você pode ir até a minha casa? Tem uma coisa que eu preciso falar com você. – Ela tinha certeza de que transparecia a apreensão que sentia, porque Charlie mudou a expressão no mesmo momento.

– Claire, você está me preocupando. Está tudo bem? – Charlie teve que se conter para não colocar sua mão sobre a de Jane, elas

estavam com a cortina da cabine aberta e os passageiros podiam vê-las.

– Sim, sim. N-não precisa se preocupar, é... – Jane gaguejava, – só passa lá em casa que eu explico tudo, está bem?

Charlie apenas balançou a cabeça afirmativamente, tinha algo de enigmático no olhar de Jane e ela não estava gostando.

“Será que ela se arrependeu? Será que ela quer terminar?”

“Mas terminar o quê? Nós mal começamos!”

Aeroporto Internacional Idlewild, 01 de agosto de 1952

Charlie odiava essas escalas de um dia e tudo que ela precisava naquele momento era ir para casa e dormir.

Mas sua cabeça estava na conversa que teria mais tarde. Ela sabia que havia algo de errado acontecendo e estava se esforçando ao máximo para se convencer que era só coisa da sua cabeça. Mas depois que Jane disse que precisavam conversar, Charlie não conseguiu mais ignorar o pressentimento ruim.

O último passageiro já havia saído da aeronave e elas se preparavam para ir embora também.

– Argh... Eu não sei vocês, mas eu quero dormir 24 horas direto depois dessa – Jane Adams falou, saindo do avião também.

Charlie e Jane Smith apenas concordaram e seguiram a mulher.

– Jane, essa mala é minha – Daisy disse, atrás delas.

– Oh, me desculpe – Jane respondeu, dando a sua mala para Daisy que a encarou com estranheza.

Charlie sentiu o mundo parar por um momento. Aquela sensação no peito se intensificou e tudo pareceu ficar muito claro de repente.

– Jane! – Repetiu rindo. – A Jane está com a minha mala, Claire.

– Oh! – Jane corou fortemente e dessa vez Charlie não pode ignorar. Apesar de a garota não olhar para ela, Charlie conseguia ver a perturbação em seu rosto. – É o cansaço, eu acho.

Jane Adams também riu e entregou a mala com a logo da Northern Star para Daisy.

– Desculpa, Daisy, estava com tanta pressa de ir pra casa que peguei a primeira que vi.

Assim que chegou em casa, Charlie largou a mala na entrada, foi até a gaveta da estante e começou a procurar por alguns documentos. Não demorou muito até encontrar o que estava procurando.

Ficha de transferência Northern Star:

Nome: Claire Davis

Origem: São Francisco/CA

Idade: 25 anos

Altura: 1,65cm

Cabelo: Loiro

Data de nascimento:

– 17 de agosto de 1926.

Nova York, 01 agosto, 1952

Jane estava exausta, estava a mais 48 horas acordada, mesmo assim não conseguia dormir. Só conseguia pensar na reação que Charlie teria.

Ela estava na cama olhando para o teto por um período que parecia uma eternidade quando ouviu a campainha tocar. Ela olhou no relógio, passava alguns minutos do meio-dia. Levantou-se e foi até a porta.

– Charlie? – Não pode disfarçar a surpresa. – Você não viria à noite?

– Desculpe aparecer sem avisar. – Tinha algo de estranho na voz dela e Jane sentiu um tremor percorrer seu corpo. – Posso entrar?

– Claro – disse, dando espaço para ela passar. Charlie caminhou até o sofá e Jane fechou a porta atrás de si. As duas se olharam por alguns segundos, Charlie estava sentada na beirada do sofá e Jane estava de pé atrás de uma das poltronas. Nenhuma das duas sabia o que falar.

– Eu vou fazer um chá – Jane disse, virando-se. Precisava recobrar a coragem.

– Espera, hm... Jane!

– O quê?

Jane notou seu erro com um segundo de atraso.

37.

Nova York, 01 de agosto de 1952

– Espera, hm... – Charlie precisava confirmar se suas suspeitas eram reais e arriscou um palpite – Jane!

– O quê? – Jane respondeu com a naturalidade de quem respondeu àquele nome a vida toda. Uma fração de segundo depois Charlie viu o semblante da garota mudar e horror tomou conta daqueles olhos verdes. As duas se encararam pelo que pareceu horas, nenhuma delas sabia o que falar.

– Então é esse mesmo o seu nome? – Charlie finalmente perguntou.

– Charlie – Jane disse em um suspiro, caminhando até ela como se quisesse se justificar.

Charlie se levantou imediatamente do sofá e se afastou. Jane entendeu o sinal e parou onde estava.

– Quem diabos é você?

Jane respirou fundo, como quem aceita uma derrota.

– Meu nome é Jane Smith – disse, sentando-se na poltrona. Não conseguia encarar Charlie nos olhos. – Tenho 24 anos, sou de São Francisco – explicou de maneira tímida. – Essa parte é verdade. Mas eu não sou comissária de bordo... Eu era garçonete.

Charlie sentia-se desorientada, como se o chão estivesse se abrindo sob seus pés. Não conseguia assimilar as informações, não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

“Como eu pude ser tão burra?”

– E quem é Claire Davis?

– Clarice.

– Oh meu Deus! – Ela não sabia o que pensar, seu cérebro tentava encontrar uma resposta plausível para aquilo, mas nenhum pensamento coerente parecia surgir. O único pensamento concreto que conseguia formular era o desejo de que aquilo fosse um delírio de exaustão e que não estivesse acontecendo de verdade.

– Por quê? – Foi tudo que ela conseguiu elaborar.

– Charlie... – Jane, ainda da poltrona, tentou novamente estender a mão para tocá-la, mas Charlie recuou.

– Não – disse, usando as mãos para fazer uma barreira. Não conseguia nem olhar para a garota, que dirá ser tocada por ela.

Jane recuou também e envolveu o próprio corpo com os braços. Charlie viu mágoa nos olhos dela, não era um olhar que ela gostava de ver, mas naquele momento ela não conseguiu unir forças o suficiente para se importar.

– Claire recebeu a promoção um dia depois de Jimmy propor ela em casamento – contou. – Ela não quis passar a vaga para outra comissária e ofereceu para que eu assumisse o seu lugar.

Charlie só conseguia olhar para ela com horror. Se levantou do sofá, inquieta.

– Era isso que eu ia te contar hoje... E- eu não conseguia mais mentir para você, não depois de tudo que aconteceu – disse. – Não contei antes por que não sabia como você iria reagir--

– Claire... Merda. – Charlie fechou os olhos com frustração. – Esse nem é o seu nome... Jane, ou seja lá quem você for, a minha reação é o menor dos seus problemas! – Charlie caminhava de um lado para o outro agora. – Você sabe que falsidade ideológica é

crime? Você entrou em vários países com identidade falsa. Deus, você é completamente maluca!

“ISSO NÃO PODE ESTAR ACONTECENDO. EU ESTOU DELIRANDO!!!”

Mas aqueles olhos verdes, sempre tão expressivos, agora cheios de remorso eram a prova de que não era um delírio.

– Meu Deus, como eu pude ser tão cega! Estava na minha cara o tempo todo!!! Você era um desastre como comissária.

Jane apenas observava enquanto Charlie continuava a caminhar ansiosamente de um lado para o outro.

– Se bem que, para quem nunca colocou os pés na academia, até que você se saiu bem. – Solto um riso nervoso. – Isso é loucura!

“Isso não está acontecendo. Não pode estar.”

– Claire me disse que não era muito diferente de servir mesas e eu fui idiota o bastante pra acreditar que isso pudesse dar certo. – Jane tinha lágrimas nos olhos.

– Bem, de certa forma ela tem razão – disse em um tom amargo.

Charlie estava confusa. Estava dividida entre a garota que ela sabia que amava e a que ela não fazia ideia quem era. Ela olhava para Jane e não conseguia entender como aquele ser doce e, aparentemente, tão inocente tinha sido capaz de uma mentira dessas proporções. Se sentia traída, não só pela garota, mas pelo seu próprio instinto.

– Charlie, eu sei que você tá com raiva de mim, mas eu preciso que você me escute – Jane disse com a voz embargada. – Eu aceitei a proposta de Claire porque quis, porque queria sair de São Francisco, queria ver o mundo. Eu assumo total responsabilidade

pelo que fiz e sei que é um crime. – Jane tinha um tom sério. – E se você quer saber, eu não me arrependo nem por um minuto disso! – Jane a encarava e Charlie sentiu seu coração apertar. – Não por causa das viagens e dos lugares que eu conheci... Mas porque eu encontrei você!

O olhar das duas se encontrou e Charlie sentiu as lágrimas quentes escorrendo pelo seu rosto. Sentia seu coração partindo em minúsculos pedaços.

“Por que isso está acontecendo?”

– Você sabe que como sua chefe eu tenho qu-- é meu dever reportar a empresa e, e-- Claire, por que você fez isso??? – Charlie sentou-se novamente, sentindo-se desolada. – Você pode ir presa!

– Jane – corrigiu em um quase sussurro. – Eu sei – disse resignada, depois de alguns segundos ela encarou a inglesa novamente e disse em tom sério: – Charlie eu conheço você bem o suficiente para saber que você nunca seria conivente com uma coisa dessas e eu jamais te pediria para ser... Faça o que tiver que fazer, eu vou assumir o que eu fiz!

Charlie teve que desviar o olhar, não podia ver aquela cara desamparada. Ela sentia-se ainda mais enganada por aquele olhar doce, que agora, já não parecia mais tão inocente.

– Eu só quero que você saiba que as únicas coisas que não eram reais sobre mim era meu nome e minha profissão, todo o resto é verdade.

– Eu gostaria muito de acreditar em você. – Charlie fez uma pausa, não sabia mais como chamar a garota, ‘Claire’ era uma farsa e ‘Jane’ era completamente estranho. – Mas o problema é que nesse momento eu não consigo nem olhar para a sua cara – disse, enquanto se levantava e, sem olhar para trás, foi embora batendo a porta.

Jane deitou encolhida no sofá sem energia nem para chorar. Ela sabia que precisava ligar para Claire e contar o que havia acontecido. Mas naquele momento ela só conseguia pensar em Charlie e em como iria sobreviver sem ela.

Enquanto dirigia para casa, Charlie desejava que nada disso estivesse acontecendo, desejava que estivesse delirando. Ela não podia acreditar que estava tudo acabado entre ela e Clai-- ARGH!!!
Jane!

– Como eu pude ser tão burra? – repetia para si mesma.

Quando ela chegou em casa estava tão esgotada da viagem e dos últimos acontecimentos que apenas se enfiou na cama na esperança adormecer e esquecer a loucura que tinha virado a sua vida. Ela sentia seu coração partido e pela pessoa que ela menos esperava ser capaz de fazê-lo. Não entendia como tinha ido do céu ao inferno tão rápido. Lágrimas silenciosas escorriam pelo seu rosto encharcando o travesseiro.

Ela acordou só no outro dia de manhã e, apesar do choque inicial, conseguia ver as coisas com mais clareza. Reconhecia os vários sinais de que Claire – *JANE!!!* – não era quem dizia ser. Se perguntava como ela ignorou aquele primeiro instinto no voo para Londres de que havia algo de errado com a garota.

O telefone tocou e a tirou do transe em que estava, devia ser da Northern Star confirmando o voo que fariam no dia seguinte. Charlie se lembrou que havia dito para a garota que teria que denunciá-la para a companhia. O problema era que ela já não se sentia mais tão convicta de que aquilo era mesmo a coisa certa a fazer. Ela não queria que Jane sofresse, mas também não podia ser conivente com aquela farsa.

“Meu Deus, quando eu fiquei tão molenga?”

Ela respirou fundo e atendeu o telefone.

Nova York, 02 de agosto de 1952

O telefone tocou na sala acordando Jane, que havia adormecido no sofá e sentia todo seu corpo dolorido.

O toque soou novamente e naquele momento ela sentiu o tempo parar. Era isso então? Era esse o momento da verdade? O momento de responder pelos seus atos? Jane pensou em seus pais naquele momento. O que ela iria dizer para eles? Ou pior, o que iria dizer para Lily e Josh, seus sobrinhos? Que sua tia era uma criminosa que se passou pela melhor amiga? Falando em melhor amiga, lembrou-se que teria que falar com Claire logo. Sentia-se culpada por não ter sido mais cuidadosa.

O telefone continuava tocando e Jane decidiu que era melhor acabar com essa angústia de uma vez e se levantou para atender.

– Alô?

– Hmm... Jane? – Charlie disse no outro lado da linha, ela parecia desconfortável proferindo o verdadeiro nome. – Nosso voo de amanhã será para Roma. Escala de dois dias no esquema normal. Esteja no aeroporto às 18:00.

Jane ficou paralisada por alguns segundos.

– Charlie, e-eu não entendo – disse, confusa. – Você disse que não podia ser conivente... Eu estava esperando por um outro tipo de ligação.

– E eu não posso mesmo – disse em um tom que Jane nunca tinha escutado ela usar antes. – Mas isso não significa que eu queira te ver pelas costas. – Jane a ouviu suspirar no outro lado da

linha. – Por enquanto eu preciso de você na equipe, até que as coisas se definam.

– Hm... E-está bem – disse, hesitante. Não tinha certeza do que isso significava. – Amanhã estarei lá... – Jane ponderou um pouco sobre o que ia dizer. – E, Charlie, obrigada!

– Tudo bem – disse simplesmente, – eu preciso desligar agora, em Roma conversaremos sobre esse assunto.

Jane se sentou catatônica no sofá, não sabia nem o que estava sentindo. Alívio? Culpa? Tristeza? Alegria? Medo? Esperança?

Elas iriam para Roma.

A cidade eterna, a cidade em que Jane sabia agora, ter se apaixonado por Charlie.

38.

Roma, 04 de agosto de 1952

O destino parecia não parar de pregar peças e em Roma, elas não só ficaram no mesmo hotel, como também no mesmo quarto da primeira viagem. Isso deixou Charlie ainda mais inquieta do que ela já estava e soube que não iria conseguir dormir por mais cansada que estivesse.

Por que elas tinham que estar em Roma? Cadê as viagens para Zurique quando você precisa delas?

Charlie estava sentada na cama que já havia sido dela na viagem anterior e percebeu que elas haviam desenvolvido um acordo não-verbal em relação às camas, Charlie sempre ficava na cama da esquerda e Clai- *Jane* sempre na da direita. O mesmo aconteceu nas vezes que dividiram a cama. Charlie chacoalhou a cabeça, tentando livrar-se dessas memórias, elas não iriam ajudá-la em nada naquele momento.

Ela olhava para o mesmo quadro que deixou a garota fascinada na primeira vez. A pintura de uma jovem deitada sobre a grama em uma toalha de piquenique, que encarava o observador de volta com um olhar penetrante e um sorriso enigmático. A garota parecia caçoar de Charlie, e ela se sentiu desconfortável com aqueles olhos nela.

Esperava Jane trocar de roupa, queria conversar com ela, precisava esclarecer as coisas de uma vez por todas.

Quando ela finalmente apareceu, com um vestido verde água e os cabelos soltos, Charlie teve que se concentrar para lembrar o que tinha para dizer.

“Por que ela tem que ser tão linda?”

– Claire... Jane! – Charlie arquejou. Tinha que chamá-la de Claire enquanto estavam trabalhando e isso tornava tudo ainda mais esquisito quando estavam a sós. – Nós precisamos conversar.

Jane se sentou na beirada da sua cama de frente para Charlie e ficou aguardando em silêncio.

– Eu decidi que não vou contar a verdade na Northern Star, mas quando retornarmos para Nova York você precisa se demitir – Charlie disse com firmeza.

Jane ficou em silêncio encarando Charlie, que não conseguia decifrar sua expressão. Ela tinha o semblante mais sério que Charlie já havia visto e por alguma razão a fez se sentir ainda pior. Por fim, Jane balançou a cabeça em concordância.

– Está bem, assim que retornarmos eu vou ligar para Claire e pedir que ela vá até a companhia e peça demissão – disse Jane com tristeza na voz. – Obrigada, Charlie. Eu nem sei como te agradecer. – Jane tinha os olhos marejados.

– Eu não quero prejudicar você, mas isso é tudo – Charlie disse, tentando ignorar a sensação que aqueles olhos marejados causavam nela. – Eu ainda não consigo acreditar que você não é quem dizia ser.

– Quando eu decidi aceitar a proposta de Claire – começou a contar e Charlie notou que não tinha tom de desculpa e nem de justificativa, era mais a narrativa de um fato, – eu não cheguei a pensar direito nas consequências, parte porque eu não tive tempo e parte porque eu sabia que se pensasse muito, eu não faria – ela contou, sem conseguir olhar Charlie nos olhos. – Quando aceitei, não esperava que fosse me apegar as pessoas, quando percebi isso já era tarde demais. – Finalmente olhou para Charlie que notou os olhos vermelhos que tentavam conter o choro. – Eu não esperava me apaixonar por você!

Aquelas palavras a atingiram como uma flecha e Charlie olhou surpresa para Jane. Ela tentava encontrar a pegadinha naquelas palavras, mas ela só via tristeza nos olhos de Jane. Charlie sentiu seu coração apertar. Mesmo que fosse verdade, mesmo que Jane estivesse apaixonada por ela, agora era tarde demais, elas não poderiam voltar. Não quando a relação delas havia sido construída em cima de uma mentira.

– Agora não importa mais – Charlie murmurou.

– Pra mim é a única coisa que importa – Jane disse com convicção, encarando Charlie de maneira intensa. – O que aconteceu entre nós foi real! Não só foi real, como foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida! E eu sei que você está desapontada comigo pelo que eu fiz, mas se você quer saber eu faria tudo de novo sem nem pestanejar, porque foi isso que me trouxe até você!

– Jane... Por favor.

Charlie notou que Jane estava travando um conflito interno entre se aproximar ou respeitar o seu espaço. Charlie ficou feliz de ela ter escolhido a segunda opção, ela não saberia como resistir se a garota a tocasse naquele momento.

– Ver você me olhar com esses olhos tristes, sabendo que fui eu que te deixei assim, me machuca mais do que o medo de responder pelo que eu fiz.

– Por favor, pare... – clamou Charlie em um tom quase inaudível. Ela precisava sair daquela situação antes que fizesse algo que fosse se arrepender. – O que tá feito, tá feito! Eu p-preciso dormir, estou cansada – disse, indo até a mala pegar um pijama.

Jane a encarou por alguns segundos e finalmente balançou a cabeça em concordância.

– Eu vou deixar você descansar – disse suavemente, saindo do quarto.

Jane sabia que precisava dar espaço a Charlie, mas isso não era fácil. Tudo que ela queria era abraçá-la e pedir perdão.

Ela caminhou pelos arredores do hotel e se sentou em uma praça para observar a vida se desenrolando. Era estranho pensar que ela estava em Roma de novo, mas dessa vez cheia de um sentimento tão diferente. Ela não tinha certeza de quanto tempo passou na praça, mas quando voltou para o hotel no começo da tarde, Charlie não estava mais lá. Soltou um suspiro e decidiu que o melhor que podia fazer era tentar dormir.

Acordou algumas horas depois e notou que o quarto ainda estava vazio, assim como seu estômago. Como ela não tinha ânimo nenhum para sair do quarto, resolveu ligar e pedir à recepção para levar o jantar. Aproveitou e pediu uma garrafa de vinho também – o mesmo Brunello di Montalcino 1947 que bebeu com Charlie na última vez que estiveram ali. Jane jantou na mesa da sacada e ficou lá fora bebendo o vinho e contemplando a vista noturna de Roma.

Charlie chegou perto das dez e, para a surpresa de Jane, perguntou se podia se juntar a ela na sacada. Jane fez sinal de que sim com a cabeça e disse para ela trazer mais uma taça.

– Você jantou aqui? – Charlie perguntou, ao ver a bandeja ainda sobre a mesa. – Eu deveria ter deixado um bilhete para você avisando que nós todos iríamos jantar no Piperno, aí você poderia ter nos encontrado lá.

– Tudo bem, Charlie, eu não tava com vontade de sair – Jane falou enquanto enchia a taça da inglesa. – Além do mais, a comida do hotel é excelente.

– E esse vinho também. Melhor que o que estávamos bebendo no restaurante.

– É, eu pedi o mesmo que bebemos na última vez, lembra?

– Claro, faz só dois meses – disse, quase esboçando um sorriso, o que Jane achou ser um bom sinal. – Embora pareça muito mais, levando em conta tudo que aconteceu...

– Eu tava justamente aqui me lembrando daquela noite – disse Jane. – Naquele dia você disse que era uma pessoa romântica.

– E você disse que só se casaria com alguém que te conhecesse de verdade e que te amasse por quem você é – disse Charlie, de maneira ríspida. – Que ironia!

O comentário atingiu Jane em cheio. Ela sabia que Charlie só estava sendo cruel porque estava magoada, mas nem por isso doeu menos. Jane aceitou as palavras em silêncio, ela sabia que merecia.

– Me desculpa, eu não devia ter dito isso. – Charlie parecia arrependida das palavras e não conseguia encarar Jane. – Não é justo eu pedir para me sentar aqui com você para estragar a sua noite.

– Tudo bem – disse, sentindo a voz embargar. – Não precisa se desculpar.

– Preciso sim – disse, envergonhada. – Eu não quero ser essa pessoa amarga e muito menos te ferir com a minha amargura. Acho melhor eu ir para cama, eu já bebi mais do que deveria hoje.

No dia seguinte elas mal conversaram. Jane estava arrasada, sentia que suas esperanças tinham sido reduzidas a pó. Charlie não conseguia mais nem ficar perto dela, o que poderia ser pior do que isso?

39.

Nova York, 06 de agosto de 1952

– Charlie, hmm, v-você quer dividir um táxi comigo? – Jane perguntou, sentindo-se insegura.

– Não, Claire... – Charlie fechou os olhos, lembrando que aquele não era o nome dela. – É, Ryan me disse que o pessoal da companhia avisou pelo rádio que precisam falar comigo. Talvez demore – disse, virando-se sem dar chance para Jane falar que esperaria por ela se ela quisesse.

“Ela claramente não quer!”

Quando Jane chegou em casa, tudo que queria era sumir, fingir que ainda morava em São Francisco e trabalhava naquele *diner* fuleiro. Queria esquecer que os últimos meses haviam existido.

– Quem eu tô querendo enganar? – disse, desiludida em voz alta, deitando-se no sofá. Ela sabia que no fundo preferia ter vivido o que viveu com Charlie, mesmo com toda a dor que sentia agora, do que viver num mundo onde nunca a tivesse conhecido.

Do sofá ela viu a pilha de cartas no chão, que ela havia passado por cima quando chegou em casa. Solto um suspiro e se levantou para pegá-las. Entre algumas contas e catálogos de eletrodomésticos, uma carta chamou a sua atenção. Tinha o timbre da Northern Star e estava endereçada a Claire Davis.

Jane abriu a carta, passou os olhos pelo conteúdo e sentiu todo o sangue sendo drenado de seu corpo. Deixou o corpo cair na poltrona mais próxima.

– Merda!

– O QUÊ? – Charlie perguntou, incrédula.

– Ela foi acusada de agressão e vai ser chamada para responder sobre o caso – repetiu calmamente o Sr. McCurdy.

– Essa parte eu entendi, eu não entendi a acusação. – Charlie tentava manter a calma.

– O passageiro notificou que a funcionária em questão teve uma crise de ciúmes porque ele supostamente estava dando mais atenção para a outra comissária, acredito que seja a senhorita já que são parceiras, e o agrediu em um ataque de histeria.

O tom monótono da fala do Sr. McCurdy estava deixando Charlie ainda mais irritada e estava sendo muito difícil manter a calma. Ela respirou fundo, sabia que não ajudaria em nada ela mesma ter uma ‘crise de histeria’ ali.

– E por que vocês estão falando isso para mim e não para ela?

– São as normas da empresa. Você como superior dela deve ser notificada – disse o homem no mesmo tom. – E também, porque gostaríamos que você relatasse se houve algum outro incidente dessa natureza e se é comum a acusada demonstrar comportamento impróprio com os passageiros.

– O quê? Não! – disse, exasperada. – Claro que não, Claire é...
– Pausou. Afinal, nem ela sabia mais o que a garota era, mas naquele momento ela resolveu ignorar que aconteceu e defender Jane. – Ela é uma excelente comissária, trata todos os passageiros com muito profissionalismo e cordialidade.

– Entendo – disse o Sr. McCurdy. Charlie duvidava muito que ele ‘entendesse’ qualquer coisa.

– E quando ela será notificada?

– Ela vai receber uma notificação pelo correio, avisando da intimação e comunicando que ela precisa comparecer ao escritório do Sr. Butterini na data marcada – disse calmamente, *calmamente demais*, olhando o calendário. Charlie sentia suas mãos tremerem e a falta de agilidade do homem estava deixando-a ainda mais ansiosa. – Acredito que já deve ter chegado.

– E você sabe me dizer qual é a data marcada? – perguntou, se esforçando para manter a calma.

– Acredito que na semana que vem – respondeu o homem. – Não se preocupe, você ainda contará com a comissária na próxima viagem e caso ela seja desligada da empresa, vamos transferir outra funcionária para a tripulação de vocês o mais rápido possível – disse com um sorriso que Charlie pensou que deveria ser cortês, mas era apenas indigesto.

Uma funcionária nova era a última coisa que estava passando na cabeça de Charlie. Uma acusação dessas com certeza iria desmascarar Jane na empresa e ela corria sério risco de ser presa.

Além disso, sentia-se culpada, Jane estava sendo acusada de agressão por tê-la defendido. Ela precisava ver a garota e com urgência.

Charlie teve que tocar a campainha três vezes até Jane finalmente abrir a porta. Quando olhou para ela sentiu seu coração apertar, ela tinha os olhos vermelhos e a encarava como um animalzinho encurralado.

– Eu vou ser presa, Charlie.

Apesar de tudo que havia acontecido, Charlie não podia vê-la daquele jeito e a puxou para um abraço. Jane a abraçou com força

e enterrou o rosto no pescoço dela. Charlie retribuiu o abraço enquanto acariciava as costas dela tentando confortá-la.

– Vai dar tudo certo! Nós vamos achar uma saída.

Charlie fechou a porta atrás delas e guiou Jane até o sofá. Jane sentou e entregou a carta que havia recebido mais cedo para Charlie.

– Eu sei – disse, compadecida. – Era isso que McCurdy queria falar comigo.

Jane apenas balançou a cabeça.

– Eu acho que eu devo mesmo pagar pelo que fiz – disse sem emoção.

– Clai-- Jane, o que você fez foi errado e você realmente não deveria ter feito – Charlie disse, sentando-se ao lado dela, – mas você não merece ser presa por isso. – Hesitou um pouco, mas pegou a mão da garota e colocou entre as suas. – A carta diz que a audiência vai ser dia onze de agosto, isso significa que temos cinco dias para pensar em alguma coisa.

– Por que você está me ajudando? – Jane tinha um olhar tão desamparado que Charlie teve que controlar todos os impulsos para não a abraçar novamente.

– Porque você está sendo acusada por ter me defendido e se alguém merece ir pra cadeia nessa história é esse verme que te acusou e não você!

“E porque eu nunca deixaria nada de ruim te acontecer.”

– Obrigada – Jane disse com a voz sumida. – Você se importa de ficar aqui comigo um pouco? – perguntou timidamente e Charlie não soube como dizer não para ela naquele momento.

– Claro – disse, afirmando com a cabeça. – Vamos fazer assim, tome um banho, isso vai te ajudar a relaxar um pouco, enquanto isso eu vou fazer um chá e depois pensaremos juntas em uma solução, tudo bem?

Jane fez o que a inglesa sugeriu.

Charlie estava na cozinha da casa de Jane quando a campainha tocou. Ela ponderou se deveria abrir ou esperar Jane, ela já deveria ter saído do banho àquela altura. Charlie não teve muito tempo para pensar, porque a campainha começou a tocar de novo, dessa vez repetidas vezes.

– JANE, ABRE ESSA MALDITA PORTA AGORA MESMO OU EU VOU ARROMBAR ESSA PORCARIA! – Claire gritava no outro lado, Charlie achou melhor se apressar antes que ela cumprisse a promessa. Assim que abriu a porta, a mulher entrou como um furacão. – MAS QUE DIABOS JAN-- Charlie?

– Claire, eu suponho – disse, mantendo a cara séria. – Jane está tomando banho.

– Você já sabe?! – Foi mais uma constatação do que uma pergunta. Charlie apenas confirmou com a cabeça.

– Claire, mas que diabos, você quer assustar os meus vizinhos?
– Jane disse, entrando na sala com os cabelos molhados.

– Mas que diabos, pergunto eu! EU ESTOU SENDO ACUSADA DE AGRESSÃO???

– Como você sabe?

– Oh, porque Peggy, aquela vagabunda, está dormindo com o encarregado do departamento pessoal e me ligou para perguntar por que eu agredi um passageiro. – Claire olhava para Jane de

maneira irritada. – Você pode imaginar minha surpresa com essa pergunta!

– Desculpa, Claire, eu mesma acabei de receber a carta – Jane disse de maneira envergonhada, entregando a carta para Claire.

Ela leu a carta, depois a amassou e jogou longe. Passou as mãos pelos cabelos de forma nervosa.

– Jane, o que você fez? Você está louca? VOCÊ BATEU EM ALGUÉM?!

– ELE ESTAVA AGREDINDO A CHARLIE! – Gritou de volta para a amiga e depois repetiu com mais calma: – Ele estava agredindo a Charlie! O que você queria que eu fizesse? Ficasse assistindo enquanto ele tentava agarrar ela à força?

Claire olhou para ela com surpresa.

– É verdade isso? – perguntou para Charlie de maneira séria, já sabendo a resposta.

– É! Jane viu ele me assediando e deu um soco na cara do sujeito – Charlie confirmou.

– Oh, Jane! – Suspirou e depois de alguns segundos abraçou a amiga. – Confesso que essa é uma cena que eu gostaria de ter visto! – Claire deu uma risada breve. – Mas agora temos que pensar em algo, você não pode se apresentar para o Butterini como Claire, ele me conhece.

– Claire, por que você tem que ser tão sociável? – Jane perguntou com um suspiro. Ela tinha certeza de que várias comissárias passavam anos no anonimato para o chefe.

– Não tenho culpa se ele dava em cima de mim. – Deu de ombros. – Eu poderia ter sido eleita a funcionária do ano, se é que vocês me entendem.

– Nós entendemos! – Jane e Charlie falaram juntas, fazendo uma careta. Elas se olharam de forma constrangida e Claire notou a tensão no ar.

– Enfim, temos que pensar em algo, porque você não pode se apresentar para o Butterini como eu e eu não posso ir em seu lugar porque esse sujeito pervertido certamente estará lá e se você bateu nele, ele com certeza vai lembrar da sua cara.

– Se tem uma coisa que eu sei sobre esse Butterini é que ele é mais sujo que pau de galinheiro – Charlotte disse, entrando na conversa. – Se o seu marido tem contatos capazes de falsificar documentos, eu imagino que ele também tenha algum que possa achar algum podre sobre ele.

Jane e Claire olharam para Charlie como se ela fosse um alienígena.

– O quê? – Charlie perguntou, olhando para a cara delas, – eu falei que iria ajudar!

– Eu não achei que você iria sugerir chantagem, só isso – Jane disse, esboçando um sorriso pela primeira vez desde que recebeu a notícia.

– Então você está do nosso lado? – Claire perguntou, olhando mais séria para Charlie.

– Jane me salvou de um assédio e a empresa que eu trabalho vai certamente defender o abusador e demitir a pessoa que me defendeu! De que lado você acha que eu estou?

Claire apenas assentiu com a cabeça.

– Está bem, temos um plano – disse Claire. – Vou até o escritório falar com Jimmy agora mesmo.

Assim que Claire saiu, Jane deixou o corpo cair na poltrona vermelha perto da lareira. Como ela havia chegado nesse ponto?

Charlie aproximou-se dela e colocou uma mão sobre seu ombro.

– Vai dar tudo certo, a gente vai resolver essa situação.

– Me desculpe, Charlie. Me desculpe ter envolvido você nisso!

– Tudo bem, Jane, eu tô aqui porque eu quero – disse, dando de ombros.

– Obrigada – Jane respondeu acanhadamente.

Charlie ficou com Jane mais um tempo. Saiu para comprar alguma coisa para comerem, e só foi embora no fim da tarde, depois de Claire ligar contando que havia falado com Jimmy e que eles já tinham pistas de algumas ilegalidades de Butterini. O plano estava em ação.

40.

Nova York, 09 de agosto de 1952

Jane estava sentada em uma poltrona no luxuoso apartamento que agora Claire e Jimmy viviam. Ela esfregava uma mão na outra de maneira ansiosa.

“E se o plano não funcionar?”

Da poltrona que Jane estava, dava para ver o Central Park e grande parte dos arranha-céus de Manhattan. Já estava começando a escurecer e as luzes dos prédios iluminavam a cidade. Jane pensou que nunca se cansaria de olhar para aquela vista, não importava quantas vezes ela visse aquela imagem, os prédios de Nova York sempre a surpreendiam com sua imposição. Certamente não havia outra cidade no mundo como aquela. Mas no momento ela só pensava que talvez não fosse mais ver uma vista como aquela tão cedo. Que talvez veria apenas a mesma vista de sua cela por um bom tempo.

– Relaxa, bebê! – Claire se sentou na poltrona ao lado da dela e entregou um copo com whisky para Jane. – Vai dar tudo certo. Jimmy sabe muito bem como conduzir esse tipo de situação.

Jane aceitou o copo e tomou um gole generoso.

– Espero que você tenha razão – disse sem tirar os olhos da vista. – Que horas o Butterini chega?

– Ele deve chegar a qualquer momento – respondeu, olhando as horas no delicado e ostensivo relógio de pulso que usava.

– Vai dar tudo certo, Jane. – Jimmy apareceu atrás da poltrona de Claire e colocou as mãos sobre os ombros da esposa. Ele

encarava Jane com um olhar tranquilo. – Nós colocamos você nessa e nós vamos tirar. Eu não vou deixar você ser presa.

– Nicholas! – Jimmy disse, estendendo a mão para o homem.

– James. – Ele retribuiu o aperto de mão.

– Você conhece, Claire, minha esposa, certo? – Jimmy disse, apresentado Claire, que também estendeu a mão de forma cordial, mas tinha um sorriso que Jane sabia ser falso. Butterini franziu a testa por um segundo, mas logo retomou a postura e a cumprimentou com cordialidade.

– E esta é Jane, a melhor amiga de Claire.

Jane o encarou por alguns segundos e forçou um sorriso antes de cumprimentá-lo também.

– Ela é praticamente da família – Jimmy disse, dando um tapinha de leve nas costas de Jane antes de abrir espaço para o Butterini. – Mas por favor, Nick, entre!

Jimmy conduziu seu convidado, seguidos de Jane e Claire, até uma sala onde havia um carrinho de bebida e algumas poltronas de couro marrom dispostas ao redor de uma grande mesa de centro de carvalho escuro.

Jimmy apontou para uma das poltronas, indicando para Butterini sentar-se e em seguida pegou uma caixa de charutos e ofereceu um para o convidado. Ele pegou um e fez um sinal de agradecimento com a cabeça. Jimmy também pegou um charuto e sentou-se na poltrona oposta à de Nicholas. Jane e Claire sentaram-se em um sofá à direita de Jimmy.

– Claire, eu não sabia que você havia se casado – Butterini disse sem muita emoção. – Escutei que você andou se metendo em

alguma confusão com um passageiro.

Jane sentia como se seu coração fosse saltar pela boca, suas mãos suavam e sentia como se a sala estivesse rodando. Ela definitivamente não tinha sangue frio para aquele tipo de situação.

Claire, no entanto, parecia muito mais calma, ela sorriu para Butterini e tomou um gole de whisky.

– É uma história engraçada na verdade – disse Claire.

– Estou ansioso para ouvir – ele disse, levando o charuto à boca.
– Creio que temos uma reunião semana que vem para discutir isso, não?

– É sobre isso que gostaríamos de conversar. – Jimmy estava sentado casualmente na poltrona com uma perna cruzada sobre a outra e um cotovelo apoiado no braço da poltrona. Segurava o charuto em uma mão e o copo de whisky na outra. Ele usava uma calça social azul marinho e uma camisa branca com um suspensório. Jane pensou que ele parecia muito à vontade naquela situação.

– Sim? – O homem com cara de fuinha parecia tão à vontade quanto Jimmy, mas Jane achou que ele não tinha a mesma elegância. Ele se sentava de pernas abertas e parecia que iria afundar na poltrona. Vestia um terno marrom claro que não valorizava seu tom de pele pálido.

– Bom, – Jimmy começou, casual, – Claire e eu nos apaixonamos e eu a pedi em casamento. – Fez uma pausa para lançar um sorriso à esposa. – Acontece que a Northern Star não permite que suas funcionárias sejam casadas e Claire não quis infringir as regras da empresa justamente quando havia recebido uma promoção – Pausou para tragar o charuto.

Butterini olhava para Jimmy e Claire com interesse agora.

– Entendo.

– Então Claire pediu a Jane, sua querida amiga, para assumir o cargo no seu lugar. Você vê, Jane não é casada, então não teria problema. – Jimmy esboçou um sorriso confiante. – E ela, gentilmente, aceitou.

Jane jurou ter visto espanto cruzar os olhos de Butterini, mas ele logo disfarçou e voltou à sua expressão impassível. Depois de alguns segundos ele apenas balançou a cabeça assimilando a informação.

– Foi você que agrediu aquele sujeito, então? – Pela primeira vez Butterini reconheceu a presença de Jane na sala.

– Jane estava apenas defendendo a honra de uma amiga – Jimmy interveio antes que Jane pudesse falar qualquer coisa. Ela ficou imensamente agradecida por isso. – Aparentemente o sujeito estava exigindo um tipo de serviço que as moças não são pagas para fazerem.

– Eu suponho que você queira que eu passe panos quentes para esse caso?

– Bem, Claire está sendo acusada de uma ação cometida por Jane e pensamos que talvez você pudesse estranhar quando Jane aparecesse no seu escritório semana que vem. Assim achei de bom tom apresentá-la a você antes. – Jimmy mantinha o tom cordial. – E nós adoraríamos que esta pequena questão de identidade ficasse entre nós quatro.

– Percebo. – Nicholas tinha uma faísca no olhar que fez Jane sentir um arrepio correr seu corpo. – E por que, exatamente, eu faria isso?

Pela primeira vez Jimmy levantou-se de sua poltrona e caminhou sem pressa até um aparador de madeira com formas quadradas, abriu uma das gavetas e tirou uma pasta azul de dentro. Jogou a

pasta sobre a mesa de centro em frente ao convidado antes de sentar-se outra vez na poltrona. Butterini relutou um pouco antes de pegar a pasta.

– Acredito que o governo possa não gostar de saber que você está transportando mais do que passageiros nos seus voos internacionais.

Dentro da pasta havia algumas fotos, documentos e listas comprovando o transporte ilegal de inúmeros itens, incluindo medicamentos controlados e armas de fogo. Jane percebeu novamente o semblante do homem o trair e naquele momento ele parecia ainda mais com uma fuinha.

– E o que exatamente você quer de mim? – perguntou, afastando a pasta de si como se nada fosse e recostando-se mais uma vez na poltrona.

– Nada demais. – Jimmy olhou para uma das fotos que estava disposta em cima da mesa em que se via Butterini apertando a mão de um notório traficante de armas. – Apenas que você reconheça Jane como Claire antes de demiti-la na frente do tal passageiro.

– Demiti-la? – Butterini pareceu verdadeiramente surpreso dessa vez.

Jimmy apenas deu de ombros.

– E por que você iria querer ser demitida? – Butterini perguntou diretamente a Jane.

– Eu tenho meus motivos – respondeu com convicção. A verdade é que ela não aguentava mais viver nessa mentira e não poderia obrigar Charlie a continuar mentindo por ela. Além do mais, era doloroso viajar desse jeito, com Charlie a ignorando a todo o custo.

– Vê, Nick, dessa forma todos saem felizes. Jane pode voltar a assinar seu nome verdadeiro em documentos, o tal passageiro vai sentir-se vingado, eu e Claire vamos poder finalmente fazer nossa festa de casamento. – Sorriu de novo para Claire. – Ah! E você pode continuar com o seu negócio paralelo.

– Entendo – Butterini disse, tomando mais um gole do seu whisky. Depois de alguns segundos, que pareceram uma eternidade para Jane, ele acrescentou: – Creio que possa ser um bom negócio para todas as partes.

– Ah, excelente! – Jimmy disse com entusiasmo fingido.

Jane apenas respirou aliviada e sentiu Claire pegar sua mão entre as delas, notando que Claire havia estado tão nervosa quando ela.

Charlie caminhava de maneira ansiosa de um lado para o outro na sala de seu apartamento. Claire e Jimmy haviam ido buscar Jane no aeroporto mais cedo naquele dia, e eles contaram às duas que a noite teriam um encontro com Nicholas Butterini e que Jane deveria estar presente. Os dois asseguraram às duas que tinham o que precisavam para que Butterini concordasse com o plano e que tudo daria certo. Mesmo assim Charlie havia passado o dia inteiro angustiada.

Agora tomava uma taça de vinho enquanto caminhava impacientemente de um lado para o outro esperando a ligação de Jane.

Ela olhou no relógio. Já eram quase dez da noite. Onde ela estava? Ela prometeu que ligaria assim que chegasse em casa. Charlie precisava saber como havia sido a conversa, precisava ouvir a voz de Jane. A ideia de que Jane pudesse ser presa estava acabando com ela. Tomou mais um gole do vinho.

“CADÊ EL--”

Ding dong

Charlie parou e olhou para a porta, desconfiada. Largou a taça na mesa de centro e caminhou até lá. Quando abriu, se deparou com aquele par de olhos esmeralda.

– É você! Graças a Deus – Charlie disse, puxando-a pelo braço. Jane pareceu surpresa com a reação de Charlie e entrou meio ressabiada. – Então, como foi? – perguntou, depois de fechar a porta atrás dela.

Jane tinha um olhar misterioso que estava deixando Charlie ainda mais ansiosa. Ela deu de ombros para pergunta.

– Bem, eu acho – Jane disse, com timidez. – Ele concordou em manter o segredo.

– Oh meu Deus! – Charlie exclamou, abraçando Jane num impulso. A garota foi pega de surpresa, mas de imediato retribuiu o abraço.

Jane segurou o tecido do vestido de Charlie com força e ela notou como ela estava abalada. Charlie imaginou que se ela própria havia passado o dia todo ansiosa, Jane deveria estar a ponto de um ataque de pânico, e sentiu-se culpada de tê-la deixado sozinha.

Imaginou Jane tendo que lidar com o medo de não saber o que ia acontecer e sentiu seu coração pesar. Ela a abraçou com mais força, tentando compensar por não ter estado presente antes e acariciou as costas de Jane. Com outra mão desceu involuntariamente até a parte de baixo das costas dela e a puxou mais para perto.

Charlie sentiu as mãos de Jane relaxando um pouco e deslizando pelas suas costas, fechando ainda mais o abraço. Jane inclinou um pouco a cabeça, deitando-a em seu ombro. A respiração

dela no seu pescoço fez todo o corpo de Charlie tremer. Ela fechou os olhos sentindo o cheiro cítrico do shampoo enquanto com a ponta dos dedos acariciava a sua nuca. Charlie sentiu todo seu corpo acender em um misto de desejo e nostalgia.

Ainda abraçadas Jane levantou a cabeça devagar e Charlie sentiu a bochecha dela acariciar a sua e não resistiu ao impulso de intensificar o contato. Quando abriu os olhos Jane a encarava e Charlie percebeu que elas estavam próximas, muito próximas. *Próximas demais!* Os olhos de Charlie imediatamente caíram sobre aqueles lábios rosados e perfeitos que ela sonhava poder beijar de novo e sentiu sua boca seca de repente. Ela elevou o olhar e viu que Jane a encarava com incerteza, parecia confusa, como se não soubesse se tinha permissão para continuar e Charlie sentiu sua consciência ser recobrada rapidamente.

Ela não podia fazer isso com Jane, não poderia dar a ela falsas esperanças. Sabia que seria muito mais difícil depois para as duas se ela cedesse agora, mas, Deus, não era fácil!

– Hm, que bom – disse, se desvencilhando com delicadeza do abraço.

Ela caminhou até a mesa de centro, pegou sua taça de vinho outra vez e bebeu um gole generoso, sentia-se meio tonta. Jane parecia perdida, olhava para ela como um filhote abandonado e Charlie sentiu algo dentro dela se quebrar. Sentia-se embaraçada e ao mesmo tempo lutava contra todos os instintos que a mandavam de volta para a garota.

Ela pegou uma taça limpa, encheu e entregou para Jane. Indicou a poltrona para que ela se sentasse e se sentou no outro sofá.

– E o que vai acontecer agora? – Charlie perguntou depois de alguns segundos de silêncio.

– Bom, eu vou a tal audiência, Butterini vai falar comigo como se eu fosse Claire e vai me demitir na frente do 6D.

– Espera, te demitir? – Charlie perguntou, surpresa.

Elas não haviam discutido o plano depois daquele dia na casa de Jane, mas naquele dia elas combinaram que encontrariam uma prova de alguma atividade ilícita de Butterini para usar contra ele e Jane não ser penalizada. Se eles estavam o chantageando porque ela seria demitida?

– Pensei que era isso que você queria – Jane disse timidamente.

“Era! Quer dizer... É!”

Charlie não sabia mais. Ela havia pedido que Jane se demitisse, ou melhor havia ameaçado delatar ela para a empresa se Jane não se demitisse. Mas isso foi antes. Antes de Charlie passar três longos dias com a angústia de não saber se Jane conseguiria se livrar dessa ou não. Ela havia esquecido completamente dessa parte do acordo. Além do mais, ela foi acusada por ter defendido Charlie, isso mudava as coisas... Não mudava?

– Era – disse, sem convicção.

– É a coisa certa a ser feita – Jane disse, suave. – Eu não poderia pedir para você continuar mentindo por mim e, francamente, eu só quero um pouco de paz.

Charlie pensou que Jane parecia muito mais velha do que os seus 24 anos naquele momento.

– E o que você vai fazer agora?

Jane deu de ombros.

– Não faço ideia. – Brincou com a borda da taça de vinho ainda intocado. – Não conheço ninguém em Nova York além de você e Claire, e eu duvido que ela e Jimmy fiquem aqui por muito tempo. Claire deve convencê-lo a se mudar para Los Angeles logo. – Ela

falava sem nenhum entusiasmo. – Acho que vou voltar para São Francisco.

Charlie sentiu como se alguém a tivesse golpeado no estômago.

– Voltar? O que tem para você lá? – Charlie perguntou em um tom um pouco mais agressivo do que pretendia.

– O que tem para mim aqui, Charlie? – Jane a encarava com seriedade, era quase um desafio.

Charlie sentia-se irritantemente confusa. Por que as coisas não podiam ser simples? Por que a coisa mais linda que ela já sentiu na vida tinha que vir junto com uma mentira dessas proporções?

Como ela poderia acreditar que o que viveram foi real, se a mulher com quem viveu nem ao menos era quem dizia ser? “Isso é loucura!”. Ela mal conhecia a garota, pelo amor de Deus! Se conheciam há pouco mais de dois meses. Ela não poderia estar apaixonada por alguém que ela mal conhecia... “Não, certamente que não!”. Se a relação delas era baseada em uma mentira, com certeza, o que Charlie achava que sentia também era.

Repetia para si que era um sentimento passageiro, que ela iria superar. Ela precisava acreditar nessa teoria. Precisava acreditar que o seu sentimento não era real. Era a única forma de garantir que ela não ia se machucar novamente.

“Não é real!” repetia para si mesma como um mantra.

– Lá pelo menos eu tenho a minha vida antiga – Jane continuou, tomando o silêncio de Charlie como uma resposta.

– Você tem certeza de que essa é a melhor escolha? – Charlie perguntou, sentindo um nó na garganta.

– Eu preciso ver meus pais – disse com delicadeza, encolhendo os ombros, – conversar com eles. – Ela fez uma pausa, ainda

brincava com a taça em suas mãos. – Acredito que minha mãe ficará feliz em saber que eu não sou mais comissária, mas acho melhor omitir a parte de que sou uma criminosa e que estou apaixonada por uma mulher. – Solto uma risada nervosa.

– Jane... – Charlie disse num sussurro, ela sentia um aperto no peito, queria poder tocá-la e acabar com a tristeza que via em seu rosto e ao mesmo tempo sentia-se egoísta por ter esquecido da briga de Jane com a família.

Ela pensava em como Jane deveria estar se sentindo abandonada.

“Não é real!”

– Charlie, – disse de maneira doce, – eu não quero que você sinta pena de mim. Eu sei que eu estou tendo o que eu mereço.

Charlie já não tinha mais tanta certeza daquilo.

– É melhor eu ir embora. Você tem que descansar, amanhã você tem escala – disse, levantando-se e colocando a taça cheia na mesa de centro.

– *Eu?*

– É, eu tenho que me reportar ao escritório do Butterini no dia onze, eu não vou com vocês nesse voo.

– Oh!

– Não se preocupe, tenho certeza de que vão mandar uma substituta muito mais capacitada do que eu – disse, forçando uma risada.

Ela caminhou até Charlie e deu um beijo na bochecha dela, era um beijo carinhoso e demorou um pouco mais do que o necessário. Charlie fechou os olhos com o contato, ela sentia o calor que emanava dos lábios de Jane aquecer todo seu corpo.

– Obrigada por tudo – Jane disse no ouvido dela antes de se afastar e Charlie pensou que aquilo soava muito como uma despedida.

“Não é real.”

“Não é real.”

“Não é real.”

Jane esboçou um sorriso, apesar de triste, sincero e saiu do apartamento. Assim que ouviu a porta batendo as lágrimas que até então estavam resistindo bravamente começaram a cair. Charlie já nem sabia mais do que estava tentando se proteger. Naquele momento achava que nada no mundo pudesse fazê-la sentir-se mais miserável do que já se sentia.

41.

Nova York, 11 de agosto de 1952

– Jane, com essa cara de velório que você está, eu garanto que até aquele tarado mentiroso deve ter ficado com pena de você – Claire disse, assim que chegaram no apartamento de Jane.

Ela havia levado Jane até o escritório de Butterini para a tal audiência e tudo correu como planejado, mas apesar disso Jane parecia que voltava de um enterro.

– Eu achei que era isso que você queria – continuou Claire. Jane se jogou no sofá soltando um gemido, depois virou a cabeça em direção a Claire e deu de ombros. – Ser comissária se tornou assim tão importante ou você está assim por causa da Charlie?

Ela sabia que Jane estava sofrendo, mas não conseguia não achar graça da maneira dramática que Jane abraçava uma almofada deitada no sofá. Logo ela, que sempre riu das reações de Claire em relação aos namorados.

– Ela nunca vai me perdoar – Jane disse, tentando manter o tom indiferente, mas sentindo os olhos encherem de lágrimas.

– Claro que vai, bebê – disse, sentando-se na mesa de centro na frente do sofá e pegando uma das mãos de Jane. – Ela escolheu ficar do seu lado duas vezes depois que descobriu a verdade. Se isso não é uma prova de amor então não sei mais o que pode ser.

– Quando eu disse que iria voltar para São Francisco ela não me pediu pra ficar – disse de maneira sofrida. Claire revirou os olhos e resolveu agir. Jane precisava sair desse autoflagelo.

– Tá, chega disso – disse, puxando Jane pelo braço para ela se sentar no sofá. – Você fica aí agindo como se tivesse assassinado

um recém-nascido – disse, séria. – Você não fez nada de tão errado assim, Jane. Se você quer ela de volta, levanta essa bunda do sofá e faça alguma coisa.

Jane a encarou por alguns segundos, ainda abraçava a almofada de maneira dramática, mas parecia mais focada.

– Eu não sei, Claire – disse, séria. – Eu já tentei falar com ela, mas ela não quer ouvir o que eu tenho pra dizer.

– Situações extremas exigem medidas desesperadas. Além do mais, o que mais você tem a perder? Você vai mesmo querer voltar pra São Francisco sem nem tentar uma última vez?

Jane apenas balançou a cabeça lentamente de maneira negativa.

– Por que você não vai até a casa dela hoje? – perguntou Claire.

– Ela tá em viagem, volta amanhã cedo só... – disse, reticente.

– Então vá lá amanhã, compre flores, sei lá. Pense em alguma coisa romântica.

– Flores são uma péssima ideia – disse, franzindo a cara. – Toda vez que algum namorado seu mandava flores como pedido de desculpas você as jogava no lixo e ficava ainda mais irritada com eles. – Jane riu e Claire ficou feliz ao perceber que a amiga começava a melhorar seu ânimo.

– É completamente diferente! Eles esperavam que eu perdoasse a galinhagem deles com flores – disse Claire com indignação. Depois completou mais séria: – Além do mais, eu não amava nenhum deles.

– E você acha que ela me ama?

– Tenho certeza – disse, enfática. – Se eu tivesse alguma dúvida já teria colocado ela para correr naquela primeira vez que encontrei

com ela na sua casa. – Deu um sorriso travesso. – Mas naquele dia eu soube que ela se preocupava de verdade com você.

– Você poderia ter compartilhado esse conhecimento comigo naquela época – disse, um pouco envergonhada. – Teria me poupado do constrangimento que foi o casamento em Toronto.

Claire riu e deu de ombros de maneira apologética.

– Eu achei que você deveria perceber por si só, principalmente porque era claro que você sentia o mesmo e não sabia. Era irritante, na verdade, você não parava de falar dela.

Jane jogou a almofada que segurava em Claire, que riu e a agarrou.

– Desculpa, mas era mesmo – disse, fazendo uma careta para provocar a amiga. – Mas enfim, o importante é que ela também olha pra você com a mesma cara boba que você olha pra ela. Vai por mim, bebê, ela também te ama. Só está sendo teimosa.

Jane ficou pensativa, talvez ainda houvesse alguma esperança.

– Vocês duas se merecem, francamente, duas teimosas – concluiu Claire.

– Está bem, está bem – disse, rindo, sentindo-se um pouco esperançosa e um pouco nervosa. – Você me convenceu. Mas se eu levar outro pé na bunda eu juro que te mato.

Quando Claire saiu do apartamento de Jane foi direto para o escritório de Jimmy. Tinha uma última coisa que ela precisava fazer pela amiga.

Nova York, 12 de agosto de 1952

Charlie estava exausta, mas não fisicamente, ela sentia uma exaustão emocional. A viagem para Copenhague havia sido horrível. Ela teve que dividir o quarto com uma comissária nova, que ela nem sequer conseguia lembrar o nome, e tudo que a mulher fez foi reclamar de enjoo a viagem toda. Charlie só conseguia pensar que a pobre mulher estava no emprego errado.

Apesar de Charlie adorar a Dinamarca, ela quase não saiu do hotel e não sentia vontade de fazer nada além de dormir. Mas, infelizmente, nem isso ela não conseguiu fazer, porque não conseguia parar de pensar em Jane e na tal audiência que tinha sido no dia anterior.

“Jane teria adorado Copenhague!”

Eram 11:50 da manhã e ela estava deitada no sofá desde a hora que chegou em casa, há quase uma hora, quando a campainha tocou. Ela apenas gemeu, não queria ter que lidar com ninguém naquele momento. A campainha tocou outra vez e com relutância ela foi até a porta para abri-la.

Charlie não sabia quem esperava encontrar na porta, mas com toda certeza não era--

– Claire?

– Bom dia, Charlie.

– É... Jane te mandou? – perguntou, com estranheza.

– Jane não sabe que eu estou aqui e acho que se ela soubesse iria querer me matar – esclareceu. – Posso entrar?

Charlie a encarou por alguns segundos, depois abriu espaço e fez um gesto com a mão para a mulher passar.

– Como você conseguiu meu endereço? – perguntou, seguindo a loira.

– Jimmy – disse, causalmente.

– Me lembre de nunca arrumar briga com vocês.

Claire olhava a decoração da casa de Charlie, parecia avaliar todos os mínimos detalhes. Quando Claire olhou para ela novamente, a inglesa fez um gesto para que a mulher se sentasse.

– Então...?

– Charlie, o que você está fazendo? – perguntou em um tom incomumente suave.

Charlie olhou para ela confusa, ela não tinha certeza de como responder a esta pergunta.

– Como assim?

– Você vai mesmo ignorar Jane para sempre? – perguntou. – Eu nunca a vi tão desolada antes.

Charlie sentiu um nó na garganta. O tom sério de Claire ao invés do característico sarcasmo a estava deixando com um sentimento ainda pior dentro de si.

– Eu vim aqui porque isso tudo é culpa minha e eu sinto que mereço uma chance de me explicar.

Charlie apenas fez um sinal com a cabeça para que Claire continuasse e recostou-se na poltrona para escutar.

– Primeiro, é preciso que você entenda que Jane não tirou o lugar de ninguém na companhia. Eu jamais recusaria a oportunidade se Jane não tivesse aceitado minha proposta. E se ela não tivesse aceitado eu teria me casado escondida como a maioria das garotas fazem e estaria, agora, trabalhando com você!

As duas fizeram uma careta com essa constatação. Foi a primeira vez que Charlie pensou no caso de que Claire teria sido sua parceira de voos e sentiu-se feliz por ter sido Jane e não a amiga.

– Segundo, a ideia foi toda minha e de Jimmy. Eu tive que praticamente implorar para que Jane aceitasse, e--

– E por que você fez isso? – Charlie a interrompeu. – Por que não se casou escondida e assumiu a vaga?

– Porque eu não aguentava mais ver Jane desperdiçando sua vida naquela pocilga que chamam de *diner* – disse, soltando um suspiro de frustração. – Jane é uma pessoa maravilhosa, Charlie, que merecia ver o mundo – disse com convicção, – e ela iria passar a vida inteira servindo mesas e pintando nas horas vagas se deixasse. E, sei lá, eu achei que se eu pudesse dar a ela uma oportunidade de sair daquela inércia sugadora de alma que ela vivia e quem sabe ainda ajudar a juntar dinheiro para ir para escola de arte que ela sempre quis, os meios não importariam tanto assim.

Charlie a encarava surpresa, essa não era exatamente a motivação criminosa que ela imaginou. A forma como Claire falava, mostrava o quanto ela se preocupava com Jane e, por um minuto, Charlie pode se imaginar recorrendo a medidas extremas pela garota também.

– Isso não muda o fato de que vocês cometeram um crime – disse, de maneira mais suave do que pretendia.

– Ah, Charlie, pelo amor de Deus! Jane usou minha identidade no lugar da dela com o meu consentimento, grande coisa! Ela não machucou ninguém – disse irritada. – A não ser ela mesma – acrescentou. Charlie pensou em contestar e se incluir nessa lista, mas Claire não estava com cara de quem iria se compadecer com ela naquele momento.

– Como eu já disse, ela não tirou a vaga de ninguém. Honestamente, eu preferiria morrer solteira e pobre a passar minha vaga para aquela galinha da Peggy – disse com desgosto e Charlie não pode evitar uma risada.

O silêncio tomou conta da sala de novo, Claire parecia esperar Charlotte falar alguma coisa.

– Claire, como você espera que eu confie nela depois de descobrir que ela mentiu a própria identidade?

– Ela mentiu o nome, não a identidade – Claire esclareceu. – Jane é exatamente a pessoa que você conheceu, a única diferença é que não se chama Claire.

Charlie ficou pensativa. Ela tinha medo de que alguém capaz de mentir a própria identidade fosse capaz também de mentir sobre outros aspectos da personalidade. Tinha medo de ter exposto seu coração para alguém que poderia nem ser real. E Charlie queria muito que a Jane fosse exatamente a pessoa que ela conheceu e se apaixonou.

– Você a viu, viu como ela está! Ela não foi nem capaz de te pedir perdão porque ela acha que não é merecedora – Claire disse de maneira irritada, gesticulando em direção de Charlie. – Ela acha que fez uma coisa tão horrível que deve sofrer para sempre por isso. Essa não é exatamente a postura de uma mentirosa patológica sem escrúpulos que você tá fingindo que acredita que ela seja! – Fez uma pausa e acrescentou: – E eu acho que você deveria descer desse pedestal de moralidade, porque tanto eu quanto você sabemos que você já fez a sua escolha. Você teve oportunidade de entregar Jane duas vezes e escolheu se omitir, sem falar que foi você que sugeriu chantagear o Butterini. E se você fez o que fez para ajudar Jane, é porque, no fundo, sabe quem ela é de verdade e que a coisa certa a ser feita era ajudá-la!

O silêncio tomou conta da sala e Claire se levantou para ir embora, mas antes virou para Charlie uma última vez.

– Uma pessoa como a Jane, que vê o mundo dessa forma colorida que ela retrata, merecia de fato vê-lo, foi só isso que eu pensei e você não deveria puni-la por algo que eu a convenci fazer.

A conversa não saía da cabeça de Charlie. Talvez Claire tivesse razão, talvez ela devesse parar de culpar Jane por uma escolha que ela mesma fez. *Ela* escolheu ser conivente com o caso, *ela* escolheu ficar do lado de Jane. A garota não pediu para ela ajudá-la, na verdade, quando Charlie ameaçou entregá-la, Jane disse que arcaria com a responsabilidade.

Quem ela estava tentando enganar, afinal? Ela sabia que jamais reportaria Jane e que se precisasse ela mesma teria ido chantagear Butterini.

E ela sabia que Claire tinha razão, que no seu íntimo sabia quem Jane era de verdade. Ela só estava com medo, e não sabia como agir. A única coisa que sabia era que não queria que Jane voltasse para São Francisco.

Charlie foi finalmente vencida pelo cansaço e acabou pegando no sono no sofá mesmo.

Ela acordou com o som da campainha ressoando pela segunda vez naquele dia e pela segunda vez ela gemeu. Olhou o relógio na parede e viu que já passava das dezesseis horas. Percebeu que ainda estava com o uniforme da Northern Star e a mala ainda estava no chão da sala. A campainha tocou mais uma vez.

– Senhorita Thompson. – Um homem na faixa de uns quarenta anos a cumprimentou de maneira polida assim que abriu a porta. – Essa encomenda chegou para a senhorita – disse, entregando para ela um pacote de tamanho médio, com o formato suspeitosamente parecido com um quadro, embrulhado em papel pardo. Ela sentiu o coração acelerar.

– Obrigada, Bill – disse, pegando a encomenda e fechando a porta sem dar muito tempo para o homem responder. Em um dia comum ela trocava algumas palavras com Bill, mas hoje não tinha tempo para essas formalidades.

Charlie segurou o pacote e respirou fundo antes de abrir. Assim que rasgou o papel e o primeiro pedacinho da tela ficou aparente, ela reconheceu a imagem. Reconheceu aquela vista e aquela sacada.

Quando terminou de tirar o papel notou que tinha uma carta junto ao quadro. Ela apoiou a tela na poltrona e sentou-se para ler. Seu coração batia mil batimentos por minuto e quando abriu a carta reconheceu a letra delicada de Jane.

Charlie,

Esse foi o primeiro quadro que pintei depois que comecei a trabalhar como comissária... na verdade, esse foi o primeiro quadro que pintei em meses!

Antes de aceitar esse trabalho eu não tinha mais vontade de pintar. Eu me sentia vazia!

Viajar expande nossa percepção de mundo, não há dúvidas, e eu me senti mais viva no primeiro momento que pisei em Londres. Mas foi só depois de Roma e das coisas que vivemos lá que eu consegui sentir a inspiração voltar.

Aquela cidade, aquela vista, aquela sacada... você! Alguma coisa mágica aconteceu e eu senti uma conexão que nunca havia sentido antes.

Eu pintei essa vista para que toda vez que olhasse para ela pudesse reviver a felicidade plena que senti naquele lugar, com você!

Engraçado que nessa mesma sacada você me lembrou de algo que eu disse na primeira vez que estivemos lá: que só me casaria com alguém que me amasse pelo que eu sou.

Ironicamente, apesar de ter me conhecido sob um nome falso, você foi a única pessoa que me enxergou pelo que sou. Antes de conhecer você eu me sentia invisível, mas você fez eu me sentir vista. Você fez eu me sentir amada!

Você pode até achar que a mulher que você conheceu é uma farsa, mas a verdade é que ela é a versão mais real de mim. E eu vou ser para sempre grata por você ter feito eu enxergá-la também.

Eu te amo!

Com amor,

Jane

p.s.: uma vez você me disse que eu deveria assinar minhas telas. Eu assinei essa para você.

As lágrimas rolavam livremente pelo rosto de Charlie, mas dessa vez ela não estava triste. Ela olhou outra vez para a tela e viu a assinatura que dizia “Jane Smith” e sorriu. Olhou para a carta e aquelas três palavras ‘*eu te amo*’ e permitiu se sentir amada por Jane, sem receios e enfim sem desconfiança. A felicidade que ela sentia continuava transbordando pelos seus olhos.

Ela permaneceu um tempo sentada no sofá segurando a carta e olhando para o quadro apoiado na poltrona. Quando enfim se levantou, ela sabia exatamente o que tinha que fazer.

E como ela teria que esperar até o dia seguinte para pôr seu plano em prática, decidiu que já estava mais que na hora de se livrar do uniforme, tomar um banho e colocar alguma coisa no estômago.

42.

Nova York, 13 de agosto de 1952

Jane havia esperado desde a noite anterior por um telefonema de Charlie agradecendo o quadro. Mas agora passava das dezesseis horas e ela sabia que a inglesa devia estar a caminho do aeroporto. Sentia um aperto na boca do estômago, uma sensação que subia até a garganta. Temia ter perdido Charlie para sempre.

Jane ainda usava seu pijama bege com estampa floral, e havia ido até a cozinha para preparar um chá há pelo menos vinte minutos, mas, por alguma razão, ela não tinha nem começado ainda.

Estava apoiada com as duas mãos sobre a bancada da cozinha pensando em Charlie.

– Eu devia ter ido até lá como Claire sugeriu – falou para si mesma. – Ela deve achar que eu sou uma covarde por ter mandado uma carta.

Seu monólogo foi interrompido pelo som da campainha e ela imaginou que fosse Claire.

Assim que abriu a porta, sentiu o mundo parar de girar.

– Charlie?! O q-que você está fazendo aqui? Você não tem escala hoje?

Jane encarava com olhos arregalados a imagem de Charlie parada na sua porta, mais linda do que nunca. Ela usava uma saia floral e uma blusa branca delicada de algodão rendado e os cabelos presos em um coque frouxo.

– Se você me convidar para entrar, eu explico – disse Charlie, com um sorriso ao notar que a loira estava paralisada com a

surpresa.

– É, hmm, claro, claro... Entra! – Jane saiu da porta dando espaço para Charlie passar, em seguida indicou o sofá.

Jane percebeu, pela primeira vez no dia, a bagunça que estava a sua casa. No sofá havia uma coberta enrolada e almofadas jogadas por cima. Ela havia passado o dia inteiro no sofá esperando Charlie ligar.

Na mesa de centro havia lenços de papel jogados, um prato com metade de um muffin comido e uma xícara de café vazia. Ela se deu conta, de repente, de que aquilo tinha sido tudo que ela havia comido naquele dia. Rapidamente correu para limpar a bagunça para que Charlie pudesse sentar-se no sofá.

– Hmm, muito tempo ocioso... – disse, enquanto catava as coisas no meio da sala, – não me dá vontade de fazer nada!

Jane evitou olhar para Charlie, não queria ver nada semelhante a pena no olhar dela. Jogou a coberta e as almofadas em cima de sua cama e voltou para sala. Charlie estava sentada no sofá esperando por ela. Meu Deus, ela estava linda! Jane achou que estava a ponto de ter uma parada cardíaca de tão nervosa que se sentia.

E se ela estivesse ali para devolver o quadro e falar que não queria mais nada associado a ela? “Não, não, ela nem trouxe o quadro...”, ou talvez ela já tenha colocado fogo e veio apenas avisar?

“Não, ela jamais faria isso, o que você está pensando?”

O cérebro dela estava a ponto de fundir.

“Jane, pelo amor de Deus, se acalma!!!”

Respirou fundo e sentou-se na poltrona vermelha de frente para o sofá.

– Hmm, desculpe por isso – disse sem jeito. – Vocês não têm escala hoje?

– Tem sim – respondeu Charlie, com um sorriso enigmático. – Acredito que estejam se preparando para ir para Bogotá – disse calmamente. Em seguida acrescentou: – Mas eu não trabalho mais para a Northern Star.

– O QUÊ?! – Jane perguntou com um grito, pulando da poltrona. – EU NÃO ACREDITO! Como eles puderam? Eles não vão achar *ninguém* mais capacitada do que você!!! – Jane começou a andar de um lado para o outro na sala. – NEM MAIS BONITA! – disse de maneira enfática, gesticulando para Charlie. – Por mais novinha que ela seja... Esses machistas, hipócritas! – Parou de caminhar por um segundo. – Eu vou lá falar com esse Butterini, eu ainda tenho as provas con--

– Jane – Charlie disse com delicadeza, levantando-se e segurando a sua mão na tentativa de acalmá-la. Jane pausou imediatamente e encarou aqueles olhos azuis. – Ninguém me demitiu. Eu saí porque eu quis.

– P-por quê?

– Por você!

Jane olhou confusa para Charlie, que sorriu para ela. Um sorriso lindo que fez o estômago de Jane se contorcer. Ela sentiu lágrimas escorrendo pela sua bochecha e se perguntou quando havia começado a chorar. Ela não sabia nem porque chorava, devia ser o acúmulo de tudo que aconteceu, mas as lágrimas corriam e ela não sabia como controlar.

– Mas eu nunca pedi para você fazer isso.

– Eu sei – disse, puxando Jane pela mão para elas se sentarem no sofá. – Acho que por isso mesmo eu fiz. Não tinha mais sentido continuar lá. – Ela ainda segurava a mão de Jane e agora a acariciava com o polegar. – Além do mais, não tinha mais a mesma graça, a nova comissária era excelente – concluiu, com um sorriso travesso. Jane riu também.

Charlie usou a outra mão para limpar as lágrimas da garota.

– Você me inspirou a ir atrás do meu sonho também... – continuou. – Conversei com o Ryan para ele me ensinar a pilotar, penso em comprar um avião pequeno e talvez viajar pelo mundo, podendo escolher o destino e o tempo que vou ficar em cada lugar. – Fez uma pausa e encarou Jane nos olhos. – Com você do meu lado! – Sorriu para ela e continuou timidamente. – Se você quiser, é clar--

Charlie não teve tempo de terminar antes de Jane cruzar o espaço entre elas e beijá-la.

Apesar da surpresa, Charlie respondeu de imediato ao beijo. Uma das mãos dela encontrou a lateral do pescoço de Jane e a outra ela posicionou em sua cintura para puxá-la para mais perto.

Jane a abraçou com ainda mais força.

O beijo apesar de voraz, era também delicado e cheio de um sentimento mais terno. Jane não queria parar nunca mais, queria que aquele momento durasse para sempre.

Mas ela sabia que as duas precisavam conversar e, com relutância, interrompeu o contato. Com a mão ainda na nuca de Charlie ela olhou para a inglesa que parecia um pouco desorientada.

– Isso é um sim? – Charlie perguntou num sussurro, ainda segurando Jane junto de si.

– Qual era a pergunta, mesmo?

– Se você quer viajar o mundo comigo? – perguntou, corando um pouco. Jane teve que se controlar para não responder da mesma maneira que a primeira vez.

– Com certeza!

As duas sorriram e Charlie espalhou vários beijos pelo rosto de Jane, terminando com um mais demorado na boca.

– Mas, Charlie, eu não entendo... Você se demitiu hoje? – perguntou, um pouco preocupada com a decisão drástica dela.

– Sim, hoje mais cedo eu fui até lá e pedi a conta – disse, soltando a cintura de Jane e se inclinando um pouco no sofá. – Eles queriam que eu cumprisse trinta dias de aviso prévio, mas eu me recusei. Disse que poderiam chamar o Butterini, que era sobre o caso de Claire Davis, e que eu não iria ficar nem mais um dia nessa empresa. Aparentemente a ameaça deu resultado, porque eles falaram que iam mandar uma substituta provisória no meu lugar até transferirem alguém efetivo – disse, com um sorriso travesso.

– E você tem certeza de que é isso que você quer? – Jane perguntou um pouco apreensiva. Tinha medo de Charlie ter se precipitado.

– Jane, eu nunca tive tanta certeza na minha vida – disse, passando a mão pelos cabelos da loira e a olhando com adoração. – Não se preocupe com isso, não foi um ato impensado. Além de você não estar mais lá, esse caso do 6D fez eu questionar muitas coisas na companhia. Eu não quero continuar dedicando minha vida a uma empresa que permite esse tipo de comportamento só porque o cliente é rico.

Jane concordou com a cabeça.

– E o pessoal? Você falou com eles?

– Todos eles ficaram enfurecidos quando descobriram o motivo da sua demissão. Ed queria ir lá pessoalmente falar com Butterini e eu tive que impedi-lo – Charlie explicou e Jane não pode evitar um sorriso. Apesar de tudo ela gostava de Ed. – Jane sugeriu que fizéssemos uma greve protestando contra esse tipo de assédio e exigindo sua recontração.

– Eu vou sentir falta deles!

– Eu também – Charlie disse com nostalgia. – Mas enfim, hoje quando fui pedir demissão, encontrei Daisy e Jane e contei para elas. Apesar de terem ficado bravas comigo por sair sem nenhum aviso, elas entenderam a situação.

– E agora? – Jane perguntou.

– Agora eu vou te levar para jantar – disse, puxando Jane para perto dela outra vez. – Porque eu tenho a impressão de que esse meio muffin foi tudo que você comeu hoje, e depois a gente vê o resto – disse, sorrindo e plantando um beijo nos lábios da loira.

– Você está me convidando para um encontro?

– Acredito que estou!

Jane achou que nunca se cansaria de ver esse sorriso e não resistiu a vontade de beijá-la mais uma vez.

– Perfeito – disse, se levantando. – Eu vou tomar um banho e me vestir para o meu encontro, então.

43.

Nova York, 13 de agosto de 1952

Foram no mesmo restaurante italiano, na esquina da casa de Charlie que haviam ido na última vez, porque, de acordo com Jane, ela queria apenas poder comer um *fetuccini* em paz sem ter que se preocupar com etiqueta.

O restaurante, que estava mais para uma cantina, era pequeno e bem aconchegante. Havia mesas com toalhas xadrez espalhadas pelo salão e nas paredes se via muitos e muitos quadros. Alguns retratos eram muito antigos e Charlie imaginou ser de membros da família do dono do restaurante, ela não tinha certeza, mas, de qualquer forma, conferia ao lugar um ar nostálgico e familiar.

Jane cumpriu mesmo a promessa de comer sem se preocupar com a etiqueta. Ela atacou o *fetuccini* ao molho alfredo com tanta voracidade que Charlie pensou que devia fazer uma semana que ela não comia. Sentiu-se culpada ao perceber que poderia ser o caso, afinal ela sabia que Jane não conseguia comer quando estava triste ou preocupada, e Charlie sabia ser culpada de pelo menos um desses sentimentos.

Felizmente, agora ela comia um tiramisu de sobremesa enquanto conversava animada com Charlie, a cada nova colherada Jane soltava um gemido de prazer e Charlie sentia seu coração se enchendo de amor. Ela adorava ver Jane comendo. Aliás, ela adorava ver Jane fazendo qualquer coisa, adorava olhar para ela, principalmente em momentos como esse em que seus olhos brilhavam enquanto contava uma história.

Ela usava o vestido amarelo claro que usou no primeiro dia em Roma e de novo em Santo Domingo e Charlie se perguntava se Jane sabia ser o seu preferido. Ela ficava deslumbrante nele, a cor

realçava seu tom de pele bronzeado e a fazia parecer um anjo iluminado.

Charlie escutava a história que Jane contava e ria nas partes mais engraçadas, mas sua atenção se dividia também com os próprios pensamentos. Ela pensava em como Jane estava linda naquela noite, em como elas se sentia feliz na presença da garota, em como era doce esse sentimento que enchia seu peito--

– Você não está prestando atenção!

– Desculpa – Charlie disse com um sorriso bobo, – eu estava pensando em algo mais importante.

– E o que poderia ser isso? – perguntou com uma carranca que fez Charlie sorrir ainda mais.

– Que eu amo você!

Jane pareceu ter sido pega de surpresa, mas não demorou muito para reagir. Ela apenas levantou a mão para pedir a conta, sorrindo para Charlie com um misto de doçura e malícia.

Assim que Charlie fechou a porta do seu apartamento, ela enlaçou Jane pela cintura e a beijou com desejo, enroscando uma mão nos cabelos dela enquanto com a outra a puxava para mais perto. O beijo era provocante, voraz e, diferente dos anteriores, sem culpa.

Quando Jane sentiu a mão de Charlie deslizando pela sua cintura ela a agarrou pela nuca intensificando ainda mais o beijo. Da boca, desceu para o queixo e depois para o pescoço deixando beijos molhados pelo caminho. Charlie fechou os olhos com a sensação causada, puxou Jane novamente para si, capturou sua boca e mordiscou o lábio inferior dela. Jane reagiu com um som apreciativo e olhou de forma sugestiva para o sofá.

– Eu tenho uma ideia melhor – Charlie disse em um sussurro, antes de pegar Jane pela mão e guiá-la até o quarto. Jane caiu de costas na cama puxando Charlie junto com ela e naquele momento não existia mais nada no mundo.

Os olhos de Charlie tinham um tom azul profundo que Jane nunca tinha visto antes e a olhavam com adoração e desejo. Jane queria mergulhar neles.

– Você tem certeza? – Charlie perguntou, ofegante.

– Absoluta! – Foi tudo que Jane conseguiu falar antes de puxar Charlie para mais um beijo.

Nova York, 14 de agosto de 1952

Quando Charlie abriu os olhos na manhã seguinte, a primeira coisa que viu foi o contorno delicado dos ombros e do pescoço de Jane e as mechas douradas que se espalhavam pelo travesseiro. Charlie se aconchegou ainda mais nela e plantou um beijo em sua nuca. Jane sentiu o movimento e segurou com mais força o braço de Charlie, que a abraçava pela cintura, trazendo-a para ainda mais perto.

Charlie ficou ali por muito tempo, pensando em tudo que havia acontecido nas últimas semanas e nas escolhas que havia feito. Ela não lembrava de ter se sentido mais feliz na vida e queria aproveitar cada segundo da sua nova realidade.

Resolveu levantar e fazer o café da manhã para Jane, mas não resistiu ao impulso de antes passar a mão por aqueles cabelos sedosos e beijar a garota na covinha da bochecha.

– Fica – Jane murmurou sem abrir os olhos. Charlie sorriu e Jane se virou de frente para ela. Charlie não se opôs ao pedido e enterrou o rosto na curva do pescoço de Jane, deslizando os dedos

de forma delicada pelas costas ainda nuas da garota. Jane tinha um sorriso preguiçoso nos lábios e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Charlie antes de falar de novo: – Eu queria acordar assim todos os dias!

– Você pode – Charlie disse com um sorriso. – Como você dormiu?

– Nunca dormi melhor – ela respondeu, deslizando a mão pela lateral do corpo de Charlie, descendo pela cintura e subindo até o quadril. – E nunca acordei melhor também.

Ela tinha um sorriso malicioso nos lábios enquanto olhava para o corpo de Charlie que estava metade exposto e metade coberto pelo lençol.

– Eu acho que pode melhorar ainda mais... – disse Charlie, puxando Jane para um beijo.

Trim trim

– É oficial, eu vou jogar todos os telefones e campainhas fora! – Jane resmungou entre os dentes. Charlie riu e deu mais um beijo nela antes de se levantar.

– Nós temos todo o tempo do mundo, amor – disse, colocando um robe.

– Amor?! – Jane perguntou surpresa, ajoelhando-se na cama.

Trim trim

Charlie corou, o apelido havia escapado sem querer. Jane apenas sorriu e a puxou pelo robe para mais um beijo.

TRIM TRIM

– Argh! – gemeu Jane. – Diz pra quem quer que seja que ele ou ela está na minha lista de inimigos!

Charlie sorriu e se sentou na penteadeira para atender o telefone que ficava na mesinha ao lado.

– Alô?

– Charlieeee! – Penny gritou empolgada no outro lado da linha.

– Penny! – Charlie disse com um sorriso. – Vocês já chegaram de lua de mel? Como foi?

Jane ouviu o nome de Penny e imaginou que a ligação iria demorar. Achou melhor se vestir e ir preparar o café da manhã.

– Sim, chegamos antes de ontem. Oh, foi fantástico, você sabe que eu amo a Riviera Francesa. Assim que você tiver uma folga você precisa vir me visitar para eu te mostrar as fotos.

– Eu acho que vou te visitar mais cedo do que você pensa – respondeu de forma enigmática.

– O que isso quer dizer? – perguntou, mas não esperou pela resposta e logo acrescentou. – Mas enfim, como você está? Como estão as coisas com Claire? Nós não nos falamos mais desde o casamento.

Jane plantou um beijo na sua bochecha e sussurrou no seu ouvido:

– Eu vou fazer o café da manhã, *amor!*

Charlie apenas sorriu para ela.

– Penny, espero que você tenha tempo...!

Epílogo

Los Angeles, 23 de maio de 1953

– James, você aceita Claire como sua legítima esposa para amá-la e respeitá-la, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias de suas vidas até que a morte os separe?

– Sim!

– Claire, você aceita James como seu legítimo esposo para amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias de suas vidas até que a morte os separe?

– Sim!

– Sendo assim, eu vos declaro marido e mulher. – O padre sorriu para os dois e disse para Jimmy: – Pode beijar a noiva.

Jimmy não perdeu tempo e puxou Claire para um beijo, que foi seguido por fortes aplausos dos convidados.

Jane, que era a dama de honra, tentava secar as lágrimas antes que estragasse sua maquiagem. Ela sabia que Claire nunca iria deixá-la esquecer se ela admitisse ter chorado em seu casamento.

Claire lançou um sorriso para a melhor amiga e dama de honra antes de sair de braços dados com seu marido da igreja.

A recepção do casamento aconteceria em um elegante clube em Beverly Hills há apenas alguns minutos de carro da igreja.

– Eu não entendo por que fazer uma cerimônia de casamento se eles já estão casados há quase um ano – Charlie disse, rindo, enquanto estacionava o carro no clube. Jane trocava o sapato no banco do passageiro.

– Claire nunca vai admitir, mas ela é uma romântica e sempre sonhou com um festão de casamento. Além do mais essa festa é uma desculpa para mais uma lua de mel – Jane disse, enquanto massageava os pés cansados de usar salto.

– Devo admitir que embora um safari pela Tanzânia não seja o destino de lua de mel mais convencional do mundo, eu acho que combina mesmo com eles – disse, puxando o freio de mão e tirando a chave da ignição.

– Bom, você os conhece. Adoram uma boa aventura! – Jane riu.
– Na volta eles vão passar pela Itália para nos visitar.

– Falando em visita, Penny confirmou que o batizado do pequeno Ollie vai ser dia vinte do mês que vem – disse um pouco apreensiva. – Eu não acredito que ela nos convidou para ser madrinhas. Eu não sei nada sobre crianças!

Jane sorriu para ela, sabia que, apesar do receio, Charlie seria uma ótima madrinha.

– É melhor começar a treinar, então, ‘tia Charlie’ – disse, provocando, antes de abrir a porta do carro alugado.

– Tia Jane!

Jane ouviu a voz de Lily assim que saiu do carro. A garota corria em sua direção, seguida por Josh, que gritava o nome dela também. Jane abriu um sorriso e correu para abraçá-los.

Charlie assistia a cena com um sorriso. Mas ao mesmo tempo, sentia suas mãos suando e um frio na barriga. Era a primeira vez que seria apresentada a família de Jane e, embora elas

precisassem mentir sobre a natureza do relacionamento, era importante para Charlie que a família de Jane gostasse dela mesmo assim.

Jane cumprimentou a família toda e em seguida os apresentou Charlie como sua *amiga*.

Desde a famigerada festa de bodas e da briga de Jane com a mãe, a relação delas havia mudado. Depois que Jane saiu da Northern Star ela foi a Santa Helena visitar a família e contou que não trabalhava mais para a empresa. Mas ela também explicou que a saída dela não tinha nada a ver com os pedidos da mãe e que ela nunca mais deixaria seus pais interferirem nas suas decisões. Se eles a quisessem em suas vidas teriam que aprender a respeitar suas escolhas. Apesar de contrariada, Rose entendeu e aceitou a oferta de paz, afinal ela também havia sentido falta de Jane.

Agora a relação delas, apesar de distante, era cordial e Jane estava bem com isso. Ironicamente ela sentia que a relação com a família estava muito melhor agora, do que quando moravam na mesma cidade.

Naquele momento Jane e Charlie, Rose e Julian, Louise, Richard, Lily e Josh estavam todos sentados na mesma mesa conversando após o buffet do almoço.

– E como está a Itália, Jane? – Julian perguntou à filha.

– Ah, maravilhoso! Eu amo aquele lugar, é um país incrível para se morar.

– E o que exatamente você faz lá? – Richard perguntou e, apesar de não ter nenhuma malícia na voz, Jane teve vontade de revirar os olhos.

– Em setembro passado comecei um curso de arte em Florença e por ora estou apenas estudando.

– Não é verdade – Charlie a interrompeu, – em julho agora ela tem sua primeira exposição – acrescentou animada.

– Oh, é em uma galeria muito, muito pequena – disse Jane, corando.

– Não seja modesta! É uma exposição de obras suas em uma galeria de arte na Itália. Não importa o tamanho da galeria, é algo fantástico – Charlie disse com um sorriso.

– Oh meu Deus, Jane, isso é incrível! – Rose disse com um sorriso para a filha, e Charlie notou as bochechas da namorada ainda mais coradas. Ela sorriu com a imagem. Charlie sabia que era importante para Jane ter a aprovação da família, não importava o quanto ela negasse.

– Nós estamos orgulhosos de você, Janie! – Julian acrescentou.

– E você, Charlie, o que faz? – Louise perguntou.

– Eu tenho uma empresa em Florença – explicou Charlie. – Eu levo turistas para sobrevoar a Toscana de monomotor. Sobrevoamos os vinhedos, algumas construções históricas e depois eu os levo para fazer um piquenique em uma vinícola de uns amigos nossos.

– Uau, parece um trabalho excitante – Louise disse.

– E quem pilota o avião? – Richard perguntou.

– Eu mesma! – Charlie respondeu com um sorriso desafiador, pronta para revidar qualquer comentário machista.

– Impressionante – Richard disse simplesmente.

Todos na mesa ficaram surpresos com a reação dele, afinal Richard, além de conservador, raramente se impressionava com alguma coisa que não fosse feita por ele mesmo.

Antes que qualquer um pudesse falar mais alguma coisa, a banda começou a tocar e Claire e Jimmy se levantaram para a primeira valsa do casal.

– Eles parecem muito felizes – Jane comentou enquanto assistia a dança.

– Você não acha que talvez esteja na hora de fazer o mesmo? – Louise, que estava ao lado esquerdo de Jane, alfinetou.

– Hmm, trocar alianças, jurar amor eterno e fazer uma lua de mel romântica... Sabe, Lou, até que não é uma má ideia – Jane disse, lançando um sorriso sugestivo para Charlie e deixando Louise sem entender nada.

Alguns minutos depois todos levantaram-se para se juntar aos noivos na pista de dança e Jane e Charlie resolveram caminhar por um dos bosques do clube.

O country clube onde acontecia a cerimônia era enorme e tinha muitos bosques e lagos. Charlie parecia um pouco insegura e caminhava olhando para o próprio pé. Elas pararam em uma pequena ponte sobre um lago cercado de coqueiros.

– Você sabe que nós não podemos nos casar de verdade, não é? – Charlie disse com um meio sorriso, olhando para o próprio reflexo no lago.

– Eu sei, mas isso não nos impede de fazer uma cerimônia para nós duas, trocar votos e fazer uma lua de mel por um destino romântico... O que você acha das Ilhas Gregas? – Jane perguntou com um sorriso que era capaz de iluminar até o dia mais chuvoso.

Charlie olhou para os lados para certificar-se de que estava mesmo sozinha e puxou Jane para perto de si e a beijou.

– Isso é um sim?

– Com certeza!

Gostou desta história?

Comente e avalie. Sua avaliação é muito importante para manter o trabalho de autores nacionais.

Siga-nos no Instagram: [@gbbaldassari](#)

Leia Também



[A Princesa, o Cappuccino e a Profecia de Apolo](#)

“Todo mundo precisa de um dia off.” Nessa divertida comédia romântica Laura decide levar a sério os ensinamentos do “guru” Ferris Bueller e tirar um dia de folga.

Laura tem a sensação de que os últimos quatro anos de sua vida foram variações enfadonhas de um mesmo dia: casa, trabalho, faculdade, casa, trabalho... Todos os dias, sem nunca faltar, nem ao menos uma vez! Até que um dia, sente um incontrolável desejo de mentir que está doente e matar o trabalho.

Não havia nada ousado ou grandioso em seu plano, era apenas um dia de folga, mas isso muda assim que ela encontra uma total desconhecida em um café e a convence a largar tudo e aproveitar o dia com ela. As aventuras e desventuras que acontecem a partir de então, alterarão não só o rumo desse dia, mas também o destino das duas.

Sobre as autoras

G. B. Baldassari é um pseudônimo. Não que Gisele e Bruna quisessem se manter anônimas, mas logo perceberam que, ao juntar suas escritas, estavam dando origem a um novo autor. Uma versão melhor, pois é a combinação de seus sonhos e objetivos. Não é uma nem a outra, é a soma das duas, alguém que não existe, mas mesmo assim é real. E isso só é possível porque existe uma confiança mútua e a certeza de que ambas querem o melhor para a história que estão contando.

Escrever a quatro mãos não foi algo premeditado, foi só mais uma das muitas coisas que elas têm feito em parceria nesses quase nove anos em que estão juntas (há três casadas). Surgiu da paixão que sempre compartilharam pelos livros; sempre leram muito e sempre foram atraídas pelas muitas facetas da natureza humana – Bruna, como psicóloga, ainda mais. Mesmo assim, foi uma surpresa quando descobriram que havia uma coisa que lhes dava ainda mais prazer do que ler: escrever.

O primeiro livro nasceu como uma experiência, sem pretensão de que um dia fosse publicado. E já que o livro era apenas para elas, decidiram que iriam escrever a história que gostariam de ler, uma comédia romântica entre duas mulheres. Um livro sem muitos dramas e com final feliz, mas que acima de tudo, contasse uma história.

Contudo, quando a história finalmente ficou pronta, perceberam que a jornada havia ganhado um propósito maior e que a história merecia ser compartilhada. Afinal, é por isso que as histórias existem, para serem contadas. Para tocar as pessoas, para deixar algo de bom, ainda que seja um breve sorriso, um momento de nostalgia. E por que não sonhar? Talvez a história vá além e leve

um sopro de esperança, um lugar de refúgio, um instante de paz. Se isso acontecer, ela cumpriu seu papel, e quem a escreveu também.

Quando não estão escrevendo, você provavelmente as encontrará lendo. Estar em casa e aproveitar cada pequeno momento cotidiano é uma das coisas que mais gostam, ainda mais se tiver uma bebida quente ao lado. G. e B. também são apaixonadas por cinema, música, história, idiomas, e viajar – de preferência sem pressa e desviando das multidões.